

*Alguns caminhos levam você para o paraíso.
Outros, para o perigo.*

ARLO FINCH

NO VALE DO FOGO

TRILOGIA
LIVRO I

JOHN AUGUST





*Alguns caminhos levam você para o paraíso.
Outros, para o perigo.*

ARLO FINCH

NO VALE DO FOGO

TRILOGIA
LIVRO I

JOHN AUGUST



NEM TODAS AS
RESPOSTAS ESTÃO NO
LIVRO DE CAMPO,
ESPECIALMENTE AQUELAS
QUE PODEM SALVAR A
VIDA DE ARLO...

— **“QUANDO ARLO** olhou ao redor, as paredes de seu quarto começaram a desaparecer, revelando uma floresta iluminada pelo luar. Só restavam sua cama e a armação da janela, por onde ele via a garota. O mundo dela do outro lado do vidro estava cintilando em prata, vermelho e dourado, como um palácio feito de folhas de outono.

Ela olhou para a sua direita. Alguém estava vindo. Suas palavras surgiram em um sussurro urgente:

— Se eu posso vê-lo, eles também podem. Você está em perigo. Tenha cuidado, Arlo Finch.”

ARLO FINCH

Nº VALE DO FOGO



JOHN AUGUST

ARLO FINCH
NO VALE DO FOGO

TRADUÇÃO
GABRIEL OLIVA BRUM



Copyright © 2018, John August
Título original: Arlo Finch in the Valley of Fire
Publicado originalmente em Língua Inglesa por Roaring Book Press, divisão de Holtzbrinck Publishing Holdings.
Tradução para a Língua Portuguesa © 2019, Gabriel Oliva Brum
Todos os direitos reservados à Astral Cultural e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998. É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.
Este livro foi revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Editora responsável Tainã Bispo

Produção editorial Aline Santos, Bárbara Gatti, Fernanda Costa, José Cleto, Luiza Marcondes e Natália Ortega

Revisão Audrya de Oliveira, Pedro Siqueira, Renata Del Vecchio e Thais Entriel de Castro

Foto Capa Photograph © by Dustin Bocks

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

A933a August, John
 Arlo Finch : no vale do fogo / John August ;
 tradução de Gabriel Oliva Brum. — Bauru, SP :
 Astral Cultural, 2019.
 272 p.

ISBN: 978-85-8246-717-6

Título original: Arlo Finch – In the Valley of Fire

1. Literatura infantojuvenil 2. Magia - Ficção
infantojuvenil 3. Literatura fantástica I. Título

18-2110

CDD 028.5

Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura infantojuvenil



ASTRAL CULTURAL É A DIVISÃO LIVROS
DO GRUPO ALTO ASTRAL.

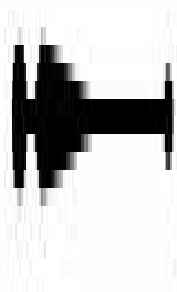
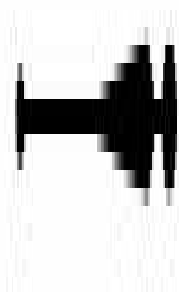
BAURU
Rua Gustavo Maciel, 19-26
CEP 17012-110
Telefone: (14) 3235-3878
Fax: (14) 3235-3879

SÃO PAULO
Alameda Vicente Pinzon, 173
4º andar, Vila Olímpia
CEP 04547-130
Telefone: (11) 5694-4545

E-mail: contato@astralcultural.com.br



A sabedoria começa na reflexão.
— SÓCRATES, provavelmente



PINE MOUNTAIN

Não se parecia nem um pouco com uma casa.

Claro, ela tinha muitas das coisas que alguém esperaria ver em uma casa — telhas, janelas, tijolos —, mas não pareciam estar dispostas como em uma. A construção ficava apoiada em uma encosta arborizada como uma pilha de escombros resultante de casas adequadas.

À esquerda, uma porta pendia a quase dois metros, sem nenhuma escada debaixo dela. No andar de cima, uma lona azul balançava à brisa do outono, revelando o esqueleto de madeira de um quarto abandonado.

No banco de trás do carro de sua mãe, Arlo Finch listava silenciosamente todos os perigos que via.

— Parece uma casa onde ocorreu um assassinato — disse Jaycee, sua irmã.

A mãe deles desligou o carro e soltou o cinto. Arlo sabia que ela estava contando até três. Andava contando muito até três ultimamente.

— Devíamos agradecer por ser uma casa.

— Não tenho certeza se é — disse Arlo.

Estavam viajando de carro havia seis horas — e por três dias antes disso —, então pelo menos era bom poder sair do carro e esticar as pernas. O brilho do sol e a brisa fresca eram reanimadores, como pular em uma piscina sem se molhar.

O cheiro no ar fez Arlo se lembrar do ano na Filadélfia, quando conseguiram uma árvore de Natal de verdade no terreno baldio ao lado do posto de gasolina. Ali, no alto das montanhas do Colorado, para onde olhava havia árvores de Natal, só que muito, muito maiores. Elas balançavam contra o céu azul-claro.

Sua mãe destrancou o trailer de mudança atrás do carro.

— Preciso fazer xixi — anunciou Jaycee.

— Eu também — disse Arlo.

— Bem, entrem — disse a mãe. — Seu tio deve estar nos esperando.

Arlo seguiu sua irmã, passando por uma cerca de metal enferrujada e pilhas de pedras cobertas por líquen, até a varanda da frente, que rangia.

Jaycee tinha quinze anos e era robusta, parecida com as mulheres que a gente vê arremessando pesos nas Olimpíadas. Na Filadélfia e em Chicago, ela passara a maior parte dos dias no quarto assistindo a vídeos no computador e

pintando o cabelo de cores diferentes, aparecendo apenas durante as refeições com um suspiro exagerado.

Arlo Finch acabara de fazer doze anos, mas parecia mais novo. Ele era pequeno e tinha um cabelo escuro que vivia desgrenhado. Seu olho esquerdo era castanho, mas o direito era verde-esmeralda. O nome do termo médico era *Heterochromia iridum*, que soava como um feitiço ou uma doença, mas não era nenhuma das duas coisas. *É como as coisas simplesmente são*, dizia sua mãe. *Algumas pessoas têm olhos verdes e outras têm olhos castanhos. Você tem um de cada.* Alguns professores achavam que os olhos diferentes eram a razão para Arlo ter dificuldade para ler, mas os médicos diziam que a sua visão era boa. Era o cérebro de Arlo que às vezes tinha problemas com as palavras.

Ainda assim, ele conseguiu ler a placa ao lado da porta da frente:

PEDINTES VÃO LEVAR CHUMBO!

Jaycee bateu na porta, que se abriu lentamente. Ela não estava trancada.

— Tio Wade? — chamou ela, em voz baixa.

Nenhuma resposta.

— Olá? — disse Arlo, no mesmo volume.

A casa do outro lado da porta estava bagunçada, mas não parecia a cena de um crime. Espreitando da varanda, eles podiam ver uma escada que levava ao andar de cima, cada degrau entulhado de livros, caixas e vários pedaços de sucata. À esquerda, a sala de estar tinha três sofás moles e uma cadeira de balanço virada de cabeça para baixo. À direita, a mesa da sala de jantar estava tomada por quinze animais decorativos. Não como os de pelúcia que se dá às crianças, mas do tipo que costumava ser uma criatura viva, como se vê em passeios de escola no museu de história natural. Arlo viu águias, raposas e guaxinins, todos paralisados em meio a alguma ação.

Pensando bem, a casa parecia um pouco como a de um assassino. Ainda assim, Jaycee entrou.

— Isso é invasão! — advertiu Arlo num sussurro.

— A mãe é dona da casa — disse ela, atravessando a sala de jantar e empurrando uma porta de vaivém.

Arlo achou que Jaycee, para todos os efeitos, tinha razão. De acordo com sua mãe, a casa havia sido deixada especificamente para ela quando seus avós morreram. Apesar disso, Tio Wade morava ali e sempre tinha morado. A placa ao lado da porta e os animais mortos na mesa eram dele. Não parecia

uma boa hora para discutir os detalhes da herança.

Mesmo assim, Arlo precisava fazer xixi. Ele seguiu Jaycee pela porta.

A cozinha era escura e entulhada, e havia cinco caixas de cereal abertas em cima do balcão. Uma planta morta pendia sobre a pia, na qual pratos estavam empilhados dentro de alguns centímetros de água gordurosa.

O banheiro ficava um degrau acima da área externa da cozinha, em um corredor que parecia já ter sido da parte externa da casa. Arlo parou na frente do banheiro, apoiando-se de um pé para o outro, ansioso por sua vez depois de Jaycee.

Então ele ouviu os rangidos.

Passos pesados começaram a descer a escada de madeira. Como se tivesse sido subitamente abençoado com visão de raio x, Arlo pôde imaginar exatamente onde os pés estavam tocando. O som mudou quando os passos atravessaram devagar o chão da sala de jantar. E então, bem como Arlo esperava, a porta foi aberta.

No entanto, Arlo não tinha como prever o que viu.

O homem por trás dos passos não parecia um homem, mas um urso que tinha perdido a maior parte do pelo. Usava calça de moletom, óculos grossos e uma camiseta gigantesca com uma mancha no formato de Wisconsin (Arlo era bom em geografia).

Embora nunca o tivesse visto, Arlo tinha certeza de que aquele era o seu tio Wade. Nas fotos no álbum de sua mãe, o jovem Wade tinha o mesmo cabelo loiro-arruivado desgrenhado.

Arlo não tinha certeza se tinha sido visto pelo modo como seu tio apertava os olhos. Então o homem-urso resmungou um “Bom dia”.

— São três da tarde — Arlo queria ser prestativo, mas temia ter soado malcriado.

Tio Wade apontou para a porta do banheiro.

— Quem está lá? Celeste?

Celeste era a mãe deles. Arlo sacudiu a cabeça.

— Jaycee.

— Você é Arlo.

Arlo assentiu. Ele ouviu a descarga sendo puxada. Começou a escorrer água na pia.

— Você se dá bem com a sua irmã? — perguntou o tio.

— Na maioria das vezes.

— Você tem sorte. A minha irmã me deixa louco. Sempre deixou.

Tio Wade só tinha uma irmã, então estava falando da mãe de Arlo. Aquele não parecia um começo promissor.

A porta do banheiro se abriu. Wade enxotou Jaycee e fechou a porta às suas costas. Arlo ia ter de esperar um pouco mais para fazer xixi.



A casa só tinha um banheiro, mas havia vários quartos no andar de cima. Jaycee ficou com um nos fundos da casa. Era escuro e cheirava à umidade, mas a porta tinha uma fechadura que funcionava.

Arlo ficou com o quarto na frente da casa, que fora o quarto de infância da mãe. O papel de parede florido havia desbotado tanto que parecia coberto de flocos de neve empoeirados. As molas da cama rangiam, mas o colchão era muito mais macio do que aquele que Arlo tinha em Chicago, ou do colchão inflável na Filadélfia.

As janelas davam para a entrada de carros, revestida de cascalho, para as árvores e, além delas, para as montanhas cobertas de neve ao longe. Porém, Arlo não escolheu aquele quarto por causa da vista.

Ele imaginava que aquelas janelas lhe ofereceriam a melhor chance de escapar. Caso a casa desabasse de repente, ou pegasse fogo, ou se um leão da montanha entrasse pelo sinistro quarto semiacabado no fim do corredor, ele seria capaz de sair depressa. Poderia simplesmente amarrar uma corda ao aquecedor e descer até o chão. Se isso não funcionasse, ele provavelmente sobreviveria ao pulo com apenas um tornozelo quebrado.

Um psicólogo da escola uma vez perguntou a Arlo por que ele imaginava com frequência cenários improváveis, como um tsunami no Lago Michigan ou a gravidade se invertendo de repente. Ele realmente se preocupava que tais coisas pudessem acontecer? *Não*, respondeu Arlo, *porque estou preparado para elas*.

Ele só tinha medo de não estar preparado.

O pai de Arlo era igual, sempre se preparando para eventualidades e surpresas: *Se não tiver um plano B, você não tem um plano*. Porém, desde que seu pai foi embora — uma corrida para o aeroporto sem tempo para despedidas —, eram as coisas inimagináveis que mantinham Arlo acordado à noite, o vago medo de perigos terríveis que o pegariam de surpresa.

Ele não queria preocupar a mãe nem a irmã, então se preocupava por elas. E levava a sério o seu trabalho.

Arlo chegou à conclusão de que precisaria aprender os melhores nós para

amarrar lençóis como uma corda improvisada e, se possível, conseguir um apito ou uma buzina de ar comprimido para avisar o resto da família sobre o deslizamento de terra. (Suspeitava que um deslizamento de terra fosse o perigo mais provável, com base nas várias placas amarelas de PERIGO: PEDRAS ROLANTES pelas quais passaram na estrada até Pine Mountain.)

O sol estava começando a se pôr, projetando sombras longas pelo quarto. As flores de floco de neve do papel de parede ficaram iluminadas de forma estranha, reluzindo fracamente ao brilho rosado do crepúsculo.

Arlo se perguntou se havia examinado adequadamente a área logo abaixo de sua janela. E se o local estivesse repleto de pregos enferrujados ou vidro quebrado? Ele se inclinou com cuidado sobre o peitoril, olhou para baixo e ficou feliz por ter feito isso. Havia um arbusto espinhento cerca de quatro metros e meio abaixo da janela. Não era um cacto, como aquele sobre o qual caíra em Carlsbad, ou a iúca de Yuma, mas parecia algo que sem dúvida iria machucar. Então ele desceu para investigar.



A mãe de Arlo havia saído para levar o trailer de volta à locadora. Sua irmã estava trancada no quarto, desfazendo as malas e escutando música. Tio Wade estava na oficina.

Assim, enquanto Arlo inspecionava a planta espinhenta debaixo da janela, ele estava sozinho. Até perceber que não estava mais.

A quase cinco metros dali, perto da entrada de cascalho, um cachorro o observava. Arlo presumiu que era um cachorro, não um coitote ou um lobo, embora nunca tivesse visto ao vivo nenhum dos dois. A criatura tinha uma coleira, o que pelo menos significava que pertencia a alguém. Arlo sabia que deveria ter cuidado com cães estranhos, mas aquele não parecia ameaçador, apenas curioso.

Mantendo as mãos abaixadas e visíveis, Arlo caminhou devagar na direção dele. O cachorro inclinou a cabeça e balançou o rabo. Porém, quando Arlo cruzou alguma linha invisível, o animal recuou.

— Está tudo bem. Você não precisa ter medo. — Ele se ajoelhou e acenou para o cachorro se aproximar.

O animal de repente voltou a atenção para um ponto vazio da estrada, ignorando Arlo completamente. Parecia estar encarando uma ameaça invisível. O cachorro se agachou e arreganhou os dentes. Latiu, mas não emitiu nenhum som. Era como assistir à televisão com o volume mudo. Arlo

só podia reconhecer aquilo como latidos pela maneira como o peito do cachorro sacudia e pelo movimento de sua boca.

Arlo sabia que havia raças de cães egípcios que não latiam, mas nunca imaginou que seria algo assim.

O cachorro saiu correndo de súbito atrás da ameaça invisível, deixando Arlo de joelhos na entrada de cascalho.



Arlo encontrou o tio passando um cadeado na oficina e perguntou o nome do cachorro.

— Que cachorro? — perguntou Tio Wade, confuso.

Arlo descreveu a aparência, o latido silencioso e como ele saiu correndo para dentro da floresta.

— Ah, é o Cooper. Você o viu? Faz tempo que ele não aparece.

— De quem ele é?

— Ele era nosso, mas isso anos atrás.

— Ele fugiu?

— Não, ele morreu — respondeu Tio Wade. — Ele era bem velho e cachorros, bem, eles não vivem tanto assim.

Arlo passou um longo momento certificando-se de que havia escutado direito. Ele examinou atentamente o rosto do tio, à procura de um traço de sorriso, alguma indicação de que estivesse brincando.

— Se ele está morto, como foi que eu o vi?

Tio Wade prendeu as chaves no cinto.

— Sua mãe não lhe contou nada sobre isso? — Arlo fez que não com a cabeça. — Acho que ela não ia se lembrar. As coisas são diferentes nas montanhas. Nem ruins, nem boas, apenas diferentes. Imagino que você leve algum tempo para se acostumar, mas vai acabar aceitando.

Ao ouvirem o som de pneus, Arlo e o tio viraram-se e viram o carro voltando, dessa vez sem o trailer preso atrás. Os faróis os iluminaram.

Tio Wade continuou.

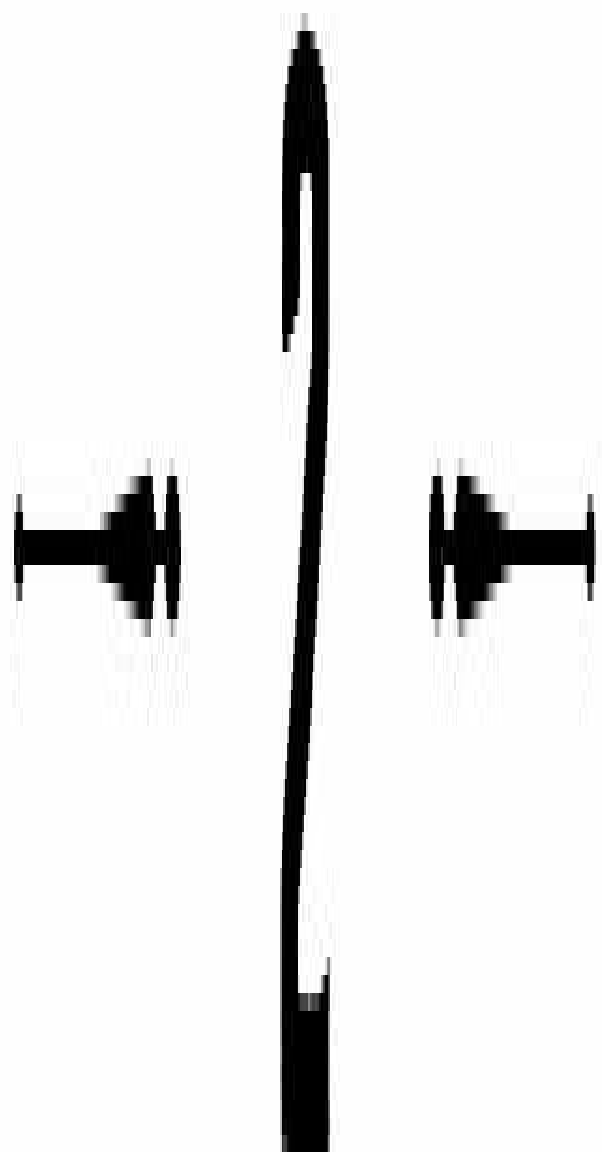
— Por ora, acho que é melhor você ficar fora da floresta. Só por garantia.

A mãe de Arlo saiu do carro.

— Podem me ajudar com as compras? — ela pediu.

Arlo perguntou ao tio o que havia na floresta.

— De novo, não é ruim, nem bom. Só é perigoso se você não estiver preparado.



PERGUNTAS RAZOÁVEIS

O jantar aquela noite foi espaguete com o molho enlatado favorito de Arlo. Embora ele tivesse que usar um garfo plástico porque Tio Wade só tinha três de metal, e apesar de o leite vir em uma garrafa de vidro grossa em vez de em uma caixa, Arlo ficou agradecido pelo jantar ao menos ter um gosto familiar.

Comeram na mesa da sala de jantar, com os animais de taxidermia de Tio Wade os observando do chão. *Taxidermia* foi uma palavra que Arlo aprendeu aquela noite. Significava pegar um animal que já estava morto e fazê-lo parecer como se ainda estivesse vivo enchendo-o de serragem e costurando tudo para fechá-lo de novo. Era o que Tio Wade fazia para ganhar dinheiro, mas também era sua paixão e sua arte — e o motivo pelo qual Arlo e Jaycee jamais deviam entrar em sua oficina. Havia produtos químicos perigosos ali, explicou Tio Wade, e facas afiadas e ferramentas elétricas. Jaycee e Arlo prometeram não entrar lá.

Jaycee pediu a senha do wi-fi. Tio Wade disse que a casa não tinha internet. Eles estavam muito longe da cidade para os fios chegarem até ali, e ele nunca entendeu muito a necessidade da coisa.

Uma vez, Arlo assistiu a um filme com um monstro chamado Medusa que podia transformar um homem em pedra só de olhar para ele. Foi desse jeito que Jaycee olhou para Tio Wade quando ele disse que não havia internet. Diferentemente do filme, ele não se transformou em pedra ou sequer pareceu notar. Simplesmente se serviu de mais espaguete, alheio ao olhar petrificante da sobrinha.

Frustrada, Jaycee virou-se para a mãe.

— Desculpe, Jaycee. É como as coisas são. Talvez você possa usar seu telefone.

— Mas os telefones também não funcionam! Não tem sinal. São essas montanhas idiotas.

Tio Wade apontou para um telefone antiquado na parede da cozinha, do tipo com o cabo espiralado ligado ao fone.

— Temos um telefone logo ali que funciona muito bem. Só o usem por menos de cinco minutos, para o caso de algum cliente ligar para fazer uma encomenda.

Jaycee parecia que iria chorar, explodir, ou as duas coisas. Sua mãe tentou acalmá-la.

— Dá para encontrar sinal na cidade. Tentei no mercado e consegui três barrinhas. Além disso, tenho certeza de que vocês terão internet na escola para fazer os trabalhos.

— Também temos enciclopédias — disse Tio Wade. — Das boas, com bordas douradas. O volume *M* é em duas partes e uma delas está faltando, acho que a segunda. Então, se vocês precisarem fazer um trabalho sobre Montana, estão sem sorte. Mas se for sobre Mississippi, Missouri ou Michigan, não terão problemas.

Enquanto Tio Wade falava, Arlo ergueu a mão. Tinha uma pergunta importante a fazer, e queria que fosse respondida. Sua mãe balançou a cabeça para ele.

— Sem internet, como vamos falar com o pai?

O pai de Arlo e Jaycee estava na China. Estava lá havia três anos, desde que o FBI apareceu para prendê-lo em seu escritório na Filadélfia. Não conseguiram porque ele já estava em um voo para fora do país. O governo disse que o pai havia infringido a lei por usar computadores para decifrar códigos secretos. Muitas pessoas diziam que o que o pai de Arlo tinha feito não era um crime, mas ele não podia arriscar voltar para os Estados Unidos e ser preso. Assim, ele estava na China indefinidamente, palavra que Arlo descobriu ser usada quando as pessoas queriam dizer “mais ou menos para sempre”.

A sensação era essa: ao mesmo tempo interminável e impermanente. A família de Arlo sempre se mudou bastante, mas, quando o pai partiu, as mudanças se tornaram mais frequentes. Primeiro a Filadélfia, depois Chicago — uma série de casas e apartamentos minúsculos divididos com estranhos. Quando já estava na terceira escola, Arlo parou de tentar fazer novos amigos. Ele sabia que era improvável que ficasse ali por tempo suficiente para que o esforço valesse a pena.

Durante todo aquele período, a única constante eram as ligações para o pai. Todo domingo de manhã eles conversavam por vídeo com o pai pelo computador. Ele levava o notebook até a janela do seu pequeno apartamento em Cantão para lhes mostrar as luzes da cidade — era noite lá — e contar a Arlo sobre todas as comidas estranhas que comera e perguntar como iam as coisas na escola. Seu pai lhe ensinara expressões em chinês, inclusive o que ele afirmava serem palavrões.

Sem a internet, como eles faziam as chamadas semanais para a China?

— Vamos pensar em algo — disse a mãe.

Naquele momento, as luzes piscaram antes de se apagarem por completo. A sala estava escura, a não ser pelo luar pálido que entrava pela porta de correr envidraçada.

— É só o vento — disse Tio Wade. — A energia vai voltar num segundo.

Arlo começou a contar em silêncio. Ele podia ouvir o garfo do tio enrolando espaguete no prato. Podia ouvir Jaycee respirando, e o rangido da cadeira da mãe. E, camuflado por tudo isso, ouviu o vento sacudindo as janelas.

Arlo contou até cinquenta antes de parar. As luzes não acenderam.

— Esperem — disse Tio Wade, afastando a cadeira da mesa de jantar. — Tenho lanternas.



Jaycee e Arlo lavaram os pratos à luz de uma lamparina à pilha.

— A mãe está perdendo o controle — disse Jaycee enquanto tirava o sabão da louça.

— Não, não está — disse Arlo. A mãe deles não podia estar perdendo o controle, pois Jaycee havia dito que ela perdera ainda em Chicago, e isso fazia oito dias. Uma vez que você perde algo, não tem como continuar perdendo.

Arlo não tinha nem mesmo certeza do que era esse tal “controle”, mas tinha algo a ver com a mãe jogar uma cadeira por uma janela. Ou em uma janela. Ele sabia que o incidente envolvia uma cadeira e uma janela, e que havia sido feio o bastante para que sua mãe precisasse sair da companhia de seguros. Dentro de poucos dias, eles tinham vendido todos os móveis através de anúncios na internet e alugado um trailer de mudança para levar o que sobrara até o Colorado.

— Escute, Arlo — disse Jaycee, com um sussurro que significava que era algo importante. — Vamos precisar ajudar muito mais agora. A mãe anda muito estressada e não podemos piorar ainda mais a situação. Então, se acontecer algo, vamos ter de lidar com isso nós mesmos, sem incomodá-la.

Arlo ficou chocado ao ouvir a irmã falar dessa maneira, ainda mais depois do surto por causa da internet. Aquela era a mesma garota que gritava com a mãe pelo menos duas vezes por semana, geralmente por causa de regras e responsabilidades? Por que estava lhe dando um sermão sobre cooperação de

repente?

— É óbvio que a mãe não quer ficar aqui — disse Jaycee. — Teríamos vindo anos atrás se esse lugar não fosse absolutamente a última opção. Era isso ou ficar sem teto.

— Não é tão ruim assim — disse Arlo. — O pai envia o que pode de dinheiro.

— Não é suficiente. É por isso que vou arranjar um emprego.

— Fazendo o quê?

— Não sei. Em uma loja ou algo assim.

— Mas você odeia pessoas.

Jaycee não se ofendeu.

— Todos nós vamos ter de nos adaptar. Você não pode ficar perturbando a mãe sobre qualquer coisinha. Se os garotos na escola forem cruéis, aguentete. Se começar a ouvir vozes de novo, apenas as ignore.

— Faz muito tempo que não escuto as vozes.

— Ótimo — disse Jaycee. — Porque a mãe não tem condições de aguentar mais nada.



Arlo tinha idade e maturidade suficientes para não precisar ser colocado na cama, mas não fez objeções quando a mãe subiu com ele para ver como tinha desfeito as malas.

À luz da lanterna, ele mostrou como arrumara as roupas “da cabeça aos pés”, com as camisetas e bonés na gaveta de cima, calças na do meio, meias e cuecas na gaveta de baixo. Logicamente, as cuecas deviam ficar na gaveta do meio, mas havia mais espaço na gaveta das meias. Além disso, ele costumava vestir as meias e a cueca ao mesmo tempo, então isso economizava a abertura de outra gaveta.

Sua mãe concordou que fazia sentido.

— Eu estava pensando, Arlo. A lanchonete na cidade tem umas panquecas muito boas, e aposto que também tem wi-fi. Talvez a gente possa ir lá aos domingos com o computador e ligar para o seu pai. Seria como se ele tomasse café da manhã conosco.

Arlo achou uma ótima ideia. Mais do que isso, parecia o tipo de sugestão que sua mãe costumava fazer, ao combinar algo divertido (panquecas) com algo importante (ligar para o pai).

Qualquer que tenha sido o motivo para ela “perder” o controle, talvez já o

estivesse recuperando.

Ele queria contar sobre o cachorro que vira — o que Tio Wade disse estar morto —, mas não queria falar nada que pudesse preocupá-la. Assim, ao deitar na cama, que era quase macia demais, resolveu tocar no assunto como uma pergunta:

— Mãe, você já teve um cachorro?

Sua mãe sentou-se na beira da cama. Ela estava iluminada somente pelo brilho do luar que vinha da janela.

— Quando eu estava na faculdade, as minhas colegas de quarto e eu tínhamos uma cadela. O nome dela era Rosie. Era uma vira-lata que tínhamos encontrado. Ela meio que acabou virando a mascote da nossa casa. Sempre que dávamos uma festa, ela aparecia em todas as fotos. Eu me formei e me mudei, mas ela ficou na casa com a nova leva de moradoras. Era o lugar dela.

— E quando você era criança? Teve um cachorro aqui? — perguntou Arlo.

— Mais ou menos. Ele era mais um cachorro de rua, só entrava se houvesse uma nevasca forte. E mesmo nessas ocasiões, ele meio que se escondia.

— Qual era o nome?

— Cooper — respondeu ela.

O coração de Arlo deu um pulo. Seu tio estava dizendo a verdade. Realmente havia um cachorro chamado Cooper. Foi o cachorro que Arlo tinha visto.

— Por que você quer saber?

Arlo não tinha certeza de como responder sem dizer demais. Por sorte, sua mãe continuou a falar.

— Estava pensando que devíamos arranjar um cachorro? Porque acho que podíamos. Tem espaço de sobra. Mas acho que devíamos nos acomodar aqui primeiro, não acha? Comprar alguns garfos e lavar nossas roupas?

Arlo concordou.

A mãe ajeitou o cabelo dele.

— Sei que é assustador estar em uma cidade nova. Escola nova. Amigos novos. Mas já somos quase especialistas nisso, certo? — Arlo sorriu. — E tenho a impressão de que vai ser bom. Sei que essa casa parece meio acabada, mas é sólida. É segura. Vamos ficar bem.

Ela lhe ofereceu a lanterna. Arlo ficou feliz por isso; estava envergonhado demais para pedir. Ela o beijou na testa e caminhou em direção à porta. Arlo iluminou o caminho para a mãe. Antes de ela fechar a porta, ele perguntou:

— A floresta é segura?

Sua mãe parou por um momento.

— Claro que é. Apenas fique nas partes de onde você consiga ver a casa. Não quero que se perca.

Ela lhe soprou um beijo e fechou a porta sem fazer barulho.

Pouco depois, Arlo saiu da cama e abriu a janela.

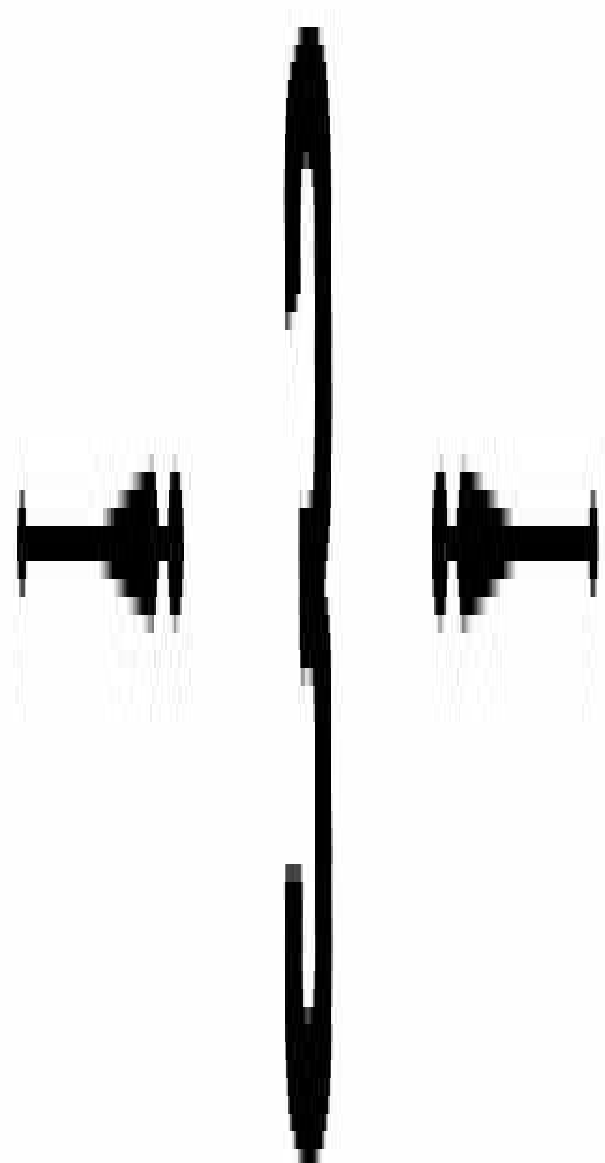
A lua estava quase cheia. Por mais brilhante que estivesse, a luz se extinguia na beira da floresta. Era uma muralha de escuridão, agitada somente pela brisa.

Em meio ao vento, ele podia ouvir pássaros desconhecidos cantando, e um motor em uma estrada distante.

O feixe da lanterna iluminou a área logo abaixo da janela, mas não chegava ao local onde ele havia visto o cachorro. Arlo de repente imaginou como se pareceria do outro lado, o que uma criatura que observasse da floresta veria: uma luz forte na janela do andar de cima, movendo-se lentamente de um lado para o outro.

Poderia parecer um convite.

Arlo desligou a lanterna, fechou a janela e as cortinas. Depois voltou para a cama e dormiu a noite inteira sem sonhar.



ESCOLA

A cidade de Pine Mountain era tão pequena que era preciso aumentar várias vezes o *zoom* no mapa para conseguir encontrá-la.

Feito isso, tudo o que se podia ver era um ponto minúsculo dentro de uma floresta gigantesca, acessível somente por meio de uma estrada de pista dupla na montanha sinuosa como um rabisco de giz de cera.

Pine Mountain não estava sequer no lugar certo. Originalmente um campo de abastecimento de mineração na década de 1850, a cidade foi destruída em uma enchente e reconstruída em uma altura mais elevada no cânion, fora do alcance do rio Big Stevens.

A loja de recordações, que também servia de correio e sorveteria, era o único prédio genuinamente histórico na cidade. O resto era um conjunto casual de lojas pequenas, cabanas de telhado de zinco e casas pré-fabricadas. Pine Mountain tinha apenas um ponto de ônibus, um semáforo e uma escola — todos no mesmo cruzamento.

A escola era uma construção baixa de tijolos com uma âncora imensa na frente. Arlo achou estranho uma escola nas montanhas ter uma âncora como símbolo.

Sua mãe disse que era em homenagem a um almirante famoso que crescera na cidade e lutara na Segunda Guerra Mundial. Ela frequentou a escola quando era garota e chegou a conhecer o almirante na cerimônia especial de inauguração da âncora.

Arlo tentou imaginar como era sua mãe na infância, mas não conseguiu. A âncora já havia enferrujado, e sua mãe era ainda mais velha do que ela.

A escola ia do jardim de infância até o oitavo ano. Alunos do nono ano como Jaycee tinham de ir de ônibus até Havlick, a vinte e quatro quilômetros dali. Arlo ficou feliz por não estar na mesma escola que a irmã, mas desapontado por ainda estar no ensino fundamental. Em Chicago, o sexto ano já fazia parte do segundo ciclo, em um prédio completamente separado.

Arlo estava sentado na secretaria enquanto sua mãe preenchia a papelada. Seus pés doíam. Seus tênis bons eram um pouco pequenos, mas ele não queria reclamar.

À esquerda, podia ver a enfermaria. Foi onde Arlo viu pela primeira vez

Henry Wu, que estava com a cabeça coberta por uma gosma púrpura brilhante.

Arlo logo descobriria que Henry Wu era chamado simplesmente de Wu, pois havia outros três Henrys na sua série. Era fácil identificar Wu por causa da gosma.

Estava nos cabelos, nos olhos, nas orelhas e na boca. Saía em bolhas de seu nariz quando respirava.

Ainda mais estranho do que o fluido púrpura pegajoso, era o som. Cada vez que Wu se mexia, ouvia-se uma onda de sininhos tinindo. Aquilo fez Arlo lembrar-se do Natal, de sinos de vento e de máquinas de *pinball*. Só que estava vindo de Wu, ou, mais precisamente, da gosma que o cobria.

Arlo tentou pensar em algum outro líquido que fizesse um barulho como aquele. O oceano era ruidoso quando as ondas arrebatavam nas rochas. Óleo chiava quando era aquecido em uma frigideira.

Mas ele não se lembrava de mais nada que soava como sinos — a não ser sinos. E aquela gosma.

A enfermeira da escola, uma mulher mais velha com brincos pendentes azul-turquesa, começou a borrifar algo em Wu, tentando esfregar a sujeira púrpura com toalhas de papel marrons e ásperas.

Arlo sabia que não era educado ficar olhando, mas não conseguia evitar. Estava fascinado.

— Feche os olhos, querido — disse a enfermeira antes de borrifar bem no rosto de Wu. O que quer que fosse a gosma, foi necessário uma esfregação agressiva para removê-la. E, a cada esfregada, mais sinos soavam.

Em determinado momento, Wu abriu os olhos e viu Arlo assistindo à sua despurpuração. A enfermeira acompanhou o seu olhar, suspirou e então fechou a porta da enfermaria, para conseguir ter um pouco de privacidade.

Arlo ergueu os olhos quando sua mãe voltou com o diretor, um homem de barba e suspensórios.

— Então, Arlo Finch. Vamos levá-lo para a aula.



A professora do sexto ano era a Sra. Mayes. Ela usava um colar feito de contas grossas de madeira e um vestido com o que pareciam ser cem botões na frente.

Arlo ficou aliviado por não pedirem para que se apresentasse na frente da turma como em outras escolas. Em vez disso, a Sra. Mayes lhe disse para

escolher um lugar vazio enquanto ela terminava a lição de matemática. Era sobre a multiplicação de frações, que Arlo já sabia fazer.

Cerca de dez minutos depois, a porta da sala de aula se abriu e Henry Wu entrou. A maior parte da gosma púrpura havia sido removida, mas ainda havia traços dela em volta de suas orelhas.

Os garotos reagiram com gritos e risadas. Mas Arlo notou que eles não estavam espantados. Os garotos achavam engraçado em vez de extraordinário, o que era estranho.

Em qualquer uma das escolas de Arlo, se um garoto entrasse na sala com algo púrpura no rosto, a pergunta natural teria sido “O que aconteceu?”. Porém, ali, todos os alunos pareciam compreender exatamente o que havia acontecido. E a maioria achava hilário.

A Sra. Mayes repreendeu a classe.

— Já chega. Vá para o seu lugar, Henry. — Contudo, o murmurinho continuou.

A mesa de Wu ficava do outro lado da sala. Enquanto andava, ele fazia barulhinhos de tinidos, como as coleiras com sininhos que alguns gatos usam. Os garotos tentaram conter o riso, mas segurá-lo só deixava a coisa toda mais engraçada.

Quando enfim chegou à sua mesa, Wu sentou-se o mais imóvel possível.

Arlo estava uma fileira atrás dele, perto o bastante para ouvir quando uma garota morena com sardas inclinou-se em sua direção e sussurrou:

— Você realmente não leu o *Livro de Campo*?

— Eu li — sussurrou Wu em resposta. — Eu só queria colocar um em um pote.

— O distintivo é Observação, não Coleta. — Da maneira como ela disse as palavras, Arlo tinha certeza de que estavam em letras maiúsculas. — Da próxima vez, faça só um esboço.

— Indra! — disse a professora, irritada.

— Desculpe, Sra. Mayes. — Indra parecia acostumada a dizer isso.

Enquanto a turma voltava às frações, a mente de Arlo estava a mil por hora. O que Wu tentou colocar em um pote? O que era a gosma púrpura? Faltava muito para o recreio?



A resposta para a última pergunta surgiu primeiro. Quando a turma saiu para o recreio da manhã, Arlo ficou de lado, observando quando vários dos

garotos disseram várias gracinhas a Wu, chamando-o de Sininho ou Uvão. Não parecia algo particularmente maldoso — era mais uma brincadeira —, e Wu aparentemente não ligou.

Em certo momento, Wu sacudiu a cabeça como um cachorro depois do banho para demonstrar quantas tilintadas ainda conseguia dar.

Arlo ficou aliviado por outra pessoa estar no centro das atenções. Como o aluno novo, geralmente havia um holofote sobre ele. Porém, por causa do misterioso incidente púrpura, ninguém estava prestando nenhuma...

— Por que você se mudou pra cá? — perguntou Indra, que apareceu de súbito ao seu lado. — Ninguém se muda pra Pine Mountain. A minha família foi a última a chegar, há três anos, e só porque a cidade precisava de um médico novo depois que o velho morreu.

— Como ele morreu? — perguntou Arlo.

— Ele estava colhendo cogumelos silvestres... é preciso ter cuidado, pois os venenosos se parecem com os comestíveis... quando um leão da montanha o atacou. Ele fugiu e depois caiu de um despenhadeiro e dentro de um rio congelante. Além disso, ele tinha oitenta e cinco anos. Então foi uma combinação de várias coisas. — Enquanto falava, ela prendeu o cabelo espesso para trás com um elástico. — Então, por que você se mudou pra cá?

— Minha mãe cresceu aqui — respondeu Arlo. — Temos uma casa na Green Pass Road.

— É melhor você ter cuidado — disse Merilee Myers, uma garota alta com cachos longos. Sua voz tinha um ritmo cantado estranho, como se tudo o que dissesse tentasse ser poesia. — Tem um louco que vive na Green Pass Road. Ele empalha animais e os vende.

Ela sem dúvida estava falando de Tio Wade. Arlo apenas disse “OK”.

Quando Wu se juntou a eles, Indra apontou para Arlo.

— Nós o avisamos sobre os cogumelos silvestres.

— E sobre o louco da Green Pass Road — disse Merilee.

— Ele tem uma oficina nos fundos da casa — disse Wu. — Uma vez, Russel Stokes foi de fininho pra olhar lá dentro e o viu empalhando um lebrílope dourado.

— O que é um lebrílope? — perguntou Arlo.

Indra, Wu e Merilee o olharam de um jeito estranho, como se tivesse perguntado “O que é uma caixa de correios?” ou “Como uma escova de dentes funciona?”. Arlo ficou envergonhado. Tinha perdido alguma matéria importante por mudar constantemente de escola? Será que todos os garotos

sabiam o que era um lebrílope, menos Arlo Finch?

— É um coelho com galhada — disse Wu.

Arlo podia visualizar o animal, de certo modo. Mas teve mais dificuldade em imaginar como uma criatura assim saltaria por aí com uma galhada na cabeça. Como entraria na sua toca, se tivesse uma? Aliás, coelhos tinham tocas? Arlo percebeu que não sabia muito sobre coelhos normais, o que dirá sobre coelhos com galhadas.

— Traz muito azar matar um lebrílope dourado — explicou Wu. — É como quebrar mil espelhos.

— Ou passar debaixo de cem escadas — disse Indra.

— Ou brincar com fósforos — disse Merilee.

Arlo ficou pensando se aquela última não era mais uma má ideia do que algo que trouxesse azar. De qualquer modo...

— Ele não os mata — explicou. — Ele não mata nenhum animal. Ele só encontra os que já estão mortos e os deixa parecendo vivos.

Indra apertou os olhos.

— Como você sabe?

— Li um livro sobre isso — disse Arlo, mentindo. — Chama-se taxidermia. (Essa parte era verdade.) — A resposta pareceu satisfazê-los, mas Arlo achou melhor mudar completamente de assunto. Apontou para o que restava da gosma púrpura sob a orelha de Wu. — Você vai ficar bem?

— Sim, eu vou tomar banho quando chegar em casa... — respondeu Wu.

— Sabonete normal é inútil — disse Indra. — Você vai precisar usar água da chuva ou, melhor ainda, urina de veado. A página noventa e seis do *Livro de Campo* tem um parágrafo inteiro sobre besouros-fadas.

Arlo se conteve para não perguntar o que eram besouros-fadas. Mas então Wu virou-se para ele.

— Tem desses no lugar de onde você vem?

— É claro que tem — disse Indra, antes que Arlo pudesse responder. — Os besouros-fadas vêm da Floresta Longa, e a Floresta Longa está por todo lado.

— Não no espaço — disse Wu.

— Obviamente não no espaço. Mas em todos os outros lugares.

A cada resposta que recebia, Arlo Finch tinha mais três perguntas. O que era esse *Livro de Campo*? O que era a Floresta Longa? Onde se conseguia urina de veado?

Mas então o sinal tocou e o recreio acabou. Ele teria de esperar até a hora

do almoço.



Naquela manhã, Arlo pôs na mochila um sanduíche de peru, uma maçã e um suco de caixinha — o mesmo lanche que comia todos os dias na escola em Chicago. Porém, quando enfim se sentou à mesa longa do refeitório, ele estava faminto. Terminou o sanduíche inteiro antes mesmo de fincar o canudo na bebida.

Olhando para a direita e para a esquerda, notou como os colegas de classe estavam comendo muito mais comida. Os sacos de lanche deles tinham facilmente o dobro do tamanho do seu. Muitos alunos tinham levado dois sanduíches. Outros levaram tigelas plásticas enormes com macarrão ou arroz. Merilee levava um pé de alface inteiro e uma garrafa de molho de salada para colocar por cima.

Havia pouquíssimas conversas ou perda de tempo. Tudo o que ele ouvia eram os sons de mastigação e de embalagens sendo abertas.

— Você não está com fome? — perguntou Wu, avançando em um frango assado inteiro.

— Sim — admitiu Arlo. — Por que estou com tanta fome?

— É a altitude — disse Indra, espalhando uma pasta amarela num pão preto com sementes. — Estamos a mais de três quilômetros acima do nível do mar, então o seu corpo queima mais calorias. É como se você fosse uma fogueira e precisasse continuar botando lenha para se manter aceso.

Ela lhe ofereceu um pedaço do seu pão estranho, mas Arlo recusou.

— Você fazia parte de uma patrulha em Chicago? — perguntou Wu, gesticulando com uma coxa engordurada.

— Quer dizer, como uma gangue? Eu não fazia parte de uma gangue. Era do Clube de Reciclagem. A gente só inspecionava as latas de lixo azuis e jogava fora papéis com chiclete grudado.

— Ele quis dizer Patrulheiros — esclareceu Indra. — Você fazia parte dos Patrulheiros?

— Não sei o que é isso. — Arlo deu uma mordida em sua maçã, aguardando a incredulidade deles diante de sua ignorância.

Indra e Wu trocaram um olhar. Pareciam animados com uma nova possibilidade.

— O que você vai fazer esta noite? — perguntou Indra.

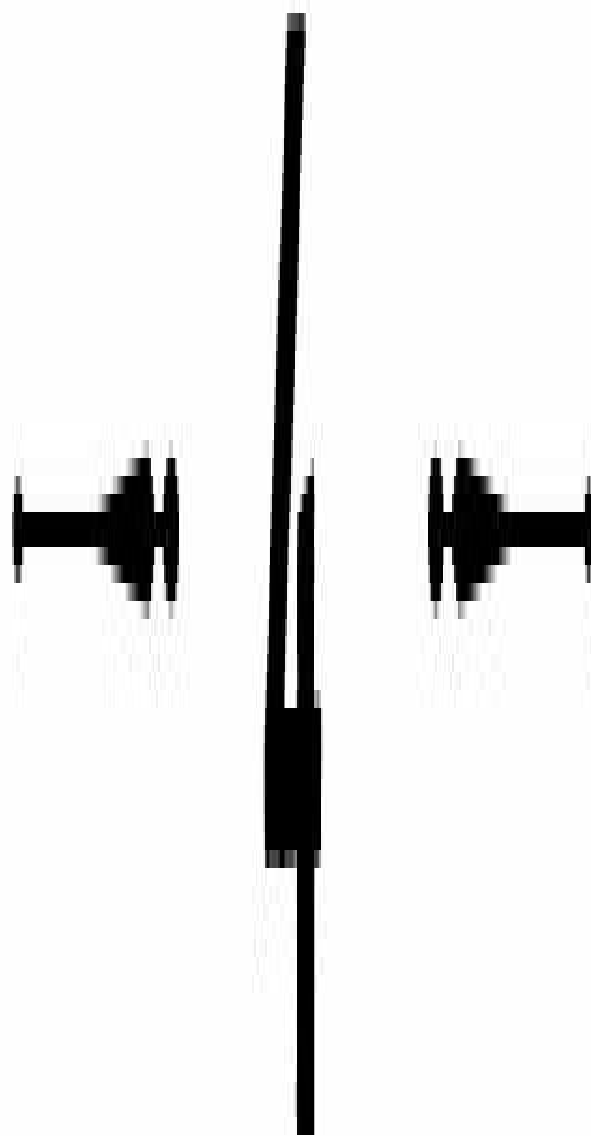
— Não sei. Dever de casa? — disse Arlo, mastigando a maçã.

— Ela não passa dever de casa nas terças-feiras — disse Wu. — É noite dos Patrulheiros. Você devia ir.

— Você tem que ir — disse Indra. — É às sete horas, na igreja.

Arlo queria perguntar a eles qual igreja, o que deveria levar e o que os Patrulheiros realmente faziam. Contudo, não queria arriscar uma pergunta que o fizesse parecer estúpido, ou com medo, ou indigno do interesse deles. Assim, simplesmente engoliu e disse:

— Claro. Estarei lá.



UNIFORME

— Eles deixam garotas fazer parte dos Patrulheiros agora? — perguntou Tio Wade. Arlo encolheu os ombros.

— Você disse que uma garota o convidou para ir, não? Presumo que ela não estivesse pedindo para você entrar para as Patrulheiras, e sim para os Patrulheiros propriamente ditos, que significa os Garotos Patrulheiros, que nunca foram chamados assim porque todos sabiam que os Patrulheiros de verdade eram garotos e que as Patrulheiras eram garotas. Não precisávamos acrescentar palavras porque os nomes eram evidentes.

— Não sei o que são Patrulheiros — disse Arlo.

— Patrulheiros são a melhor coisa da face da Terra. Pelo menos costumavam ser. Provavelmente ainda são. Só estou sendo tradicionalista.

Eles estavam no porão escuro e empoeirado, onde Tio Wade procurava uma chave no seu chaveiro, tentando descobrir qual poderia abrir o baú pesado diante deles.

— Então posso ir à reunião? — perguntou Arlo.

— O que sua mãe disse?

— Ainda não perguntei a ela. Jaycee disse que eu não devia incomodá-la com coisas que não são urgentes.

— É uma boa ideia. Mas ela vai dizer sim — disse Tio Wade. — Um garoto que não faz parte dos Patrulheiros é um garoto sem amigos.

Tio Wade encontrou a chave que servia na fechadura, que fez um barulho doloroso de algo sendo arranhado ao ser girada. Ele soltou as trancas e ergueu a tampa, revelando um rosto demoníaco aterrorizante.

— É só uma máscara de Halloween — disse Tio Wade, empurrando-a para o lado. O baú estava abarrotado de tranqueiras variadas, de brinquedos de infância e lápis novos. Tio Wade encontrou o que procurava quase no fundo do baú.

Primeiro achou a calça. Era marrom-escura com bolsos externos nas pernas. Arlo soube com uma olhada que era grande demais para ele.

— É, você pode fazer as bainhas para ela não ficar tão comprida — disse Tio Wade, antecipando a objeção de Arlo. — A cintura também se ajusta, então, quando você ganhar alguns quilos, ela vai continuar servindo.

Ele jogou a calça para Arlo e continuou a revirar o baú. O item seguinte era um pedaço grande de pano amarelo cortado na forma de um triângulo. *Isósceles*, pensou Arlo, lembrando-se da matemática. Havia uma mancha escura no pano.

— Isso é sangue? — perguntou Arlo.

— Sem dúvidas — respondeu Tio Wade. — Um Patrulheiro precisa sangrar de vez em quando. Essa é a vida na montanha. O lenço sempre vem a calhar para servir de atadura, tipoia ou torniquete. Se bem que você vai aprender que não deve usar um torniquete a não ser que seja picado por uma cobra-cascalho. Pois será isso ou virar pedra.

Ele não sabia o que era um torniquete, mas jurou evitar seja lá o que fosse uma cobra-cascalho, e assim nunca ser picado por uma.

O último item no baú era de longe o mais importante. Uma camisa de botões coberta por distintivos bordados, cada um ilustrando símbolos diferentes. Cada um havia sido costurado individualmente e com muito cuidado. Descendo por cada manga, pequenos distintivos de cinco lados formavam linhas. Distintivos maiores cobriam cada um dos bolsos. Até as abas dos bolsos tinham seus próprios distintivos.

A camisa em si era de um verde bem escuro — mais escuro do que o giz verde mais escuro da caixa —, de um tom que fez Arlo se lembrar dos uniformes que vira soldados usarem em desfiles. Tinha um cheiro de mofo por ter ficado no baú, mas Arlo ficou surpreso com a resistência do tecido. Ele nunca pensaria que a camisa tinha trinta anos.

— Vai ter de tirar os distintivos — disse Tio Wade. — Pelo menos até ganhá-los você mesmo.



Arlo estava sentado na mesa da sala de jantar, cortando com cuidado as linhas que prendiam os distintivos ao uniforme.

Ele começou com os menores nas mangas. Cada um era pouco maior do que uma moeda de vinte e cinco centavos e tinha a forma de um pentágono. No centro de cada um havia um símbolo diferente. Arlo deduziu que o que tinha uma cruz vermelha grossa provavelmente era de primeiros socorros ou algo parecido. Outro retratava uma barraca, então esse devia ser o de Acampamento.

Porém, também havia outros com cobras, aranhas e raios, e um maior no bolso da camisa com uma coruja. Queria perguntar a Tio Wade o que

significava cada um dos símbolos, mas ele já havia desaparecido dentro da oficina.

Arlo separou os distintivos para mais tarde.

O bolso direito da camisa tinha um distintivo circular grande para “Acampamento Pena Vermelha”. Era mais elaborado do que os outros menores, combinando uma dúzia de cores de linha para retratar uma montanha púrpura alta, uma floresta verde e um lago azul-escuro. No lago, Arlo podia ver canoas minúsculas, mas também algo longo saindo da água. Ele não tinha certeza se era um tentáculo ou um pescoço, mas a criatura a que aquilo pertencia parecia ser grande o bastante para destroçar as canoas e comer os remos.

Depois de remover todos os distintivos, Arlo experimentou a camisa. Esperava que ficasse grande demais, mas serviu perfeitamente.

Em seguida, foi a vez da calça. Ela era pelo menos dez centímetros maior. Arlo a enrolou o melhor que pôde, mas só de andar pela sala de jantar as dobras desenrolaram e o tecido ficou arrastando pelo chão.

Tio Wade dissera que as bainhas precisavam ser costuradas. Arlo tinha certeza de que não sabia como fazer isso. Tirar os distintivos era uma coisa: descosturar. Costurar de verdade era algo completamente diferente.

Foi então que Arlo teve uma inspiração súbita. Subiu a escada, com cuidado para não tropeçar na calça comprida demais.



No inverno anterior, em Chicago, a irmã de Arlo começara a usar alfinetes na jaqueta. Não só um ou dois, mas dezenas, talvez centenas, cuidadosamente alinhados em faixas e quadrados. Ela passara horas aperfeiçoando as formas, acrescentando novos alfinetes que tirava de uma caixa de papelão que mantinha na mesinha de cabeceira.

Arlo nunca teve certeza se Jaycee estava seguindo a moda ou tentando começar uma própria — ele nunca chegou a ver de fato os amigos da irmã —, mas durante várias semanas ela ficou obcecada com alfinetes e com aquela jaqueta. Claramente tinha orgulho dela.

Até que um dia a jaqueta desapareceu.

Jaycee contou à mãe que tinha esquecido a blusa no ônibus. Como ainda restavam dois meses de inverno, elas compraram um blusão de lã em um brechó para substituí-la. Dessa vez, Jaycee a deixou sem decorações.

No entanto, os alfinetes provavelmente ainda estavam em algum lugar.

Arlo podia visualizar a caixa de onde eles tinham vindo. Assim, decidiu vasculhar depressa o quarto da irmã antes que ela voltasse da escola.

Era fim de tarde. O quarto já estava ficando bem escuro. Ele acendeu a luz da escrivaninha e a apontou para a cômoda, que revirou gaveta a gaveta. Sem sorte.

Em seguida tentou o armário.

Jaycee sequer começara a desfazer as malas. As caixas da mudança ainda estavam fechadas com fita. *Talvez ela ache que não vamos ficar por aqui*, pensou Arlo. *Então por que perder tempo desempacotando?*

Se Arlo abrisse as caixas lacradas com fita, Jaycee saberia que ele tinha passado pelo seu quarto. Mas de que outro jeito encontraria os alfinetes?

Decidiu virar as caixas de cabeça para baixo e cortar a fita do fundo. Dessa forma, era menos provável que Jaycee notasse. Cortou apenas o suficiente para dar uma espiada dentro da caixa.

Foi quando ele viu: a jaqueta.

Era a que sua irmã tinha usado no inverno anterior, a que ela disse ter perdido no ônibus. Por que estava ali no fundo da caixa? Por que ela parou de usá-la? Por que a tinha guardado?

E por que havia mentido?

Arlo concluiu que não entendia nem um pouco a irmã.

De qualquer forma, ele não precisava mais encontrar a caixa de alfinetes. Podia simplesmente pegar alguns da jaqueta. Jaycee jamais notaria.



De volta ao seu quarto, Arlo sentou-se na cama e começou a prender com alfinetes as bainhas de sua calça de Patrulheiro. O tecido era pesado — mais grosso do que jeans —, o que tornava difícil atravessar os alfinetes. Seus polegares estavam com marcas fundas pelo esforço.

Ouviu os pneus de um carro na entrada de cascalho. Luzes de faróis passaram pelo seu quarto. Pouco depois, duas portas se abriram e fecharam. Sua mãe devia ter pego Jaycee quando ela desceu do ônibus.

O último alfinete estava sendo muito difícil. Arlo o sacudiu e empurrou com toda a força. O alfinete atravessou o tecido de repente...

...e entrou direto no seu polegar.

Arlo arquejou, mais por surpresa do que por dor. Olhou para a digital do polegar e para o buraco minúsculo no meio dela. Uma gota de sangue vermelho-escuro começou a aparecer.

Foi quando as coisas ficaram estranhas.

Arlo ainda estava sentado na cama, mas não estava mais no seu quarto. Ou pelo menos não apenas no seu quarto. Estava em outro lugar ao mesmo tempo, observando a si mesmo. Era como quando ele conversava com o pai no computador, vendo-se no pequeno retângulo no canto da tela. Arlo podia ver a gota de sangue no polegar, mas também podia ver um garoto sentado na sua cama de cueca olhando para o polegar. Também teve a sensação de que não estava sozinho. Alguém o observava.

Olhou para a janela. No reflexo, onde deveria estar se vendo, Arlo viu uma garota. Supôs que tinha a sua idade, com cabelos louros que desciam por trás dos ombros. A garota estava segurando uma escova prateada na mão, olhando diretamente para ele. *Ela está olhando num espelho*, pensou Arlo. *Estava escovando o cabelo e de repente me viu.*

Parecia tão confusa quanto ele.

— Quem é você? — perguntou a garota. Arlo não tinha certeza se ela estava mesmo falando. As palavras podiam estar em sua cabeça.

— Arlo Finch — respondeu ele. Ou talvez tenha apenas pensado. De qualquer modo, a garota pareceu compreender.

— Você está na floresta?

— Estou em Pine Mountain. Sabe onde fica?

Um lampejo de reconhecimento e incredulidade. Ela conhecia o nome.

Quando Arlo olhou ao redor, as paredes de seu quarto começaram a desaparecer, revelando uma floresta iluminada pelo luar. Só restavam sua cama e a armação da janela, por onde ele via a garota. O mundo dela do outro lado do vidro estava cintilando em prata, vermelho e dourado, como um palácio feito de folhas de outono.

Ela olhou para a sua direita. Alguém estava vindo. Suas palavras surgiram em um sussurro urgente:

— Se eu posso vê-lo, eles também podem. Você está em perigo. Tenha cuidado, Arlo Finch.

— Quem são “eles”? Quem é você?

A garota levantou-se de repente e deu as costas ao reflexo. Estava falando com alguém que não podia ser visto. E então...

— Arlo!

Com um sobressalto, ele estava de volta ao seu quarto. A garota desapareceu quando uma nova forma surgiu na porta atrás dele, bloqueando a luz.

Era Jaycee.

— Você esteve no meu quarto? — perguntou ela.

Arlo sentou-se, atordoado. Era como despertar de um sonho — só que ele não tinha certeza de que estava realmente acordado. As paredes haviam voltado, mas Arlo sentia-se preso entre dois mundos.

— Você esteve no meu quarto? — sua irmã repetiu mais alto.

— Não — mentiu Arlo.

Ele teve certeza de que ela não tinha acreditado, mas a expressão de sua irmã mudou.

— Tem algo errado?

Eles se encararam por cinco segundos. Arlo quase contou à irmã sobre Cooper, o cachorro fantasma, a Floresta Longa e a garota com quem estava falando no espelho. Quase contou que eles haviam se mudado para um lugar estranho com besouros mágicos, lebrílopes e maus presságios. Quase contou tudo a ela.

Então se lembrou do aviso da irmã sobre não incomodar a mãe. Sobre como era precária a situação em que se encontravam. Sobre como havia prometido não estar mais escutando vozes. Assim, resolveu dizer:

— Está tudo bem.

Os dois sabiam que não era verdade, mas concordaram em silêncio em não insistir no assunto.

— Fique longe do meu quarto — avisou Jaycee ao ir embora.

Arlo olhou para o polegar. O sangue já estava seco.



A REUNIÃO

Arlo encontrou sua mãe na cozinha tentando acender o fogão. Ela olhou em sua direção, sem dúvida notando o uniforme. Então Arlo achou que podia simplesmente perguntar:

— Posso entrar para os Patrulheiros? A reunião é esta noite.

— Tudo bem — disse sua mãe.

— Mesmo?

— Mesmo. Quer que eu encurte a sua calça?

— Você sabe fazer isso? — Era como se sua mãe tivesse revelado que trabalhava em meio período como física nuclear.

— Eu costumava costurar o tempo todo quando tinha a sua idade. Era muito boa. Fazia os meus próprios vestidos. — A terceira boca do fogão finalmente acendeu.

— Por que você parou?

Sua mãe encheu uma panela de água na pia.

— Não sei. Não é como se eu tivesse resolvido parar de costurar. Era só algo que eu fazia o tempo todo até o momento em que não mais. Acho que crescer é isso. Esquecer das coisas que a gente costumava amar.



A Primeira Igreja de Pine Mountain também era a Única Igreja de Pine Mountain. A construção consistia de dois triângulos altos cobertos por telhas de madeira ligados a um retângulo baixo de tijolos.

Quando estacionaram, a mãe de Arlo perguntou se ele queria que ela entrasse junto.

Arlo soltou o cinto de segurança.

— Vou ficar bem. — Contudo, ele hesitou com a mão na maçaneta da porta e subitamente tomou consciência da própria respiração.

— Se precisarem que eu assine algum formulário, você pode levá-los para casa.

Arlo não havia cogitado a possibilidade de que houvesse formulários. E se custasse dinheiro para se inscrever? Eles não tinham dinheiro sobrando. E se o uniforme de Tio Wade estivesse errado, ou fosse antiquado, e precisassem

comprar um uniforme novo? E se houvesse um teste no qual fosse preciso passar para entrar para os Patrulheiros? Arlo, historicamente, era péssimo em testes. Uma vez, no segundo ano, ele escreveu errado o próprio nome em um teste de ortografia. E se...

— Arlo? — perguntou a mãe.

— Sim?

— Não tem problema ter medo, mesmo que não haja nada a temer.

— Eu sei. — Seus pais costumavam dizer aquilo com bastante frequência, em geral depois que pesadelos o faziam sair correndo para a cama deles. Mas então ela disse algo totalmente novo:

— Posso lhe dizer que, como alguém com muito mais idade, a maioria das coisas de que me arrependo na vida são as que não fiz. As oportunidades que não aproveitei. É fácil pensar em razões para dizer não. É muito melhor pensar em razões para dizer sim.

Arlo olhou para as portas da igreja, onde viu garotos entrando no prédio. Estava escuro e longe demais para ver exatamente quem eram, ou se ele reconhecia alguém da escola.

Assim, se imaginou entre eles, atravessando aquelas portas. Imaginou um Arlo Finch mais corajoso, que nunca se preocupava com tudo o que podia dar errado e simplesmente se lançava ao desconhecido. Esse Arlo Finch imaginário não pedia permissão na esperança de ouvir um “não”. Ele era mais adulto, mais confiante, mais autossuficiente.

E ele aguardava logo depois daquelas portas.

Antes que pudesse arranjar alguma desculpa para não ir, Arlo saiu do carro. Seguiu pelo caminho iluminado até a igreja e abriu as portas. O saguão estava vazio, mas ele podia ouvir vozes de garotos vindo da escadaria à direita. Enquanto descia os degraus, sentiu que estava se tornando aquele outro Arlo que imaginara.

Mas, primeiro, tinha muito a aprender.



A Companhia de Pine Mountain era composta por vinte e sete Patrulheiros, que eram divididos em quatro patrulhas. Arlo foi colocado na Patrulha Azul com Wu e Indra, aparentemente a pedido deles, e concluiu de imediato que era a melhor patrulha da companhia, e possivelmente do mundo inteiro.

A Patrulha Azul era a menor, com apenas seis Patrulheiros, incluindo Arlo. Eram todos alunos do sexto ano, com exceção do líder da patrulha, Connor

Cunningham, que estava no oitavo, mas que não agia como se fosse sua babá nem melhor que eles. Ele apertou a mão de Arlo, olhando-o nos olhos. (Arlo percebeu mais tarde que nunca tinha apertado a mão de alguém que não fosse um adulto.)

Os dois últimos membros eram Jonas e Julie, irmãos gêmeos que estudavam em casa com os pais.

Julie quase nunca falava, mas Jonas mais do que compensava esse fato, sempre dando sua opinião sobre cada pequena injustiça que ele testemunhava.

— Todas as outras patrulhas têm três barracas. É injusto a gente ter apenas duas só porque somos a menor. Devíamos ter uma terceira tenda mesmo que não precisássemos.

Ele reclamava enquanto a patrulha estava ocupada impermeabilizando as costuras de suas barracas. Connor convidou Arlo a pegar uma garrafa e se juntar a eles. Arlo observava atentamente a sala enquanto trabalhava. Cada patrulha tinha o seu próprio canto e sua própria personalidade.

As Patrulhas Verde e Vermelha pareciam compostas principalmente de alunos do sétimo e oitavo anos. Só havia garotos na Patrulha Vermelha, a maioria atletas, do tipo que bate um no outro sem nenhum motivo.

— No verão passado, um deles levou cerveja para um acampamento, e todos foram suspensos por seis semanas — disse Wu. — Eles perderam as Dunas de Areia, que é um dos melhores passeios.

A Patrulha Verde — a única com o mesmo número de garotas e de garotos — estava sentada num círculo, passando mapas de mãos em mãos. A líder da patrulha, uma garota com penas entrelaçadas no cabelo, escrevia as sugestões de todos em um quadro-negro.

— Aquela é a Diana Velasquez — disse Indra. — Ela está no décimo ano, mas só porque pulou um.

Arlo não havia percebido que alguns Patrulheiros estavam no ensino médio. Isso significava que Jaycee tecnicamente podia ser uma Patrulheira. Estremeceu ao pensar nisso. O quarto canto da sala era reservado à Patrulha Sênior, composta por garotos mais velhos que tinham saído das outras patrulhas. Arlo supôs que todos estavam no ensino médio. Wu apontou para um deles.

— Aquele é o Christian, irmão do Connor. Ele é o comandante. — E, realmente, era quase idêntico a Connor, mas com dez centímetros a mais de altura e dez quilos a mais de músculos. — O comandante é o líder de toda a

companhia. É muita responsabilidade.

Foi só então que Arlo notou a ausência de adultos. Ele perguntou a Indra quem era o encarregado.

— Os Patrulheiros são os encarregados da companhia — explicou Indra. — Há adultos, que são chamados de Guardiões, mas em geral eles apenas nos levam até os acampamentos e se certificam de que ninguém perca um dedo. O que quase nunca acontece.

— A não ser por Leo McCubbin — disse Wu.

— Eu disse quase nunca.

Arlo queria saber mais sobre Leo McCubbin e seu dedo perdido; mas, naquele momento, Christian soprou três vezes um apito. Todos pararam o que estavam fazendo e lentamente formaram um círculo no meio da sala. Arlo seguiu Wu e Indra.

— Temos um novo Patrulheiro hoje — disse Christian. — Arlo Finch, apresente-se, por favor, para receber suas cores.

Arlo ouviu as palavras, mas seus pés não obedeceram. Wu e Indra o cutucaram até ele enfim se mexer.

— Arlo Finge — sussurrou um Patrulheiro Vermelho sardento, orgulhoso de si. Christian lançou-lhe um olhar sério que o fez se calar.

— Líder da Patrulha Azul, aceita este Patrulheiro sob o seu comando? — perguntou Christian.

— Aceito — respondeu Connor.

— Então entregue a ele as cores. Patrulheiros, saudar.

Os Patrulheiros levaram o punho direito ao peito. Arlo os imitou.

— Repita depois de mim — disse Christian. Arlo assentiu.

Leal, corajoso, bom e certo...

Guardião do Incomum e do Corriqueiro...

Connor parou na frente de Arlo e desdobrou um novo lenço azul, da mesma cor dos lenços do resto da patrulha. Arlo sentiu-se estúpido por não perceber que as cores da patrulha combinavam com os lenços. Ele não usara o de Tio Wade principalmente porque estava manchado de sangue, mas também porque não tinha certeza de como amarrá-lo. O lenço ainda estava enfiado no seu bolso.

Após passar o lenço azul em volta do pescoço de Arlo, Connor o enfiou por um aro de metal para prendê-lo.

*As matas protejo,
Os fracos defendo,
O caminho marco,
E a virtude almejo.
Espíritos da floresta, prestem atenção
Enquanto o Juramento do Patrulheiro ponho em ação.*

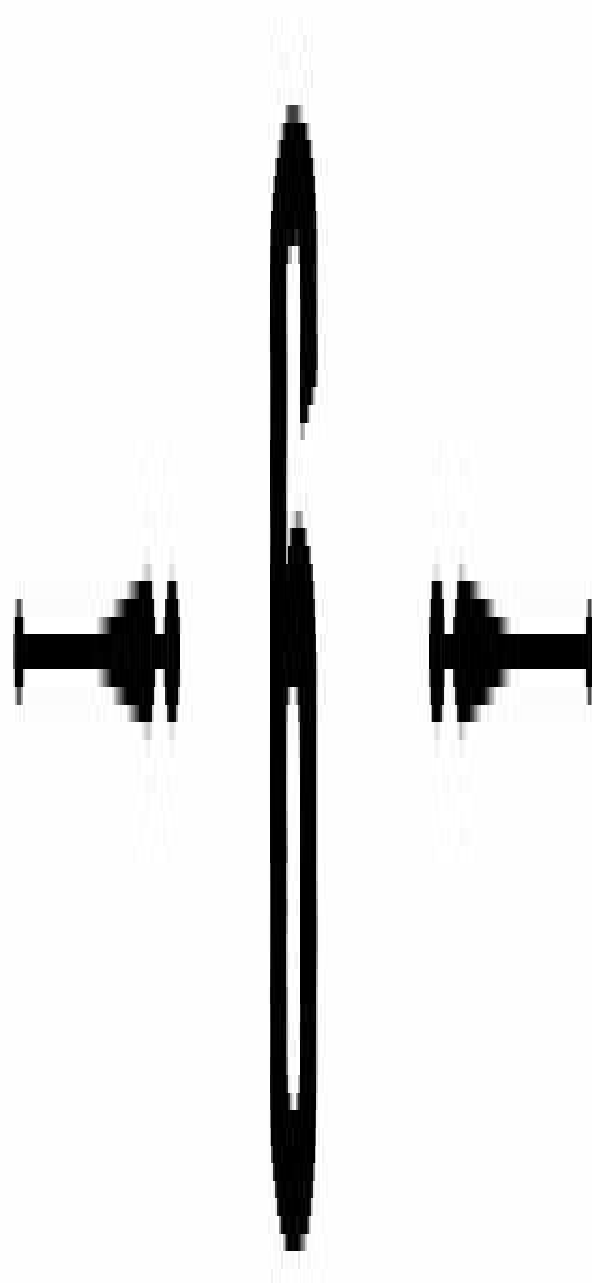
Terminado o juramento, todos relaxaram a posição. Arlo abaixou a mão. Sua palma estava suada.

Christian oficializou:

— Arlo Finch fez o seu Juramento do Patrulheiro. Que o seu caminho seja seguro.

Todos os outros Patrulheiros falaram em uníssono:

— Que sua mira seja certa.



O LIVRO DE CAMPO

O Livro de Campo tinha capa mole, dois centímetros e meio de espessura e era pesado. As páginas eram nítidas e tinham cheiro de novas, mas o texto e as ilustrações eram antigos, como se o livro não fosse atualizado havia décadas.

Arlo recebeu o seu *Livro de Campo* depois da reunião. A intendente da companhia, uma garota da Patrulha Sênior, pegou um exemplar do armário trancado no depósito. Ela escreveu *FINCH* em letras grandes com um marcador preto na parte de cima do livro, nas páginas pelo lado de fora.

— Você só recebe um — disse ela. — Então não o perca.

Arlo não conseguia imaginar perdê-lo de vista um momento sequer. Estava escuro demais para ler no carro no caminho para casa, mas as ilustrações eram misteriosas e fascinantes: armadilhas, criaturas e técnicas de canoagem. Havia vários distintivos na contracapa do livro. Arlo reconheceu alguns da camisa de Tio Wade, mas havia muitos mais, representando rastros de animais, flechas flamejantes e torres de observação.

Ele queria ficar acordado a noite toda lendo o livro — porém, ao mesmo tempo, queria guardá-lo para que pudesse saborear a leitura página por página. Ao virar as páginas e passar por um desenho de barracas, Arlo lembrou-se de súbito:

— Vai ter um acampamento neste fim de semana. Posso ir, né?

— É claro — disse sua mãe.

Quando pararam na entrada de cascalho, Arlo avistou Cooper de guarda ao luar. Ele se perguntou se havia alguma coisa no *Livro de Campo* sobre cachorros fantasmas.

Tinha de haver.



Naquela noite, na cama, Arlo estudou o livro à luz da lanterna até as pilhas acabarem.

O *Livro de Campo* abordava constelações, mapas topográficos, modo de dobrar bandeiras, cuidados com botas, mordidas de cobra, avalanches, purificação de água, nós, carrapatos, conhecimentos sobre totens, ursos, plantas venenosas, armadilhas, caminhadas, rastreamento, afiação de facas,

primeiros socorros, choques, empacotamento, biscoitos palito, sinais de fumaça, sinais de rastros, amarração, conhecimentos florestais, plantas comestíveis, tipoias, talas, fraturas compostas, macas, preservação e tornados.

Porém, não dizia nada sobre cachorros fantasmas. Na verdade, a única referência a *fantasma* no índice remissivo era uma página advertindo sobre os perigos de se acampar em cemitérios. A lista para *espírito* tinha trinta e quatro verbetes, mas a maioria era para espírito no sentido de “trabalho em equipe” em vez de “entidade sobrenatural incorpórea”.

O último terço do *Livro de Campo* era dedicado a patentes e insígnias. Arlo não conseguiu entendê-las à luz da lanterna, mas Indra e Wu explicaram em detalhes no dia seguinte, na escola.

Havia cinco patentes nos Patrulheiros: Esquilo, Coruja, Lobo, Carneiro e Urso.

Mesmo sem olhar para o distintivo no bolso esquerdo da camisa, era muito fácil adivinhar a patente de um Patrulheiro. Os mais jovens eram Esquilos. A maioria dos alunos do oitavo e do nono ano era Coruja. Os mais velhos eram Lobos e Carneiros.

Ninguém era um Urso, pois não havia Ursos.

Wu, Indra e os gêmeos eram Esquilos. Seus distintivos de patente mostravam um esquilo de cauda peluda de perfil, segurando uma bolota nas patas dianteiras. Por serem os membros mais novos, os Esquilos eram alvos de uma boa dose de provocações, leves ou não. Wu contou que, durante um acampamento recente, a Patrulha Vermelha gritara “Alimentem os esquilos!” enquanto jogava pinhas na Azul.

Connor era um Coruja, assim como a maioria dos líderes das patrulhas. O seu distintivo de patente exibia uma coruja caçadora em pleno voo, as asas largas curvadas para cima enquanto as garras apontavam para baixo. Ser merecedor da Coruja exigia sete distintivos de habilidades específicas, muitos dos quais Indra já ganhara. (Wu fora melecado por um besouro-fada enquanto tentava ganhar o seu de Observação.)

A Patrulha Sênior era quase toda formada por Lobos. Os seus distintivos de patente exibiam um lobo uivando com a cabeça erguida para o céu. A maioria dos Patrulheiros levava quatro anos para conseguir virar Lobo, embora Indra calculasse que era possível conseguir isso em até dois anos e meio com o devido planejamento e um passaporte válido.

— Você precisaria ir pra Austrália ou pra Nova Zelândia durante o recesso de Natal, que é no nosso inverno, mas no verão deles, e entrar pra uma

companhia que esteja indo pra um acampamento e ser eleito líder de patrulha. Enquanto estiver lá, você consegue os seus distintivos de Liderança e Rastreamento seis meses antes do que conseguiria aqui. — Indra chegara até a pesquisar uma companhia de Patrulheiros em Auckland que pudesse servir, mas estava esperando até seu próximo aniversário para compartilhar a ideia com seus pais.

Com imensos chifres curvados em uma cabeça flutuante, o distintivo de Carneiro parecia mais um dragão. Christian Cunningham e dois outros garotos do ensino médio eram os únicos Carneiros da companhia.

— A maioria nunca chega a essa patente — explicou Wu. — Há um monte de pedra maestria e climação, que são superdifíceis. É basicamente matemática, mas com rochas e nuvens.

O distintivo de Urso era o mais incomum, pois não retratava um urso, e sim uma árvore desfolhada. Arlo só o vira no *Livro de Campo*, pois nenhum Patrulheiro da Companhia de Pine Mountain obtivera a patente em doze anos. Diziam que Christian iria tentar a sua, mas se esquivava quando lhe perguntavam diretamente a respeito. Wu disse que o treinamento, chamado de Vigília, exigia que a pessoa saísse do Colorado por semanas, havendo um sigilo absoluto sobre o que era ensinado exatamente.

— É coisa superninja Jedi.

Como um novo membro, Arlo não tinha patente, nem um distintivo no bolso.

Ele era o único Patrulheiro sem patente em toda a companhia, mas isso se devia simplesmente à época em que ele entrara. No início de cada verão, cinco ou seis garotos novos entravam para os Patrulheiros, e todos começavam do zero como Arlo. Por volta de setembro, invariavelmente, já tinham ganho os distintivos de Esquilo.

Ter entrado no final do outono deixou Arlo para trás, mas ele estava determinado a recuperar o tempo perdido. Para conseguir a patente de Esquilo, ele teria de preencher os pré-requisitos da contracapa do *Livro de Campo*:

Repetir de memória o Juramento do Patrulheiro. Ele já começara mal. O Juramento tinha apenas trinta e cinco palavras, mas elas simplesmente não paravam direito na sua cabeça. Quando chegava em “os fracos defendo”, sua mente já estava indo para outro lugar.

Era assim com a maioria das coisas que Arlo tinha de memorizar. Após seis anos recitando diariamente em várias escolas, ele ainda se atrapalhava

com o Juramento de Lealdade. Em jogos de beisebol, o hino nacional o deixava completamente tonto; o clarão vermelho dos foguetes parecia se infiltrar a partir de uma canção totalmente diferente.

Demonstrar a saudação do Patrulheiro. Essa era fácil. Para saudar, colocava-se o punho direito sobre o coração, com os nós dos dedos tocando o peito. O polegar precisava ficar por cima dos dedos dobrados, alinhado com o braço, sem jamais fazer o sinal de aprovação ou, pior ainda, enfiado no punho.

Passar três noites acampando com a sua patrulha. Havia um acampamento todo mês, e inclusive um naquele fim de semana.

Mostrar como dar os dez nós de Patrulheiro. Explicar como cada um é usado. Arlo estudou as ilustrações do *Livro de Campo*. Mesmo com as flechas, era difícil acertá-los, mas parecia ser o tipo de coisa que precisava apenas de prática.

Demonstrar a sua proficiência com a bússola de Patrulheiro. Arlo ainda não tinha uma bússola de Patrulheiro, mas Wu descrevera o processo para o teste:

— Eles lhe dão uma forma, como um triângulo ou uma cruz, e você precisa andar no sentido dela e terminar exatamente no mesmo lugar onde começou. A parte mais difícil é manter os passos iguais. — Wu completou o teste de primeira, mas Indra precisou de três tentativas.

Completar com sucesso sua Prova de Patente. Quando tivesse concluído todos os outros requisitos, Arlo teria que demonstrar o que tinha aprendido diante de um conselho de Patrulheiros e responder às suas perguntas.

— Você não sabe quem vai estar no conselho até chegar lá — disse Wu. — E eles podem perguntar qualquer coisa, tipo a profundidade em que você deve enterrar o seu cocô ou a diferença entre kinnikinnick e uva-de-urso. No fim eles votam e, se você não passar, precisa esperar três meses até a próxima prova.

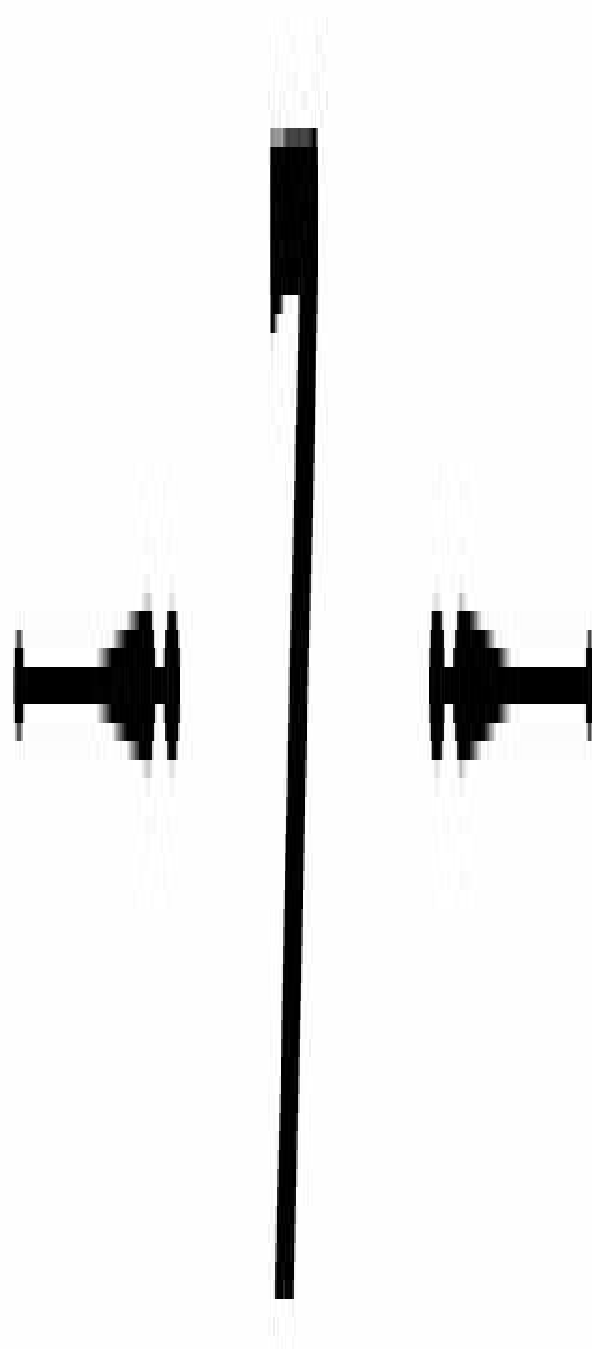
— Você precisa estar preparado pra qualquer coisa — disse Indra.

Com o *Livro de Campo* nas mãos, Arlo tinha a sensação de que podia realmente estar pronto. De distintivos a pinhas, de queimaduras de sol a fogueiras de sinalização, o livro fazia o universo do Patrulheiro parecer ordeiro.

Na tarde daquela sexta-feira, enquanto arrumava sua mochila de acordo com as listas e as ilustrações do livro, Arlo não se preocupou que estivesse se esquecendo de algo. Enquanto seguisse as instruções, tudo acabaria bem. No

que dizia respeito aos Patrulheiros, o *Livro de Campo* tinha todas as respostas.

Exceto para as perguntas que Arlo não tinha pensado em fazer.



O MARAVILHAMENTO

Arlo não conseguia acreditar quão longe havia caminhado. Toda vez que achava que haviam chegado ao topo da montanha, a trilha simplesmente continuava em frente, com outro pico adiante.

A distância não era o problema. Arlo estava acostumado a caminhar. Em Chicago, eles com frequência caminhavam um quilômetro e meio até o museu, mesmo no inverno, quando era tão frio que doía respirar e seus ouvidos começavam a zunir. Porém, Chicago era plana. Tudo no Colorado ficava numa encosta. E havia sempre rochas a se passar por cima ou contornar. Era preciso mais energia para passar por cima de uma rocha ou contorná-la? Ele queria perguntar, mas estava cansado demais para falar.

O seu único consolo era que a caminhada parecia ser igualmente exaustiva para Wu e Indra. Quando estavam colocando as mochilas no carro, eles discutiram se redes contavam como camas ou não. Wu estava convencido de que contavam. Afinal, era possível dormir em uma rede. Indra disse que, pela lógica de Wu, qualquer coisa em que uma pessoa pudesse dormir, por definição era uma cama, fosse um sofá, um carro ou um avião. Wu e Indra tentaram cada um levar Arlo para o seu lado; mas, ao final do primeiro quilômetro, a discussão havia sido abandonada sem que chegassem a uma conclusão.

A companhia inteira estava indo até a Campina do Carneiro, um de seus locais frequentes para acampar.

A responsabilidade pelo planejamento das viagens mensais era revezada entre as patrulhas. Agora era a vez da Patrulha Verde. Eles escolheram a Campina do Carneiro após uma longa discussão e três rodadas de votação secreta. Wu disse que a Patrulha Azul sempre escolhia Três Córregos, que aparentemente era o melhor lugar para se pescar. Arlo nunca pescou, e não gostava de peixe, mas tinha certeza de que sua patrulha estava certa na escolha.

— Esperem — sussurrou Connor. Ele os parou e em seguida apontou para algo dentro da floresta.

— Uau — sussurrou Wu, impressionado.

Indra concordou.

— Não acredito que esteja tão perto.

— Legal — sussurrou Arlo, mas ele não notou nada, não importando o quanto se esforçasse para enxergar algo. Tudo o que podia ver eram árvores. Tudo o que podia ouvir era o seu pulso nos ouvidos. Contudo, sua patrulha inteira parecia estar observando algo extraordinário. Arlo acompanhou o olhar deles. Connor deve ter percebido sua frustração, pois fez sinal para que ele se aproximasse. Com uma leve virada para a esquerda, Arlo viu.

Era um veado, ou um alce — Arlo não tinha certeza do que chamar aquela criatura que só vira em livros ilustrados —, parado na beira da trilha, olhando para eles. O animal estava tão perto que Arlo podia ver o brilho em seus olhos pretos e a textura de seu pelo. Podia vê-lo respirar. Mais do que qualquer criatura que já encontrara na natureza, Arlo tinha a sensação de que aquele animal tinha um nome, uma família, uma história. E então... BUM!

Um tiro de canhão, vindo de trás deles. O veado saiu correndo, apavorado. Arlo olhou para trás e viu a Patrulha Vermelha aproximando-se. Um dos garotos sacudiu as mãos e bateu palmas. O barulho resultante foi mil vezes mais alto do que o esperado, uma verdadeira explosão. Arlo sentiu seu coração dar um pulo.

— Isso não foi legal, Russell — disse Connor.

— É só um veado. Deixa pra lá.

O nome do garoto era Russell Stokes. Arlo o reconheceu como aquele que o chamara de “Arlo Finge” na reunião.

A Patrulha Vermelha passou por eles na trilha estreita. Houve olhares gélidos e resmungos, mas não trocaram uma só palavra.

— O que foi aquilo? — perguntou Arlo assim que a outra patrulha se afastou o suficiente para que não o ouvisse. — Como ele fez aquilo?

— Se chama trovotapa — disse Wu. — Você não aprende a fazer isso antes de chegar a Coruja.

— Mas o que é? — perguntou Arlo quando começaram a andar de novo. — Quero dizer, é como, bem, é... — Ele se esforçou para encontrar um termo diferente, algo que explicasse o que ele queria dizer sem que parecesse loucura, mas no fim somente uma palavra fazia sentido: — É magia?

— Não é magia — disse Indra.

Wu concordou.

— Magia são feitiços e coisas assim. Os Patrulheiros não fazem isso. — Vendo o olhar de Indra, ele acrescentou depressa: — Bem, não devemos fazer isso.

— Mas o que Russell fez é impossível — disse Arlo. — Não é natural. Pessoas não podem fazer aquilo.

O trio ficou um pouco para trás do resto do grupo para que pudessem conversar com privacidade.

— Você sabe andar em corda bamba? — perguntou Indra.

— Não — respondeu Arlo.

— Mas já viu pessoas andarem em cordas bambas, tipo na tv. Você sabe que é algo que pessoas podem fazer.

— Sim.

— Então como você acha que elas fazem isso?

— Elas aprendem. Praticam.

— Exatamente. Um trovotapa é uma habilidade, assim como andar em uma corda bamba. Só por que a maioria das pessoas não consegue fazer não significa que é magia.

— Mas por que nunca vi algo assim até hoje? — perguntou Arlo.

— Porque só funciona em certos lugares — respondeu Wu.

Indra estendeu a mão esquerda.

— Imagine que isto é o mundo normal. Todos os lugares em que você já esteve. Todas as cidades grandes. Todas as cidades pequenas. — Então ela estendeu a mão direita. — Imagine que isto é a Floresta Longa. Não é o nosso mundo, mas fica logo ao lado. Normalmente, você nunca a veria, nunca saberia que ela está ali. Exceto por haver alguns lugares onde os dois mundos encostam de raspão um no outro. — Indra passou uma mão sobre a outra, fazendo com que elas se tocassem bem levemente. — Quando fazem isso, é criada uma fricção. Energia.

— Como eletricidade estática? — perguntou Arlo.

Indra e Wu trocaram um olhar, impressionados. Arlo estava entendendo.

— Existe bastante dessa energia nestas montanhas. Se souber como usá-la, como focalizá-la e moldá-la, é possível fazer coisas com ela.

— Quando vou aprender isso? — perguntou Arlo.

— Já começou a aprender — respondeu Wu. — Você agora é um Patrulheiro.



A Campina do Carneiro valia a caminhada.

A dois terços do caminho montanha acima, a clareira possuía vastos campos de flores silvestres e pedregulhos imensos que pareciam dedões de

pés de gigantes. Criaturas semelhantes a coelhos chamadas *pikas* observavam das rochas cobertas de limo.

Depois de alguma discussão com a Patrulha Vermelha sobre lugares para acampar, os Azuis escolheram o seu lugar e armaram as barracas. O jantar eram salsichas e feijões cozidos sobre a fogueira. A comida estava ainda mais deliciosa devido à fumaça e ao cansaço.

Arlo nunca havia se sentado em volta de uma fogueira. Era estranhamente hipnotizante, como assistir a uma televisão com apenas um canal. A lenha desintegrava-se lentamente em brasas incandescentes. Flocos esbranquiçados de cinzas saíam voando, carregados por correntes de ar invisíveis.

Um lampejo atraiu sua atenção. Longe dali, alguns dos Patrulheiros da Patrulha Sênior estavam enfileirados. Um por um, eles estavam apontando os dedos, disparando filetes brancos de luz que cortavam em arco o céu noturno antes de enfraquecerem lentamente e caírem.

— Aquilo são fogos de artifício? — perguntou Arlo.

— São estaluzes — respondeu Indra.

— É como se você estivesse estalando os dedos — explicou Connor. — Mas, em vez de som, você produz luz. — Ele se levantou e fez uma demonstração. Connor estalou os dedos. Surgiu um clarão, que disparou para longe feito um cometa minúsculo. — É só luz, sem nenhum calor, então não dá para colocar fogo em nada. Os Patrulheiros usam o tempo todo. São melhores do que lanternas.

Arlo tentou, mas nada aconteceu. Era como tentar chamar a atenção de alguém e não conseguir.

— Imagine que o ar é um pedaço de papel — disse Connor. — Você está tentando fazer uma dobra. A luz segue essa borda.

— É tudo questão de ritmo — explicou Wu. Ele demonstrou, mas a luz mal saiu da ponta de seus dedos. Apagou antes mesmo de ter surgido.

A estaluz de Indra era mais como um vagalume, um brilho tênue que diminuiu rapidamente.

Os gêmeos Julie e Jonas tinham estaluzes um pouco melhores, e cada uma durou cerca de três segundos. Sua irmã mais velha fizera parte dos Patrulheiros, então haviam aprendido com ela.

Nenhuma das estaluzes deles podia se comparar à de Connor. Ele era capaz de disparar três, uma atrás da outra, ou de fazê-las saltar como uma pedra pulando pela superfície de um lago.

Arlo continuou tentando, mas tudo o que conseguiu foi dedos doloridos.

— Você vai conseguir — disse Connor. — Leva uns dois meses.

Ao ver as luzes cruzando a campina, Arlo lembrou a si mesmo de que não era tecnicamente magia, embora sem dúvida parecesse.

— Por que ninguém fala sobre isso? Estaluzes e trovotapas... as pessoas em Chicago ou na Filadélfia ficariam espantadas. Por que não vejo vídeos disso na internet?

— É chamado Maravilhamento — disse Connor. — Não dá pra fotografar ou gravar. Só é possível ver pessoalmente.

Wu colocou outro marshmallow em um graveto para tostá-lo.

— É como quando há uma lua cheia e ela parece gigantesca, mas quando você tira uma foto, ela parece com o tamanho normal.

— Não é nada disso — disse Indra. — Você está falando sobre uma ilusão. Estaluzes e trovotapas são reais. Eles só não podem ser fotografados.

— Como a lua gigante!

— Você ainda teria uma foto da lua! Ela só não pareceria grande. Se você tentar tirar uma foto de uma estaluz ou de um besouro-fada, nada aparece.

— Mas daria pra contar a alguém sobre eles — disse Arlo. — Daria pra descrever como eles são.

— Ninguém acreditaria em você — disse Wu, assoprando o seu marshmallow em chamas para apagá-lo. — Esse é o Maravilhamento. A mesma razão de só funcionar aqui, de só fazer sentido aqui.

— E lugares como aqui — acrescentou Connor. — Há Patrulheiros por todo o mundo.

— Porque a Floresta Longa está por toda parte? — deduziu Arlo.

— Exatamente — respondeu Connor. — Mas quanto mais se está afastado da borda da Floresta Longa, menos Maravilhamento existe. Não são só estaluzes e trovotapas, é a própria ideia deles. Desaparece como um sonho.

Arlo pensou em sua mãe passando a infância em Pine Mountain. Ela devia ter conhecimento dessas coisas quando era criança. Porém, com o passar do tempo, aquelas lembranças desapareceram. Ele sentiu pena da mãe. A infância dela devia ter sido repleta de Maravilhamento, mas ela não conseguia se lembrar.

— Mesmo na cidade, o Maravilhamento não é tão forte — disse Jonas. — Não dá pra fazer uma estaluz ou algo assim. Nossa mãe nem mesmo pensa nisso. Ela não faz ideia do que podemos fazer aqui em cima.

— Mas os adultos da cidade sabem sobre a Floresta Longa, não sabem? — perguntou Arlo. Ele se virou para Wu. — Como a enfermeira na escola: ela

estava ajudando você a limpar a gosma púrpura. Então ela deve saber sobre os besouros-fadas.

— Não exatamente — disse Wu. — É estranho. Com a maioria dos adultos, é como se eles soubessem, mas não sabem. Eles sempre encontram outra explicação.

Connor concordou.

— Meu pai fazia parte dos Patrulheiros quando era garoto. Mas, quando lhe perguntávamos sobre isso, era evidente que ele não se lembrava direito. É como se as suas lembranças fossem em preto e branco e não a cores.

— Uma teoria é de que o Maravilhamento é como uma defesa natural — disse Indra. — É como a Floresta Longa permanece secreta: fazendo-o esquecer de que ela existe.

Connor foi chamado para uma reunião dos líderes das patrulhas para discutir planos para o dia seguinte. Sentado em volta da fogueira, Wu comentou como Connor era muito melhor com estaluzes e trovotapas.

— Não é de espantar, considerando o que ele passou — disse Indra. — Ele teria que ser melhor, só pra sobreviver.

— Como assim? — perguntou Arlo.

Ela claramente esperava que ele fizesse a pergunta.

— Tudo isso aconteceu quando éramos pequenos. Tipo, quando tínhamos três anos. Então não é como se lembrássemos realmente do que houve.

— Mas todo mundo sabe — disse Wu. — Nossos pais nos contaram.

— Nossa irmã estava lá — acrescentou Jonas, tostando um marshmallow. — Ela estava no jardim de infância com os dois.

— Os dois quem? — perguntou Arlo.

— E Connor fala sobre isso às vezes, mas é melhor você nunca puxar o assunto primeiro — disse Indra. Todos olharam para ver se ele ainda estava longe o bastante para não ouvir. — Então, quando Connor tinha, tipo, cinco ou seis anos, sua família foi acampar em Highcross. É um lugar muito bonito, mas não vamos mais lá.

— Obviamente — disse Wu.

Indra continuou.

— Connor estava lá, e o seu irmão Christian e a sua prima Katie. Estavam brincando de esconde-esconde. Christian procurava por eles, mas não conseguia encontrá-los em lugar algum. Gritava os nomes deles, mas ficou sem resposta. Estava começando a ficar escuro, então ele contou aos pais. Ninguém conseguiu encontrar Connor e Katie. Naquela noite, a cidade inteira

começou a procurá-los. Houve equipes de busca e cães farejadores. Mandaram helicópteros de Denver.

— Tinham até médiuns, xamãs e tudo — disse Wu.

— Como os encontraram? — perguntou Arlo.

— Eles nunca encontraram. — Indra fez uma pausa para causar um efeito dramático. — A busca continuou por três semanas, e no fim foi interrompida, pois não havia como alguém ainda estar vivo lá.

Arlo estava confuso.

— Mas Connor está vivo.

— Um mês depois de sumirem, Connor apareceu de repente no Canadá, a milhares de quilômetros de distância. Ninguém sabia explicar como ele tinha chegado lá. Connor não se lembrava de nada depois de estar brincando de esconde-esconde. Ele não fazia ideia de onde Katie estava.

— Nunca a encontraram? — perguntou Arlo.

— Não — disse Wu. — Nenhum sinal dela.

— Nossa mãe diz que os trolls a pegaram — disse Julie. Era a primeira vez que ela falava em uma hora.

— Trolls existem? — perguntou Arlo.

— Na Floresta Longa? É claro. O *Livro de Campo* não lista nem metade das coisas que você pode encontrar lá — disse Indra. — Oficialmente, a polícia diz que alguém deve ter sequestrado os dois, e que Connor escapou. Mas todo mundo aqui sabe que eles provavelmente entraram de algum jeito na Floresta Longa. É por isso que ninguém conseguiu encontrá-los; eles nem estavam mais em nosso mundo. Connor conseguiu sair de alguma forma, mas no Canadá em vez do Colorado.

— Porque a Floresta Longa está por toda parte — disse Arlo.

— Exatamente — disse Wu. — E as distâncias não são as mesmas. Você pode andar quinze quilômetros pela Floresta Longa e acabar no Brasil.

— A parte mais difícil é não morrer — disse Indra. — A maioria dos adultos, até mesmo os Guardiões, não duraria uma noite na Floresta Longa. Uma criança de cinco anos sobreviver lá por uma semana, o que dirá um mês, é sem precedentes.

Quando sua reunião terminou, Connor começou a caminhar de volta para a fogueira. Eles precisavam encerrar o assunto. Mas, antes, Arlo tinha de fazer uma pergunta importante:

— A prima de Connor... se ainda estivesse na Floresta Longa, ela teria mais ou menos nossa idade agora, certo?

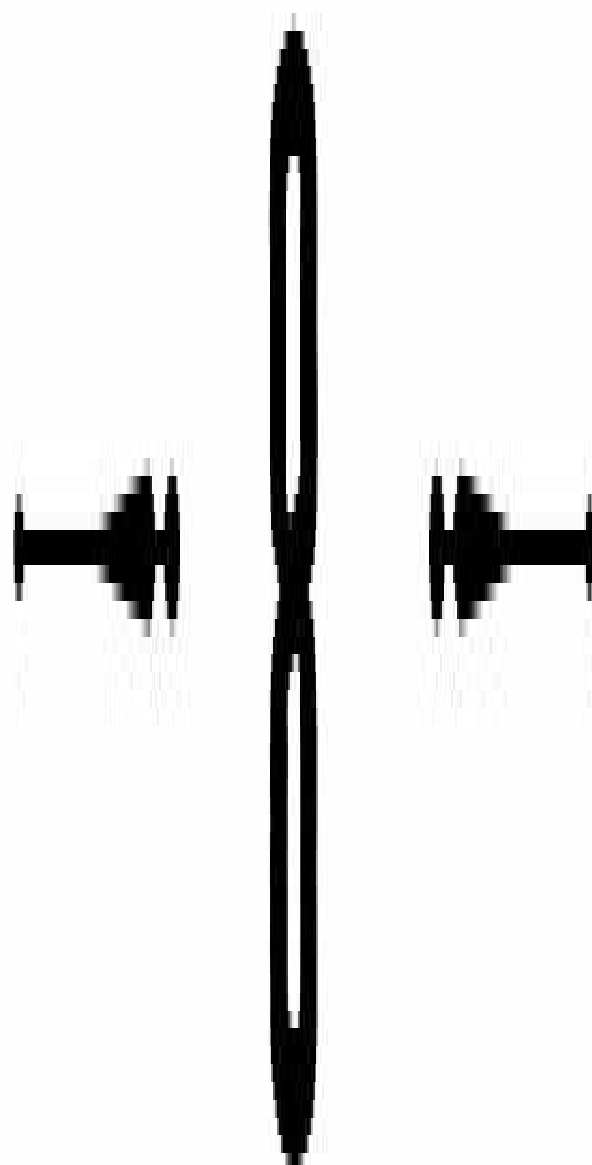
— Acho que sim. Mas não tem como ela ainda estar viva — disse Wu.

Enquanto bebia seu chocolate quente sem graça, Arlo visualizou a garota que vira pela janela e o modo como reagira quando ele dissera “Pine Mountain”. As ideias lhe vieram de repente à mente.

Talvez ela conhecesse o nome Pine Mountain porque era onde costumava morar.

Porque era a prima desaparecida de Connor.

E, se isso fosse verdade, Arlo era o único que sabia que ela estava viva.



LUZES NO ESCURO

Arlo acordou sem saber onde estava.

Na penumbra, viu sombras parecidas com dedos acima dele, balançando de um lado para o outro. À sua direita, um animal invisível rosnava.

Para piorar, seus braços estavam imobilizados, presos ao lado do corpo. Ele começou a entrar em pânico.

Então se lembrou de que estava acampando.

A barraca, que parecia tão espaçosa quando a armaram, era muito menor com os sacos de dormir espalhados. Jaquetas estavam empilhadas em cima de botas ao lado da entrada com zíper.

O animal rosnante era Wu. Ele roncava de um jeito que parecia impossível, fazendo barulho quando inspirava e quando expirava. Não era particularmente alto, só que todo o resto estava muito silencioso. Arlo podia ouvir o vento na grama e o borbulhar de um riacho distante. Era como aumentar o volume da estática em um rádio e ouvir os sons de fundo como música.

Os braços de Arlo estavam de fato presos, porque o saco de dormir era bastante estreito. Connor os chamava de “sacos de múmia”, mas eram mais como casulos, ou jaquetões de inverno forrados. Eles iam afinando até só ter espaço suficiente para os pés.

O saco de dormir de Connor era novo, de primeira linha, projetado para alpinistas que escalavam o Monte Everest. Foi comprado num catálogo que vendia caiaques desmontáveis e fogões minúsculos.

Já o de Arlo veio do fundo do depósito da administradora. Provavelmente havia sido usado por cinquenta Patrulheiros diferentes ao longo dos anos. Cheirava a nylon, cuspe, fumaça e protetor solar, mas ele tinha de admitir que o deixava bem aquecido. Arlo sentia o ar noturno gelado em seu rosto, mas seu corpo estava quentinho.

Ele se virou e tentou dormir de novo.

O travesseiro era na verdade o seu blusão, dobrado e enrolado no capuz do modo como Wu lhe mostrara. Era confortável o suficiente. Porém, havia uma pedra em algum lugar debaixo do seu quadril. Teve que se remexer bastante até encontrar uma posição em que a pedra não o cutucasse.

E então ele percebeu que precisava fazer xixi.

Mas será mesmo?

Dava para esperar?

Afinal, ele presumiu que logo amanheceria, sem realmente fazer qualquer ideia da hora e sem estar de relógio, mas certo de que a manhã devia estar mais próxima do que a noite, levando em consideração o fato de que adormecera e acordara.

Arlo concluiu que podia esperar. Seria mais fácil assim.

Foi então que ouviu um bipe. Era um toque digital único e baixo. Vinha de trás dele.

Arlo se virou na direção de Wu. O rosnador adormecido estava com o braço para fora do saco de dormir. Havia um relógio digital em seu pulso.

Arlo deslizou a mão para fora do saco e tocou com cuidado no relógio de Wu até encontrar o botão de luz.

Era meia-noite. Meia-noite. Ele só dormira por duas horas. Havia mais seis horas até o amanhecer. De jeito nenhum ele aguentaria até de manhã para fazer xixi. Arlo abriu o zíper do saco de dormir o mais silenciosamente possível, cuidando para não acordar Connor ou Wu.

Não teve dificuldade para encontrar suas botas, e não se preocupou em amarrá-las direito.

O casaco de Connor estava no topo da pilha. A jaqueta sem dúvida tinha vindo do mesmo catálogo do saco de dormir, projetada para aventuras alpinas de homens barbudos com óculos de sol espelhados presos ao rosto por tiras, como óculos de proteção. Tinha dezessete bolsos e ilhoses especiais para pendurar acessórios. A jaqueta tinha tantos tecidos de marca registrada que provavelmente era à prova de balas.

O casaco de Arlo estava na parte de baixo da pilha. Tinha apenas dois bolsos, com botões de pressão em vez de zíperes, e um capuz com metade da cordinha puxada para fora. O punho da manga direita ainda estava úmido do chocolate quente que ele derramara mais cedo.

E então Arlo teve uma ideia: simplesmente usar o casaco de Connor.

Connor não saberia nem se importaria. Na verdade, se estivesse acordado, ele provavelmente diria: “Por que você está perguntando? É claro que pode usar”. Diria isso porque Patrulheiros são bons — está no Juramento. Seria bom da parte de Connor deixar Arlo usar o seu casaco estupendo em vez do casaco de má qualidade com bolsos de botões e chocolate quente no punho da manga.

E, uma vez que o casaco tivesse sido oferecido, seria igualmente bom da

parte de Arlo aceitar. Ser *bom* geralmente significava também ser *educado*, e o oposto de *educado* era *grosseiro*; jamais havia uma boa razão para se ser grosseiro.

Assim, em nome da bondade, Arlo vestiu a jaqueta de Connor. Era sensacional, como enfiar os braços em um devaneio. Ele não queria mais tirar o casaco.

Arlo abriu o zíper da barraca apenas o suficiente para se esgueirar para fora.



A noite estava congelante e fez Arlo despertar de imediato. Contudo, o casaco incrível de Connor mantinha o seu torso aquecido. Até mesmo os bolsos eram forrados com lã de microfibra.

Sem o brilho alaranjado da fogueira, as barracas pareciam escuras e abandonadas, aglomeradas como rinocerontes adormecidos. Arlo percebeu que era provavelmente o único Patrulheiro acordado. Até os adultos estavam dormindo.

Talvez fosse a única pessoa acordada em todo o vale.

Arlo olhou para cima, espantado por ver tantas luzinhas. Era uma noite sem lua. Todos os espaços entre as estrelas brilhantes revelavam estrelas menores e mais fracas. Ele podia avistar, logo acima das árvores, uma mancha vasta de luz — a Via Láctea, ou pelo menos um braço dela. Arlo a vira em um planetário em Chicago, mas nunca ao vivo.

De pé, sozinho na floresta, debaixo de dezenas de milhares de estrelas cintilantes, Arlo Finch sentiu-se pequeno, mas não de um jeito ruim. Ao contrário, a sensação era a de ser permitido fazer parte de um segredo sobre a vastidão do Universo, como um peixinho dourado libertado no oceano.

Arlo passou algum tempo em contemplação silenciosa enquanto sua respiração condensava no ar noturno. Perguntou-se se o seu pai via as mesmas estrelas na China. Ficou pensando em quantas daquelas estrelas tinham nomes e quem os tinha dado e se davam nomes bobos como Sabichona, pois qual seria o problema?

Arlo ficou imaginando se algum garoto em um planeta em órbita de alguma daquelas estrelas estava olhando na direção da Terra pensando as mesmas coisas. Levando em consideração quantos bilhões de estrelas havia no Universo, parecia provável — talvez inevitável — que houvesse outros mundos quase como este. A mente de Arlo estava a mil por hora.

E sua bexiga estava cheia. Ele realmente precisava fazer xixi.

Arlo seguiu na direção das árvores. Ele não sabia qual era a distância apropriada das barracas para urinar. No dia seguinte, procuraria isso no *Livro de Campo*. Esta noite, ele confiaria nos seus instintos.

Encontrou uma árvore apropriada para o seu propósito na borda da clareira. Quando estava terminando, avistou alguma coisa.

Uma luz.

Estava mais no interior da floresta — era do tamanho da luz de uma lanterna, mas, sem dúvida alguma, não era uma lanterna. Arlo observou enquanto a luz balançava e dava voltas nas árvores. Estava flutuando, ou voando.

Ou dançando. Não havia música, mas Arlo teve a impressão de que a luz se movia num ritmo, ficando levemente mais brilhante ou mais fraca de acordo com uma batida constante.

De repente, havia outra luz. Era do mesmo tamanho, mas um pouco mais rosada. As duas luzes rodopiavam, uma perseguindo a outra como pássaros no parque. Quanto mais rápido se moviam, mais pareciam borrões, deixando rastros esfumacados e cintilantes no ar.

Arlo chegou mais perto, tomando cuidado para não as assustar.

Ao que parecia, eram apenas esferas brilhantes de luz. Cada uma era do tamanho de uma bola de beisebol, sem asas visíveis. O que significa que era impossível que voassem. Porém, cachorros fantasmas e besouros-fadas eram igualmente impossíveis e pareciam reais, de modo que o ceticismo de Arlo andava bem baixo nos últimos dias.

Arlo ficou imaginando se eram estaluzes que de alguma forma haviam criado vida. Ele vira os Patrulheiros mais velhos dispararem estaluzes que pairavam no ar por vinte segundos antes de caírem lentamente. E se algumas estaluzes nunca caíam, mas continuavam vivendo?

E então ele pensou, *E se isso for o Maravilhamento?* Todas as coisas impossíveis que de repente deixavam de ser.

Um graveto se quebrou debaixo de seu pé. As luzes dançantes pareceram ouvir, pois pararam de voar uma atrás da outra e pairaram no ar por um momento. Arlo congelou no lugar.

Elas podiam vê-lo? Será que tinham olhos?

Depois de um tempo, as luzes começaram a rodopiar de novo, entrando ainda mais na floresta. Arlo estava determinado a ser mais sorrateiro dessa vez, e avançou de árvore em árvore com cuidado para que não o notassem.

O solo onde pisava estava ficando cada vez mais lamacento. Arrependeu-se de não ter amarrado direito as botas — os cadarços estavam se arrastando no lodo. Mas não podia parar para amarrá-los, porque as luzes estavam se movendo mais depressa. Era difícil mantê-las à vista ao mesmo tempo em que tentava permanecer o mais oculto possível.

Uma das luzes voou diretamente para cima, rodeando uma árvore alta. Arlo a observou esconder-se entre os galhos, ficando mais fraca enquanto a outra procurava por ela. Era sorrateira, tendo o cuidado de manter-se do outro lado do tronco. Arlo aproximou-se sem tirar os olhos delas.

De repente, a segunda luz passou voando por Arlo, tão perto que ele sentiu um deslocamento de ar. Aquelas coisas possuíam “massa”, afinal de contas. A esfera brilhante parou diante de Arlo, suspensa no ar. E então piscou. Ela ficou mais fraca por um segundo, mas Arlo podia jurar que era de propósito. *Estou vendo você*, ela dizia. E não estava com medo.

Arlo teve a impressão de que devia dizer algo.

— Olá?

A luz piscou de novo.

— O que você é? Alguém criou...

Antes que Arlo pudesse terminar a pergunta, a luz voou para longe de repente, juntando-se à sua amiga e adentrando ainda mais a floresta. Ele as seguiu. Dessa vez não se preocupou em ser sorrateiro. Correu para acompanhá-las. As luzes diminuíram a velocidade e então pararam, aparentemente esperando que ele as alcançasse. Aos poucos, subiram cada vez mais alto. Arlo apertou o passo para não perdê-las de vista quando, de repente... BUUUUUM!

Um trovotapa estrondoso ressoou pela floresta. Arlo quase deu um pulo.

— Pare! — gritou a voz de um garoto.

Arlo procurou entre as árvores a origem do grito. Uma estaluz surgiu de súbito, revelando Connor a trinta metros de distância às suas costas. Connor não estava usando casaco, e Arlo percebeu na mesma hora o porquê.

— Desculpe! — gritou Arlo. — Não achei que você...

— Não se mova! — Connor disparou mais duas estaluzes e aproximou-se devagar.

Arlo ergueu os olhos para as luzes brilhantes que estava seguindo. Elas giravam uma em volta da outra, observando. Com a iluminação das estaluzes de Connor, ele pôde ver que eram mais que simples luzes. Havia sombras rodopiantes em volta delas, como ossos feitos de fumaça.

— O que são?

— Fogos-fátuos. Estão tentando matar você.

Connor mirou outra estaluz atrás dos pés de Arlo, revelando a beira de um buraco. Dois metros abaixo, estacas de madeira afiadas apontavam para o alto como lanças. Era uma armadilha simples, porém mortal, e Arlo correria até a beira dela.

Mais um passo e Arlo Finch teria caído. Ele recuou com cuidado.

Connor parou ao seu lado.

— Cubra os ouvidos.

Arlo enfiou os dedos nos ouvidos com força. Connor esfregou as mãos de um jeito especial e então as bateu, disparando outro estrondo de trovão na direção dos fogos-fátuos.

As luzes vivas rodopiaram. Arlo sentiu que estavam bravas ou confusas. Seu plano de atraí-lo até a armadilha quase funcionara.

As luzes balançaram, deram uma volta e então voaram para dentro da floresta, sumindo de vista.

Ao se virar, Arlo pôde ver luzes de lanternas e estaluzes à medida que Patrulheiros e Guardiões chegavam alertados pelos trovotapas.

Connor disparou uma estaluz para o alto para mostrar onde estavam.

— Vocês estão bem? — gritou um dos Guardiões.

— Estamos! — respondeu Connor. Então sussurrou: — Não diga nada sobre os fogos-fátuos. Ou vão nos mandar pra casa hoje.



Os Guardiões acreditaram na história de Connor de que Arlo se perdera na floresta, mas Indra não. Assim que os adultos partiram, ela entrou de mansinho na barraca deles e exigiu que eles contassem a história que realmente havia acontecido.

Com a bênção de Connor, Arlo contou a ela e a Wu exatamente o que tinha acontecido.

— Por que fogos-fátuos estariam tão longe da Floresta Longa? — perguntou Indra.

— Não sei — disse Connor.

— Talvez estivessem com fome — sugeriu Wu. — O *Livro de Campo* diz que atraem criaturas pra morte pra comerem suas almas.

— Então quem preparou a armadilha? — perguntou Arlo. — Eles não têm mãos. Alguém deve ter preparado aquilo.

— E não era uma armadilha velha — disse Connor. — Acampamos aqui o tempo todo. Nós a teríamos visto antes.

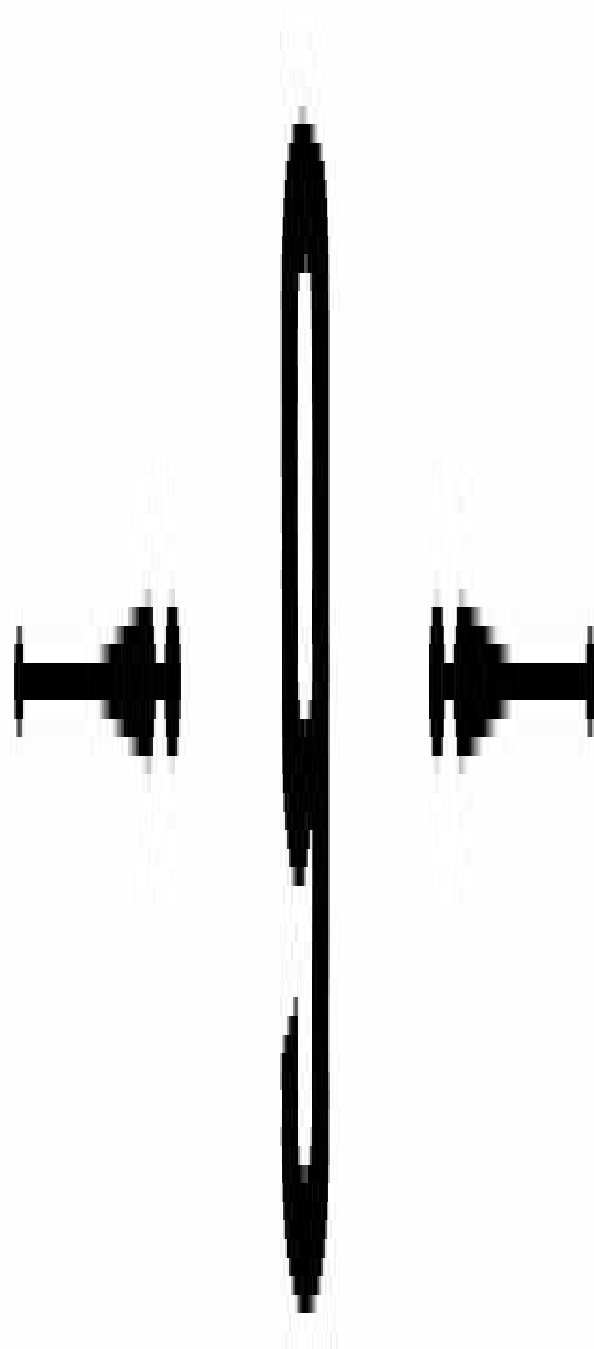
Indra estava certa de que tinha a resposta.

— Alguém preparou a armadilha e enviou os fogos-fátuos para atraí-lo até ela. Não foi um acidente ou uma coincidência. Foi planejado.

Arlo ficou tonto.

— Está dizendo que alguém está tentando me matar?

— Claro que não — disse Indra. — Eles estavam tentando matar Connor. Você apenas estava usando o casaco dele.



A FRIGIDEIRA DOURADA

A Frigideira Dourada era o único restaurante de Pine Mountain, a não ser que se contasse os cachorros-quentes do posto de gasolina.

Até onde todos lembravam, o restaurante estivera sempre ali. Fotos emolduradas nas paredes mostravam o estabelecimento com todas as eras de carros estacionados na frente — e até alguns cavalos. Em uma foto, dois homens com pás abriam caminho até a porta através da neve acumulada. Somente o letreiro da Frigideira Dourada no telhado estava visível.

— Aquele era o seu avô — disse a mãe de Arlo, apontando para um dos homens.

Arlo apertou os olhos, mas não conseguiu ver os detalhes do rosto. A foto em preto e branco era granulada, e o vidro da moldura tinha uma camada de poeira e gordura.

— O vô trabalhou aqui? — perguntou Jaycee ao instalar o notebook em uma mesa de canto.

— Não, mas a neve naquele ano foi tão ruim que todos tiveram de ajudar. A cidade ficou isolada por semanas até que finalmente conseguiram liberar a estrada.

O notebook de Jaycee fez uma série de barulhos familiares.

— Estamos conectando — disse ela. Arlo sentou-se ao lado dela na mesa, observando enquanto caracteres aleatórios rolavam pela tela do notebook. Por causa do que acontecera com o FBI, eles tinham de usar um programa especial para falar com o pai na China.

— Você está cheirando feito uma fogueira suada — disse Jaycee. Arlo cheirou a manga, mas não sentiu cheiro algum. Ela provavelmente tinha razão. Arlo viera direto do acampamento.

De repente, seu pai estava na tela.

— Ei, crianças. Como vai a vida na montanha? — O vídeo travou um pouco, mas acabou estabilizando. O pai de Arlo era magro, usava barba e óculos, e estes pareciam uma parte essencial do seu rosto. Arlo ficou aliviado pelo fato de que, por mais loucas que as coisas parecessem, seu pai continuava exatamente o mesmo.

Enquanto comiam panquecas e batatas fritas — era mais hora do almoço

do que do café da manhã —, Arlo e Jaycee contaram ao pai o que acontecera desde que chegaram a Pine Mountain. Arlo omitiu algumas coisas, como quase ter sido morto em um buraco de estacas afiadas por fogos-fátuos brilhantes que saíram da Floresta Longa. Também não mencionou outros detalhes, como trovotapas, estaluzes e Cooper, o cachorro fantasma, que vigiava a casa em silêncio.

Contou ao pai principalmente sobre a escola (“É legal”) e os Patrulheiros (“É divertido”).

De qualquer forma, Jaycee foi quem falou mais, descrevendo em detalhes suas aulas, seu armário na escola e sobre como estava pensando em mudar do clarinete para o tarol na banda marcial. Disse que um dos taroleiros tivera mononucleose, que parecia algo saído de um filme de super-heróis, mas que na verdade era bem comum, e que isso abrira uma vaga para um novo. Arlo ficava espantado com o quão diferente Jaycee era quando falava com o pai. Na vida normal, ela era rabugenta e emburrada, mas, com o pai, ela se animava, sorria e gargalhava.

Sua mãe não falou muito. Arlo sabia que seus pais trocavam e-mails e que às vezes conversavam pelo telefone, especialmente sobre dinheiro e aquele advogado na Califórnia que estava tentando tornar segura a volta de seu pai para os Estados Unidos. As chamadas de vídeo eram apenas para Arlo e Jaycee, para que não parecesse que seu pai estava tão longe.

Depois de cerca de quinze minutos, um alerta familiar apareceu no canto da tela. O aviso dizia que estavam “perdendo o *proxy*”, o que significava que tinham menos de dez segundos antes de a chamada ser interrompida. Apertando-se para caberem na frente da câmera, cada um mandou um “te amo” e “tchau” rápido. Então a conexão foi encerrada.

Eles foram deixados se abraçando, assistindo a uma imagem congelada e pixelada de seu pai. Jaycee tirou um print da tela e o guardou em uma pasta.

Sua mãe foi até o balcão pagar a conta enquanto Arlo terminava suas panquecas.

Jaycee falou em voz baixa, o que nunca era um bom sinal.

— Vou arranjar um emprego.

— Onde? — perguntou Arlo.

— Aqui na lanchonete. Tem uma placa na vitrine. Estão contratando uma garçonne em meio período.

— Você nunca foi garçonne.

Arlo não conseguia imaginar a irmã carregando uma bandeja de comida.

Sem dúvida ela era forte o suficiente. Era mais forte do que a maioria das garotas da sua idade, mas era desajeitada. Na época em que costumavam brincar de pega-pega no parque, ela tropeçava a toda hora. Sempre culpava os sapatos, mas Arlo tinha certeza de que os pés dela não estavam ligados corretamente ao cérebro.

— Posso fazer isso — disse Jaycee. — E precisamos do dinheiro. Então, se o assunto surgir, diga à mãe que não precisa que eu fique cuidando de você.

— Não preciso! — exclamou ele.

— Exatamente.

Sua mãe voltou do balcão com um sorriso que Arlo não via há algum tempo.

— Tenho uma boa notícia! — disse ela. — Sua mãe acabou de ser contratada como garçoneiro. Começo amanhã.

Arlo teve o cuidado de não olhar para a irmã. Não precisava. Sabia o olhar que ela tinha nos olhos.



De volta em casa, Arlo foi lavar algumas roupas, tendo cuidado para que a água não transbordasse conforme a lavadora enchia.

— Uma em cada vinte vezes, ela simplesmente não para de encher — Tio Wade o advertira. — E então o carpete fica encharcado por semanas.

A água chegou a dois centímetros e meio da borda, mas a máquina enfim começou a funcionar quando a válvula foi fechada. Arlo observou enquanto o misturador começava a girar de um lado para o outro. Os últimos pedaços de tecido desapareceram debaixo das ondas.

O cérebro de Arlo parecia o seu uniforme, girando de um lado para o outro, incapaz de parar. Inúmeras perguntas disputavam sua atenção. Quem preparara a armadilha na floresta? Ela tinha sido feita realmente para Connor? Alguém enviara os fogos-fátuos? Se sim, quem? Por quê? O que isso tinha a ver com a garota que ele vira na janela? Ela podia ser mesmo a prima perdida de Connor? E por que ela o avisara de que estava em perigo?

Toda vez que tentava se concentrar em uma pergunta, outra tomava o seu lugar. Todas elas estavam irremediavelmente interligadas.

Arlo imaginou seu pai enfrentando a mesma situação. *Cada problema grande é apenas um monte de problemas pequenos*, diria ele. *Não importa se é preparar o jantar ou voar até a lua. Você precisa dividi-lo em etapas.*

Quando seu pai trabalhava, havia quadros brancos, fichas e cadernetas

pretas com listas. Arlo não entendia realmente o que ele estava fazendo — algo sobre como saber quando alguém está escutando uma conversa privada —, mas compreendia o processo. Seu pai começava com coisas complicadas e encontrava maneiras de torná-las menores e mais fáceis.

Talvez Arlo pudesse fazer isso.

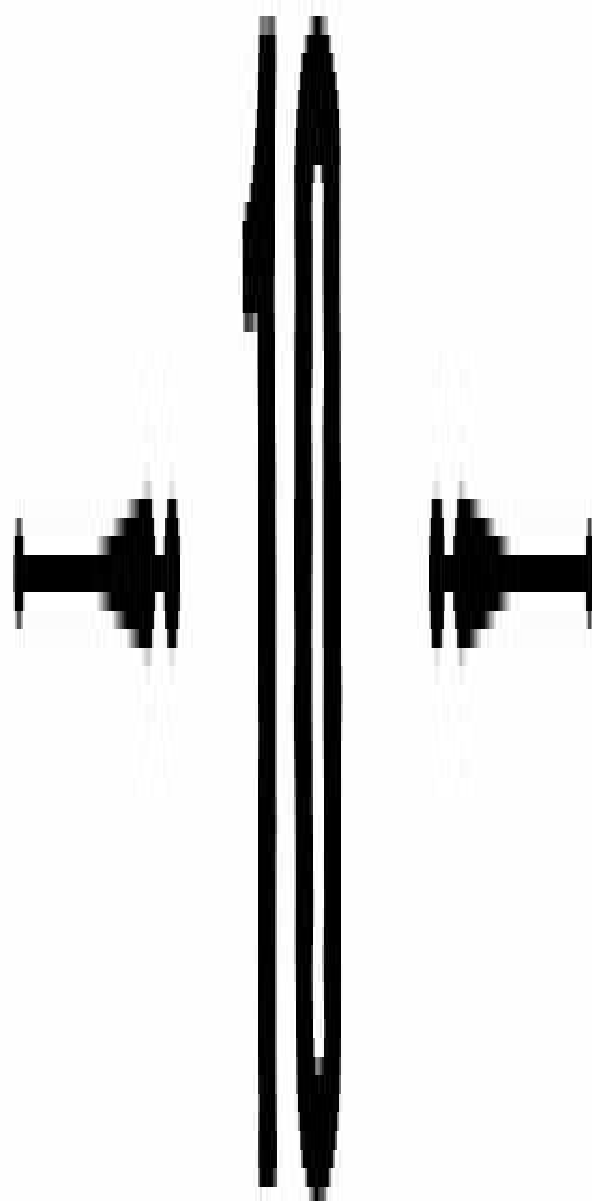
Ele não tinha um quadro branco, então escreveu com o dedo na poeira da janela.

Fogos-fátuos?

Prima?

E então acrescentou um último item:

Por que eu?



O BESTIÁRIO

Arlo decidiu começar com os fogos-fátuos.

O *Livro de Campo* não ajudou muito, fornecendo apenas duas frases curtas: “Vistos de longe, fogos-fátuos costumam ser confundidos com lamparinas ou tochas. Podem tentar atrair viajantes descuidados até armadilhas mortais”.

Baseado no seu encontro, Arlo achou a descrição precisa, porém inútil. Era como dizer que rochas eram pesadas e perigosas quando arremessadas na sua cabeça.

Arlo queria saber se os fogos-fátuos sabiam o que estavam fazendo quando o atraíram para dentro da floresta. Foi planejamento ou instinto? Talvez fossem como aranhas que correm para agarrar o que quer que caia em suas teias. Ou talvez fossem mais espertos, mais como leões que espreitam sua presa e esperam o momento certo para atacar.

Se fossem apenas aranhas voadoras estúpidas, Arlo poderia se convencer de que não estavam tentando matá-lo especificamente. Ele só estava no lugar errado na hora errada. Porém, se fossem como leões — ou mais espertos que leões —, ainda poderiam estar atrás dele. Dessa vez, sabia o suficiente para não segui-los até uma armadilha, mas era preocupante pensar que algo poderia estar na floresta o observando. Esperando.

Arlo desistiu do *Livro de Campo* e voltou a atenção para as enciclopédias do tio, encontrou o volume *F* apoiando um canto do sofá na sala de estar. As páginas de bordas douradas eram finas, e estavam grudadas umas nas outras em alguns lugares. Arlo por fim chegou à página apropriada.

Entretanto, não havia um verbete para *Fogo-fátuo*. Os verbetes iam direto de *Fogo* para *Fogueira*.



— Precisamos procurar no bestiário — sussurrou Indra durante a aula na manhã seguinte. — Se existe algo sobre fogos-fátuos, estará lá.

Na frente da classe, a Sra. Mayes pigarreou com ênfase. Eles deviam estar terminando os exercícios de matemática.

— Desculpe, Sra. Mayes — disse Indra com um doce sorriso.

Arlo tentou concentrar-se nas frações, mas sua curiosidade não deixava. Ele viu quando a professora despejou o resto do café sobre a violeta-africana murcha em sua mesa. Enquanto ela lavava a xícara na pia da sala, Arlo sussurrou para Indra:

— O que é um bestiário?

— É um livro — responderam Indra e Wu ao mesmo tempo. Wu estava sentado na frente de Arlo.

Os três observaram a Sra. Mayes olhar para a caneca, pensando em silêncio se queria mais café. Ela olhou para o relógio, passou os olhos pela classe silenciosa e tomou uma decisão.

Saiu da sala.

Wu virou-se de imediato em sua mesa.

— Podemos ir depois do almoço, quando os alunos do segundo ano estiverem no horário de biblioteca.

Indra concordou.

— É perfeito.

— Fitzrandolph estará distraída, então podemos nos enfiar atrás do balcão. Ela o mantém trancado em uma gaveta, mas venho praticando abrir fechaduras, então acho que consigo abri-la. A questão é se pegamos o livro ou apenas fotografamos as páginas de que precisamos e o colocamos de volta antes que ela perceba que sumiu. De qualquer forma, um de nós vai precisar ficar de vigia.

Arlo ofereceu-se como voluntário rapidamente.

— Ou podíamos simplesmente pedir pra ver o livro — disse Indra.

Wu pensou na sugestão dela, mexendo os dedos no ar como se estivesse planejando uma série de passos e resultados.

— Acho que isso também funcionaria — disse ele por fim.

A Sra. Mayes voltou e encontrou Wu virado para trás na cadeira, conversando com Arlo e Indra. Era bastante óbvio que não estavam resolvendo frações.



Eles terminaram de almoçar e correram para a biblioteca, esperando chegar antes que os alunos do segundo ano tomassem conta do lugar.

A Sra. Fitzrandolph, a bibliotecária da escola, era uma mulher bondosa com uma coleção de blusões tricotados à mão e saias xadrez. Havia um umidificador borbulhante no balcão ao lado de uma estatueta de um terrier

escocês tocando gaita de foles.

— Finch? Bem, você deve ser o filho de Celeste Bellman — disse ela. Arlo assentiu. — Fui babá de sua mãe quando era pequena, não que ela precisasse de muita supervisão. Seu tio, por outro lado... — Ela se calou e encolheu bastante os ombros.

Arlo não mencionara o tio a Indra ou Wu, sendo vago de forma deliberada sobre exatamente em qual casa ele morava na Green Pass Road.

— Queríamos mostrar o bestiário ao Arlo — disse Indra. — Ele nunca viu um.

— Receio estar esperando os alunos do segundo ano chegarem.

— Não vamos demorar — prometeu Indra. — Ele nunca viu um besouro-fada, e queremos que ele saiba com o que deve ter cuidado.

— Bem, é uma boa ideia — disse a Sra. Fitzrandolph. Ela olhou para Arlo. — Lembro-me de que o seu tio teve alguns encontros com besouros-fadas. Além de navalhas-fedidas.

Depois de encontrar uma chave em seu chaveiro, a Sra. Fitzrandolph estendeu a mão debaixo do balcão para destrancar uma gaveta que não podiam ver. Em seguida, colocou um livro surrado sob o balcão. O *Bestiário de Criaturas Notáveis de Culman* parecia um manual velho, não muito diferente do livro de matemática que eles usavam todos os dias.

— Preciso mantê-lo aqui porque, se o deixasse na prateleira, as crianças não leriam outra coisa. Centenas de anos de literatura à nossa volta, livros sobre todos os assuntos e cantos do mundo, mas tudo o que querem ver é esse pequeno catálogo repulsivo.

Naquele momento, uma fila de alunos do segundo ano entrou na biblioteca. Arlo sempre se esquecia de como eram pequenos, e de como não paravam quietos.

— Vocês têm dois minutos — disse a Sra. Fitzrandolph, dando a volta no balcão para levar os alunos do segundo ano até as mesas de leitura.

Indra folheou rapidamente o livro, passando por desenhos fascinantes de toda espécie de criaturas estranhas. Ao chegar no *F*, ela diminuiu o ritmo até enfim se deparar com *Fogo-fátuo*.

O coração de Arlo deu um pulo quando viu a ilustração. Era um esboço simples, mas incluía todos os detalhes certos: o esqueleto feito de sombras, o brilho interno, o rastro tênue de cinzas cintilantes que caíam da criatura. Quem quer que tivesse feito aquele desenho vira um fogo-fátuo tão claramente quanto Arlo.

Ele sentiu as mãos ficarem suadas ao se lembrar.

Wu leu o texto para eles, tendo o cuidado de manter a voz baixa.

— “Espíritos malevolentes de origem incerta, os fogos-fátuos, também conhecidos como Fogo de Tolo, alimentam-se da essência de criaturas moribundas, em geral após atraírem as vítimas até perigos naturais, como areia movediça.”

— Ou armadilhas — disse Indra. — Como aquela em que você quase caiu. Wu continuou lendo.

— “Anteparos de perímetro em geral são eficazes, mas desnecessários, uma vez que é improvável que fogos-fátuos ataquem diretamente. Algumas vezes invocados e controlados por conjuradores místicos.”

Arlo sentiu que estava concordando com a cabeça, mas então percebeu:

— Não sei o que a maioria dessas coisas significa.

Indra resolveu explicar, apontando para as palavras relevantes.

— *Espíritos* significa que fogos-fátuos são como fantasmas ou aparições.

— Eles não estão vivos — disse Wu.

— Bem, eles meio que estão, mas não vivos como pessoas ou animais. — Ela parou por um momento para esclarecer. — Você sabe o que são fantasmas, certo?

— Sei — respondeu Arlo, feliz por estar a par de pelo menos uma coisa. Concluiu que fogos-fátuos deviam ser algo como Cooper, o cachorro, que existia em parte neste mundo e em parte em outro. — O livro diz que fogos-fátuos se alimentam da energia de criaturas moribundas. Então são como vampiros?

— Não existem vampiros — disse Wu.

— Mesmo?

— Não. Só em histórias.

Parecia estranho que Pine Mountain tivesse fantasmas, mas não vampiros. Mesmo assim Arlo ficou aliviado.

Indra voltou ao livro.

— *Anteparos* são proteções — explicou ela. — Um anteparo de perímetro é um círculo que espíritos não conseguem atravessar. Você não os aprende até chegar a Coruja, quando consegue o seu distintivo de Anteparos Básicos. Também existem Anteparos Avançados e Abjurações, mas são eletivos.

— Devíamos ter um anteparo em volta do acampamento, certo? — perguntou Arlo.

— E tínhamos — disse Wu. — Não se lembra de Connor andando pelo

acampamento empilhando pedras quando estávamos armando as barracas? Ele estava erguendo um anteparo.

Arlo lembrava-se, mas não perguntara a respeito na ocasião.

— Então por que não funcionou?

— Porque você saiu de dentro dele — respondeu Wu.

Arlo sentiu-se tolo e percebeu que nada daquilo teria acontecido se tivesse permanecido perto das barracas, se tivesse perguntado por que Connor estava empilhando pedras, ou se tivesse feito mais perguntas em geral. Ficara com tanto medo de parecer bobo que quase acabara morto.

Indra retornou à última frase do verbete.

— “Algumas vezes invocados e controlados por conjuradores místicos.” Era o que eu estava dizendo na barraca. Acho que alguém preparou aquela armadilha com as estacas e enviou os fogos-fátuos para atraí-lo até lá.

— Você quer dizer atrair Connor — disse Wu.

— Acho que sim. A não ser que estivessem realmente atrás de Arlo. Pensem bem: Connor já acampou dezenas de vezes na floresta, e nada nunca foi atrás dele. Essa foi a primeira vez de Arlo. — Indra virou-se para ele. — Consegue pensar em alguém que poderia querer matar você?

— Não — respondeu ele. — Quero dizer, acabei de chegar aqui.

Wu concordou.

— Tem que ser o Connor. Existe uma razão pra ele ser o alvo. Tem algo a ver com sua prima.

Arlo apenas assentiu. Ainda não estava pronto para lhes contar sobre a garota na janela. Sequer saberia por onde começar.

Apontou para as últimas palavras que não compreendera no livro.

— O que significa *conjurador místico*?

— *Místico* significa “sobrenatural” — explicou Indra. — Coisas na Floresta Longa são místicas.

— E um conjurador é qualquer coisa que lance feitiços — disse Wu. — Como uma bruxa.

— Bruxas existem?

Indra manteve a voz baixa para que os alunos do segundo ano não ouvissem.

— Há coisas muito piores do que bruxas.



Ao voltar do almoço, encontraram a Sra. Mayes segurando um mapa de

lugares. Ela colocou os alunos um por um em novas mesas.

Arlo sentiu um medo crescente. Teve um pressentimento de como aquilo acabaria. Indra foi colocada na primeira fileira, perto da mesa da professora. Wu estava duas fileiras atrás, no canto esquerdo da sala, perto das janelas. Arlo foi colocado em uma mesa do lado direito da sala, ao lado dos armários. Merilee Myers foi colocada ao lado dele. Ela apagou os rabiscos da mesa nova com sua borracha rosa, de vez em quando levando-a ao nariz.

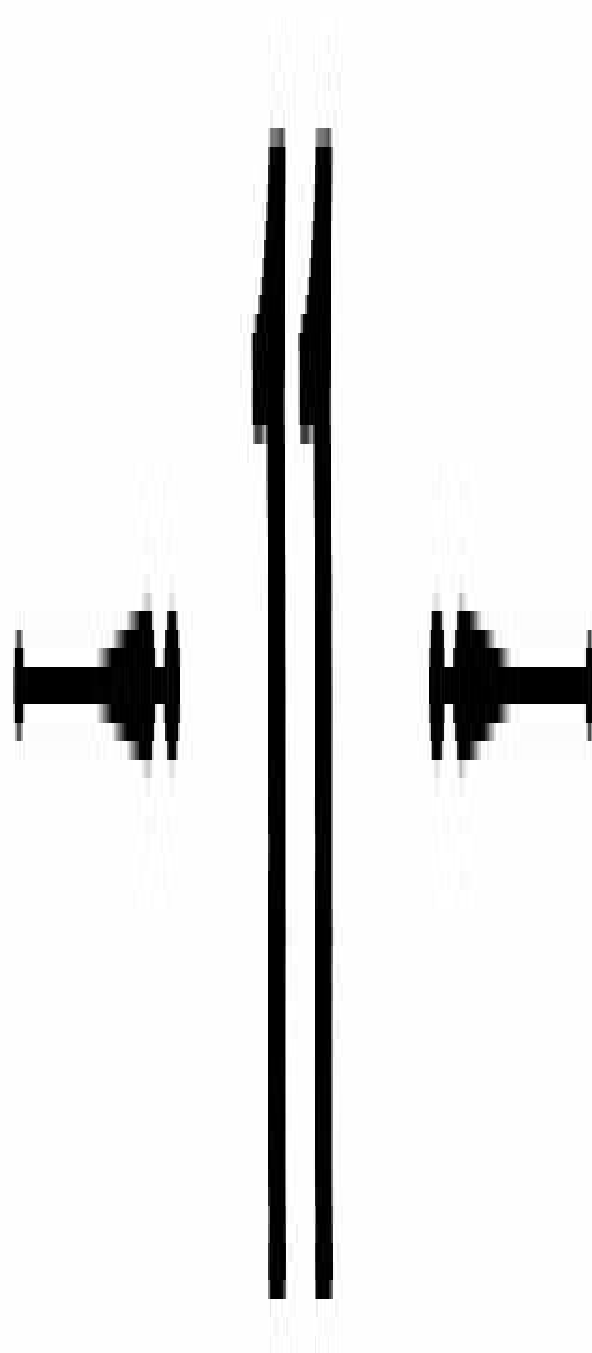
— Adoro o cheiro de borracha. — Ela a ofereceu a Arlo, que recusou. — Tudo tem um cheiro, sabe. Até mesmo o lado de dentro do seu nariz — disse ela. — Mas você não consegue mais sentir o cheiro porque está acostumado com ele.

Indra virou-se para trás e olhou com tristeza para Arlo e Wu. Apesar de quase todos os alunos terem um lugar novo, a professora deliberadamente deixara os três o mais afastado possível uns dos outros. A sensação era de que uma grande injustiça havia sido cometida ao separar amigos.

Eu tenho amigos, pensou Arlo. Essa compreensão súbita ofuscou a dor.

Durante o pouco tempo em que estava em Pine Mountain, encontrara criaturas fantásticas e poderes místicos. Quase tinha sido morto. Porém, sem que sequer notasse, Arlo também havia feito dois amigos.

Era algo tão inesperado quanto qualquer outra coisa.



A RACHADORA

Naquela tarde, na lavanderia, Arlo passou o dedo pelo “*Fogos-fátuos?*” escrito na janela empoeirada, riscando-o. Era boa a sensação de realizar algo, mesmo que as respostas que conseguira tivessem levantado ainda mais questões.

O próximo item da lista era “*Prima?*”. Ao ouvir o barulho de um motor familiar, Arlo soube por onde começar.



— Sim, me lembro de quando ela desapareceu — disse Tio Wade, colocando outra lenha na rachadora. — Katie Cunningham. A família dela é rica. São donos de metade da montanha.

Ele puxou a alavanca e a rachadora começou a funcionar com um guincho. O braço hidráulico empurrou a lenha contra a cunha, fazendo a madeira se partir em duas tão facilmente quanto água de encontro à proa de um navio. Wade pegou cada metade e passou de novo pela máquina, dividindo-as em quatro pedaços.

— A família dela estava acampando em Highcross. As duas crianças desapareceram em algum momento durante a noite. Katie e talvez o irmão mais velho dela.

— O primo dela. Connor.

— Isso mesmo. — Wade continuou rachando as lenhas enquanto falava. — Fiz parte das equipes de busca durante a primeira semana. Nos dividiram em grupos de quatro, com uma certa área para vasculhar. Às vezes usávamos cães, quando tinham alguns sobrando. Usaram aviões e helicópteros para procurar do alto. Mas como uma criança vai saber como sinalizar para um avião? Depois de uma semana, achei que eles provavelmente estavam mortos. Talvez um leão da montanha os tivesse pegado. Fiquei surpreso quando encontraram o garoto no Canadá. Mas não muito.

— Por que não?

— Bem, ou eles haviam sido sequestrados, o que fazia sentido por causa da família rica, ou haviam saído juntos da nossa floresta.

— E entrou na Floresta Longa. — Arlo disse isso com cautela, sem ter certeza de como o tio reagiria.

— Você sabe sobre ela? — Arlo assentiu. Wade encolheu os ombros e colocou outra lenha na máquina. — Nunca ouvi os delegados ou os caras das equipes de resgate estaduais falarem a respeito disso, mas todos na cidade suspeitavam de que era o que havia acontecido, que as crianças de alguma forma haviam entrado na Floresta Longa. Sei que os Cunningham gastaram muito dinheiro para trazer xamãs e outras pessoas esotéricas para ajudar. Mas, que eu saiba, nunca encontraram algo que provasse que foi isso que aconteceu.

Depois de terminar com a madeira, Tio Wade desligou o motor da rachadora. Foi só então que Arlo percebeu que ele estivera gritando por causa do barulho. O silêncio era desconcertante.

— Você já esteve na Floresta Longa?

Wade parou enquanto tirava as luvas de trabalho.

— Difícil dizer. Sem dúvida acabei em alguns lugares inesperados. Mas não sei se era a Floresta Longa propriamente dita. Por tudo que ouvi, é uma viagem só de ida. Se você acabar na Floresta Longa, não volta.

Arlo ajudou o tio a empilhar a lenha na lateral da casa. A resina das toras deixou suas mãos grudentas. Foi só quando quase haviam terminado que Wade disse mais alguma coisa.

— Os garotos Cunningham... eles estão nos Patrulheiros com você?

— Connor é o líder da minha patrulha. E Christian é o comandante.

— Você precisa ter cuidado perto dos Cunninghams. Eu lhe disse que eles têm dinheiro, certo?

Arlo assentiu.

— Não tem nada errado em ser rico, mas é difícil imaginar como acabaram assim. Até cerca de vinte anos atrás, os Cunninghams eram como todo mundo, nem melhores, nem piores. Então, de repente, tinham dinheiro. Quero dizer, muito dinheiro. Compraram mais terra, construíram uma casa nova. Ninguém sabia como eles podiam pagar aquilo... ou por que permaneceram aqui. Com tanto dinheiro assim, daria para viver em lugares melhores do que Pine Mountain.

— Onde você acha que eles conseguiram o dinheiro?

Tio Wade apoiou a mão na parede.

— Você sabe que Pine Mountain originalmente era uma cidade mineradora, certo? Costumava haver minas de ouro por toda parte, até que ficaram vazias. Bem, algumas dessas velhas minas ficam na propriedade dos Cunningham.

— Acha que eles encontraram ouro?

— É no que algumas pessoas acreditam. Mas minerar ouro não é um negócio silencioso. Se estivessem fazendo isso, saberíamos. Haveria caminhões, equipamentos e escória no rio. Não havia nenhum sinal de nada disso.

— Então o que acha que é?

Wade abaixou mais a voz. Arlo desconfiava de que aquela era a primeira vez que seu tio dava voz àquela teoria.

— Sabe como a Floresta Longa está por toda parte? Bem, acho que ela provavelmente também existe debaixo da terra. Nas minas. Os Cunningham podiam ter negócios com gente que não vive no lado de cá.

— Os místicos — disse Arlo, lembrando-se da palavra do bestiário.

Wade olhou para Arlo, surpreso e impressionado.

— Você aprende rápido. — Arlo sorriu. — Digamos que sejam os místicos. Se os Cunningham estão lidando com esses tipos, não é tão surpreendente que duas das crianças deles acabassem na Floresta Longa.

— Você acha que elas foram raptadas.

Tio Wade deu de ombros.

— É só especulação. Mesmo assim, por segurança, sugiro que você fique longe dos Cunningham. Melhor não se envolver em seus problemas.



Arlo esfregou as mãos na pia da cozinha, tentando tirar a seiva. O sabão comum era inútil. Ele tinha de usar a barra verde e áspera que seu tio mantinha no peitoril da janela, a que parecia ser feita de sapos cozidos e lixa. Mal fazia espuma, mas removia o grude.

Ele tirou os últimos pedaços enquanto esfregava as unhas.

Foi quando avistou Jaycee lá fora. Estava se afastando da casa, subindo a encosta que levava para a floresta.

Arlo achou estranho, pois sua irmã odiava natureza e exercício. Sacudiu as mãos para secá-las e decidiu segui-la.

Era fim de tarde e começara a soprar um vento frio. Arlo podia ouvi-lo nas árvores, balançando os ganhos de pinheiro no alto. Permaneceu afastado, o suficiente para não perder Jaycee de vista enquanto ela subia a encosta.

Aparentemente ela não estava seguindo nenhum caminho determinado, mas parecia saber para onde estava indo. Arlo também pensou se deveria atirar-se atrás de árvores e rochas para se esconder como faziam nos filmes

de aventura, mas tudo indicava que não havia razão para isso. Jaycee não fazia ideia de que ele estava ali.

Passados alguns minutos, ela parou. Arlo estacou, procurando por um lugar onde se esconder. Porém, sua irmã não olhou para trás. Em vez disso, passou com cuidado por baixo de uma cerca de arame farpado e continuou caminhando.

O coração de Arlo batia depressa, e não era só por subir a colina. Sua irmã estava entrando na propriedade de alguém. Ela estava invadindo. Violando a lei.

Seu primeiro instinto foi de correr de volta para casa e contar à mãe ou ao Tio Wade. Jaycee, sem dúvida, ficaria encrencada. Ela podia ficar de castigo. Ficaria furiosa com Arlo durante semanas. Ainda assim... *Você fez a coisa certa ao me contar*, sua mãe diria. Ele estaria protegendo a família.

O segundo instinto foi seguir Jaycee. Para onde quer que estivesse indo, ela tinha um propósito. Havia alguma coisa interessante do outro lado da cerca. Aquela podia ser a única oportunidade de Arlo de ver o que era. E, mesmo se fossem pegos, Jaycee levaria a maior parte da culpa — afinal, ele apenas estava seguindo a irmã.

Se ele a seguisse. Arlo precisava tomar uma decisão.

Pensou no que sua mãe dissera antes da primeira reunião dos Patrulheiros, sobre como a maioria das coisas de que se arrependia na vida eram as que não tinha feito, as oportunidades que não aproveitou. Arlo sentiu-se um pouco estranho por usar o conselho da mãe para justificar a invasão de uma propriedade, mas tudo, desde que chegara a Pine Mountain, havia sido um pouco estranho.

Ao chegar à cerca, ele se esgueirou cuidadosamente entre o segundo e o terceiro fios de arame.

Quando se levantou, Arlo sentiu-se sendo puxado para trás. Algo o agarrara, sufocando-o.

Ele soltou um grito abafado de pânico. Estava prestes a gritar por socorro, esperando que Jaycee o ouvisse... até que percebeu que o seu capuz simplesmente havia ficado preso em um dos filamentos.

Arlo tentou se soltar mexendo os dedos às cegas atrás da cabeça, mas a farpa era como um anzol que se enganchara fundo no tecido. Quanto mais se debatia, mais preso ele ficava.

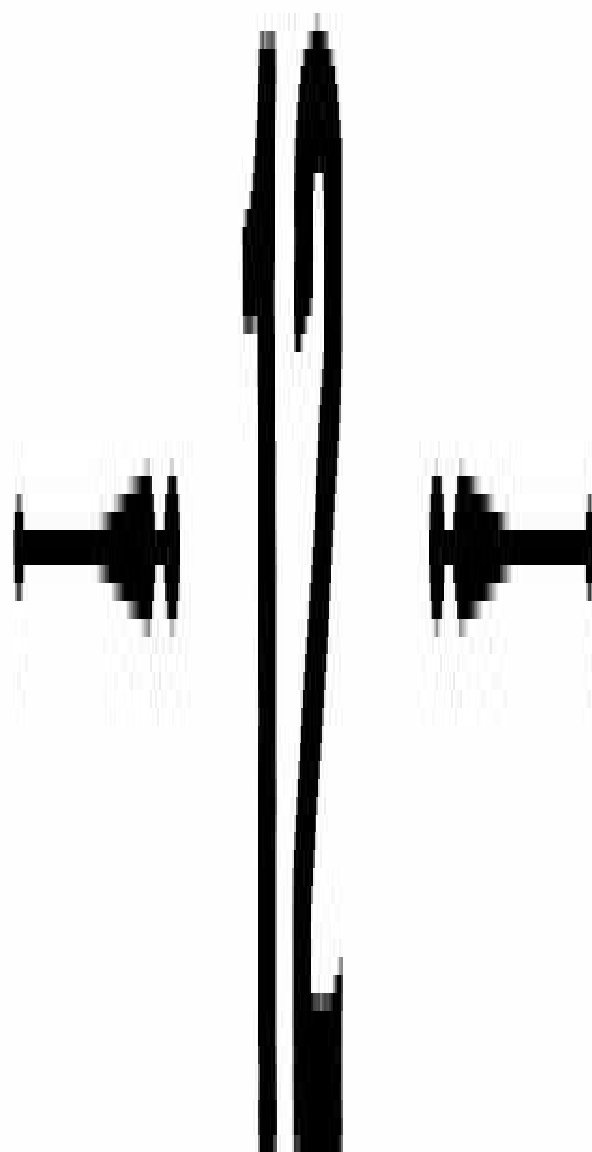
Ele forçou-se a parar e pensar. Contou até três em silêncio. Então descobriu o que fazer.

Tirou o blusão, deixando-o preso no fio.

Depois de se soltar, foi simples desenganchá-lo. Havia alguns buraquinhos, mas nenhum dano sério.

Ele avistou Jaycee no momento em que sumia de vista atrás da próxima colina, e correu atrás dela.

Quando chegou ao topo, Arlo encontrou a irmã parada à beira de um penhasco, com o vento soprando seu cabelo para trás. Ela se preparava para pular rumo à morte.



A PEDRA DO SINAL

— JAYCEE! NÃO! — gritou Arlo, atravessando a clareira a toda velocidade.

Sua irmã se virou, surpresa e irritada. Ela estava com o celular nas mãos, digitando algo.

— Você me seguiu?! — ela gritou, sabendo a resposta antes de terminar a pergunta. — Sempre tão enxerido. — Ela apertou o botão para enviar a mensagem que estava digitando. Seu celular apitou.

À medida que chegava mais perto, Arlo percebeu que o “penhasco” na verdade era apenas uma rocha enorme fendida encravada na encosta. Ficava no máximo a três metros do solo. Parecia muito mais alto porque a montanha se inclinava para longe dela, revelando todo o vale.

Ao subir e parar ao lado da irmã, Arlo pôde ver a cidade de Pine Mountain abaixo: o teto plano da escola, os campanários da igreja, a placa do posto de gasolina. Tudo parecia minúsculo, como os prédios do conjunto de um trem de brinquedo.

— Aqui é o único lugar onde consigo pegar sinal — disse Jaycee, voltando ao seu celular. O aparelho apitou quando ela recebeu uma nova mensagem.

— Com quem você está trocando mensagens? Alguém de Chicago?

— Não. Algumas garotas da banda marcial.

— Você não acabou de vê-las uma hora atrás?

— Isso foi na escola. Muita coisa acontece entre as quatro e meia-noite.

— Tipo o quê?

— Não sei, coisas. Piadas. Planos. Tem muitas conversas, e se não faz parte delas, você fica pra trás. Fica sendo o único que não sabe o que está acontecendo.

O celular apitou de novo. Arlo olhou por sobre o ombro de Jaycee enquanto ela digitava uma resposta.

— Qual o problema com mostarda? — perguntou Arlo, confuso.

— Nada.

— Então por que você disse “É horrível”?

— Eu só estava concordando com ela.

— Mas você adora mostarda. — Arlo vira a irmã colocar mostarda em coisas que definitivamente não precisavam dela, como batatas chips.

— Não é sobre a mostarda! Não é sobre coisa alguma. Você só tem de manter a conversa. Se não responder, ela morre. — O celular dela apitou com vários emojis. — Você não entende por que tem doze anos e é um garoto.

Arlo suspeitava que entendia, pelo menos um pouco. Ele se lembrou da fogueira na Campina do Carneiro. Depois de acesa, não precisava de muita supervisão. Uma lenha simplesmente era acrescentada de vez em quando. A parte complicada era preparar a fogueira primeiro. Ele se lembrou de como Wu tivera cuidado quando acendeu a isca, acrescentando gravetos um por um conforme as chamas aumentavam. Ele fora metódico e paciente, sem se apressar, sem tirar os olhos do fogo.

As novas amigas de Jaycee eram como uma fogueira recém-acesa. Precisavam de cuidado constante ou apagariam.

— Devíamos chamar esse lugar de Pedra do Sinal — disse Arlo. Soava importante e oficial.

— Tá — disse sua irmã. — Mas você não pode contar pra mãe que venho aqui, jamais.

— Não vou. — Arlo falava sério. Na verdade, ele gostava de ter um segredo para dividir com a irmã, algo que apenas os dois sabiam. Mas então acrescentou, em voz baixa: — Só que acho que é invasão.

— Não tem problema. Tem esse garoto na banda, contei pra ele onde eu morava, e ele disse, “Ah, somos donos da propriedade do lado da de vocês”. Mas eles não moram aqui. A família dele é dona de, tipo, metade do vale.

Arlo teve um mau pressentimento.

— O sobrenome dele é Cunningham?

Jaycee ficou surpresa por ele conhecer o nome.

— Sim, Christian. Ele é o primeiro trompete.

Arlo não explicou como conhecia o nome. Em vez disso, perguntou:

— Posso usar seu celular? Quero pesquisar uma coisa.

Jaycee o olhou de esgueio, séria — ela nunca deixava Arlo tocar no seu celular. Mas em seguida relaxou, talvez percebendo que precisava dele para manter o segredo da Pedra do Sinal. Entregou o celular.

— Dois minutos. E não leia nenhuma das minhas mensagens.

Arlo abriu a barra de pesquisa e digitou *Katie Cunningham Pine Mountain*.

A página de resultados listou mais de oitocentas notícias. Ele clicou na primeira manchete: “Garotos locais, de quatro e seis anos, desaparecem perto de Highcross”. O texto carregou primeiro. Arlo passou os olhos por ele o mais rápido que pôde.

O artigo do *Pine Mountain Gazette* tinha oito anos. Tudo parecia bater com o que descobrira em volta da fogueira e com o tio: Connor e sua prima mais nova Katie haviam se afastado do local onde a família fazia um piquenique. Equipes de resgate de Pine Mountain e de todo o estado vasculharam a floresta.

Clicou em outra manchete: “Garoto do Colorado desaparecido encontrado vivo no Canadá”. Esse artigo do *Denver Post* descrevia como Connor fora encontrado na mata de Alberta um mês depois de desaparecer. Havia uma citação do pai de Connor, que chamou aquilo de “um milagre” e disse que tinham esperanças de que Katie ainda pudesse ser encontrada.

Enquanto Arlo lia, a última imagem carregou. Era uma foto de Katie Cunningham, com quatro anos. Ela era uma aluna da pré-escola com bochechas rechonchudas e laço no cabelo. Arlo olhou atentamente para foto, tentando decidir se aquela podia ser a mesma garota que vira no reflexo da janela. Aquela garota tinha por volta de doze anos — *que é a idade que Katie Cunningham teria agora*, pensou.

— Quem é essa? — perguntou Jaycee, olhando por sobre o ombro dele.

— É prima do Connor. Do Christian também, acho. Ela desapareceu.

Jaycee tirou o celular dele, subitamente intrigada. Passou os olhos pelo artigo e depois voltou aos resultados da pesquisa, passando pelas manchetes. Arlo queria continuar lendo, mas sabia que não devia abusar da sorte.

Jaycee apertou os olhos e soltou um “eita” baixo.

— O quê? — perguntou Arlo.

Ela leu em voz alta um trecho de um artigo diferente.

— “Detetives que estão conduzindo a investigação sobre o desaparecimento de Connor e Katie Cunningham prenderam Wade Bellman...”

— É o Tio Wade?

Sua irmã assentiu e continuou lendo:

— “... de Pine Mountain, acusado de manipulação de provas.”

— O que isso significa?

— Não sei.

— O que ele manipulou?

— O artigo não diz. — Ela continuou lendo: — “De acordo com oficiais, Bellman não é considerado suspeito do desaparecimento das crianças. Os primos Cunningham desapareceram há sete dias em um piquenique da família perto de Highcross.”

— Então foi antes de encontrarem Connor no Canadá — disse Arlo.

— Acho que sim. Mas não diz o que aconteceu. Muitas vezes pessoas são presas por engano. Não significa que fizeram algo errado.

— Como o pai.

— Exatamente.

Arlo olhou para trás, para o lado da montanha onde estavam, como se pudesse ver sua casa.

— Acha que a mãe sabe?

— Tem que saber, né? Tipo, ela saberia. É irmão dela. — Jaycee soava como se estivesse tentando convencer a si mesma. — Ela não ia nos trazer aqui se achasse que não era seguro.

Arlo sabia que não era seguro. Havia criaturas estranhas na floresta e buracos ocultos com estacas. Porém, aquele não parecia ser o momento certo para mencionar essas coisas.

— O que vamos fazer? — perguntou ele.

— Não sei.

Arlo e Jaycee permaneceram em silêncio na pedra. O sol estava começando a tocar as copas das árvores. Escureceria em pouco tempo.

Jaycee acabou falando.

— É melhor não dizermos nada. O que quer que tenha acontecido, foi anos atrás. Não tem nada com que precisemos nos preocupar agora.

Arlo assentiu. Sua irmã estava certa.

A não ser que estivesse errada.

— Posso ver mais uma coisa no seu celular? Só trinta segundos.

Ela lhe entregou o aparelho.

Arlo voltou ao primeiro artigo. Era o que tinha a melhor foto de Katie Cunningham. Ele se concentrou nela, tentando acrescentar mentalmente oito anos ao rosto da garotinha, como os garotos desaparecidos na parte de trás das caixas de leite.

Foi quando notou algo.

Virou o telefone de lado e deu zoom na foto até os olhos da garotinha preencherem a tela.

Assim como Arlo, a jovem Katie Cunningham tinha um olho verde e outro castanho. *É como as coisas simplesmente são*, sua mãe sempre dizia. *Algumas pessoas têm olhos verdes e outras têm olhos castanhos. Você tem um de cada.*

Katie Cunningham também tinha. Não podia ser coincidência.



Sabia sobre fogos-fátuos e cachorros fantasmas. Tivera contato com eles em primeira mão.

Sentado de pernas cruzadas em cima da lavadora de roupas, Arlo começou a separar todos os fatos em sua cabeça, jogando-os em um de dois baldes: *Eu Vi* ou *Alguém Me Contou*.

No balde *Alguém Me Contou*, Arlo colocou a maior parte do que aprendera na escola: as capitais dos estados, divisão longa e como escrever *tomates*. Não é que ele duvidasse de que Boise fosse a capital de Idaho, mas nunca estivera lá para conferir por conta própria.

Ele olhou para a lista escrita na janela empoeirada. Poucas horas antes, ele riscara o primeiro item (*Fogos-fátuos?*), mas havia respondido de fato à pergunta? O *Bestiário de Culman* listava fatos sobre fogos-fátuos, mas não podia responder por que tinham ido atrás dele.

O segundo item da lista (*Prima?*) havia sido ainda menos respondido. Ele agora sabia o nome de Katie Cunningham e como ela se parecia, mas ela era a mesma garota que vira refletida na janela? Seu aviso (“Tenha cuidado, Arlo

Finch”) era só um conselho genérico, como “Não enfie cliques de papel em tomadas”, ou era específico para ele? Como é que podiam estar conversando? Que ligação tinham um com o outro? Por que ela tinha os mesmos olhos diferentes que ele?

O último item da lista era: *Por que eu?*

Aquela era a pergunta fundamental, concluiu.

Por mais curioso que estivesse para aprender sobre fogos-fátuos, bruxas e o que de fato acontecera quando Katie e Connor desapareceram, o que Arlo mais queria era saber como tudo aquilo se relacionava a ele.

Fazia menos de uma semana que estava em Pine Mountain, mas já conseguia sentir que as coisas estavam mudando. Queria saber o que aconteceria a seguir.

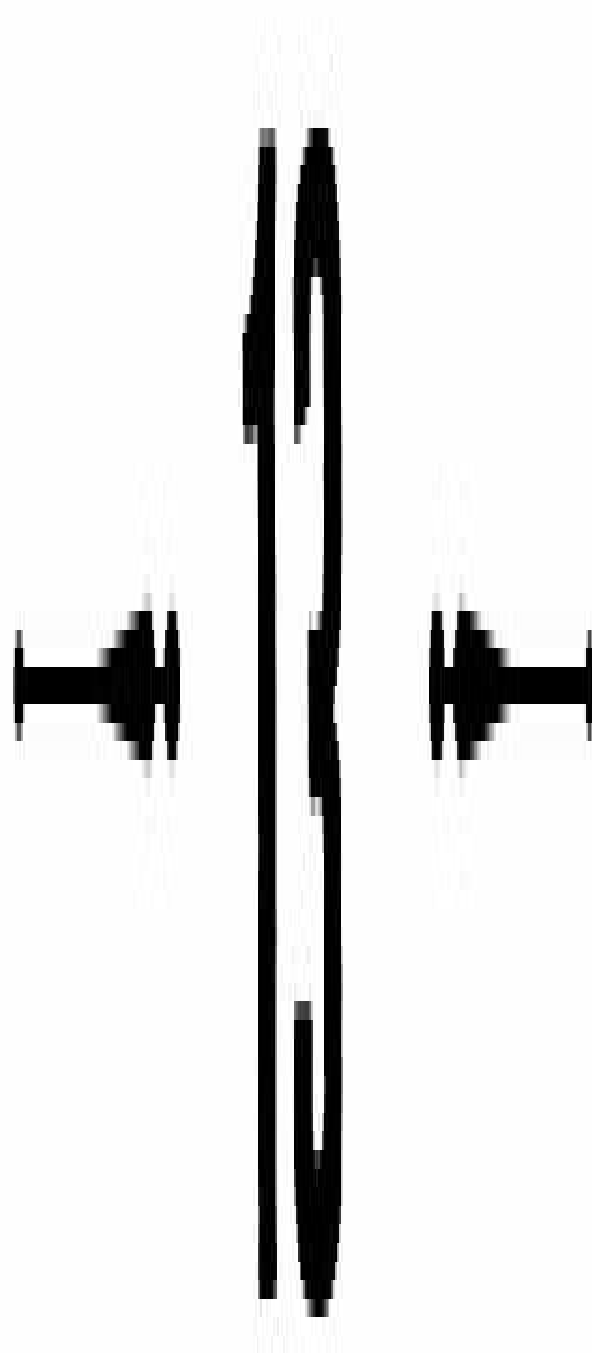
Arlo apagou as palavras da janela empoeirada. Foi quando ele viu.

Neve.

Estava caindo em flocos grandes e delicados, cada um flutuando até o chão como uma pena. O solo já estava coberto com uma leve camada branca.

Curvou-se sobre o peitoril da janela, observando como a neve caía ao luar. Durante alguns minutos, as perguntas que fervilhavam em sua cabeça se calaram. Arlo não se preocupou com fogos-fátuos, bruxas ou coisas piores do que bruxas.

Simplesmente assistiu ao inverno chegar em Pine Mountain.



BERTHA AZUL

Arlo correu o mais rápido que pôde com as botas derrapando na neve lamacenta.

Podia sentir o sangue pulsando nos ouvidos, os pulmões ardendo no ar gelado. Mas precisava continuar correndo. Precisava ficar de pé. Um escorregão e seria atropelado. Esmagado.

Wu estava bem ao seu lado e não estava se saindo melhor. A corda de plástico amarelo escorregava por suas mãos enluvadas. Pior, a touca de lã descia cada vez mais sobre seu rosto. Ele a empurrou para trás com a manga.

— Continuem! — gritou Connor, logo atrás deles. Maior e mais forte do que o resto da patrulha, ele carregava rolos de corda nos dois ombros. Estava puxando a maior parte do peso.

Três metros atrás, Indra e os gêmeos tentavam empurrar e conduzir o imenso trenó azul. Indra escorregou e caiu de cara na neve.

Arlo olhou para cima, sem fôlego, apertando os olhos para o sol.

Era o primeiro treino para a Corrida Alpina de trenós, e as outras patrulhas estavam muito à frente, aproximando-se da beira do gramado da igreja, coberto de neve. A Patrulha Vermelha foi a primeira a chegar ao marco da metade do caminho, uma grande placa de tijolos com letras plásticas intercambiáveis (O SENHOR É PACIENTE, POR QUE VOCÊ NÃO PODE SER?). Dobraram à direita para dar a volta por trás dela.

Enquanto isso, Wu perdia a batalha com sua touca, que caiu sobre os olhos. Estava correndo às cegas. Arlo agarrou a ponta do casaco de Wu para tentar guiá-lo.

Cuspindo neve e grama, Indra correu para alcançar o trenó.

A Patrulha Vermelha saiu de trás da placa. Russell Stokes vinha à frente. Ele parecia um boi ruivo suado e, cada vez que respirava, o ar se enchia de fumaça. A patrulha inteira tirara os casacos antes de a corrida começar e estava correndo apenas de camiseta. Estavam sem alguns membros — era temporada de basquete —, mas isso não os deixou mais lentos.

A Patrulha Verde fez uma curva aberta por trás da placa. O que lhes faltava em força, eles compensavam com técnica. Mantinham uma única Patrulheira na parte de trás do trenó, uma garota baixinha que era responsável apenas por guiar e balançar um sino para mantê-los no ritmo enquanto cantavam:

*Patrulha Verde aqui presente
Mais rápida que um foguete
A Patrulha Verde vem dizer
Trabalho de equipe sem ceder!*

De volta ao trenó azul, Indra gritou para Julie:

— Não pise nos esquis!

— Não caia! — gritou Julie em resposta.

— Parem de brigar! — gritou Jonas.

Russell deu um grito tossido: “Perdedores!”, quando a equipe Vermelha passou correndo por eles, já em direção à linha de chegada.

Wu diminuiu a velocidade, tentando arrumar a touca. Connor quase passou por cima dele. Frustrado, agarrou a touca de Wu e a jogou longe.

— Continue correndo! — gritou.

Numa explosão de raiva e adrenalina, Wu disparou adiante. No entanto, como a corda estava esticada, ele estava puxando mais Arlo e Connor do que o trenó.

A Patrulha Verde passou por eles, sorrindo enquanto cantavam. Arlo fez uma careta. Como podiam estar tão felizes? Puxar aqueles trenós era uma tortura.

— Preparem-se para fazer a curva! — gritou Connor. Eles estavam se aproximando da placa.

Arlo não tinha ideia de como fazer uma curva. Ele devia ir mais rápido? Mais devagar? Estava do lado de dentro da “pista”, mais próximo da placa. Talvez devesse dar passos mais curtos?

Ao passarem pela placa, Arlo, Wu e Connor viraram para a esquerda. Porém, o trenó seguiu em frente, por puro embalo. O trio atrás não fazia ideia de como guiá-lo.

Arlo se viu de repente voando como um esquiador sofrendo um acidente. Ele caiu de cara na neve molhada, que entrou em sua jaqueta.

Connor e Wu enfiaram os calcanhares na neve, puxando com toda a força. O trenó azul gigantesco inclinou para o lado e depois tombou completamente. Indra e os gêmeos saíram do caminho a tempo quando o trenó rolou, espalhando a carga por todo lado.

Arlo ficou de joelhos e tirou a neve dos olhos.

— Temos de guiar da parte de trás! — gritou Indra.

— Então guie! — respondeu Connor, correndo até o trenó tombado. — Me ajudem a virá-lo.

Arlo cambaleou até eles enquanto a patrulha desvirava o trenó imenso. Eles o posicionaram de modo que não precisassem fazer a curva de novo. Em seguida, recuperaram a carga do trenó: um barril de fogo, uma machadinha, um kit de primeiros socorros, três latas de cozido, quatro galões de água e cinco metros de corda.

Quando conseguiram colocar tudo de volta no trenó, a Patrulha Vermelha estava quase na linha de chegada.

— Acabou. Eles ganharam — disse Wu.

— Temos que terminar! — disse Connor, amarrando o resto do equipamento. — Todo mundo empurre. Eu vou puxar.

Os cinco membros juniores da patrulha assumiram lugares ao longo da corda amarela, arrastando-se de volta ao trajeto. Sequer estavam tentando correr. Apenas queriam que aquilo acabasse.

Arlo viu quando a Patrulha Verde terminou a corrida. Eles formaram um círculo fechado para uma última rodada da sua canção de corrida, encerrando com gritos e palmas. *Eles estão comemorando o segundo lugar*, pensou Arlo. *Provavelmente comemorariam se tivessem chegado em último lugar.*

Minutos depois, quando a Patrulha Azul enfim cruzou a linha de chegada, não houve abraços ou mãos erguidas para tapinhas. Cada um seguiu para um lado, evitando se olhar. Wu voltou para recuperar a touca.

Christian marcou o tempo deles em uma prancheta.

— Certo. Então, algumas patrulhas têm muito trabalho a fazer. A Corrida Alpina é daqui a oito semanas. Vocês precisam de um plano para se preparar.

A Corrida Alpina era o evento anual de inverno em que patrulhas de toda a região se reuniam em competições de habilidades de Patrulheiros: de rotas a leitura de pinhas; de resgate a habilidades com corda. As patrulhas corriam em trenós até várias estações em meio à natureza, completando tarefas em cada uma.

No ano anterior, a Companhia de Pine Mountain não se saíra bem e nenhuma patrulha ficou entre as cinco primeiras. A Azul teria terminado em último lugar entre todas as vinte patrulhas, mas “a patrulha de Wyoming caiu num rio e dois deles pegaram hipotermia, então isso os atrasou”, explicou Connor. “Mas não tanto quanto seria de se esperar.”

Para evitar outra corrida desastrosa, a companhia começara a treinar semanas antes do que de costume.

Christian mandou as patrulhas levarem os trenós de volta para o depósito. Enquanto fechava seu casaco, Russell Stokes sussurrou para Arlo:

— Sua patrulha não presta.

— Você não presta — disse Arlo, sem sussurrar. Não tinha certeza de por que havia dito aquilo. Não parecia do seu feitio. Mas estava exausto, e Russell era um babaca.

Christian aproximou-se por trás dele. Ouvira o que os dois disseram.

— Juramento do Patrulheiro, agora mesmo. Vocês dois.

Russell sabia o que fazer. Colocou o punho sobre o coração e disse depressa o Juramento, quase sem respirar, como se estivesse recitando o alfabeto, terminando com

“espíritos da floresta prestem atenção enquanto o Juramento do Patrulheiro ponho em

Christian olhou para Arlo — era a sua vez. Arlo vinha praticando o Juramento, mas ainda confundia as palavras.

— Leal, corajoso, bom e verdadeiro...

— *Certeiro* — disse Christian, corrigindo-o.

Certeiro. Era uma palavra tão estranha no Juramento. Uma pessoa podia ser leal, corajosa ou bondosa, mas como uma pessoa podia ser certa? Uma resposta podia ser certa, no sentido de não ser falsa. Arlo ficou pensando se era mesmo aquela palavra que pretendiam usar, e se não havia sido inserida só para rimar com o verso seguinte.

Talvez notando a expressão confusa de Arlo, Christian disse:

— Certo como uma flecha, do jeito que ela voa em linha reta. E também certo em suas convicções.

— Não certo como correto?

— Isso também. É meio que tudo isso junto. Não existe jeito errado de ser certo.

Depois de receber um aceno de cabeça de Christian, Russell voltou para a sua patrulha e a ajudou a carregar seu trenó para dentro. Christian permaneceu com Arlo.

— O quão bem você conhece o Juramento?

— Quase decorei. — (Isso não era exatamente verdade.)

— Não é sobre memorizar. Você precisa conhecê-lo. Entendê-lo de verdade. A única maneira de fazer isso é vivê-lo.

Na mesma hora, Arlo pensou em seus dois baldes das coisas que sabia. Christian estava lhe dizendo que o Juramento precisava estar no balde *Eu Vi*, em vez do *Alguém Me Contou*.

— Está bem. Obrigado.

— Russell é um babaca, mas ele está tentando melhorar. Você também precisa tentar.

— Eu vou. — Arlo falava sério.

Quando Christian se afastou, a Patrulha Azul reuniu-se devagar em volta do seu trenó enorme, que era conhecido na companhia como Bertha Azul.

Ninguém sabia exatamente a idade de Bertha, mas fazia anos que o trenó era parte da Companhia de Pine Mountain, passado de patrulha em patrulha. Era feito de madeira compensada e tábuas presas com pregos, parafusos, arames e fita adesiva. A tinta azul estava descascando em alguns lugares, revelando cores anteriores. Nas laterais, as tiras de corrida começavam a descolar. Só agora Arlo percebeu que eram na verdade fitas isolantes.

— Nunca vamos ganhar com a Bertha — disse Wu. — É grande e pesada demais.

— Ela é resistente — disse Connor.

Indra concordou com Wu.

— O trenó não precisa ser resistente, e sim rápido. O da Vermelha, por exemplo, é de alumínio...

— E o trenó da Verde é de madeira — retorquiu Connor. — Noventa por cento dos trenós da Corrida Alpina são de madeira.

— Sim, mas tem metade da madeira do nosso — disse Wu. — Bertha é como se você fizesse um trenó normal e não parasse de acrescentar matéria-prima até não restar mais madeira no mundo. Como se tivesse encontrado a madeira mais pesada que existe. Pau-ferro ou algo assim.

Jonas ficou do lado de Connor.

— É por isso que ela é tão boa. É indestrutível.

— Um tanque também é. Você não vai querer empurrar um tanque pela floresta.

— O problema não é o trenó! — disse Connor, quase gritando. — Somos nós. Precisamos praticar. O trenó da Verde é tão velho quanto o nosso, mas eles têm ritmo. Estão em sincronia.

— Podíamos estar em perfeita sincronia e ainda ficaríamos em último — argumentou Indra. — Porque estávamos arrastando esse trenó horrível.

Julie enfim deu a sua opinião.

— Talvez se encerássemos os esquis...

— Não são só os esquis. Precisamos construir um trenó novo — disse Wu. Arlo notou que o amigo olhava nos olhos de cada um deles enquanto falava.

— Isso é uma corrida e, em uma corrida, você precisa do veículo mais rápido. É assim que se vence.

Connor sacudiu a cabeça.

— A corrida em si vale apenas dez pontos. As estações individuais valem o mesmo...

— Mas ganhamos pontos com base na ordem em que voltamos — interrompeu Indra. — A Bertha não é terrível só na corrida. Ela é terrível em tudo. Ficamos presos nas trilhas. Isso nos custa tempo. Além do mais, estamos exaustos quando chegamos nas estações depois de arrastá-la por tanto tempo.

Nada iria convencer Connor.

— Só temos oito semanas. Precisamos nos concentrar nas habilidades. Não podemos perder tempo discutindo sobre o trenó.

Arlo permaneceu em silêncio. Ele não tinha certeza se tinha uma opinião.

— Digo para fazermos uma votação — disse Wu. — Todos a favor de construirmos um trenó novo?

Wu e Indra ergueram as mãos. Os dois olharam para Arlo, gesticulando para que se juntasse a eles. Arlo hesitou.

Por sorte, Connor interveio.

— Sou o líder da patrulha. A decisão é minha. Não vamos construir um trenó novo.

Indra não ia desistir.

— Sou a intendente. Responsável por arranjar e preservar todo o equipamento da patrulha.

— O trenó não é equipamento. As coisas nele são.

— Não acho que isso esteja certo. Acho melhor conferirmos no *Livro de Campo*.

Wu tentou uma nova tática.

— Acho que devíamos fazer uma votação pra saber se devemos fazer uma votação. O que acham?

— Isso não faz sentido — argumentou Connor. — Não se pode votar sobre votar.

— Então você é o rei agora? — perguntou Indra. — Não podemos votar em mais nada?

— Votamos no que jantar no último acampamento — disse Julie, tentando ajudar. — Tivemos cozido, apesar de eu odiar.

— A gente sabe, Julie! — retorquiu Indra. — Você sempre menciona o

cozido.

— Porque sempre odeio.

Connor deu um passo para trás.

— Vocês querem votar? Certo. Vamos votar. Aqueles a favor de construirmos um trenó novo ergam a mão.

Indra e Wu ergueram depressa as mãos. Julie e Jonas sacudiram as cabeças. Estavam votando não.

Todos os olhos se voltaram para Arlo. Ele podia sentir o peso daqueles olhares. Tinha ficado deliberadamente fora da discussão, mas ela agora dependia dele.

— Pra mim está bom de um jeito ou de outro.

— Você precisa votar — disse Indra. — Não votar é a mesma coisa que votar “não”.

Arlo respirou fundo e soltou o ar lentamente. Sentiu sua mão erguendo-se ao lado das de Indra e Wu.

— Quem é contra? — perguntou Connor. Julie e Jonas ergueram as mãos. Assim como Connor. — Três a três. A proposta não passou. Não vamos construir um trenó novo. E é a última vez que quero ouvir sobre isso, entendido?

Wu e Indra se olharam, frustrados, porém resignados.

Vinte minutos depois, enquanto Arlo esperava sua mãe chegar para buscá-lo, Wu e Indra aproximaram-se dele. Os três estavam sozinhos.

— O que você vai fazer no sábado? — perguntou Wu.

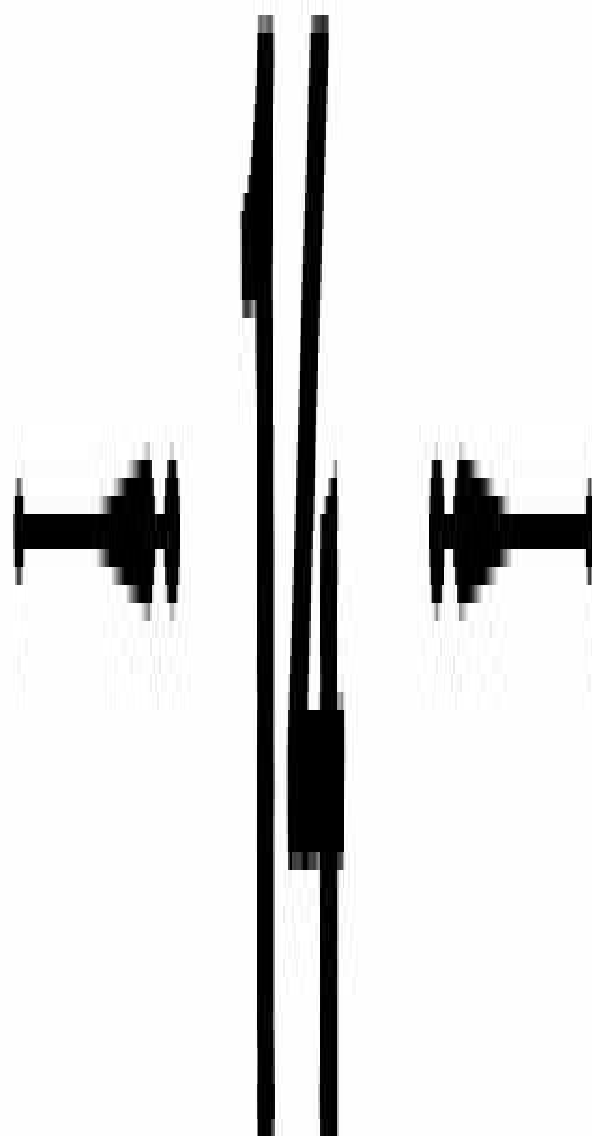
— Não sei. Dever de casa?

— Venha até minha casa. Não conte a mais ninguém.

— Por quê?

Indra e Wu sorriram um para o outro.

— Vamos construir um trenó novo.



SR. HENHAO

Leal. Essa era a primeira palavra do Juramento do Patrulheiro, o tipo de termo que era mais fácil compreender por exemplos do que por definições.

Cães são leais. Arlo lembrava-se de ter lido sobre um cachorro no Japão que ficava esperando na estação de trem todas as tardes. No verão ou no inverno, chovendo ou fazendo sol, o cachorro estava sempre pronto para voltar para casa com o dono, um senhor de idade que trabalhava na cidade. Então, um dia, o homem morreu no trabalho. O cachorro passou o resto da vida indo até a estação e esperando que o dono descesse do trem. Somente quando o último trem partia o cachorro enfim voltava para casa.

O pai de Arlo era leal ao Boston Red Sox, apesar de não viver em Boston desde que era garoto. Em Chicago, homens no trem às vezes faziam comentários grosseiros sobre o boné de beisebol de seu pai, chamando seu time de imprestável ou patético. “Não importa se ele ganha ou perde”, o pai de Arlo disse a ele. “Uma vez que escolhe um time, você fica com ele. É como o casamento — por bem ou por mal, para o que der e vier.” Quando assistia a jogos realmente importantes, ele pedia que Arlo pegasse suas meias vermelhas especiais para dar sorte, as que ele mantinha no fundo da gaveta e não lavava até acabar a temporada.

Lealdade também foi o motivo de Arlo votar pela construção de um trenó novo.

Ele não tinha nenhuma opinião forte sobre qualquer um dos lados. Arlo deixaria com prazer Connor tomar a decisão e ficar por isso mesmo. Porém, Indra e Wu eram seus melhores amigos e estavam contando com seu voto — mesmo que ele não tenha sido decisivo no fim das contas. Ficar do lado de Connor e dos gêmeos teria sido uma traição.

Talvez isso seja lealdade, pensou Arlo. Apoiar seus amigos mesmo quando seria mais fácil não apoiar. Ele era como aquele cachorro japonês, ou como o seu pai no trem, aguentando pequenas dificuldades por obrigação.

Lealdade não era um juramento que se fazia diante de testemunhas, ou um simples ato de cuspir na própria mão antes de apertar a de alguém como garantia de um acordo. Não era um contrato. Apenas existia. Lealdade era uma promessa que nunca precisava ser feita.

Agora, parado na varanda coberta de neve da casa de Wu, com o dedo indo na direção da campainha, Arlo questionava sua própria lealdade.

Connor permitira uma votação e a decisão havia sido “não”. Contudo, ali estava ele, preparando-se para construir um trenó novo em segredo com Indra e Wu. Ao ser leal com os amigos, Arlo estava sendo desleal com a patrulha. Sentia-se um traidor. Porém, algumas vezes traidores eram os heróis de verdade, porque eles defendiam o que era certo quando todas as outras pessoas seguiam cegamente...

— Arlo? — perguntou Indra. Ele ficou surpreso ao encontrá-la parada atrás dele. O carro da mãe dela estava parado na rua. — Vai tocar a campainha ou não?

Arlo hesitou.

— Não sei.

Indra passou por ele para tocar a campainha.

— Estou tão animada. Eles vão surtar quando virem o que fizemos.



Wu havia planejado todos os detalhes do trenó novo.

— Essa prateleira é para as nossas garrafas d’água. — Ele passou o dedo por um esboço a lápis, um dos nove desenhos espalhados pela mesa da sala de jantar. — As garrafas estão divididas por cor. Fiz um diagrama, mas podemos trocar de cores se precisarmos. Achei que eu deveria ficar com “azul” porque é parecido com o meu nome e assim é mais fácil de lembrar.

Ele entregou a legenda das cores das garrafas a Arlo e puxou para frente um diagrama diferente que exibia o trenó de perfil.

— O próximo item é a aerodinâmica. Não vamos ter tempo pra testar em um túnel de vento, então optei por uma forma básica de lágrima, que deve ser boa o suficiente. Esse pequeno esqui na frente é pra mobilidade. Queremos um raio de curva preciso com o torque máximo.

— O que é torque? — perguntou Arlo.

— É algo bom — disse Wu. — Você quer torque. Agora, para o compartimento de carga, imaginei que poderíamos ter partes que se separam. Assim, quando chegarmos à estação de Resgate, por exemplo, podemos simplesmente soltar a parte com kit de primeiros socorros e seguimos em frente. — Ele apontou para uma tira ao longo da frente do trenó. — Essas são luzes de LED. São como faróis pra quando escurecer.

Arlo assentiu, impressionado.

Indra examinou o desenho com mais atenção.

— Do que é feito o trenó?

— Então, andei fazendo algumas pesquisas. Para a combinação certa de bastante força e pouco peso, vamos usar fibra de carbono sobre uma armação de titânio.

— Onde conseguimos isso?

Wu foi pego de surpresa com a pergunta. Ele estava tão imerso na fase de projeto que ainda não tinha pensado na construção.

— Provavelmente podemos comprar pela internet. Ou talvez em Denver? Um dos nossos pais pode nos levar a uma loja que vende titânio e fibra de carbono. Ou talvez estejam em lojas diferentes, não sei. Mas tenho certeza de que alguém vende.

— Denver fica a seis horas de carro daqui — disse Indra. — São pelo menos doze horas, considerando ida e volta. — Wu assentiu, mordendo o lábio. — Precisamos construir o trenó hoje. Até as cinco horas. É quando a minha mãe vem me pegar.

— A minha também — disse Arlo.

Wu olhou para seus desenhos na esperança de que, de alguma forma, eles fornecessem uma resposta. Ele os reorganizou na mesa, depois os reorganizou de novo, como se fossem peças de quebra-cabeça.

— Talvez possamos ajustar um pouco o projeto com base no que temos.

— E o que temos? — perguntou Arlo.

— Vamos dar uma olhada na garagem.



Tirando um pequeno espaço para a bancada de trabalho, a garagem de Wu estava abarrotada de cima a baixo de caixas, bicicletas, móveis de bebê, duas motos de neve, três cortadores de grama, uma canoa e uma pilha de manequins danificados.

— Usamos os manequins em um Natal como os Três Reis Magos — explicou Wu. — Mas um alce comeu suas mãos.

Indra assumiu o comando.

— Cada um fica com uma seção. Tem de haver alguma coisa aqui que a gente possa usar.

Arlo escolheu a área mais próxima da porta da garagem, imaginando que, caso as pilhas de tranqueiras caíssem, ele teria a melhor chance de saltar para longe em segurança.

Ele não tinha bem certeza do que estava procurando, então decidiu se concentrar em eliminar itens que definitivamente não serviam para um trenó. Descartou sem demora três pilhas de revistas de astronomia, uma máquina de *pinball* em miniatura, várias bolas de boliche e um urso de pelúcia gigantesco com enchimento saindo do pé.

Em uma caixa, Arlo encontrou um gambá empalhado numa pose em que parecia estar dançando. Imaginou se era trabalho de Tio Wade, mas logo percebeu que não estava assinado na parte de baixo.

Saltou por cima de uma mesa quebrada, e então deu uma segunda olhada no móvel. As três pernas que restavam eram estacas quadradas e firmes de madeira. Ele podia visualizá-las como parte do trenó, mesmo que não tivesse certeza ainda de para que serviriam. Arlo afrouxou com cuidado os parafusos com os dedos e removeu as pernas do tampo.

— Elas não gostam quando fazem isso — disse a voz de uma garota.

Arlo virou-se e viu Merilee Myers parada na entrada de carros. Ela segurava uma flauta, a qual apontou para a mesa desmontada.

— É basicamente amputação quando você tira as pernas de uma mesa.

— Ela já estava sem uma delas — disse Arlo.

— Nós tínhamos um cachorro de três pernas e ele era perfeitamente feliz. Nunca cortaríamos as outras pernas. Seria impensável.

Arlo lembrou-se de que raramente falava com Merilee na aula.

— Moro do outro lado da rua — disse ela, apontando para uma casa amarela. — Não temos televisão. Nossa família não acredita nela. Mas temos um teatro de bonecos. Montamos uma peça todo verão. Às vezes um musical.

— Vocês convidam os vizinhos?

— Não. É um show particular. — Ela olhou atrás de Arlo e avistou Indra e Wu. — O que vocês estão fazendo?

— Estamos construindo um trenó novo para os Patrulheiros. — Ele se arrependeu na mesma hora de ter dito aquilo. E se ela contasse para Connor, ou para Julie, ou para Jonas?

Merilee apertou os olhos.

— Posso ajudar?

Arlo parou, tentando pensar em uma razão para dizer não. Então, em um lampejo de inspiração, disse:

— Precisamos fazer todo o trabalho. — Arlo não tinha certeza se aquela era de fato uma regra, mas parecia plausível. Merilee assentiu.

— Posso tocar minha flauta?

Ele já usara todos os seus nãos.

— Acho que sim.

Jogando o cabelo longo para trás dos ombros, Merilee posicionou a flauta na curva entre o lábio e o queixo. Fechou os olhos e começou a tocar. Era uma música animada que Arlo nunca ouvira antes ou, pelo menos, não se lembrava de ter ouvido. Música clássica costumava soar igual para ele, mas Merilee era obviamente muito boa. Podia imaginá-la tocando em uma orquestra.

Wu e Indra apareceram, curiosos. Os três ficaram lado a lado, observando Merilee tocar na entrada de carros. Os dedos da garota apertavam as chaves prateadas, e sua respiração saía em fumaça no ar gelado. A música acabou com um trinado final.

Os três bateram palmas com educação. Merilee fez uma meia medida.

— Essa música é de Mozart. Ninguém sabe onde ele está enterrado, mas provavelmente ainda está lá.

Sem a música, tudo parecia muito silencioso. Arlo tinha a impressão de que deveria falar, mas não tinha ideia do que dizer.

— Podem continuar construindo o trenó — disse Merilee. — Vou só tocar para inspirá-los. Isso não pode ser contra as regras, certo?

Dito isso, ela começou uma nova melodia, tão adorável quanto a primeira. Arlo, Wu e Indra se olharam, encolheram os ombros e voltaram ao trabalho.

Wu encontrou um par de esquis encostado na parede dos fundos. Tinham vinte anos, mas ainda estavam inteiros. Wu tinha certeza de que o seu pai não sentiria falta deles.

Indra arrastou para perto deles uma cadeira circular. Feita de bambu ou de alguma outra madeira similar, era essencialmente uma tigela enorme acolchoada. O tecido estava rasgado e danificado pela água, mas:

— Achei que podíamos usar a base — explicou Indra. De fato, a base da cadeira parecia ideal, particularmente quando virada de cabeça para baixo: leve, resistente e com a largura perfeita. — Podíamos amarrar cordas nela e formar uma tipoia pra carregar o nosso equipamento em uma sacola.

As pernas da mesa de Arlo eram do tamanho exato para serem presas aos esquis de Wu. Juntos, podiam formar as lâminas do trenó. A base da cadeira de Indra podia ficar sobre eles.

Eles tinham todas as peças. Tudo o que restava era juntá-las em um trenó. Eles quebraram e soltaram as botas dos esquis com martelos e chaves de fenda. Para prender as pernas da mesa aos esquis, ficaram em dúvida entre

pinos de aço e um tubo de adesivo de construção que tinham encontrado em uma prateleira. Decidiram usar ambos.

A cola foi a parte fácil. Eles a apertaram e espalharam tiras grossas, semelhantes à pasta de dente.

Os pinos foram mais complicados. A ponta da furadeira fez um barulho agudo e soltou faíscas enquanto era cravada no esqui de fibra de vidro e aço. O barulho foi tão alto que abafou a flauta de Merilee. No fim, eles conseguiram fazer dois buracos pequenos na parte de baixo de cada esqui. Os pinos pesados que planejavam usar eram grandes demais, então optaram por parafusos de madeira menores. Depois de muito esforço e pulsos doloridos, conseguiram enfiá-los nos buracos.

Para prender a base da cadeira circular aos esquis, usaram peças de um guindaste de brinquedo. Como era um ponto de ligação crucial, decidiram usar o máximo de pregos possível. Arlo martelou o polegar duas vezes. Quando todos os dezesseis pregos haviam sido martelados, o encaixe parecia firme.

Indra tinha uma ideia nítida de como o trançado funcionaria, de modo que Arlo e Wu apenas a assistiram entrelaçar e amarrar a corda de sisal áspera em volta da armação. Quando ela terminou de enrolar a corda, os três se afastaram para admirar a criação.

O trenó era surpreendentemente bonito. Comparado com a carroceria quadrada da Bertha Azul, o novo trenó era liso e arredondado. Até mesmo Merilee ficou impressionada. Ela sacudiu a flauta para tirar a saliva do instrumento e as gotas caíram sobre o trenó.

— Eu te batizo Ranúnculo.

— Não vamos chamá-lo assim — disse Wu.

— Não mesmo — concordaram Indra e Arlo.

Tudo o que restava era testá-lo de fato na neve. Eles o carregaram até a rua — era leve o bastante para ser erguido! — e o apontaram na direção certa. Arlo e Wu assumiram as suas posições nas cordas, enquanto Indra se agarrou na parte de trás.

Merilee ergueu seu chapéu para o alto como uma bandeira em uma corrida de carros.

— Três! Dois! Um! Já!

Quando o chapéu desceu, eles começaram a correr. Arlo podia ouvir os esquis atravessando a neve às suas costas, mas mal sentia o peso do trenó. Eles estavam duas vezes mais rápidos mesmo com metade da patrulha.

Passaram por caixas de correio após caixas de correio, correndo em linha reta.

Ao chegarem ao final da rua, Arlo e Wu pararam. O trenó deslizou gentilmente entre eles, parando com facilidade mais adiante. Com os rostos vermelhos e ofegantes, os três gritaram de alegria. Wu pulou em cima de um monte de neve para celebrar. Indra estava radiante.

— Connor vai ter que admitir que estávamos certos.



Connor deu de ombros.

— Só está rápido porque está vazio.

Eles tinham chamado o resto da patrulha, convidando-os para ver a obra que haviam criado. Julie e Jonas chegaram depressa — eles moravam no fim da rua. Connor levou quase uma hora. O sol estava começando a baixar no céu. O vento estava ficando mais forte e a temperatura estava caindo. Até mesmo Merilee tinha ido para casa.

— Depois que colocarmos todo o equipamento, não vai ser mais rápido do que a Bertha. E essas cordas — Connor puxou a rede de Indra — não vão aguentar o peso de qualquer forma. Não sei o que vai acontecer primeiro; a corda se romper ou a madeira quebrar.

O avô de Wu, um homem corpulento com pelos brancos saindo das orelhas, assistia à discussão da beira da entrada de carros. Ele não falava inglês, mas parecia acompanhar o teor da conversa. Estava comendo um saco de biscoitos de pecã esfarelados. Havia pedacinhos grudados na sua barba.

— Por que você é tão negativo? — perguntou Indra. — Um líder de patrulha deve ser inspirador.

— Um líder de patrulha deve tomar decisões. É o que estou fazendo. Estou decidindo que vamos continuar com o plano em que votamos como uma patrulha, que era o de usar a Bertha.

— Mas a Bertha é horrível — disse Wu.

— A Bertha é confiável! Ela não vai se desfazer na montanha. Temos quase cinquenta quilos de equipamento para carregar, e o seu trenozinho de bambu não consegue fazer isso.

Quando terminou os biscoitos, o avô de Wu entregou o saco vazio a Arlo. Ele então se sentou no trenó. As cordas de carga ficaram retesadas, mas aguentaram. O trenó suportou seu peso sem dificuldade. O velho disse algo em chinês. Wu traduziu:

— Ele quer que a gente o puxe.

Todos olharam para Connor. Ele suspirou, resignado.

— Está bem. Vocês vão ver.

A patrulha assumiu as suas posições costumeiras, com os quatro garotos nas cordas e as duas garotas atrás. O avô de Wu acenou com a mão e gritou algo em chinês que presumivelmente significava “Já!”.

Os garotos puxaram. As garotas empurraram. O trenó estremeceu e então escorregou um pouco para a direita. Contudo, logo eles estavam se movendo em linha reta.

Antes de chegarem à próxima caixa de correio, Arlo percebeu que Connor tinha razão: o trenó parecera mais rápido porque ele estava vazio. Desta vez ele podia sentir o peso do avô de Wu atrás dele. Puxá-lo era difícil.

Mas não tão difícil quanto puxar Bertha, lutando para dar cada passo. Ele se imaginou como um cachorro puxando a guia. Era esse o esforço necessário, nem mais, nem menos. Arlo podia fazer aquilo o dia inteiro.

Ele olhou para Wu e então para trás na direção de Connor e Jonas. Sem qualquer planejamento, os quatro haviam entrado em sincronia perfeita: pé esquerdo, pé direito, pé esquerdo, pé direito. Em cima do trenó, o avô de Wu começou a bater palmas no ritmo.

— *Yi! Er! San! Si!* — gritava ele, repetindo as palavras sem parar.

Wu começou a cantar no mesmo ritmo:

— Eu não sei, mas já ouvi!

Arlo escutou quando o resto da patrulha repetiu:

— Eu não sei, mas já ouvi!

— O lago mais frio fica aqui!

— O lago mais frio fica aqui! — Enquanto isso, o avô de Wu continuava contando em chinês:

— *Yi! Er! San! Si!*

Wu aumentou um pouco a cadência.

— Se cair nele vai se molhar!

Dessa vez, Arlo se juntou ao coro.

— Se cair nele vai se molhar!

— E hi-po-ter-mi-a vai pegar.

— E hi-po-ter-mi-a vai pegar.

— Um! Dois! — gritou Connor.

O resto da patrulha gritou em resposta:

— Três! Quatro!

Eles estavam aumentando o ritmo.

— Um! Dois! — Arlo se juntou ao “Três! Quatro!”.

A patrulha inteira gritou junto:

— Um, dois, três, quatro. Um, dois... três, quatro!

Eles estavam chegando ao final da rua.

— Vamos tentar dar a volta! — gritou Connor. — Puxadores, diminuam a velocidade pela metade. Empurradoras, mantenham o peso no esquí esquerdo.

O trenó começou a virar sem hesitar. Eles estavam mais ou menos no meio da curva quando Arlo e Wu entraram em um monte de neve que batia em suas cinturas.

Arlo e Wu se arrastaram para fora da neve. Juntos, os quatro garotos puxaram a frente do trenó enquanto as garotas o mantinham firme. O avô de Wu não saiu do lugar. Afinal, ele estava fazendo o papel de carga.

Enquanto puxavam o trenó de volta à casa de Wu, Arlo mal começara a ficar ofegante.

Indra e Julie ajudaram o avô de Wu a sair do trenó. Ele deu tapinhas de apreço no veículo, murmurando algo em chinês. Depois assentiu e voltou lentamente para a casa.

— O que significa “*hen hao*”? — perguntou Arlo.

— Muito bom — respondeu Wu.

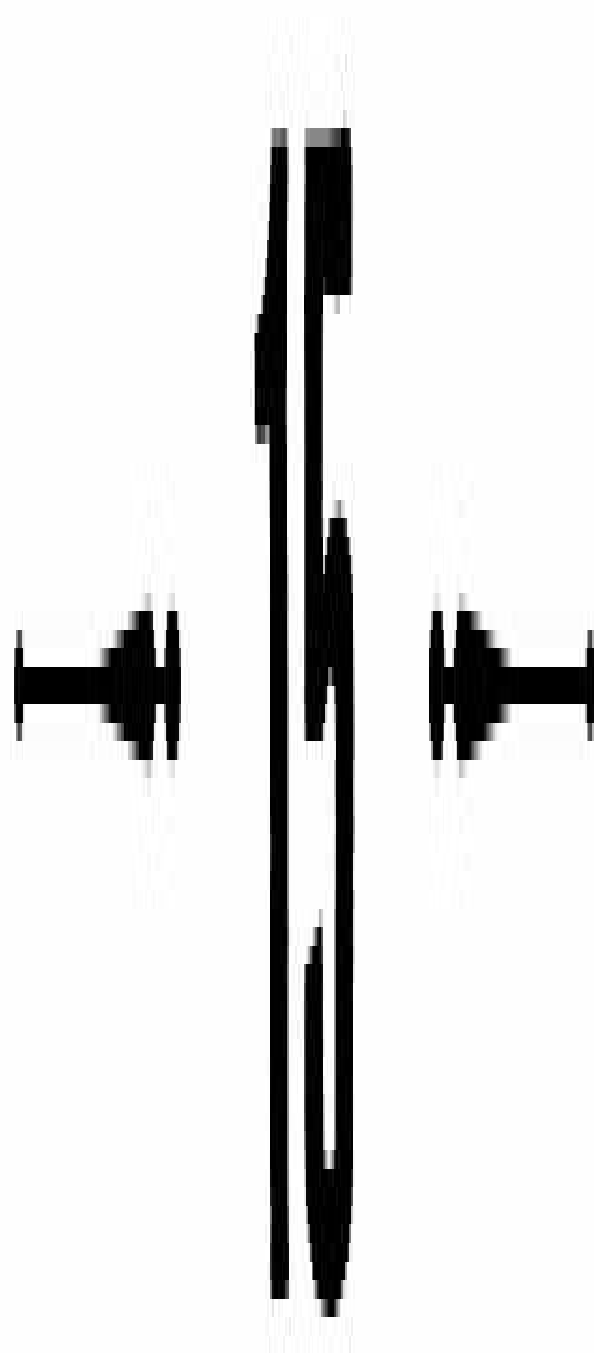
Os seis membros da Patrulha Azul estavam em volta do trenó, e ninguém queria rememorar a discussão que haviam tido minutos antes. Mas a tensão, apesar de silenciosa, não havia sido resolvida. Arlo tinha a sensação de que Indra e Connor começariam a gritar um com o outro a qualquer momento.

Ele mais uma vez teria de decidir a quem ser leal.

Connor falou primeiro.

— Sugiro chamarmos esse trenó de Sr. Henhao e nunca vamos dizer a mais ninguém o que significa. — Arlo olhou em volta, examinando as reações, aliviado por ver sorrisos animados. — Todos a favor?

Todas as mãos foram erguidas.



NEVE E GELO

Nevava quase todas as noites em Pine Mountain no inverno. Em geral, apenas quatro ou cinco centímetros, mas de vez em quando nevava tanto que a neve entrava por cima das botas de Arlo.

Jaycee reclamava sobre ter de raspar a neve do carro antes da escola, mas Arlo adorava. Às vezes, ele fingia que era um escultor entalhando mármore, ou um paleontólogo espanando arenito com cuidado para revelar um *Stationyx wagonpithicus* fossilizado.

Sua parte favorita era quando os degeladores enfim começavam a derreter o gelo no para-brisa. A lâmina de plástico do raspador deslizava pelas gotas d'água até se chocar com as partes ainda congeladas, despedaçando-as em estilhaços vítreos. Ele assistira a vídeos de navios especiais que navegavam no oceano Ártico, quebrando o gelo para que outros barcos pudessem passar. Arlo sentia-se poderoso assim.

De vez em quando, Jaycee o deixava ligar o carro. Era trabalho dela — sua irmã já quase tinha idade para dirigir —, mas Arlo pedia em voz baixa todas as manhãs enquanto sua mãe subia para se arrumar para o trabalho. Ele jamais conseguia prever se Jaycee lhe entregaria as chaves. Não havia padrão, nenhum sinal. Quando ela negava, era com um simples aceno de cabeça. Arlo não sabia dizer se era por maldade, responsabilidade ou por medo de ser pega. Quando Jaycee concordava, as chaves vinham acompanhadas de uma encolhida de ombros que sugeria mais indiferença do que gentileza de irmã.

Aquele era um dos dias de encolhida de ombros. Arlo pegou as chaves e correu até a porta. O ar dentro do carro estava cintilante e parado, com a luz sendo filtrada pela neve no para-brisa. Ele podia ouvir a própria respiração. Os sons estavam realçados por causa do frio, desde o barulho da chave raspando na ignição até aquele emitido pelo enrugamento do plástico dos assentos. Ele se sentiu como um astronauta no espaço.

Apertando a embreagem até o fundo, Arlo girou a chave. O motor engasgou e chiou, lutando para ligar. Ele contou em voz alta:

— Um, dois, três, quatro.

De repente, o carro pegou no tranco. Arlo soltou um suspiro e então girou

todos os botões do aquecedor, colocando-o no máximo.

Quando sua mãe saiu da casa, com o uniforme de garçonne debaixo do casaco longo, o carro estava quentinho e sem neve.

— Obrigada, pessoal — disse ela quando todos entraram, embora Jaycee não tivesse feito quase nada.

Eles deixaram Jaycee na esquina da Wirt Road, onde quatro outros alunos do ensino médio aguardavam o ônibus escolar para Havlick. Os garotos de jaqueta de couro estavam com os ombros encolhidos por causa do frio, chutando montes de neve. Arlo teve certeza de que uma das garotas estava fumando. Ela se virou de costas quando o carro se aproximou, mas Arlo a observou pelo espelho lateral quando se afastaram. Um cigarro surgiu em seus lábios, sem sombra de dúvida.

— Sim, também vi — disse sua mãe, olhando pelo retrovisor. — Você sabe que não deve fumar, né? — Arlo assentiu. — E sabe por quê?

— Porque faz mal pra saúde e é ilegal? — Ele observou enquanto a garota diminuía a distância.

— Não tenho certeza se é ilegal. Talvez seja. As placas na loja sempre dizem que é “ilícito” vender para menores. Sempre achei isso estranho. Por que “ilícito”? Nunca usamos essa palavra em outro lugar.

— Talvez pudéssemos contar para os pais dela. Tenho certeza que Jaycee sabe o nome daquela garota.

— Não sabemos como os pais dela são. Talvez eles já saibam.

— Então eles são maus pais?

Sua mãe inclinou a cabeça com uma pequena careta.

— Talvez estejam fazendo o melhor que podem. Não é fácil ser mãe ou pai. Não existe um guia de campo como o dos Patrulheiros.

— É *Livro de Campo*. — Arlo arrependeu-se no mesmo instante de corrigi-la e do tom de sua voz. — Desculpe.

Sua mãe já o havia perdoado.

— Como vão as coisas por lá? Mais algum drama com trenós? — Arlo sorriu, surpreso por ouvi-la descrever os eventos daquele jeito. Ele contara à mãe sobre o treino mais recente com o Sr. Henhao, dessa vez com todo o equipamento real no trenó em vez do avô de Wu.

— A água é a coisa mais pesada, então é preciso mantê-la na parte de baixo para o trenó não desequilibrar. Além disso, o barril de fogo é meio difícil de acomodar, então precisamos descobrir como...

Sua mãe pressionou uma mão contra o peito dele.

— Espere.

Ela estava com o pé no freio, mas eles continuavam se movendo. Deslizando. Virando. Arlo podia ouvir as rodas rangendo na neve. O tempo passou mais devagar quando ele parou de respirar e simplesmente ficou observando o capô do carro apontar para a beira da estrada. Sua mãe girou o volante com cuidado. *Girar para acompanhar a derrapagem*, ele se lembrou de ter ouvido em algum lugar. Ela estava fazendo isso. Porém, eles ainda estavam derrapando. O pé de sua mãe apertava e soltava o freio levemente. Eles ainda estavam derrapando. A cada segundo, a cada batida de coração, eles se aproximavam cada vez mais do declive íngreme do lado de Arlo da...

A estrada desapareceu. Ele só conseguia ver árvores e o céu.

— Mãe! — Arlo agarrou o apoio do braço.

— Segure-se! — Ela continuou girando o volante. Ainda estava apertando o freio. Nada mudou. Eles estavam se movendo em linha reta em direção à beirada. Arlo fechou os olhos com força. Tudo ficou silencioso.

Então veio o estrondo.

O carro caiu com um som de neve e metal sendo esmagados. Ele podia ouvir as rodas rangendo. Algo se quebrou na parte de baixo do carro. Eles ainda estavam se movendo, mas em uma direção diferente. Arlo sentiu o próprio peso contra a porta. Sua bochecha estava pressionada contra o vidro frio.

— Arlo!

Ele abriu os olhos e se deparou com a mãe flutuando acima dele. Ela ainda estava no seu assento, presa pelo cinto de segurança.

O carro caíra sobre a porta do passageiro, como uma peça de dominó virada de lado. Arlo estava na parte de baixo. Sua mãe estava no alto, gritando:

— Arlo?!

— Estou bem — ele disse, instintivamente, mas tinha certeza de que era verdade. Podia ver seus pés e suas mãos. Nada machucado. Não havia nada sangrando. Até mesmo o carro parecia estar intacto, sem nenhuma janela quebrada, pois a neve tinha amortecido o impacto. Só que carros não deviam ficar virados sobre a lateral, o que tornava a coisa tão estranha. *É como estar no espaço*, pensou ele, lembrando-se de como tinha se sentido quando entrou no carro aquela manhã. A neve estava cobrindo de novo todas as janelas.

— Não machucou a cabeça? Não tem nada cortado ou quebrado?

— Acho que estou bem. — Ele olhou ao redor o melhor que pôde e só

então compreendeu a situação em que se encontravam: como iriam sair do carro? Sua porta estava apoiada no solo, e a porta do lado do motorista agora era o teto.

Sua mãe abaixou a janela do seu lado. Tentou esticar o pescoço para olhar para fora, mas era impossível daquele ângulo.

— Aperte a buzina — sugeriu Arlo.

— Não passam muitas pessoas por essa estrada. Acho que vamos ter de sair sozinhos.

— Tente. Por favor?

Sua mãe forçou um sorriso. Arlo podia ver que ela estava quase chorando, mas conteve as lágrimas.

— Está bem. Vamos tentar.

Ela apertou a buzina. O barulho saiu abafado por causa de toda a neve em volta do capô, mas Arlo tinha certeza de que alguém ouviria.

— Três em seguida, com espaço entre elas. É o chamado universal de socorro. — Ele se lembrava das imagens na página do *Livro de Campo* onde lera sobre sinalização. Três luzes, três apitos, três de qualquer coisa era o sinal de que você precisava de ajuda.

Sua mãe seguiu as instruções e apertou a buzina com três toques firmes. Arlo pôde imaginar o som atravessando o vale até a delegacia em Pine Mountain. Sua mãe repetiu o padrão.

De repente, o carro começou a se mover de novo, deslizando ainda mais pela encosta da montanha. Arlo gritou. Foram apenas alguns centímetros, mas foi aterrorizante.

Então cansaram de esperar por ajuda.

— Acha que consegue subir? — perguntou sua mãe. Arlo assentiu. — Certo, você vai ter que ir primeiro. — Antecipando a pergunta do filho, ela acrescentou: — Se eu tirar o cinto, vou cair em cima de você. Você precisa ir primeiro. Você consegue. Posso ajudar.

Leal, corajoso, bom e certo... Arlo ouviu as palavras do Juramento em sua cabeça. Precisava ser corajoso.

Ergueu o braço e encontrou o botão para soltar seu cinto de segurança. Era difícil apertá-lo daquele ângulo, mas conseguiu fazê-lo se soltar num clique com os dois polegares. O cinto retraiu-se normalmente. Arlo estava livre.

Ele se virou, tentando encontrar uma maneira de subir.

— Não fique de pé na janela — disse sua mãe. — Pise na parte de metal. — Isso era fácil de fazer. O difícil era decidir onde apoiar o pé primeiro. —

Está vendo onde o banco se encaixa ali? — Ela apontou para um trilho de aço. — Tente usar isso. E você pode se segurar no câmbio.

Arlo colocou seu peso na porta com cuidado, nervoso com a possibilidade de que qualquer movimento brusco fizesse o carro deslizar de novo.

— Conseguiu — disse sua mãe. — Agora passe por cima de mim. — Ela esticou a mão para baixo para agarrar o passador do cinto da calça jeans dele, ajudando-o a subir. Arlo agarrou o volante, que girou quando ele o puxou. Algo rangeu: as rodas do carro estavam virando. — Não se preocupe com isso. Continue. — Arlo colocou um pé no painel e segurou a armação da janela. Enquanto se içava para cima, sentiu a mãe empurrando-o.

Arlo colocou a cabeça para fora da janela. Olhou em volta como um cão-da-pradaria espiando para fora de sua toca.

Não estavam tão longe assim da estrada: ela estava no máximo um metro acima deles. Arlo podia ver a brecha na neve no ponto onde o carro tinha caído.

— Consegue sair?

— Acho que sim. — Arlo apoiou o pé direito no volante e se espremeu pela janela. Conseguiu colocar o joelho esquerdo sobre a porta. Não havia neve na porta do motorista, então era fácil se mover por ela, chegando cada vez mais perto da estrada. O metal afundou em alguns lugares. Arlo tinha medo de estar deixando amassados.

Sua mãe não podia vê-lo daquele ângulo.

— Você está bem?

— Estou. Vou pular.

— É seguro?

Arlo queria soar confiante.

— É fácil. — Não era. Antes que pudesse perder a coragem, ele contou depressa até três e saltou para a estrada.

Não conseguiu alcançá-la.

Caiu de cara em meio metro de neve. Ela entrou pelo nariz e grudou em seus cílios. Podia senti-la derretendo na nuca.

Mas ele estava bem. E estava perto. Ele se arrastou para a frente mais um pouco até chegar com firmeza à estrada. Levantou-se sobre a neve e a espanou do corpo. Ele estava vermelho e o seu coração pulando no peito.

— Arlo?! — A mãe soou muito distante.

— Estou bem! Você pode subir agora!

Era difícil enxergar o carro de onde Arlo estava. Outro automóvel que

passasse dificilmente os veria. Podiam ter ficado ali até a primavera, quando a neve derretesse.

— OK! Estou indo.

Só restava a Arlo esperar.

Ele ouviu vários barulhos vindo do carro, que presumiu ser a mãe soltando o cinto e achando uma posição melhor. Então viu sua mochila voar pela janela e aterrissar na porta do carro. A mãe surgiu logo depois dela. Arlo nunca ficou tão feliz em vê-la.

— Pegue sua mochila. — Ela a jogou para Arlo e depois continuou a subir até se sentar na porta do lado de fora. Então fez uma pausa para recuperar o fôlego. Suas pernas ainda estavam balançando no ar, como se ela estivesse sentada na beira de uma piscina.

— Mãe? — Ela olhou para Arlo. — O que aconteceu?

Sua mãe encolheu os ombros.

— Às vezes as estradas ficam escorregadias. E esses pneus não estão uma maravilha. Para ser franca, esse carro nunca foi grande coisa. Me espanta ter durado tanto.

— Dá pra consertar?

— Não sei. Nem sei como vamos poder pagar. Mas vamos dar um jeito.

— O importante é que estamos bem — disse Arlo.

— Exatamente. — Sua mãe esfregou os olhos. De repente, ela teve uma nova ideia: tateou o casaco e encontrou o seu telefone. — Aqui, pegue. — Ela jogou o telefone para Arlo, que o agarrou junto ao peito.

— Quer que eu ligue pra quem?

— Ninguém. Tire uma foto.

— Por quê?

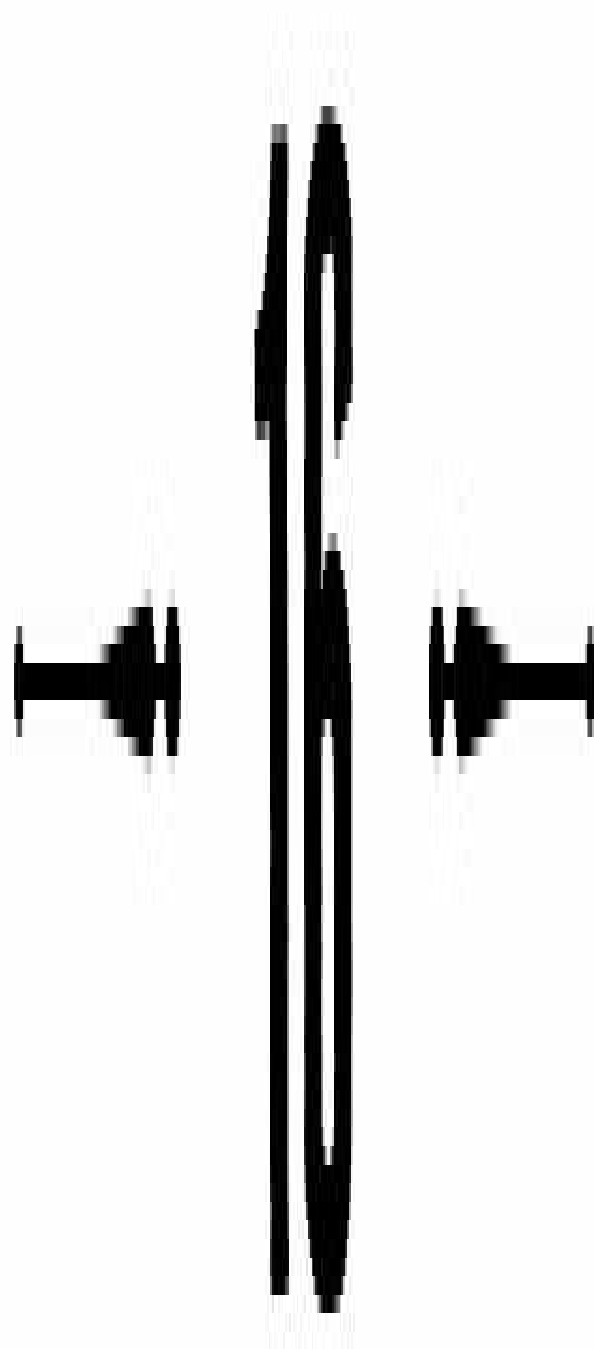
— Vamos querer nos lembrar disso — disse ela. — Além do mais, quem vai acreditar sem a foto?

Arlo tirou as luvas. Destravou o telefone e abriu a câmera. Enquadrou a foto, esperando a mãe arrumar o cabelo.

— ok, pronta. — Ela abriu um sorriso largo e olhou para ele.

Arlo tirou a foto.

Sua mãe tinha razão. A foto o ajudou a se lembrar do momento, e do que aconteceu depois.



A ESTRADA

A mãe de Arlo estava terminando a ligação.

— Exatamente. Mais ou menos entre a Wirt Road e a Main Street. OK, Mitch, muito obrigada. — Ela desligou. — O guincho vai chegar daqui a meia hora, talvez quarenta e cinco minutos.

Arlo olhou da beira da estrada para o carro. Parecia um brinquedo jogado fora.

— Como vão tirar ele de lá?

— Não sei. Mas vão dar um jeito. Carros saem da estrada aqui a toda hora.

— Sua mãe olhou para o relógio. — Acha que consegue andar o resto do caminho até a escola? É só um quilômetro e meio. Siga em frente, depois vire à esquerda na Main. Você sabe o caminho.

Arlo assentiu. Ele sabia o caminho, mas não tinha certeza se era uma boa ideia. Muita coisa podia acontecer em um quilômetro e meio.

— Você tem teste de matemática, certo? Não vai querer perder.

Na verdade, ele teria perdido o teste de bom grado, mas não era por isso que estava enrolando. Ele não queria deixar a mãe sozinha ali. E se o guincho não aparecesse? E se a bateria do telefone acabasse? E se um urso saísse da floresta? Ela não havia lido o *Livro de Campo*. Não saberia distinguir um urso negro de um cinzento, nem se deveria recuar devagar ou gritar e fazer barulho. Se Arlo fosse embora, ela estaria praticamente...

— Vá. Vou ficar bem. Eu costumava ir a pé para a escola.

— No inverno?

— Não. Mas já o levei até a metade do caminho. Já equilibra as coisas. — Sua mãe o puxou, abraçou-o forte e o beijou no alto da touca. — Vá. Eu te amo.

— Também te amo. — Arlo colocou a mochila nas costas.

— Ei, e se alguém duvidar de você, lembre-se — disse ela, erguendo o telefone. — Temos provas fotográficas.

Arlo forçou um sorriso.



A estrada estava silenciosa. Tudo o que ele conseguia ouvir era o ranger de

suas botas.

Pelo menos um carro passou pela estrada naquele dia. Arlo caminhou entre as marcas de pneu, notando os padrões em forma de losango deixados na pista. De vez em quando, um amontoado de neve suja obscurecia as marcas. Ele chegou à conclusão de que provavelmente eram punhados acumulados que grudavam na roda e caíam quando ficavam grandes demais.

Arlo estava caminhando havia poucos minutos quando começou a nevar. Os flocos eram finos e cristalinos, quase como areia. Não grudavam nas luvas ou no casaco, mas entravam debaixo da gola. Colocou o capuz para se proteger.

Crunch crunch, crunch crunch. Arlo continuou andando.

A Main Street tinha de estar perto, talvez logo depois da curva.

Porém, algo estava estranho: ele não parecia estar chegando mais perto da curva. Estava andando em sua direção, mas ela parecia estar recuando na mesma velocidade, como se a estrada de alguma forma estivesse se esticando no meio.

Arlo parou. A curva na estrada estava exatamente onde devia estar. Aquilo era intrigante.

Então ele ouviu um sussurro, tão baixo que poderia ter sido o vento. Parecia estar lhe chamando:

— Tu-ble!

Arlo esquadrinhou a floresta, procurando pela origem do sussurro. Avistou corvos nas árvores, que pareciam observá-lo. Poderia ter ouvido o crocitar e se confundido?

— Tu-ble! — Era a voz de uma velha, baixa e rouca. Parecia vir da mata escura à sua esquerda.

Arlo começou a andar de novo. A curva afastou-se dele de maneira quase imperceptível.

— Tuble! — Mais alto. Mais perto. Era possível ouvir um sorriso na voz da mulher.

Arlo apertou o passo e depois começou a correr, sua mochila balançando de um lado para o outro. Ele sem dúvida estava se movendo para frente. Não era como se estivesse em uma esteira — ele estava passando por árvores à direita e à esquerda. Contudo, a curva permanecia à mesma distância adiante, por mais que corresse.

Arlo parou. Seus pulmões doíam. Ele podia sentir o sangue pulsando nos ouvidos.

Foi quando notou outra coisa estranha. Ele estivera tão concentrado no que se encontrava à sua frente que não percebeu o que estava bem aos seus pés: as marcas de pneus haviam desaparecido. Em uma estrada com nenhum caminho em que virar, para onde tinham ido?

Arlo virou-se para olhar para trás. Foi quando a avistou.

Uma garota com mais ou menos sua idade estava parada na estrada, a uns seis metros de distância, de costas para ele. Seu cabelo estava preso em tranças complicadas, com flores minúsculas e pedras cintilantes. Ela usava um vestido com desenhos vermelhos e dourados intrincados, mas estava sem sapatos. Estava descalça na neve.

Arlo não conseguia ver seu rosto, mas tinha certeza de quem era.

— Olá?

A garota inclinou a cabeça para o lado, como se não soubesse de onde vinha o som.

— Você está bem?

Ela não respondeu, mas ergueu a mão esquerda ao lado do corpo, como se tentasse sentir algo no ar. A garota tinha anéis com pedras douradas nos dedos. Arlo deu alguns passos em sua direção. A garota não reagiu. Não parecia escutar seus passos. Arlo acabou parando atrás dela, tão perto que poderia tê-la tocado.

A garota abaixou a mão e enfim falou.

— É você?

— Sim.

— Arlo Finch. — A voz dela parecia vir de todas as direções. Porém, era sem dúvida a voz de uma garota, não o sussurro rouco da floresta.

Arlo começou a dar a volta para ficar de frente para ela, mas, por mais que se movesse, as costas da garota continuavam sempre voltadas para ele. Era como uma ilusão de óptica, a não ser pelo fato de que ele se encontrava bem no meio dela. Arlo parou, um pouco tonto.

— Você é Katie Cunningham?

A pergunta pareceu irritá-la.

— Faz muito tempo que esse não é o meu nome.

— Qual é seu nome agora?

— Rielle. — Uma música baixa pôde ser ouvida quando ela falou, como se o seu nome não fosse feito de letras, mas de notas musicais, dedilhadas em cordas e tocadas em sininhos.

— Conheço o seu primo, Connor. Estamos juntos nos Patrulheiros. Ele é o

líder da minha patrulha. — Ela não respondeu. — Você se lembra dele?

— Sim.

— Você foi sequestrada?

Outra pausa. Ela sacudiu a cabeça.

— Não. Eu não pertencia ao seu mundo. O meu lugar é no Reino.

— O que é o Reino?

— As terras místicas. O outro lado da Floresta Longa.

Arlo estava confuso. Ele achava que a Floresta Longa *era* o outro mundo. Ela estava dizendo que havia um terceiro lugar? E se o lugar era chamado de Reino...

— Então o que é a Floresta Longa?

— É onde as duas terras se encontram. — Pela maneira como ela mexeu os braços, Arlo desconfiou que estivesse tentando mostrar a interseção com as mãos.

— É onde estamos agora? Na Floresta Longa?

— Acho que não — disse Rielle. — É diferente.

— Estou em uma estrada na floresta. Em Pine Mountain. Está nevando aqui. — Parecia estranho ter de contar isso a ela, levando em consideração que Rielle estava descalça na neve.

— É outono aqui — disse ela. — Sempre é outono.

Arlo tentou imaginar o que ela queria dizer. As pessoas diziam que era sempre verão em Phoenix ou no México porque era quente e nunca nevava. Contudo, como podia ser sempre outono? Quando as árvores perdem as folhas, elas não nascem de novo até a primavera.

— Eu estava caminhando no jardim e o caminho não parava de mudar — continuou ela. — Então ouvi uma voz. Uma velha.

— Eu também ouvi!

— Ela é perigosa. Você precisa ficar longe dela.

— Por quê? O que ela quer?

— Ela quer você.

Arlo de repente sentiu-se tonto de novo e o mundo girou ao seu redor. Rielle estava caminhando, mas ele não conseguiu segui-la. Tentou alcançá-la, mas cada passo era pesado.

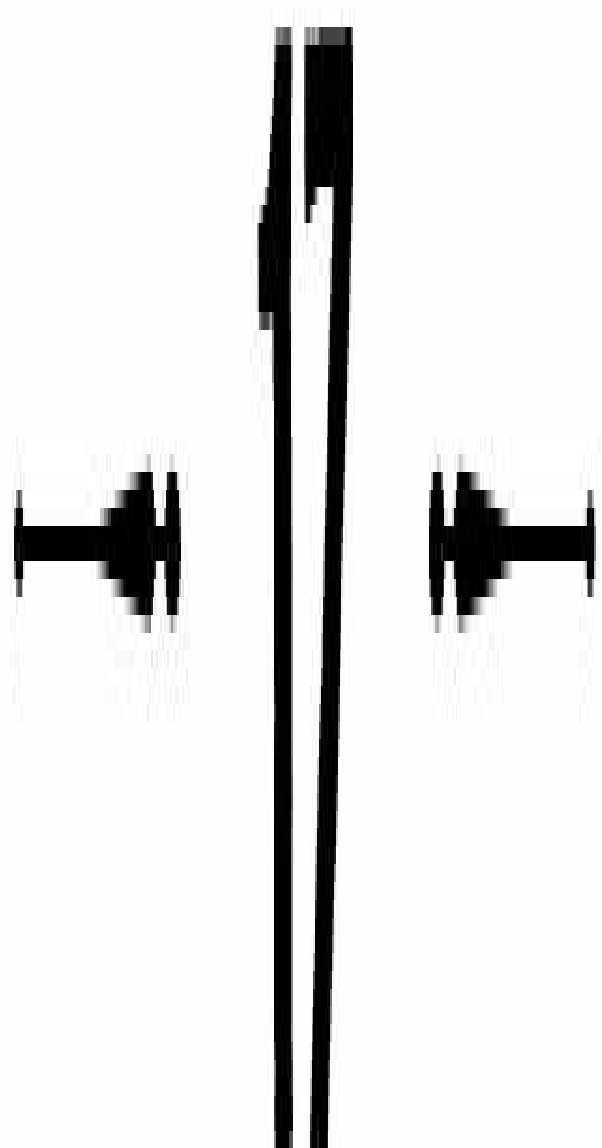
— Espere! Por que ela me quer?

Rielle parou e, subitamente, estava atrás dele. Segurou o braço de Arlo com firmeza e sussurrou em seu ouvido:

— Porque você também não pertence a este mundo.

Quando Arlo virou-se para encará-la, ela havia desaparecido.

Arlo Finch agora estava sozinho na estrada, a estrada real, entre duas marcas de pneus na neve. As únicas pegadas eram as suas.



9H45

Arlo decidiu contar tudo a Wu e Indra.

O trio se reuniu ao lado do trepa-trepa coberto de neve durante o recreio da manhã. Indra escutou com atenção, tomando notas mentalmente, enquanto Wu andava de um lado para o outro quebrando pingentes de gelo. Ele estava prestando atenção, mas não conseguia se concentrar a não ser que estivesse fazendo alguma coisa com as mãos.

Arlo começou contando sua primeira conversa breve com o reflexo da garota na janela e o seu vago aviso de que ele estava em perigo.

Indra o interrompeu.

— Você acha que os fogos-fátuos estão atrás de você e não de Connor.

— Acho que sim. Mas Connor sem dúvida também é parte disso. Tenho certeza de que a garota é a prima de Connor, a que desapareceu quando eles eram pequenos.

Wu soltou um “uau” em voz baixa, embasbacado. Arlo explicou como procurou por fotos de Katie Cunningham quando era pequena no celular de sua irmã. Embora não pudesse ter certeza de que era a mesma garota que vira no reflexo, ela tinha olhos diferentes como os seus.

Indra o interrompeu de novo, como se apenas ela fosse capaz de juntar as peças.

— Então o pequeno Connor e a pequena Katie desaparecem. Eles acabam na Floresta Longa. Connor consegue sair de alguma forma, mas Katie fica pra trás. E ela está lá desde então.

Wu ergueu um pingente de gelo como uma espada.

— Temos de resgatá-la.

— Não — disse Arlo. — Ela não está na Floresta Longa. Ela está no Reino.

— O que é o Reino?

— Eu vou contar, mas você não para de interromper.

Indra bufou.

— Certo. Explique mais depressa.

Arlo falou sobre os eventos daquela manhã, começando com o acidente de carro. Os detalhes ainda estavam tão vívidos em sua memória e eram tão emocionantes que ele queria passar mais tempo neles — ele podia ter

morrido, afinal de contas —, mas no fim não eram tão importantes quanto o que tinha acontecido na estrada. Arlo descreveu a neve cristalina, a voz na floresta, as marcas de pneu que desapareceram e como não conseguia se aproximar da curva, que permanecia sempre longe.

— É assim que acontece — interrompeu Indra mais uma vez. — Li histórias sobre isso, de pessoas que entraram por acidente na Floresta Longa...

— Ele disse que ela não estava na Floresta Longa — disse Wu.

Arlo tentou esclarecer.

— Onde quer que estivéssemos, ela também chegou lá por acidente. Ela vive no Reino.

— Você ainda não explicou o que é o Reino.

— Porque você continua me interrompendo.

— Precisa parar de me deixar interromper você! — Indra cruzou os braços, irritada.

Arlo continuou, descrevendo a tontura que sentiu quando tentou se aproximar da garota na estrada. Ele não conseguia se lembrar exatamente do que cada um dissera, mas resumiu da melhor maneira que pôde. Indra conteve o impulso de interromper para pedir esclarecimentos sobre cada pequeno detalhe, mas era claramente um esforço.

— Perguntei se ela era Katie Cunningham. Ela disse que o nome dela não era mais Katie. Era Rielle.

— Como se escreve...?

Wu a fez se calar. Indra fez uma careta, guardando a pergunta para mais tarde. Por fim, Arlo explicou o Reino até onde o compreendia.

— Acho que existe o nosso mundo — disse ele, estendendo a mão esquerda. — E existe o Reino. — Ele estendeu a mão direita ao lado da outra. — E, onde eles se encontram, é a Floresta Longa. É como a fronteira entre os dois mundos.

O sinal tocou. Eles precisavam entrar logo.

— Então o que fazemos agora? — perguntou Wu. — Temos de contar para o Connor, certo?

Arlo não tinha tanta certeza.

— Ela não teve uma grande reação quando eu disse o nome dele. Foi como se ela soubesse quem Connor era, mas não estivesse nem um pouco preocupada com ele.

— Sim, porque Connor está bem — disse Wu. — É ela quem está em

apuros.

Indra sacudiu a cabeça.

— Ela podia ter pedido para Arlo entregar uma mensagem. Dizer que ela estava viva. É estranho não ter feito isso.

— Talvez ela não pudesse! — exclamou Wu. — Talvez ela não quisesse que Connor corresse perigo. Afinal, os dois foram sequestrados.

Indra ergueu um dedo para corrigi-lo.

— Ela não disse que foi sequestrada.

— Como se ela soubesse! Era uma menininha estúpida quando aconteceu. Essa garota, Katie, Rielle, seja lá quem for, está presa nesse outro mundo, o Reino. Alguém precisa salvá-la.

— Quem? Nós?

— Talvez!

— Como?

— Eu não sei! Vamos pensar em algo.

— Típico — disse Indra. — É como a história do trenó. Planos mirabolantes sem nenhuma base na realidade.

— O trenó acabou ficando ótimo!

— Sim, porque alguém (eu!) foi capaz de pensar nele de um modo prático.

Arlo percebeu que fazia algum tempo que não falava. Estava simplesmente assistindo aos dois discutirem, como se fosse um jogo de tênis na TV.

— Não acho que Rielle quer ser salva — disse ele. — Ela estava principalmente me avisando pra ficar longe.

— Exatamente! — disse Wu. — Porque é perigoso. Ela está em perigo. Quando alguém está em perigo, nós salvamos a pessoa. É coisa básica dos Patrulheiros.

— Não é nem um pouco desse jeito — disse Indra. — Digamos que alguém caia em um buraco num lago congelado...

— Você salva a pessoa!

— Mas não dá simplesmente pra correr sobre o gelo, porque ele poderia se partir e então você também acabaria na água. Teria de se mover lentamente. Arrastar-se de barriga e então jogar uma corda para a pessoa. Ou, melhor ainda, empurrar lentamente uma escada pelo gelo.

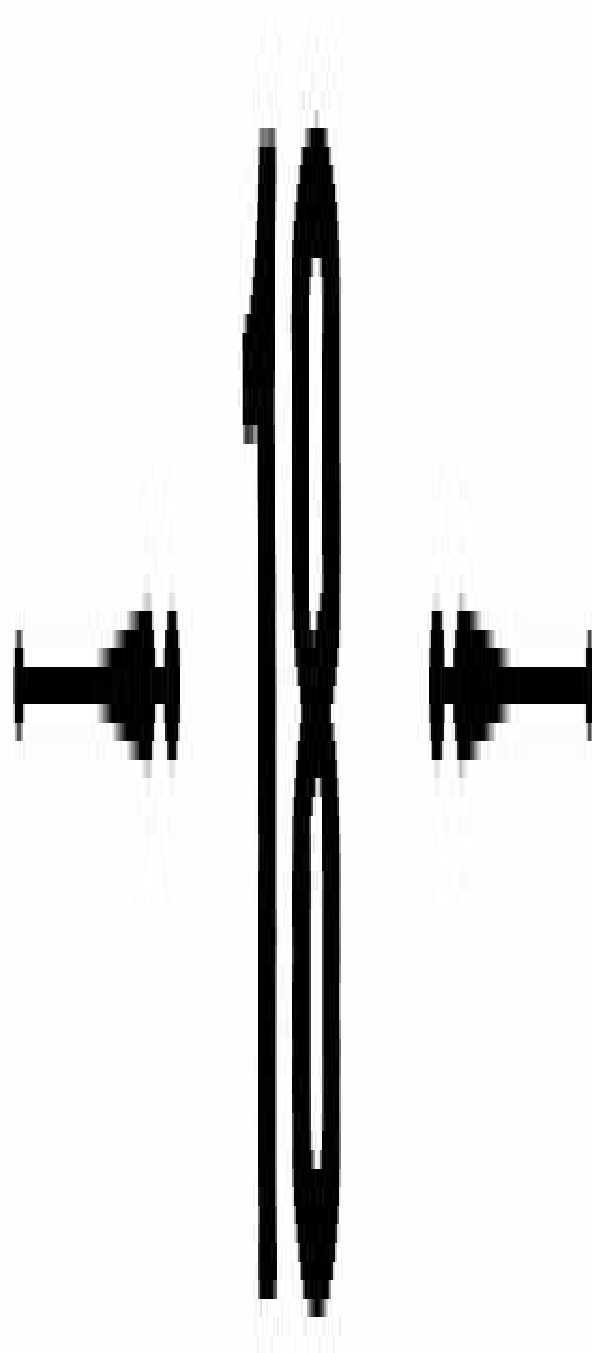
Wu ficou irritado.

— Me lembre de nunca ir pescar no gelo com você. Você deixaria eu me afogar enquanto estivesse folheando o *Livro de Campo* pra encontrar a página certa.

— É a 48!

Arlo olhou ao redor no pátio. Todos os outros alunos já haviam entrado. Mais um minuto e a Sra. Mayes os mandaria para a detenção.

— Vou contar para o Connor. Hoje à noite, depois da reunião dos Patrulheiros. — Wu e Indra o olharam, surpresos por Arlo ter tomado uma decisão sem eles. — Não sei qual é a coisa certa a fazer. Mas Connor merece saber.



NÓS

— O coelho sai da toca, dá a volta na árvore e volta para a toca.

Connor puxou a corda com força, mostrando o nó lais de guia terminado. Parecia idêntico à ilustração no *Livro de Campo*.

Arlo seguiu as instruções de Connor, dando laços na corda para criar uma “árvore” e uma “toca”, e depois usando a ponta livre da corda como o “coelho” para dar a volta por fora e passar por dentro de novo. Ele puxou a corda, mas tudo o que conseguiu foi um emaranhado.

— A árvore precisa nascer do solo — explicou Connor, demonstrando que lado da alça precisava ficar para cima. Arlo tentou de novo. Dessa vez deu certo. O nó era forte.

Eles estavam se preparando para o revezamento de nós, uma corrida entre patrulhas para ver quem podia dar todos os dez nós dos Patrulheiros primeiro. Fazer nós sempre era uma das estações da Corrida Alpina, de modo que a companhia passava muito tempo certificando-se de que cada Patrulheiro os conhecesse.

Por ter acabado de começar com cordamaesthria (“Tem um H a mais”, explicou Indra. “É mudo, mas é importante.”), Arlo sabia que era um fardo para a Patrulha Azul. Ele era mais lento do que os outros para dar os nós e tinha mais probabilidade de errar.

Além disso, só conhecia oito dos dez nós.

Arlo sentia-se confiante com o seu nó quadrado, nó de correr, volta de fiel, nó de escota, volta da ribeira e nó simples duplo (que era um só nó, apesar do nome). Ele esperava que conseguisse se lembrar do lais de guia e do nó de sangue, mas...

— Se ele tirar um nó catau ou um nó de zepelim, estamos fritos — disse Indra.

As patrulhas estavam reunidas em seus respectivos cantos do porão da igreja. Alguns Patrulheiros faziam alongamentos para correr. Arlo estava tão preocupado com os seus nós que nem pensara na parte em que correria. Ele imitou os alongamentos, embora não tivesse muita certeza de quais músculos queria alongar.

— Lembre-se, o nó de correr tem duas passadas por dentro da alça e uma

por fora — disse Wu. — E o nó de escota vai para cima, em volta e depois é enfiado por baixo.

— Por que é chamado nó de escota?

— É bom para segurar velas de barcos, que são presas por uma corda chamada escota — explicou Indra. — Também serve para amarrar lençóis, caso precise improvisar uma corda, por exemplo.

Arlo teve um lampejo: aquele era exatamente o nó de que precisava para escapar de seu quarto caso ocorresse um deslizamento de terra! Ele estava prestes a perguntar para que servia um nó catau quando Christian soprou o apito para reunir as patrulhas. Estava na hora de fazerem fila.

Com seis Patrulheiros e dez nós, quase todo mundo da Patrulha Azul precisaria ir duas vezes. Connor colocou Arlo no fim da fila.

— Assim você só vai ter de ir uma vez.

Arlo assentiu, aliviado.

Ele contou os Patrulheiros nas outras patrulhas para ver contra quem correria. Na Patrulha Verde, era uma garota chamada Zaylin. Na Patrulha Vermelha, era Russell Stokes. O valentão ruivo o viu e olhou de volta com hostilidade.

A Patrulha Sênior faria o papel de juízes. Cada um dos membros assumiu uma posição do outro lado da sala, com uma pilha de fichas e uma corda de um metro a seus pés.

— Patrulheiros, preparar! — gritou Christian. — Em suas marcas! Corram!

Os líderes das patrulhas correram o primeiro trecho, atravessando correndo a sala para virar uma ficha e revelar que nó tinham de fazer. As patrulhas torciam enquanto os corredores colocavam mãos à obra.

Connor foi o primeiro a receber um sinal de positivo do juiz. Ele correu de volta e entregou a corda a Indra. Eles estavam emparelhados com a Patrulha Vermelha. A Verde parecia estar tendo dificuldades, e Arlo imaginou se eles haviam tirado um nó mais difícil logo de início.

Conforme os corredores retornavam às posições iniciais, eles avisavam que nós haviam tirado.

— Volta da ribeira — disse Connor.

— Nó de escota — disse Indra.

— Volta de fiel — disse Wu.

— Lais de guia — disse Jonas ao entregar a corda à sua irmã.

Nos primeiros quatro trechos, a Azul tirara quase todos os nós em que Arlo

era bom. Agora que estava na frente da fila, Arlo esperava que Julie tirasse um nó difícil e lhe deixasse algo simples. Ele a observou virar a ficha e ajoelhar-se para dar um nó em volta do tornozelo do juiz.

— Ela tirou o nó de correr — disse Wu.

— Isso significa que você vai ficar com o nó de sangue, o quadrado, o catau ou o zepelim — disse Indra. Arlo só conhecia os dois primeiros.

— E se eu não conseguir dar o nó?

— A gente já era — disse Wu.

Connor segurou Arlo pelos ombros.

— Estamos na frente. Apenas tente amarrar direito de primeira, mesmo que tenha de ir mais devagar.

Julie recebeu o sinal de positivo do juiz e começou a desatar o nó. Arlo sentiu o pulso acelerando de expectativa. Julie voltou correndo. Assim que a corda tocou a mão de Arlo, seus pés assumiram o controle. Ele se viu diante do juiz, virando a próxima ficha.

Porém, não havia nada escrito nela, somente uma série de rabiscos.

Arlo piscou com força, tentando fazer com que seus olhos entrassem em foco. Contudo, as linhas na ficha não formavam letras, pelo menos não em qualquer alfabeto que ele já tivesse visto. Enquanto olhava para a ficha, Russell Stokes chegou ao ponto ao seu lado. A Patrulha Vermelha os tinha alcançado.

Arlo virou a ficha para mostrá-la ao juiz.

— Gajñ herodut — disse o juiz. As palavras lhe eram completamente estranhas, e pareciam ter sido cantadas em vez de faladas.

Agora, duplamente confuso, Arlo olhou de novo para a ficha. Os rabiscos ainda eram apenas rabiscos.

O nó que ele melhor sabia dar era o quadrado. Então foi esse o que deu. Ele pegou as duas pontas da corda e as amarrou da direita por sobre a esquerda, da esquerda por sobre a direita. Puxou com força e o mostrou ao juiz.

Sinal de positivo. Arlo desatou o nó e correu de volta para a sua equipe, entregando a corda a Connor para a sua segunda ida. Ele chegara antes de Russell com no mínimo dois segundos de diferença.

Wu e Indra cumprimentaram Arlo com tapas no alto quando ele voltou para o seu lugar na fila. Russell lhe lançou um olhar furioso.

— Emmñ sarup. Isthinu talabritic?

Arlo sabia pelo tom que era um insulto, mas não fazia ideia do que as

palavras realmente significavam.

— Baru sledith — respondeu ele.

A sensação era de que o seu cérebro havia mudado para uma língua diferente por acidente, como quando o computador de seu pai mostrava chinês em vez de inglês. As configurações do cérebro de Arlo haviam se bagunçado de alguma forma.

Arlo olhou em volta da sala espantado, notando todos os pequenos detalhes que haviam mudado. Havia uma placa verde iluminada acima da porta. Porém, em vez da palavra SAÍDA, havia uma mistura de formas aleatórias. Na parede oposta havia um pôster grande com o Juramento do Patrulheiro, mas as letras estavam todas erradas.

No entanto, também eram familiares. Ele as vira antes, mas não conseguia lembrar-se de onde. Além disso, ele tinha a impressão de que seria capaz de compreender a escrita se forcesse um pouquinho a mente. Arlo começou a concentrar-se, ignorando todos os sons dos Patrulheiros que torciam. Começou a reconhecer padrões repetidos nos traços e como formavam palavras. Achou que estava quase compreendendo quando...

Wu e Indra o agarraram, vibrando. Jonas tinha acabado de voltar com a corda. A Patrulha Azul havia vencido a corrida, terminando alguns segundos na frente da Vermelha. A Verde ficou em um distante terceiro lugar.

— Que bom que você tirou o nó quadrado — disse Wu.

— Também acho.

Arlo olhou de novo para o Juramento do Patrulheiro na parede. Tinha voltado a estar escrito em inglês.

Sempre estive em inglês, pensou Arlo. O que quer que tivesse mudado, não era o pôster, mas o seu cérebro. Ele tinha esquecido o inglês completamente durante algum tempo. Arlo ficou pensando se aquilo explicava por que às vezes ele tinha dificuldade em ler: *o seu cérebro estava tentando usar a língua errada?*

O que levantava a pergunta: que língua o seu cérebro estava usando? Podia ter sido a mística? Aquilo era mesmo uma língua? E, caso fosse, por que ele a conhecia?



— Qual o problema? É sobre o trenó de novo? Não me digam que construíram outro.

Arlo, Indra e Wu pediram a Connor que ele ficasse depois da reunião. A

sala de reuniões no porão estava quase vazia; restavam apenas alguns membros da Patrulha Sênior fazendo o inventário do depósito da intendente.

— Arlo tem algo pra lhe contar — disse Indra.

Transformado de repente no centro das atenções, Arlo não tinha certeza de por onde deveria começar. Devia contar aos poucos? *Ei, lembra-se de quando você era criança e desapareceu na floresta?* Devia ir direto ao ponto? *Sua prima está viva em outro mundo, mas tem um nome diferente e parece não se importar se você sabe disso ou não.* Ele optou por um meio-termo.

— Vi sua prima, Katie. Hoje de manhã, antes da escola. E outra vez antes disso.

Arlo ficou prestando atenção em qualquer reação. Ele viu Connor abaixar os olhos, como se estivesse puxando uma imagem da mente. Os lábios dele se moveram, como se estivessem prestes a formar uma palavra. Então ergueu de novo os ombros e inclinou a cabeça.

— Onde?

— Na primeira vez, em um reflexo no meu quarto. Na segunda, na estrada na entrada da cidade, só que não era a estrada. Provavelmente era a Floresta Longa.

Connor olhou para os outros Patrulheiros mais afastados, certificando-se de que não pudessem ouvir a conversa. Um deles era o seu irmão, Christian.

— Como você chegou lá?

— Não sei bem.

— Como você voltou?

— Também não sei.

— E tem certeza de que era ela?

— Sim. Conversei com ela.

Connor assentiu, pensando.

— Qual ela disse que era o seu nome agora?

Arlo hesitou. Tinha certeza de que aquilo era um teste. Connor claramente conhecia o nome; queria se certificar de que Arlo estava dizendo a verdade.

Indra interrompeu, apontando para Connor.

— Como você sabia que ela estava viva?

Connor a ignorou.

— Qual é o nome dela agora?

— Rielle — respondeu Arlo.

Connor suspirou e passou as mãos pelo cabelo. Wu, Indra e Arlo se olharam, sem saber se aquilo estava indo bem ou terrivelmente mal.

Connor olhou nos olhos de Arlo.

— O que ela disse, exatamente?

— Não muito. Falamos principalmente de como estávamos conversando. Acho que ela estava tão surpresa quanto eu.

Connor sacudiu a cabeça.

— Não tenha tanta certeza. Não dá necessariamente pra confiar nela.

— Espere um pouco — disse Wu. — Como você sabia que ela estava viva e que tinha um nome novo?

— Ela volta duas vezes por ano pra ver os pais. Uma vez no Natal e outra no solstício de verão. Foi o acordo que fizeram.

— Com quem? — perguntou Wu.

— Com as pessoas com quem ela vive agora. Os místicos.

O cérebro de Arlo precisou de alguns momentos para processar aquilo. A garota que ele supunha estar desaparecida não estava. Sua família sabia exatamente onde ela se encontrava.

— Ela disse que vive no Reino.

— Não sei como se chama, mas, sim. O lugar pra além da Floresta Longa.

Indra interrompeu.

— Então quando vocês eram pequenos e se perderam em Highcross...

— Eles só queriam a Katie, então me deixaram voltar. Não me lembro de nada do que aconteceu. Eles apagaram da minha memória ou algo assim.

Arlo estava disposto a acreditar nele. Connor parecia estar tanto confuso sobre o que havia acontecido exatamente quanto resignado a jamais saber.

— Por que ninguém tentou resgatá-la? — perguntou Wu.

— Algumas pessoas tentaram, no início. — Connor olhou para Arlo. — Como o seu tio.

— Tio Wade tentou salvá-la?

— Você tem um tio? — perguntou Wu.

Indra ligou os pontos de súbito.

— O cara que empalha animais... ele é seu tio, não?

Arlo assentiu, mas não queria mudar de assunto.

— Li que ele foi preso por manipular provas.

— Ele e algum outro sujeito estavam tentando nos encontrar — disse Connor. — Mas, naquela altura, minha família já estava falando com os místicos. Eles fizeram um acordo: Katie ficaria e eu voltaria pra casa. Parte do acordo foi que tudo seria mantido em segredo.

— É por isso que você nunca fala desse assunto — disse Indra.

— E é por isso que vocês não podem contar a ninguém. Nem para os seus pais, nem para Jonas e Julie. Se alguém algum dia descobrir... — Ele se calou. Arlo desconfiava que Connor não conhecia os detalhes exatos do acordo, e não queria conhecer.

— Espere, não. Não mesmo. — Wu deu um passo adiante. — A sua família entregou sua prima pra um bando de malucos em outra dimensão e devemos simplesmente ficar quietos e não mencionar nada a respeito?

— Ela está melhor lá, de verdade — disse Connor. — É como se você tivesse um lobo e o colocasse em uma jaula. Ele provavelmente poderia sobreviver, mas não seria o seu lugar. Ele precisa estar livre na mata. Katie sempre foi estranha, mesmo quando tinha quatro anos. Ela ouvia vozes. Falava em uma língua diferente, escrevia em um alfabeto diferente.

Místico, pensou Arlo.

Connor continuou.

— Na época, achavam que havia alguma coisa errada com ela, mas...

— Ela era um deles — disse Indra.

— Não, não de verdade. Esse é o ponto: ela também não é um deles. Eles precisam dela pra alguma coisa. Ela é especial de alguma forma.

— Arlo também deve ser especial — disse Wu.

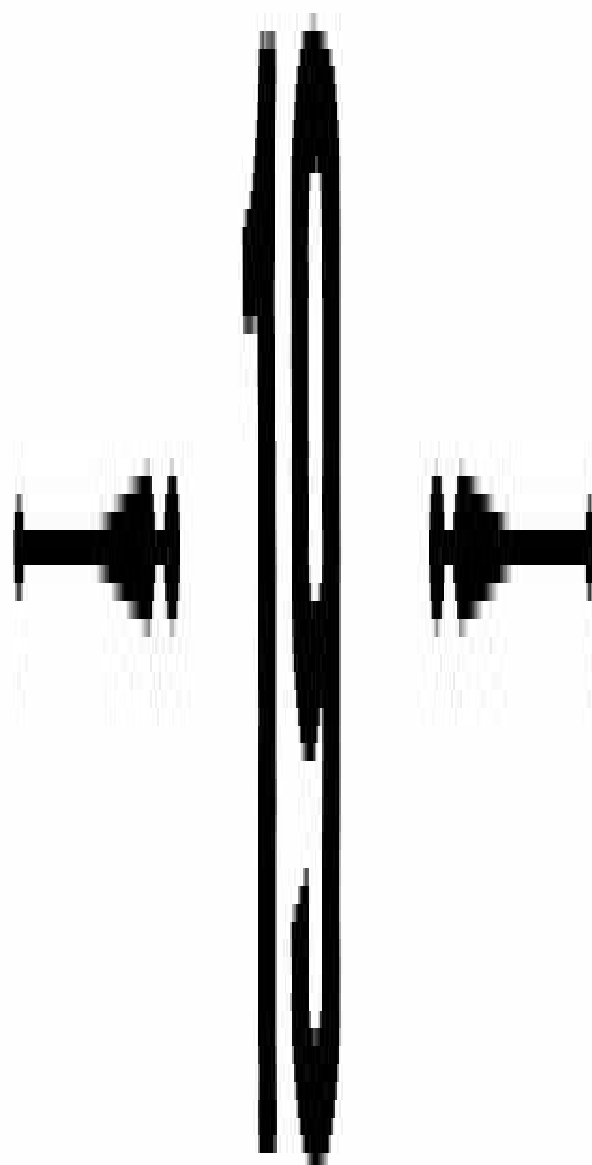
Indra concordou.

— Foi por isso que os fogos-fátuos apareceram no acampamento. Quem quer que os tenha enviado estava atrás de Arlo.

Arlo sentiu um nó no estômago. Pensou na última pergunta que escrevera na janela da lavanderia: *Por que eu?*

— Se sou especial, então por que alguém tentaria me matar?

— Não sei — disse Connor. — Talvez achem que você é uma ameaça.



DOIS JANTARES E UM LANCHE

Arlo passou as semanas seguintes esperando que algo terrível acontecesse. Ele sabia que devia ficar alerta porque alguém em algum lugar o queria morto.

Todas as manhãs ele acordava antes do despertador tocar e ficava olhando para o teto enquanto ponderava como poderia acontecer.

Tinha certeza de que não enviariam os fogos-fátuos novamente. Indra fez uma lista de outras criaturas sobrenaturais que achava que podiam ser enviadas para matá-lo, que iam de lobos a cobras de sombra e aranhas de ouvido. Depois de dar uma olhada no *Bestiário de Culman*, ele passou a dormir com um pedaço de algodão em cada ouvido, por garantia. Arlo não tinha certeza se isso realmente deteria um enxame de aranhas de ouvido famintas, mas talvez as retardasse quando fossem comer o seu cérebro.

Usando os nós que tinha aprendido, Arlo fez uma corda longa o suficiente para ir de sua janela até o chão. Ele a guardava na última gaveta da escrivaninha, e praticava amarrá-la depressa ao aquecedor. Arlo calculava que podia sair em menos de vinte segundos se fosse preciso.

Porém, certa manhã, enquanto olhava para o teto, Arlo percebeu como era improvável que uma criatura fosse enviada para assassiná-lo em sua casa. Tal como o desaparecimento de Connor e Katie, uma morte misteriosa seria fora do comum, chamativa demais.

Indra concordou.

— Quem quer que esteja tentando matá-lo quer fazer isso sem chamar a atenção. Foi por isso que mandaram os fogos-fátuos da primeira vez. Teria parecido um acidente. Como se você tivesse caído em uma antiga armadilha de caça.

Eles discutiram as diversas possibilidades em volta da fogueira, sentados em bancos feitos de neve amontoadas. Jonas e Julie haviam ido ao funeral do avô em Tucson, de modo que os quatro membros restantes da patrulha podiam conversar abertamente.

Era o último acampamento antes da Corrida Alpina, e Connor tomara ainda mais cuidado ao colocar os anteparos em volta do acampamento da Patrulha Azul. Wu e Indra juraram jamais deixar Arlo sozinho na floresta, onde podia ser raptado ou devorado. Não que achassem isso provável.

— Se eu estivesse tentando matá-lo, faria isso do lado de dentro — disse Wu. — Daria um jeito pra que um de seus amigos ou familiares fizesse isso.

— Talvez um feitiço — sugeriu Connor. — Qualquer bruxa poderia fazer isso. Além do mais, há sapos que possuem controle da mente.

— Se for fazer isso, por que não usar simplesmente um doppelgänger? — Indra explicou que um doppelgänger era um transmorfo sem rosto que podia assumir a identidade de qualquer pessoa. — Nada impede que um de nós possa ser um, só esperando que você durma pra poder sufocá-lo. — Ao ver a reação dele, Indra acrescentou depressa: — Mas não somos. Estamos do seu lado.

— Sem dúvida — disse Wu.

— Cem por cento.

Arlo acreditava neles. Além disso, estava certo de quem o doppelgänger poderia ser.

Jaycee tinha começado a agir de modo muito estranho. Arlo a vira sorrindo por nenhum motivo enquanto enxugava os pratos com um olhar sonhador. Agradecia quando Tio Wade lhe passava o macarrão com queijo, mesmo quando sua mãe não estava na sala e não podia ouvir. Jaycee tomava banhos longos, depilava as pernas e havia começado a enrolar uma toalha na cabeça como as garotas faziam nos filmes.

Certa vez, Arlo podia jurar que a ouviu cantarolando.

Aquela não era a sua irmã. Arlo tinha certeza de que era um doppelgänger tentando agir como uma adolescente “normal”, sem perceber que a Jaycee verdadeira era incrivelmente mal-humorada e fria, tão rabugenta que ignoraria um arco-íris e olharia para o outro lado.

No mínimo Jaycee estava enfeitiçada ou sendo controlada por um sapo sobrenatural. Alguns dias depois do acampamento, Arlo encontrou a irmã usando o telefone, o aparelho antiquado na cozinha. De fato, a neve estava muito alta para poder ir a pé até a Pedra do Sinal, mas parecia muito improvável que Jaycee concordasse em usar o estranho telefone com fio de Tio Wade cheirando a plástico queimado. Entretanto, lá estava ela, sentada no balcão, torcendo o fio com o dedo enquanto falava.

Arlo tentou ouvir a conversa quando foi pegar um pedaço de queijo na geladeira. Contudo, Jaycee na verdade não estava falando nada. Eram só vários “é”, “ahã” e “para!” ditos entre risinhos e um sorriso.

Aquela definitivamente não era a sua irmã.

Queria contar suas suspeitas à mãe, mas ela também estava agindo de

maneira estranha. Parecia visivelmente mais feliz desde o acidente. O que era estranho, pois as coisas estavam piores do que nunca.

O carro precisava de milhares de dólares em reparos — dinheiro que eles não tinham. Felizmente, Mitch, o dono da oficina, era amigo da mãe de Arlo desde o ensino médio. Ele concordou em fazer o trabalho em troca de ajuda com a contabilidade.

— Você não acreditaria se eu contasse como os arquivos dele são bagunçados. Ele tem notas fiscais enfiadas de qualquer jeito em uma gaveta.

Arlo não sabia o que eram notas fiscais, mas sua mãe sabia, pois fora contadora em Chicago antes de perder o controle e jogar uma cadeira em uma janela. Ou por uma janela. Ele ainda não sabia bem os detalhes. Contabilidade aparentemente combinava as piores partes de matemática com encontrar meias do mesmo par em dia de lavar roupa. Sua mãe parecia não perceber como aquilo era tedioso e terrível.

— Ah, não é tão ruim. Gosto de números. Além disso, é bom poder ajudar alguém — disse ela, empilhando uma papelada da oficina na mesa da sala de jantar. — Eu costumava revisar a álgebra de Mitch no colégio. Ele sempre foi bom com máquinas, mas nunca teve jeito com números.

— O pai também é bom com máquinas — disse Arlo. — Como computadores.

— Sem dúvida alguma! — Sua mãe procurou a pilha certa na mesa para o papel que tinha na mão. — Mas computadores são um tipo diferente de máquina. É mais como matemática do que mecânica. Mas, sim, o seu pai é muito inteligente. Um gênio, na verdade. Você sabe disso, certo? Para o que ele faz, criptografia, ele é uma das pessoas mais inteligentes do planeta.

Arlo assentiu.

— Lembra de quando ele estava montando aquela mesa da IKEA com todas aquelas peças e ele não conseguia descobrir como elas se encaixavam?

— Sim, aquilo levou um tempo. E a mesa ainda ficou um pouco bamba depois. — Ela encontrou a pilha apropriada. — Ninguém é bom em tudo. E é assim que deve ser. Isso nos dá um motivo para pedir ajuda.

Arlo viu aquilo como uma brecha para discutir suas suspeitas.

— Acho que tem algo errado com Jaycee. Ela está agindo de forma muito estranha.

— Então você também notou. — Sua mãe abaixou a voz, mesmo Jaycee estando na cozinha sem poder ouvi-los. — Ainda não confirmei, mas tenho certeza de que sei o que está acontecendo. — Arlo balançou a cabeça, pronto

para o pior. — Acho que sua irmã tem um namorado.

Arlo sabia que aquilo era impossível. Para Jaycee namorar, ela teria de ser a namorada de alguém, e nenhum garoto iria querer namorá-la. Ela era emburrada e intratável. Odiava vestidos, filmes e flores. Só havia um motivo para alguém concordar em sair com ela.

— Ele ainda não a encontrou pessoalmente, né? É uma daquelas coisas de internet, onde ele tenta roubar o dinheiro dela. — Arlo quase se sentiu mal pelo sujeito, pois eles não tinham dinheiro algum para ser roubado. Além disso, o garoto tinha de conversar com Jaycee e fingir gostar dela.

Sua mãe sorriu.

— O nome dele é Benjy. Acho que ele toca pratos na banda marcial.

— Então ele é real?

— Acho que sim. Não quero fazer pressão, mas vou perguntar se ele quer vir jantar aqui algum dia.

Cinco dias depois, Arlo estava sentado diante de Benjy Weeks. Ele tinha a idade de Jaycee, mas era uns três centímetros mais baixo, com um cabelo que não parava de cair sobre os olhos. Fora alguma acne, não parecia haver nada de incrivelmente errado com ele. Benjy foi educado e atencioso, mesmo quando Tio Wade engatou uma ladainha interminável sobre o sistema bancário dos Estados Unidos.

O tio de Arlo acabara de receber um pedido grande de taxidermia para uma estação de esqui em Jackson Hole (“É uma montanha! Não sei por que a chamam de outra coisa.”). O pagamento precisou ficar retido em um banco por vários dias antes de o dinheiro ser liberado.

— “Ah, senhor, para quantias desse tamanho, é melhor usar uma transferência do que um cheque.” Dá para acreditar nisso, Benjy?

O garoto não tinha certeza de que resposta Wade queria.

— Não?

— Bem, foi o que me disseram. Eles preferem ter um monte de números aleatórios do que um cheque honesto. Se quiser saber minha opinião, culpo os videogames. A maioria deles nem usa cartuchos mais. Como você sabe que tem algo se não há nada para colocar na prateleira? — Novamente, parecia não ser uma pergunta que podia ser respondida. — E nem me fale em filmes.

Todos tomaram cuidado para não falar em filmes com ele.

Em determinado momento, depois do jantar e antes da sobremesa, Arlo teve certeza de que Jaycee e Benjy estavam de mãos dadas debaixo da mesa.

— Por que eles fazem isso? — perguntou Wu enquanto comiam biscoitos na casa de Indra no dia seguinte. — O que tem de tão fantástico nas mãos? Ficam suadas e são nojentas.

— Nem todo mundo tem mãos suadas — disse Indra, afastando dele os biscoitos. — Provavelmente há alguma coisa errada com você.

O pai de Indra, o Dr. Srinivasaraghavan-Jones, tirou outra assadeira de biscoitos do forno.

— Chama-se hiperidrose. É muito comum. As glândulas sudoríparas écrinas ficam muito concentradas nas mãos. Em um clima seco como o do Colorado, pode até mesmo ser um tanto benéfico.

— Viu só? Evoluí para um super-humano.

— Com mãos mutantes suadas.

Arlo percebeu que o pai de Indra podia ser capaz de ajudá-lo.

— Dr. S., se o senhor precisasse descobrir se alguém era humano ou não, como faria?

O Dr. Srinivasaraghavan-Jones levou a pergunta de Arlo a sério e permaneceu imóvel com a espátula na mão por pelo menos dez segundos. Então falou:

— Acho que conferiria os reflexos da pessoa. É extremamente difícil controlar reações automáticas. Por exemplo, como alguém reage quando leva um susto.

Apesar de a maioria dos sinais para o comportamento estranho de sua irmã apontar para o amor adolescente, Arlo queria ter certeza. De modo que, naquela noite, ele se agachou no corredor do outro lado da porta de Jaycee, tomando cuidado para não fazer as tábuas do assoalho rangerem. Ele se encostou na parede e ficou protegido pelas sombras. Respirava sem fazer barulho. Olhou para o relógio: 6h27. Só três minutos até o jantar. Sua mãe os chamaria para arrumar a mesa a qualquer momento.

Porém, 6h30 chegou e passou sem nenhum chamado. Arlo resolveu continuar esperando.

Às 6h45, suas pernas estavam doendo. Vibrando. Ele ficou imaginando como os leões conseguiam fazer aquilo, espreitar a presa silenciosamente durante horas na savana. Estava prestes a desistir da coisa toda quando enfim ouviu a voz da mãe gritando do andar de baixo.

— Arlo! Jaycee! Jantar!

Ele escutou os passos de Jaycee por trás da porta. Estavam chegando perto. Mais perto.

A maçaneta girou. Arlo aguardou.

A porta se abriu numa fresta. Arlo aguardou.

Jaycee atravessou a porta. Arlo deu um pulo urrando alto.

Sua irmã gritou aterrorizada e, em seguida, enfurecida.

— Seu fedelho idiota! — Ela o empurrou. — Vou te matar! Tão imaturo.

Jaycee afastou-se pisando firme e desceu a escada.

Arlo continuou no chão, aliviado por sua irmã não estar enfeitiçada nem com a mente controlada, e por não ser um doppelgänger secreto. Ela o queria morto por todos os motivos normais de irmã.

Depois de descer a escada, Arlo esperava ver Jaycee reclamando para a mãe sobre sua pegadinha imatura. Porém, só encontrou um estranho na sala de jantar. O homem vestia jeans e botas de trabalho pesadas. Estava escrito “Pine Mountain Garage” atrás de sua jaqueta, com o desenho de um caminhão com pneus gigantesco.

Jaycee estava olhando para esse homem com o mesmo olhar petrificante que dera a Tio Wade quando ele disse que não havia internet. Quando ela olhou para Arlo, o homem virou-se para ele.

— Você deve ser Arlo. Meu nome é Mitch. Sou amigo da sua mãe.

Mitch parecia o primo motoqueiro do Superman. Era mais alto do que o pai de Arlo e também mais largo, tanto nos ombros quanto na barriga. Embora não tivesse barba, parecia que uma estava lutando para crescer em seu rosto. Usava uma bandana amarrada no punho esquerdo.

A mãe de Arlo entrou pela porta da cozinha, carregando vagens e batatas.

— Convidei Mitch para uma refeição caseira.

— Sua mãe sempre fez o melhor bolo de carne — disse Mitch a Arlo e Jaycee.

— O bolo de carne não era meu. Era da minha mãe. Cebolas congeladas e duas latas de tomates cozidos. A receita é de uma revista.

— Bem, cheira como se tivesse vindo do céu. — Ele se sentou em um lugar no meio da mesa, o mesmo lugar que Benjy usara uma semana antes.

Arlo e Jaycee trocaram um olhar confuso ao se sentarem. Por que aquele sujeito estava ali? Por que a mãe o convidara?

Tio Wade chegou quando a comida já estava sendo passada em volta da mesa. Ele tinha um talento para aparecer depois que todos os preparativos para o jantar haviam terminado. Wade acenou com a cabeça na direção do convidado.

— Mitch.

— E aí, Wade? — Mitch serviu-se de batatas. — Ouvi dizer que você conseguiu um pedido grande. Parabéns.

Tio Wade não tirou os olhos do próprio prato.

— Não gosto que as pessoas falem sobre o meu negócio.

Mitch assentiu, achando justo.

— Então, Arlo. Sua mãe me contou muita coisa sobre você. Fiquei sabendo que está nos Patrulheiros.

— Sim.

— Eu também fiz parte. Era da sua companhia antigamente.

— Até onde você chegou?

— Saí depois de chegar a Coruja. Fiquei muito ocupado com o beisebol. Eu jogava em um time que viajava e, por isso, perdia as reuniões. Mas, cara, eu adorava os acampamentos. Nada melhor do que ficar ao céu aberto com os amigos.

— Você era da Patrulha Vermelha?

— Eu era! Bom chute. — Não foi bem um chute. Atletas sempre ficavam na Patrulha Vermelha. — Tinha de ser uma das quatro cores, certo?

— Só tem três cores: vermelha, verde e azul. A Patrulha Sênior não usa lenços.

Mitch estava prestes a dizer algo, mas então se deteve. Trocou um olhar rápido com Wade. Aconteceu depressa demais para Arlo compreender do que se tratava.

— Erro meu — disse Mitch. — Foi há muito tempo.

Arlo não fez mais nenhuma pergunta durante o resto do jantar, pelo menos não em voz alta. Mas sua cabeça estava cheia de perguntas.

Tio Wade e Mitch estiveram ao mesmo tempo nos Patrulheiros? Eles tinham mais ou menos a mesma idade. Arlo podia ter perguntado isso ali mesmo na mesa, mas corria o risco de Tio Wade começar outra ladainha sobre alguma coisa de que não gostava.

Por que Tio Wade e Mitch se olharam? Eles não pareciam gostar um do outro, mas, naquele breve momento, pareceram compartilhar um propósito em comum.

E se houvesse uma quarta cor de patrulha? Não agora, mas na época em que Mitch e Tio Wade estavam nos Patrulheiros. Arlo pensou em sua primeira reunião dos Patrulheiros. Naquela noite, ele usou o uniforme de Wade e enfiou o lenço no bolso. De que cor era o lenço? Amarelo?

Ele não o vira desde a noite da reunião. Wade o pegara de volta?

A sobremesa foi torta de maçã com sorvete. Arlo terminou depressa e pediu licença para sair da mesa. Certificando-se de que não estava sendo observado, abriu a porta do porão com muito cuidado para que as dobradiças não rangessem. Ligou o interruptor. A lâmpada no pé da escada começou a brilhar.

O baú onde Tio Wade tinha guardado o uniforme estava soterrado debaixo de algumas outras caixas, mas Arlo conseguiu desenterrá-lo. Ainda estava destrancado desde semanas antes. Ele encontrou dentro os mesmos itens da primeira vez: flâmulas e cadernos, geodes e isopores para latinhas de cerveja.

Porém, não havia nenhum lenço.

No fundo do baú, Arlo encontrou um pequeno estojo de couro. Era pesado para o seu tamanho, com um botão para mantê-lo fechado e um passador de cinto na parte de trás como um coldre de pistola. O couro estava envelhecido e quebradiço, principalmente ao redor das partes de metal, de modo que Arlo abriu com delicadeza, tentando não estragar o estojo.

Dentro havia um aparelho do tamanho de um baralho, mas levemente mais arredondado. Era de latão manchado e frio ao toque. Arlo jamais tinha visto uma daquele tipo, mas soube de imediato o que era. Uma bússola de Patrulheiro.

Indra e Wu haviam lhe mostrado suas bússolas. As deles eram novas, feitas de plástico, com mostradores que brilhavam no escuro. Aquela era muito mais antiga. Arlo abriu a tampa e deparou-se com uma agulha afilada balançando sob o vidro. Conforme ele se virava, a agulha continuava apontando em uma única direção. Norte, presumiu ele.

Foi então que ouviu dobradiças rangerem. Arlo olhou para trás e viu Tio Wade no alto da escada. Nenhum deles disse uma palavra enquanto Wade descia lentamente os degraus. Ele teve de se abaixar para passar por baixo da lâmpada.

Então falou.

— Não me lembro de convidar você para mexer nas minhas coisas.

— Desculpe.

Wade apontou para a bússola.

— Sabe o que é isso?

— Uma bússola de Patrulheiro.

— A minha bússola de Patrulheiro, para ser mais específico.

— Desculpe — disse Arlo de novo.

— Sabe como funciona?

Arlo estendeu a mão, tentando demonstrar.

— Sei que você acerta o mostrador para a direção que quer seguir. E então ela vibra quando a agulha se alinha com o norte. Mas não estou vendo onde encaixar as pilhas.

— Não tem pilhas. É toda mecânica. Precisa usar a chave para dar corda nela.

Wade pegou o estojo de couro e tirou uma chave minúscula de latão de um bolso debaixo da tampa. Arlo jamais a teria encontrado.

Wade pegou a bússola e mostrou a Arlo o buraquinho na parte de trás.

— É preciso ter cuidado para não entrar água ali, senão tudo enferruja e ela fica imprestável. — Ele enfiou a chave e girou. — Sempre em sentido horário. Nunca mais do que doze voltas.

Ele virou a bússola para cima e a testou, movendo-a para a esquerda e para a direita. Wade balançou a cabeça, satisfeito. No entanto, também havia outra coisa em sua expressão. Uma ternura que Arlo nunca tinha visto, como se ele estivesse se lembrando de algo não completamente feliz, mas também não completamente triste.

Então o momento passou. Wade recolocou a bússola no estojo.

— Preciso de uma bússola para os Patrulheiros — disse Arlo. — Pra minha patente de Esquilo.

Wade guardou a chave no bolso especial.

— Não quis pedir uma pra minha mãe porque elas são muito caras.

Wade fechou o estojo.

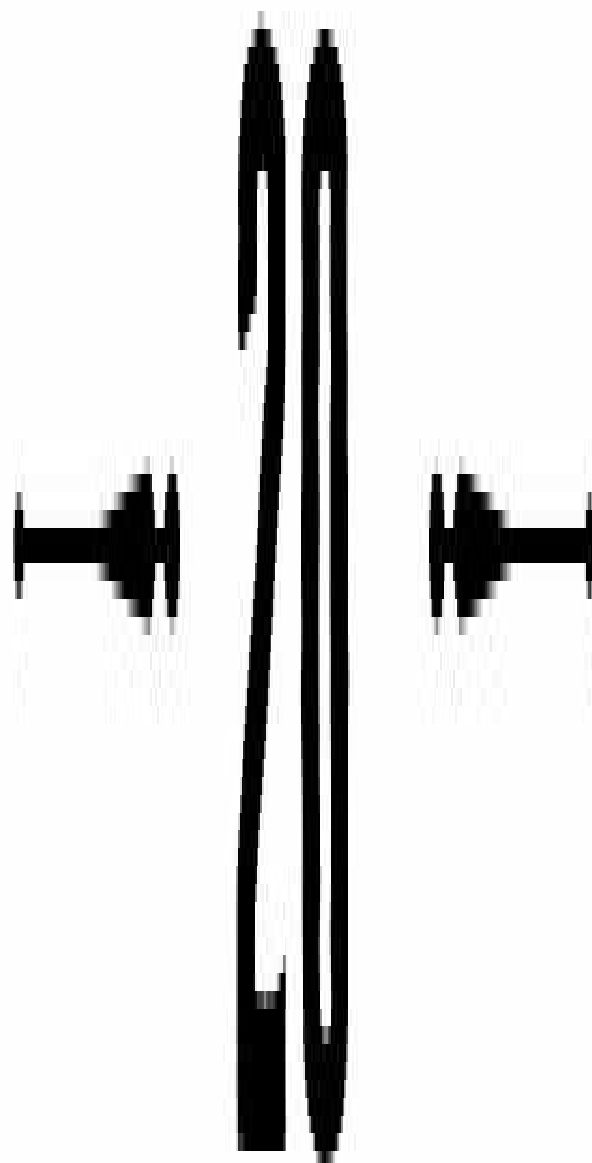
— Então, posso usar a sua? Prometo que vou cuidar bem dela.

Tio Wade franziu o cenho após uma longa pausa.

— Muita gente confunde a ferramenta com o uso dessa ferramenta. Um martelo não constrói uma casa. Ele só pode martelar um prego. Da mesma forma, uma bússola só pode lhe dizer para que lado fica o norte. Não que caminho seguir.

Ele entregou a bússola a Arlo.

— É melhor você não se esquecer disso, ou vai acabar muito perdido.



A BÚSSOLA

Na manhã de sábado, Arlo encontrou um bilhete ao lado da caixa de cereal. Era de sua mãe. Ela estava fazendo jornada dupla na lanchonete e não voltaria até quase a hora do jantar.

Uma hora depois, Jaycee desceu a escada pisando forte e avisou que ia sair com amigos. Arlo viu um Toyota sujo pegá-la na frente de casa. Benjy estava sozinho ao volante.

Arlo não conhecia as regras específicas das carteiras de motorista provisórias no Colorado, mas tinha certeza de que Benjy não tinha permissão para dirigir com outro adolescente no carro. Não era seguro, e a mãe de Arlo sem dúvida não aprovaria. Arlo pensou em ligar para ela, ou encontrar Tio Wade em sua oficina. Contudo, só devia ligar para a lanchonete se houvesse uma emergência real, e aquele não parecia ser o caso. E, a não ser que a casa pegasse fogo, Arlo não conseguia imaginar nenhum motivo para se arriscar a perturbar Wade. De maneira que resolveu não falar nada.

Além do mais, isso lhe dava o dia inteiro para dominar a bússola de Patrulheiro.

Para receber sua patente de Esquilo, Arlo precisaria completar a Caminhada Escura — o teste vendado de proficiência com a bússola. Wu lhe dera algumas instruções básicas. Começava-se alinhando o contorno da flecha com o ponteiro magnético dentro da bússola. Isso significava que se estava virado para o norte. Cada vez que o ponteiro atravessasse as linhas da flecha, a bússola vibraria, de modo que era possível saber onde estava o norte sem olhar para baixo.

Com a moderna bússola movida à pilha de Wu, a vibração era forte o suficiente para ser sentida através das luvas. Porém, a bússola antiga de Tio Wade funcionava de um jeito diferente. Para começar, havia sempre um zumbido bem baixo causado pelas engrenagens mecânicas dentro do instrumento. Quando a agulha atravessava a flecha, a vibração era quase imperceptível, como uma pluma minúscula pousando na palma de sua mão.

Mesmo sem as luvas, Arlo mal podia senti-la. Ele quase desistiu, frustrado.

Então pensou nas cenas de filmes em que o herói tinha de continuar tentando e fracassando centenas de vezes até finalmente conseguir realizar a

tarefa. Não importava qual era a tarefa — caratê, dança, sabres de luz —, a sequência era a mesma. Geralmente havia um professor mal-humorado que apontava os defeitos do herói e uma música tocando ao fundo.

Arlo não tinha nenhuma dessas coisas, mas tinha o dia inteiro sem nada melhor para fazer.

Assim, para praticar, Arlo fechava os olhos, girava e tentava sentir o norte. Quando tomava uma decisão, ele abria os olhos e conferia se a flecha estava alinhada com o ponteiro. Ele errou nas primeiras vinte vezes.

Também errou nas vinte vezes seguintes. E estava ficando tonto. Resolveu alternar os giros entre a esquerda e a direita.

Ele ainda errou nas vinte vezes seguintes. No entanto, uma das tentativas chegou bem perto. Resolveu fazer mais uma rodada de vinte vezes.

Arlo acertou na segunda tentativa. Então errou quatro em seguida. Depois acertou duas, uma após a outra. Começou a ficar preocupado, achando que estava trapaceando de alguma forma, que a luz do sol atravessando suas pálpebras lhe dava alguma vantagem injusta. (Arlo lera como alguns insetos se moviam conferindo o ângulo da luz, que era o motivo, por exemplo, das mariposas voarem sem parar em volta de lâmpadas nas varandas.) Logo, para evitar qualquer possibilidade de interferência insetoide, ele pegou o lenço de Patrulheiro e amarrou em volta do rosto como uma venda.

Depois de vinte outras tentativas em completa escuridão, Arlo estava acertando mais da metade das vezes. O mais importante era que começava a compreender por que às vezes errava. A bússola não vibrava apenas para o norte. Ela também respondia a dois outros pontos no círculo. Eram zumbidos levemente mais tênues, como ecos. Quando se concentrava bastante, Arlo notava a diferença entre as vibrações do norte e as outras.

Em determinado momento, acertou dez vezes seguidas. Depois de declarar vitória, Arlo entrou e preparou um sanduíche de pasta de amendoim, batata chips e geleia para comemorar.

Encontrar o norte era apenas o primeiro passo. Para completar a Caminhada Escura, ele precisaria ser capaz de seguir um caminho específico enquanto estivesse vendado.

— A parte complicada é manter os passos iguais — dissera Wu em suas instruções iniciais. — Assim que você começa a pensar neles, eles sempre ficam mais longos ou mais curtos. Então você tem que conseguir contar seus passos sem realmente estar ciente deles. É mais difícil do que você imagina.

Arlo começou fazendo uma linha na neve com o calcanhar. Depois deu dez

passos até a entrada de carros. Deu meia-volta e refez o caminho. Ele chegou até a linha em apenas nove passos, talvez por causa da elevação.

De modo que tentou de novo. E de novo. De vez em quando, dez passos o levavam longe demais. Outras vezes, não longe o bastante.

Ele descobriu que o principal não era olhar para os pés, mas se concentrar no ângulo das pernas. Arlo as imaginou como uma tesoura, certificando-se de que as abria da mesma forma todas as vezes.

Depois que alcançou a linha de partidas em exatamente dez passos algumas vezes seguidas, tentou de novo vendado. Era mais fácil, de certa forma, pois não havia mais nada em que se concentrar além do ângulo das pernas. Arlo acertou na primeira tentativa, e seu calcanhar desceu exatamente em cima da linha de partida.

Ele fez outro intervalo. Dessa vez, tomou uma lata de refrigerante com o sanduíche de manteiga de amendoim. Eram quase três horas. Ele tinha passado quase cinco horas andando de um lado para o outro na entrada de carros. Agora estava na hora de reunir as habilidades.

Ele começou com o triângulo, que Wu disse ser o mais fácil. Para completá-lo, ele teria de fazer duas curvas fechadas e terminar exatamente no lugar onde havia começado.

Após alinhar a agulha da bússola com a ponta da flecha, Arlo colocou a venda sobre os olhos e começou a dar dez passos em frente. Saiu depressa da parte plana da entrada de carros, avançando com dificuldade pela neve que lhe chegava aos joelhos. Apesar da mudança de terreno, teve a sensação de que estava fazendo um bom trabalho mantendo os passos regulares.

Agora vinha a parte complicada: a curva. Para fazer um triângulo, ele precisava girar 120 graus. Para isso, ele segurou a bússola na palma da mão e começou a girar o mostrador, que fazia um clique com cada movimento minúsculo. Wu disse que ele tinha de ir doze cliques para a direita. Arlo contou com cuidado, prendendo a respiração. Ele se sentia como um arrombador tentando entrar em um cofre invisível.

Quando teve certeza de que havia andado doze cliques, ele começou a virar lentamente o corpo, concentrando-se na bússola para sentir a vibração mínima que indicava o norte. O truque era esse: o norte era sempre o norte; então, depois que estivesse alinhado de novo com ele, sabia-se que estava voltando para a direção certa.

Levou quase um minuto até Arlo sentir que tinha alinhado a bússola. Deu mais dez passos adiante e ficou aliviado quando sentiu a neve compactada da

entrada de carros — pelo menos estava indo na direção certa. Começou a dar um décimo primeiro passo sem querer, mas se conteve a tempo.

Ele virou mais uma vez o mostrador doze cliques para a direita e tentou encontrar o norte. Porém, algo estava diferente desta vez.

O norte não estava onde devia estar.

Pensando que talvez tivesse girado na direção errada, Arlo deu lentamente uma volta completa. Ele continuava sentindo a vibração mínima.

Então a bússola começou a zunir. Ele podia senti-la tremer na mão como uma escova de dentes elétrica, muito mais forte do que antes.

Aquilo não parecia o norte. Era algo completamente novo.

Arlo quase tirou a venda, mas resolveu continuar tentando. Virou-se um pouco para a esquerda, um pouco para a direita. A fonte do zunido vinha sem dúvida alguma de uma única direção. Arlo tentou visualizar para que lado estava virado. Levando em consideração o ponto de onde tinha começado, o mais provável era que estivesse de costas para a casa, voltado para a rua.

Foi então que ouviu um cão latir. Estava frenético. Feroz.

Arlo abaixou a venda e apertou os olhos por causa da luz. Ele estava de fato virado para a rua. Cooper latia na floresta, o que não era tão incomum. *Só que eu não deveria ser capaz de ouvi-lo*, pensou Arlo. O latido do cachorro fantasma soava alto e nítido no ar gelado.

Arlo fechou a bússola e deu alguns passos para frente. O cachorro olhou para trás na sua direção e depois continuou latindo para a floresta. Estava com o rabo abaixado. O pelo estava eriçado ao longo da espinha.

— O que é? — perguntou Arlo.

O cachorro não podia responder. Não precisava.

Algo estava saindo da mata; uma forma sombria que se movia depressa por entre as árvores. Arlo o reconheceu pelos passos antes mesmo de chegar à luz do sol.

Era um cavalo negro imenso.

Porém, não era um cavalo comum. Cavalos não tinham chifres como um carneiro, ou olhos vermelhos brilhantes, ou chamas saindo pelas narinas. Aquele cavalo tinha todas essas coisas e estava correndo diretamente em sua direção.

Arlo sabia que precisava correr, mas seus pés não respondiam. Ele estava paralisado de medo. A única coisa que podia fazer era olhar.

Podia ouvir os cascos na neve.

O animal abriu a boca, revelando fileiras duplas de dentes afiados. A boca

então se escancarou ainda mais, abrindo uma fenda ao longo do maxilar, duas pétalas de carne cortante. Arlo imaginou se o animal podia engoli-lo inteiro.

O cavalo estava quase em cima dele quando tombou de repente, caindo de lado na neve. Cooper o havia atacado, mordendo sua garganta. As duas criaturas sobrenaturais lutavam com selvageria, mordendo e arranhando uma à outra. Arlo queria assistir, mas sabia que tinha de correr.

Seus pés finalmente concordaram.

Disparou na direção da porta da frente, escorregando algumas vezes ao longo do caminho. Havia acabado de alcançar a varanda quando ouviu um ganido agudo, e soube que Cooper havia perdido a luta.

Atrapalhou-se com a porta da frente da casa, mas acabou conseguindo abri-la. Entrou, fechou-a atrás de si, girou a chave e recuou.

Dois segundos depois, algo muito pesado chocou-se com a porta. As dobradiças foram forçadas, mas aguentaram. O cavalo bateu de novo. E de novo. A fera estava usando seus chifres para forçar a porta, mas sem fazer nenhum progresso.

As batidas então cessaram. Arlo podia ouvir cascos batendo na varanda de madeira. Não tinha certeza do que o cavalo poderia estar fazendo. Talvez andando de um lado para o outro? Arlo recuou lentamente até a escada.

De repente, a porta foi escancarada e arrancada das dobradiças. O cavalo dera um coice nela com as patas traseiras, feito uma mula.

A fera virou-se e avistou sua presa.

Arlo subiu correndo a escada e foi para o seu quarto. Podia ouvir o cavalo seguindo-o, mas o animal estava com dificuldades. Ele era grande demais para a escada. Cada passo era uma luta para a criatura, e os cascos escorregavam nos degraus.

Arlo fechou a porta do quarto e apertou o botãozinho na maçaneta para trancá-la. Ele sabia que a tranca era quase inútil, pois havia sido feita para impedir que alguém entrasse acidentalmente, não para deter uma fera sobrenatural determinada. *O quarto de Jaycee tem uma tranca de verdade, uma que poderia mesmo...*

O barulho na escada havia cessado. O cavalo tinha chegado ao corredor do andar de cima. Arlo podia ouvir o som abafado dos cascos no carpete. *Tum tum tum tum.* O pelo do animal raspava nas paredes enquanto andava. Algum vidro foi quebrado. Arlo supôs que uma luminária havia sido arrancada do teto.

Então os cascos pararam. A criatura estava do outro lado da porta. Arlo

podia ouvi-la respirando. E também podia sentir o seu cheiro: fogos de artifício e ovos podres.

Parecia saber que Arlo estava ali dentro. Talvez também pudesse sentir o cheiro dele.

Arlo virou-se para a janela. Estava fechada e presa pelo gelo. Ele bateu na armação com a parte de baixo da mão, tentando soltá-la.

O cavalo jogou-se contra a porta. O impacto não foi tão alto ou forte quanto havia sido no andar de baixo. *Ele não pode correr para bater nela*, pensou Arlo. *Não tem nem mesmo espaço para se virar*. O melhor que o cavalo podia fazer era bater na porta com a lateral dos chifres. Arlo tinha algum tempo.

Acabou conseguindo abrir a janela, empurrando o vidro todo para cima. A rajada de ar gelado o revigorou. Ele estava suando dentro do casaco.

O cavalo desistiu de bater na porta, mas ainda estava lá fora. Arlo podia ouvi-lo se movendo e respirando. A fera tentava bolar outro plano. O que podia fazer de fato? Não podia dar meia-volta, e mesmo recuar pelo corredor seria difícil.

Então Arlo notou que uma luz entrava por baixo da porta.

Começou como um brilho fraco, mas foi ficando cada vez mais intenso. Naquele momento, um feixe de luz branca atravessou o buraco da fechadura velha que não era usada. Mais luz passou pelos cantos da porta. O que estava acontecendo no corredor, era muito mais brilhante do que o sol lá fora.

Arlo tirou sua corda de fuga da última gaveta da escrivaninha. Enquanto a amarrava no aquecedor, usando um nó simples duplo, ele viu as sombras na parede começarem a se mover. Elas subiram lentamente pelo papel de parede até o teto, onde começaram a se aglomerar. Arlo assistiu, à medida que a sombra se movimentava no teto, como uma poça escura de cabeça para baixo. Aquilo não era bom.

Depois de certificar-se de que o nó estava bem firme, Arlo jogou o rolo de corda pela janela. Ele começava a sair pelo vão quando, de repente...

O cavalo desceu de cabeça da sombra acima, caindo em cima da cama de Arlo. Seu pelo estava lustroso e úmido. Ele abriu a boca ao avistar o garoto, expondo centenas de dentes serrilhados.

Arlo meio que pulou, meio que caiu da janela. Ele conseguiu se segurar agarrando a corda com força, mas seus braços quase foram arrancados do corpo. Seu rosto chocou-se com a lateral da casa. Balançava as pernas, tentando encontrar a corda.

Olhou para cima. A fera colocou a cabeça para fora da janela com um grito grave e esticou o pescoço longo, tentando mordê-lo.

Em pânico, Arlo largou a corda e caiu.

O arbusto espinhoso debaixo da janela amorteceu a queda. Coberta de neve, a planta achatou, diminuindo o impacto. O casaco de Arlo o protegeu dos espinhos.

Ele piscou deitado de costas, surpreso por não estar ferido. Olhou para a janela, de onde a fera ainda tentava inutilmente alcançá-lo. O cavalo urrou de frustração. Ele era grande demais para passar pela abertura.

Arlo levantou-se com dificuldade e olhou de novo para a janela. O cavalo não estava mais lá — mas a luz forte começava a brilhar intensamente de novo.

Arlo sabia que precisava sair dali. Mas para onde deveria ir?

Ele podia descer a rua correndo, mas a casa mais próxima ficava a quase oitocentos metros, e o cavalo era mais veloz.

A floresta ficava mais perto. Talvez ele pudesse subir em uma árvore. Porém, a neve estava alta; isso o retardaria. E a fera saía da floresta.

A melhor opção de Arlo era esconder-se na casa, talvez no porão. A não ser...

A oficina. Arlo não vira o tio o dia inteiro, mas também não o vira sair. O seu caminhão ainda estava estacionado na entrada, com neve no para-brisa. Ele provavelmente estava lá trabalhando no pedido grande para Jackson Hole.

Porém, e se não estivesse? Para chegar à oficina, Arlo teria de dar a volta na casa correndo. Se chegasse lá e estivesse trancada, ele não teria onde se esconder.

Olhou de novo para a janela. A luz tinha desaparecido. A fera não estava mais presa no seu quarto. Onde ela estava? Arlo não tinha a mais pálida ideia de como funcionava a magia de sombras da criatura, mas tinha certeza de que ela estava em algum lugar. E que estava indo atrás dele. Arlo tinha que tomar uma decisão.

Decidiu-se pela oficina.

E correu. Chegando perto da entrada de carros, tropeçou. Aquilo mais o surpreendeu do que machucou. Ele se levantou e continuou correndo. Dando a volta, ele viu o que mais temia: a porta da oficina estava fechada. Trancada com um cadeado.

Arlo parou na mesma hora e procurou outra opção. A porta da lavanderia

costumava ficar trancada porque a maçaneta não funcionava direito. A pilha de lenha não proporcionava nenhuma proteção real. E, mesmo se chegasse ao caminhão de Tio Wade, não estava com a chave para dirigi-lo.

Arlo ouviu então um estrondo de algo se quebrando no andar de cima da casa. Seus olhos se voltaram para a parte inacabada, onde viu movimento debaixo das lonas azuis.

De repente, a fera saltou através do plástico. Arlo viu tudo em câmera lenta, o cavalo caindo lá do alto. A criatura aterrissou galopando, abrindo um círculo amplo para investir diretamente contra ele.

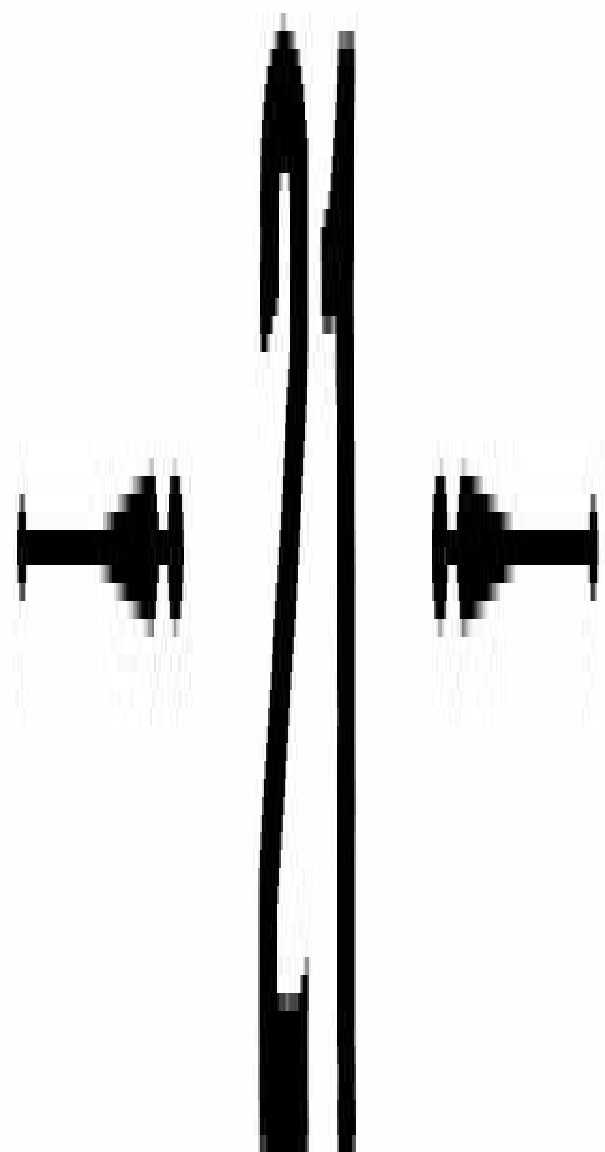
Sem uma opção melhor, Arlo continuou correndo até a oficina. Ao se aproximar, viu que o cadeado, na verdade, estava aberto, pendurado no fecho. *Estava destrancada, afinal.* Mesmo que Tio Wade não estivesse lá, ele poderia entrar.

Arlo puxou a porta com força, tentando abri-la. Era muito mais pesada do que esperava e movia-se apenas alguns centímetros por vez. Porém, era tudo de que precisava. Ele se espremeu pela abertura e começou a empurrar a porta para fechá-la.

O vão foi ficando cada vez mais estreito. Arlo podia ouvir os cascos da fera, que gritava enfurecida.

A porta se fechou com um baque satisfatório. Arlo tinha conseguido entrar. Ele recuou, recuperando o fôlego.

Conforme seus olhos se ajustavam à escuridão, Arlo Finch pensou se não estaria melhor do lado de fora.



A OFICINA

Nomes são coisas engraçadas. Podem inspirar uma ideia sobre a natureza de um objeto que pode não ter qualquer relação com o item em si.

Por exemplo, a primeira bicicleta de Arlo foi uma Bola de Fogo Maxx Zephyr. Ele a escolhera na loja com o seu pai e insistiu em deixá-la no quarto em vez de na garagem. A bicicleta era bonita e rápida, construída para velocidade. Arlo passou todas as tardes daquele verão correndo pela rua sem saída perto da casa onde moravam na Filadélfia. Ele se imaginava vencendo a Volta da França nela um dia.

Foi só quando voltou para a escola em setembro que viu uma bicicleta idêntica presa ao lado da sua no bicicletário. Tinha os mesmos pneus, a mesma armação, o mesmo de tudo. Só o nome era diferente: Alpinista. Era uma bicicleta lenta, mas resistente para trilhas, projetada para caminhos rochosos e encostas íngremes.

Contudo, era exatamente a mesma bicicleta. Só o nome havia mudado.

Tio Wade chamava a construção nos fundos de “oficina”. O nome fizera Arlo pensar na oficina do Papai Noel, ou no programa de TV no canal público em que o homem de suspensórios fazia gavetas com encaixes em cauda de andorinha. Na sua cabeça, Arlo imaginara o tio trabalhando em mesas longas com vários animais empalhados em diferentes estágios de montagem: uma águia quase pronta aqui, um coelho sendo colado ali. Imaginava que a oficina fosse abarrotada, mas confortável, talvez até mesmo aconchegante, tal como a casa.

Estava errado. Uma concepção equivocada baseada no termo *oficina*.

Se Arlo tivesse de dar um nome àquele lugar, ele o teria chamado de “barracão escuro e assustador de terror”. Porque seria apropriado.

À sua esquerda, havia lâminas enferrujadas de todos os formatos e tamanhos imagináveis penduradas na parede. Algumas pareciam ter sido tiradas de várias máquinas: retalhadores, limpadores de neve, cortadores de grama. Outras pareciam não servir a nenhum propósito além de serem horripilantes. As lâminas pendiam de fileiras de ganchos que iam até o teto, onde mais peças estavam penduradas em arames.

À sua direita, havia centenas de bonecas desmontadas em um armário

inclinado. Pareciam ter sido separadas em categorias — cabeças, pernas, torsos, braços —, mas as partes individuais estavam guardadas de qualquer maneira em prateleiras abarrotadas. Rostos sujos de bonecas olhavam para Arlo com olhos que não piscavam.

Adiante, ele podia ver uma luz fraca atravessando cortinas plásticas sujas que pendiam do teto. Parecia servir como uma entrada para os fundos do barracão.

Tudo naquele lugar era tão perturbador que ele quase se esqueceu do monstro que tentava matá-lo. Quase. Arlo podia ver a respiração do animal na fresta estreita de luz que entrava pela porta.

— Tio Wade!? Você está aqui?

Não houve resposta. Se o seu tio estava ali, ele se encontrava do outro lado da cortina plástica. Arlo tomou coragem e a empurrou para o lado com cuidado, revelando uma sala maior. Seu rosto foi atingido por uma onda de ar quente. Seu tio estava sentado em um banco de costas para ele com fones de ouvido gigantescos. Ele estava ocupado trabalhando em algo, pegando e largando ferramentas e pincéis. Um filete de fumaça subia de um ferro de solda. Um aquecedor elétrico brilhava a seus pés.

— Tio Wade?

Ainda sem resposta. Arlo conseguia ouvir a música saindo dos fones de ouvido: heavy metal alto, cheio de bateria frenética e guitarras distorcidas.

Porém, havia também outro som, que fez Arlo se lembrar do xilofone de madeira da aula de música do terceiro ano. Seu olhar foi atraído para as vigas, onde cinco placas de madeira escura com escrita chinesa pendiam de arames. Um martelo circular balançava sem parar no meio, acertando as placas, que emitiam uma nota diferente cada. Era como um sino de vento. Só que não havia vento. Arlo não tinha ideia do que estava fazendo o martelo balançar de forma tão errática.

— Tio Wade!

Dessa vez ele gritou de verdade. Ainda sem resposta. A música nos fones de ouvido de seu tio simplesmente estava alta demais. Não vendo outra opção, Arlo enfim deu um tapinha no braço dele.

Tio Wade levou tamanho susto que caiu do banco em cima de um monte de caixas de papelão. Ele aterrissou de costas ao lado de um castor empalhado que segurava uma escova de dentes.

— Desculpe! — Arlo ofereceu a mão para ajudá-lo a se levantar. Tio Wade a recusou e ficou de joelhos.

— Você sabe que não deve vir aqui. É a única regra.

— Eu sei, mas...

— Sem mas, sem exceções. — Wade levantou-se e se desvencilhou do fio dos fones de ouvido. — Este é o meu santuário. É onde eu faço a minha arte!

— Eu sei! É que...

Com um *shh-shh*, Wade o fez se calar e ficou tentando ouvir algo. Ele olhou para as placas de madeira penduradas acima e pareceu subitamente preocupado.

— Há quanto tempo estão fazendo isso?

— Não sei — respondeu Arlo. — O que é?

— Um alarme. Tem alguma coisa que não deveria estar aqui. — Ele passou por Arlo e seguiu para a sala da frente.

— Eu sei! É por isso que...

Wade já havia atravessado a cortina plástica. Arlo não queria ir atrás dele, mas também não queria ficar sozinho. Alcançou o tio no momento em que ele estava tentando abrir a porta pesada.

— Não, não! Não abra! Ele está lá fora! — Arlo bloqueou a maçaneta, tentando impedi-lo. — É um monstro. Saiu da floresta. — Seu tio cedeu e prestou atenção quando Arlo continuou. — Eu estava lá na frente, praticando com a bússola. A sua bússola. Quando, de repente, ela começou a vibrar.

— É o que ela deve fazer. É o norte.

— Não era o norte. Era outra coisa. E então essa coisa, parecida com um cavalo, mas que não é um cavalo, saiu correndo da floresta. Cooper tentou detê-lo, mas... — Arlo percebeu de súbito que não tinha mais ouvido o latido do cão desde o primeiro encontro. — Acho que a criatura o matou.

— Cooper já está morto. Você sabe disso. Ele é um cachorro fantasma.

— Mas ele estava enfrentando o monstro. Eu vi.

Tio Wade franziu as sobrancelhas numa expressão de ceticismo, mas não de repúdio. Assentiu.

— Está bem. Vamos dar uma olhada no que tem lá fora. — Ele agarrou uma pá para usar como arma e abriu a porta antes que Arlo pudesse impedi-lo.

Wade apertou os olhos diante da luz do sol que entrou na oficina. O ar frio passou pela porta. Arlo preparou-se para o impacto, mas nada aconteceu.

— Não tem nada lá fora. — Wade abriu ainda mais a porta para que Arlo pudesse ver.

Tio Wade obviamente estava ficando cego, pois o cavalo estava a uns

cinco metros de distância, andando de um lado para o outro como um leão em um zoológico.

— Não está vendo ele mesmo? Ele está bem ali. — Arlo apontou.

Wade deu de ombros.

— Não estou vendo nada. Mas isso não significa que não está lá. Vários seres místicos são basicamente invisíveis. É por isso que você não vê fotos deles.

— Então por que consigo vê-lo?

— Pela mesma razão que vê Cooper, acho. Talvez sejam seus olhos estranhos. — Arlo sabia que ele não estava dizendo aquilo como um insulto. — O que ele está fazendo?

— Está só andando de um lado para o outro. Por que não está tentando entrar?

— Tenho uns anteparos potentes aqui dentro. Não só o alarme, mas também totens de verdade entalhados nas paredes. Custaram uma nota, mas, pelo menos, mantêm as coisas ruins afastadas.

— Então estamos seguros? Podemos simplesmente ficar aqui e esperar que ele vá embora?

Wade sacudiu a cabeça.

— Não adianta esperar. O que vai acontecer quando a sua mãe voltar? Ou a sua irmã? Só porque elas não podem ver a criatura não significa que ela não esteja lá. Vamos ter de encontrar um jeito de lidar com ela.

— Quer dizer, matá-la?

Wade deu uma bufada de escárnio.

— Boa sorte com isso. — Ele entrou e atravessou a cortina plástica. Arlo o seguiu, nervoso por deixar a porta do barracão aberta.

Ele encontrou o tio revirando uma pilha particularmente grande de tranqueiras em uma das mesas de apoio, procurando alguma coisa. Ele não parecia tão em pânico quanto Arlo achou que deveria estar. — O melhor que podemos tentar fazer é abjurar a criatura. Mandá-la de volta para o lugar de onde veio.

— Você sabe como fazer isso?

— Não exatamente. — Ele pegou um livro. O errado. Wade o jogou de lado.

— Mas no geral?

— A teoria geral, claro. Primeiro, temos de saber com o que estamos lidando. — Ele enfim encontrou o que estava procurando. Era um livro velho,

ondulado pelo dano causado pela água. Arlo reconheceu a capa de imediato: O *Bestiário de Culman*. Tio Wade tinha um exemplar todo aquele tempo. — Então, você disse que é um cavalo?

— Como um cavalo, mas com chifres.

Wade examinou o índice remissivo na parte de trás do livro.

— Que tipo de chifres? De alce? Rinoceronte? Unicórnio?

— Unicórnios existem?

— O quê? Você acha que as pessoas simplesmente os inventam?

— Não sei. Digo, o que mais é real? Dragões? Gigantes?

Tio Wade juntou as duas partes dos seus óculos de leitura. Elas se uniam com ímãs na raiz do nariz.

— Vamos focar na coisa que está tentando matar você, certo?

— Tinha chifres muito curvos, que chegavam quase a formar um círculo.

— Arlo traçou os dedos pelo ar. — E a boca estava super, superescancarada. Foi como se o dia tivesse ficado com um ar pesado.

— Deve ter sido um pesadelo — disse Wade, folheando as páginas do livro.

Arlo fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Foi mesmo.

— Mas não só da maneira como imagina. Essa criatura realmente estabelece um elo entre o nosso mundo e esse clima pesado que você mencionou. É por isso mesmo que se chama Pesadelo.

Arlo assentiu. Era o nome perfeito para a criatura.

Wade teve dificuldade para encontrar a página que estava procurando. Então percebeu que várias páginas estavam grudadas umas nas outras. Ele as desgrudou com cuidado, rasgando o papel em alguns lugares, e virou o livro para mostrar a ilustração a Arlo.

— É isto?

Era apenas um desenho a nanquim, mas era definitivamente a mesma criatura.

— É ele. É o que está lá fora.

Wade leu o verbete para si mesmo num murmúrio sussurrado. Arlo não conseguiu entender muito. Sua atenção foi atraída para a bancada de trabalho, onde pôde ver no que o tio estava trabalhando. Não era como nenhum dos animais de taxidermia na sala de jantar. Aquilo era muito mais elaborado, um texugo com uma coroa afundado em um trono feito de braços de bonecas. Três esquilos vestidos de bobos da corte faziam malabarismo para o

divertimento do Rei Texugo enquanto um pombo com uma espada mantinha guarda. Mesmo em seu estado inacabado, a peça era extraordinária, igualmente arrepiante, bonita e engraçada.

Arlo apontou para ela.

— Isso é bem legal.

— Ah. Obrigado. Estou tentando algo novo. — Então, voltando ao livro: — Precisamos encontrar um pouco de sal.

De acordo com o *Bestiário de Culman*, criaturas das sombras como Pesadelos só podem entrar no nosso mundo atravessando lagos iluminados pelo luar nas profundezas da Floresta Longa. A água mágica desses lagos gruda no pelo das criaturas, protegendo-as enquanto viajam. *É por isso que ele parecia tão lustroso*, pensou Arlo.

Wade leu em voz alta o trecho do livro.

— “Assim que a água seca, ou é contaminada por sal, a criatura é imediatamente dispersa.”

— Então só temos de jogar sal nela.

— Exatamente.

— Você tem algum sal?

— Não aqui. O único sal que você vai encontrar está na casa. Na cozinha, ao lado do fogão.

Isso significava deixar a segurança do barracão escuro e aterrorizante. Arlo esperou seu tio se oferecer como voluntário para correr até lá. Nenhum dos dois falou durante algum tempo. Então Wade balançou a cabeça.

— Acho que você está mais qualificado para isso. Você poder ver a criatura, eu não. Além disso, você é menor e consegue correr mais depressa.

— Não consigo correr mais depressa do que um cavalo.

— Isso sem dúvida é verdade. — Porém, Wade parecia estar bolando um plano. — Vamos ver se conseguimos lhe dar alguma vantagem.

Antes que Arlo pudesse responder, Wade arrancou a cortina plástica do lugar. Arlo agora podia ver diretamente pela porta aberta que o cavalo ainda andava de um lado para o outro, esperando que eles saíssem.

Mas seu tio não podia vê-lo.

— Ainda está lá, certo?

Arlo assentiu.

— Então é melhor sair pelos fundos. — Wade puxou uma mesa para longe da parede, empurrando caixas e revelando a madeira por trás. Ele ligou uma serra circular a uma extensão laranja e pesada. A máquina zuniu quando a

lâmina girou.

— Você vai cortar um buraco?

— Um pequeno. Você é bem baixo. — Ele se abaixou para cortar.

— Isso não vai estragar os anteparos? Os que estão nos protegendo?

— Hã... talvez. Nunca ficou muito claro como essas coisas sobrenaturais funcionam. Acho que você pode sair correndo pela frente...

Arlo o interrompeu.

— Não tem problema. Pode cortar.

Ele observou o tio serrar um buraco na parede. Se os anteparos haviam caído, o cavalo pareceu não notar. A fera ainda estava andando de um lado para o outro na entrada de carros coberta de neve.

Com mais dois cortes, Wade fez uma abertura do tamanho de uma portinhola de cachorro. Do outro lado, a neve estava alta e dura, mas a luz do sol atravessava os últimos centímetros no alto.

— Isso deve servir. Então, é melhor você dar a volta correndo até a porta do pátio dos fundos porque...

— A porta da lavanderia está trancada.

— Exatamente. Sei que a porta de correr de vidro está destrancada porque saí por ela hoje de manhã. — Tio Wade nunca trancava a casa, só a sua oficina. — Quando entrar, não pare até estar com o cloreto de sódio nas mãos. É o nome científico do sal.

— Como o uso?

— O livro não diz, mas imagino que é só jogar no cavalo. Vai saber se funcionar porque, do contrário, você estará morto.

A lógica de Tio Wade era impecável, mas Arlo gostaria que ele pudesse ser um pouco mais gentil ao dizer as coisas. Arlo deitou de bruços no chão, preparando-se para se espremer pelo buraco. Tirou o casaco por temer que ficasse preso. Congelar era a menor de suas preocupações.

— Pense como um esquilo — disse Wade. — Eles apenas pegam aquela noz e dão no pé.

Esquilo, pensou Arlo enquanto exalava. *Seja um esquilo corajoso*.

— Quer que eu empurre? — perguntou Wade. Arlo assentiu. Isso podia ajudar. — Está bem. Três, dois, um.

Tio Wade empurrou. Arlo cavou com os braços, nadando através da neve. Em apenas três segundos, estava do lado de fora, sob a luz do sol que o ofuscava. Levantou-se e correu o mais rápido que pôde.

Não olhou para trás. Não precisava. O cavalo gritou ao avistá-lo.

Correndo pelos fundos da casa, Arlo passou pela lavanderia. O pátio estava à vista. Ele quase escorregou quando chegou à porta de correr de vidro, mas conseguiu puxar a maçaneta.

A porta não se moveu. Trancada. *Jaycee*, pensou. Ela odiava quando Wade deixava coisas destrancadas. (“Qualquer um que estivesse passando poderia simplesmente entrar.”) Sua irmã devia ter trancado a porta antes de sair com Benjy.

A fera disparava em sua direção. Arlo não teve escolha a não ser correr. Fez uma curva fechada ao redor da casa, sabendo que o cavalo precisaria contornar a construção. Podia ouvir os cascos; a criatura estava perto.

Depois de fazer outra curva, chegou à frente da casa. A varanda estava logo adiante. Podia ver pelo canto do olho o cavalo aproximando-se. Arlo subiu correndo os degraus e atravessou a entrada com a porta derrubada.

Cascos em madeira. Outro grito. Arlo podia sentir a respiração da criatura logo atrás dele. Virou para a direita e atravessou correndo a sala de jantar em direção à porta da cozinha. O cavalo era mais lento dentro da casa. Desajeitado. O tamanho da criatura a atrapalhava. Arlo conseguiu entrar na cozinha. Sabia o que estava procurando: um tubo de papelão azul com uma lingueta de metal. Wade dissera que estava ao lado do fogão. Não havia nada assim lá.

Olhou ao redor, conferindo em cima dos balcões. Naquele instante, o cavalo atravessou desabalado a porta de vaivém. Arlo recuou. Ainda restava o banheiro. Talvez ele pudesse se espremer pela janela.

Foi então que viu: o saleiro. Estava na mesa da cozinha, ao lado da pimenta. Não era o tubo que ele estava procurando, mas pelo menos era sal. Podia ser o suficiente.

Infelizmente, havia um monstro no seu caminho. A criatura gigantesca estava se espremendo pela porta.

O que um esquilo faria?, pensou Arlo. Eles sempre enfrentavam predadores maiores. Na maioria das vezes, fugiam. Mas o que faziam quando eram encurralados?

Usavam o tamanho a seu favor.

O cavalo agora estava com o corpo inteiro dentro da cozinha. Quando a criatura escancarou a boca para morder, Arlo viu sua oportunidade. Mergulhou por entre as pernas do cavalo e passou rapidamente de quatro debaixo da mesa da cozinha. Os cascos traseiros quase esmagaram a sua mão.

A fera empinou e girou, chocando-se com as cadeiras. A mesa tremeu.

Arlo viu o pimenteiro cair e se espatifar no chão. Mas o saleiro ainda estava lá em cima.

Tateando às cegas, ele vasculhou o tampo da mesa. Passou pelos guardanapos e o açucareiro. A mesa tremeu de novo quando o cavalo se virou. De repente, sentiu: um retângulo de vidro com uma tampa de metal. Agarrou-o e puxou para baixo. O saleiro. Arlo sorriu aliviado.

O monstro agachou-se nas patas traseiras, tentando alcançar sua presa. Uma gosma pingava dos dentes serrilhados. Arlo recuou depressa até a porta e foi para a sala de jantar. Saiu correndo da casa enquanto girava a tampa do saleiro para removê-la. Saltou por sobre os degraus da frente e correu pela neve. Tio Wade estava parado na entrada de carros, segurando a pá como um porrete.

— Pegou?!

— Peguei!

Arlo parou e deu meia-volta para olhar para a casa. O cavalo saiu em disparada pela porta da frente e saltou da varanda.

Arlo despejou o sal na mão e largou o saleiro. Ele tinha de esperar até a fera se aproximar o suficiente. Se jogasse muito antes, o sal não a acertaria.

O monstro abaixou os chifres e investiu. Iria acertá-lo.

Arlo sentiu o coração na garganta. Um pouco do sal escorria por entre os seus dedos. Ele ao menos tinha o bastante?

O cavalo estava a dez metros de distância. Oito.

Não saiu do lugar, desafiando a criatura.

Seis. Três.

Jogou o sal, que se espalhou pelo ar como areia de parquinho.

A criatura saltou. Parecia um punho tentando acertá-lo.

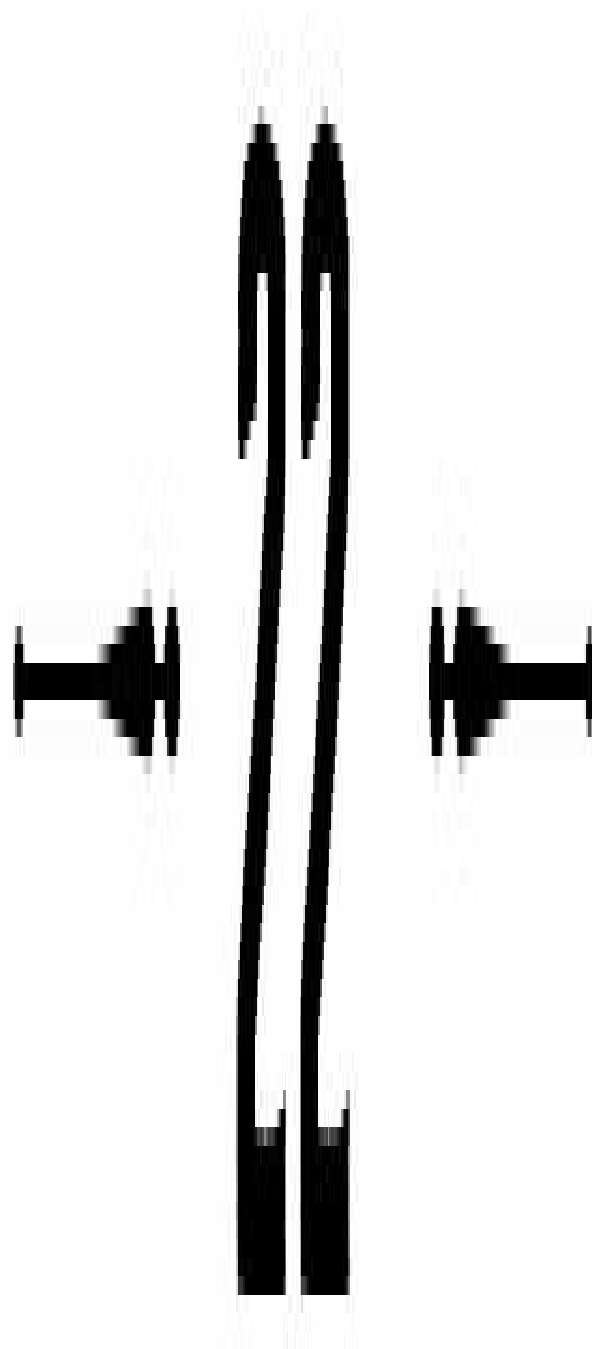
Arlo não se encolheu.

A fera atingiu a nuvem de sal e explodiu num estrondo de fumaça. Depois da explosão, veio um estalo e um crepitar. Os vapores escuros pairaram no ar por um momento, ainda mantendo a forma de um cavalo. Então se assentaram, caindo como cinzas negras na neve branca.

A fera havia sido dispersada.

Com os ouvidos ainda zunindo, Arlo olhou para o tio.

— Pode crer que eu vi! — gritou Wade. — Zás! Bum! Foi demais.



CONCERTOS

Tio Wade apoiou-se na pá.

— Provavelmente é melhor a gente tentar limpar tudo antes que sua mãe e sua irmã voltem.

Arlo concordou.

A maior preocupação era a porta da frente, que estava caída na entrada, arrancada das dobradiças. Seu tio usou um tubo de epóxi para colar o batente no lugar. Cheirava a plástico derretido e batatas chips com vinagre. Arlo o ajudou a erguer a porta e a colocar no lugar, batendo nos pinos com um martelo.

Enquanto seu tio prendia de novo a tranca, Arlo refez o caminho da fera pela casa.

Cada passo deixara uma marca de casco de brasa e cinzas. Os degraus de madeira foram fáceis de varrer, mas precisaram usar o aspirador de pó velho no carpete do andar de cima. Arlo correu de um lado para o outro, sem ter muita certeza de se estava de fato recolhendo a fuligem ou apenas a esmigalhando. De qualquer forma, o carpete acabou recuperando uma cor uniforme.

A cozinha foi fácil de limpar. Para consertar o pimenteiro, Wade arranjou uma cola diferente, que garantiu a Arlo não ser venenosa. Era preciso olhar com muita atenção para conseguir enxergar as rachaduras.

Porém, a luminária quebrada do corredor não tinha conserto. Eles a trocaram pela do armário de roupas de cama. Não parecia nem um pouco com a original, mas Wade disse que não tinha importância.

— Ninguém anda por aí procurando o que está diferente. Estão preocupados demais com suas próprias coisas.

Arlo logo descobriu que ele tinha razão. Quando Jaycee voltou para casa, ela foi direto para o quarto sem comentar sobre a luz do corredor, ou sobre o carpete sujo, ou sobre as leves marcas na porta da frente. Por ela, a casa podia estar pegando fogo, desde que não atrapalhasse sua rotina.

Enquanto o tio terminava os últimos retoques na maçaneta da frente, Arlo viu os faróis do carro de sua mãe surgindo na entrada de carros.

— O que vamos fazer se outro monstro aparecer? — perguntou ele.

Wade fechou sua caixa de ferramentas.

— Tenho um amigo que pode colocar alguns anteparos aqui na casa. Mas acho que você devia manter aquele saleiro à mão, por garantia.

A mãe de Arlo estacionou e desligou o carro. Tio Wade voltou para a oficina. Naquele momento, Arlo percebeu como a mãe e o tio trocavam poucas palavras. Pareciam-se menos com irmãos e mais com colegas de quarto relutantes. Um não ficava no caminho do outro.

Sua mãe parou enquanto atravessava o caminho da frente e olhou para Arlo.

— Tem algo que você quer me contar?

O que era? O que ela sabia?

Então, a mãe apontou para a corda de fuga de Arlo, que ainda estava pendurada na janela. Com toda a arrumação, ele tinha se esquecido de guardá-la.

— Eu estava praticando meus nós. — Tecnicamente, não era uma mentira. Aquele nó simples duplo salvara sua vida.

Sua mãe sacudiu a cabeça, mais cansada do que brava.

— Só tome cuidado, por favor. É uma queda alta. Não quero que você se machuque. — Arlo assentiu. — O que mais você fez hoje?

Ele pensou e de repente percebeu como haviam acontecido várias coisas naquele dia mesmo antes de o monstro tentar matá-lo.

— Descobri como usar a bússola de Patrulheiro. É bem difícil, mas acho que entendo agora.



Quando estava fechando as cortinas antes de se deitar, Arlo achou ter visto algum movimento na rua.

Seu primeiro instinto foi encontrar Tio Wade, mas então ele se lembrou de ter ouvido o caminhão sair depois do jantar. Wade presumivelmente tinha ido ver seu amigo a respeito da instalação de novos anteparos na casa.

Isso significava que, caso houvesse algo lá fora, Arlo teria que investigar por conta própria. Pegou a lanterna e o saleiro — encontrara um extra nos armários da cozinha — e desceu a escada sem fazer barulho.

Ele já estava de pijama, então calçou as botas e vestiu o casaco. A porta da frente abriu-se silenciosamente. Parecia até funcionar melhor do que antes. A neve esmigalhava-se sob seus pés. A noite estava muito mais fria do que a tarde. O vento fazia suas orelhas doerem. Devia ter colocado a touca. Ele mirou e moveu a lanterna pelas sombras. Nada além de árvores. Atravessou

todo o terreno até chegar à rua. O que quer que tivesse visto ali havia desaparecido. Ou o mais provável era que fosse apenas sua imaginação.

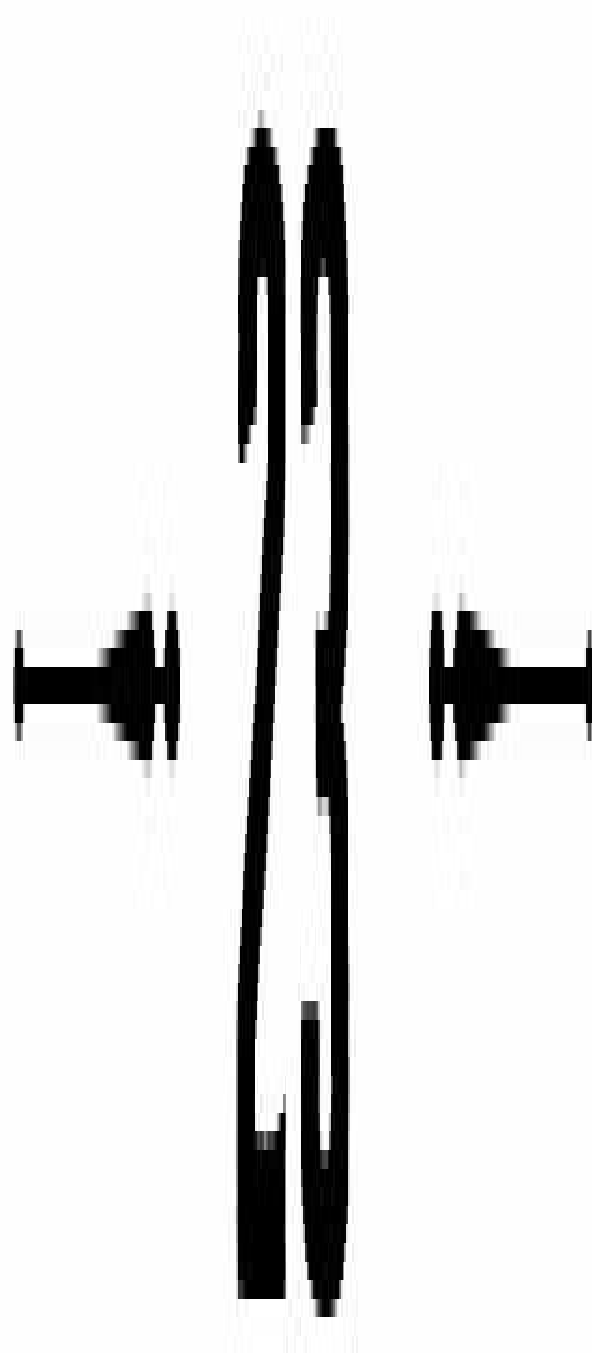
Assim que deu meia-volta, ele viu. Uma forma correu em sua direção, abaixada no chão. A luz a atravessou por completo.

Era Cooper.

O cachorro fantasma mancava um pouco, mas parecia não ter nenhum outro ferimento. Estava tão morto-vivo quanto antes. Arlo estendeu a mão, mas Cooper a ignorou. O cachorro retornava à sua rotina normal e interminável.

Arlo sorriu.

— Bom garoto.



A FOGUEIRA

Nada tentou matar Arlo Finch nas semanas seguintes. O que era frustrante, pois ele estava realmente preparado.

No feriado de Natal, fez uma lista de dezesseis criaturas do *Bestiário de Culman* que podiam ser dispersas com o sal que sempre levava no bolso. Prendera um mosquetão à sua corda de fuga, diminuindo em sete segundos o tempo que levava para sair pela janela. Até mesmo tinha começado a fazer flexões todas as noites, caso acabasse em uma luta corpo a corpo.

Porém, o mais próximo que chegou da morte foi com uma gripe pós-feriado que passou de um em um pelo sexto ano como o porquinho-da-índia da classe nos finais de semana. Perdeu apenas um dia de aula e nenhuma prova. Sua febre mal passou dos 37 graus.

Arlo jamais admitiria, mas estava ficando um pouco desapontado com quaisquer forças que estivessem conspirando para matá-lo. Também podia ver isso nos rostos dos amigos. Ficavam felizes todas as manhãs ao vê-lo, mas também um pouco surpresos.

— Nada? — perguntou Wu.

— Quase fui atropelado, mas foi culpa minha. Eu não estava olhando.

Indra tentou permanecer otimista.

— Acidentes são a causa de morte mais comum entre os jovens. Talvez eles estejam tentando fazer a coisa parecer corriqueira.

— Foi a Sra. Mayes, agora há pouco no estacionamento. Se quisessem que minha professora me matasse, teriam feito ela me passar outro trabalho sobre o Crescente Fértil.

Porém, na terceira sexta-feira de janeiro, Arlo suspeitou de que aquele podia finalmente ser o dia.

Era o fim de semana da Corrida Alpina, o único acampamento do ano que durava as noites de sexta-feira e sábado. Uma vez que iriam direto das aulas para as montanhas, foram com os seus uniformes de Patrulheiro para a escola. Indra e Wu aguentaram perguntas intermináveis de Merilee Myers sobre cada um dos distintivos e o significado de suas formas pentagonais.

— Às vezes sonho com o número cinco — disse ela. — E quando acordo, meu peixinho dourado está olhando pra mim.

No recreio, Arlo praticou seus nós e o uso da bússola com Indra e Wu. Depois do almoço eles correram até a biblioteca para dar uma última olhada no *Bestiário de Culman*. A Sra. Fitzrandolph ficara tão acostumada com eles pedindo para ver o livro que deixava a gaveta destrancada, desde que cada um deles promettesse levar para casa um livro de verdade, sem monstros. (Arlo escolheu *O meu lado da montanha*. Sempre quis um falcão treinado.)

Quando o sinal tocou às 15h05, seguiram direto para o estacionamento da igreja, com suas mochilas. Uma hora mais tarde, estavam andando até o local do acampamento, onde começaram a armar as barracas. Connor conferiu três vezes os anteparos, mas Arlo estava se sentindo bastante seguro mesmo sem sua proteção.

Diferentemente de um acampamento normal, naquele fim de semana havia trinta patrulhas de oito companhias diferentes na montanha. Para todo lado que olhasse ele só conseguia ver Patrulheiros e Guardiões cozinhando à luz de lamparinas. Viu estaluzes, brigas de bolas de neve e marshmallows flamejantes em gravetos. Se algo quisesse atacá-lo, não teria como fazer isso de maneira furtiva. E teria de passar por um monte de gente inocente primeiro.

Era um pensamento sombrio, admitiu Arlo. Mas reconfortante.



Um jato estrondoso de chamas subiu a quinze metros de altura, tão quente que Arlo conferiu para ver se suas sobrancelhas não haviam se queimado. A coluna flamejante dividiu-se então em três ramos brilhantes, e as seções curvaram-se e entrelaçaram-se umas nas outras para formar uma trança. Os trezentos Patrulheiros reunidos vibraram, entusiasmados. A fogueira da noite de abertura era uma tradição da Corrida Alpina, mas o entretenimento naquela noite era sem precedentes.

Arlo observou os três Guardiões parados nos limites da fogueira. Conforme moviam suas mãos, as chamas as acompanhavam, fluindo como vidro derretido. O Guardião mais próximo de Arlo era um homem barbado de suspensórios. Parecia ser o líder, apontando direções com a cabeça para os outros dois.

— Como eles estão fazendo aquilo? — perguntou Arlo.

— Eles são fogomaestres — respondeu Indra. — Magia elemental. Superavançada e perigosa.

Wu inclinou-se na direção deles.

— Ouvi dizer que os três eram Ursos quando estavam nos Patrulheiros. Ensinam isso no acampamento secreto.

Arlo não havia levado em consideração que muitos dos Guardiões provavelmente eram ex-Patrulheiros. Pensava que todos eram apenas pais normais.

Quando a trança ficou completa, o Guardião barbado fechou a mão num punho. Os três ramos de fogo fundiram-se no topo.

— Muito bem! — gritou ele. — Fizemos nossa parte. Agora é a vez de vocês. Patrulheiros, estaluzes! No três. — Patrulheiros ergueram as mãos à volta de Arlo, inclusive Wu e Indra. Arlo resolveu que também tentaria. — Um, dois, três!

Centenas de estaluzes foram disparadas pela multidão. À medida que subiam, uma gravidade estranha curvou sua trajetória até formarem um aro rodopiante em volta do pilar. Novas estaluzes eram acrescentadas continuamente à forma, que ficava cada vez mais brilhante.

Wu lançou uma que chegou ao pilar. Os gêmeos também. Indra lançou duas que chegaram. Arlo continuou estalando os dedos, mas não conseguiu fazer com que nada acontecesse. Tentou também com a mão esquerda. Achando que talvez suas mãos estivessem secas demais, lambeu a ponta dos dedos. Mesmo assim, nada. Nenhuma centelha, nenhuma luz.

— O que estou fazendo de errado?

— Nada — disse Connor. — Vai acontecer quando acontecer, Arlo. — Era fácil para ele dizer isso enquanto estalava uma dezena de luzes, uma atrás da outra.

Frustrado, Arlo calçou de novo as luvas. Olhou para os fogomaestres. O homem barbado parecia estar fazendo força, lutando para continuar segurando o pilar flamejante como se fosse um cachorro bravo em uma guia. Ninguém mais pareceu notar. Estavam todos ocupados disparando estaluzes. Arlo acompanhou o olhar do homem até o topo da coluna, onde as chamas começavam a mudar. Elas se estendiam e ficavam achatadas, passando por cima das bordas do aro. Quase parecia a cabeça de uma cobra.

O homem barbado agora estava claramente tendo dificuldades. Arlo viu que ele estava suando. Os outros dois Guardiões olharam para o homem, preocupados.

Nesse momento, as próprias estaluzes estavam começando a mudar de direção, arrancadas de sua órbita. Algumas subiram, formando o contorno do focinho de um jacaré com os chifres de um bode. Outras luzes espalharam-se

para formar asas reluzentes.

Arlo podia vê-lo nitidamente. Era...

— Um dragão. — Ele disse a palavra junto com uma garota parada ao seu lado.

Arlo olhou para a esquerda e deparou-se com Rielle. Todos os outros haviam desaparecido. Os dois estavam parados perto da fogueira abandonada, olhando espantados para o imenso dragão flamejante suspenso sobre eles.

A criatura não se moveu. Apenas ardeu. Contudo, Arlo tinha a sensação de que estava viva de alguma forma.

— Está dormindo — disse Rielle. — Está dormindo há séculos.

— Como ele chegou aqui?

— Ele criou este lugar. É seu sonho.

— Então como *nós* chegamos aqui?

Rielle olhou para ele.

— Encontramos nosso caminho. É o que nos torna tão valiosos.

Arlo podia ver o fogo refletido nos olhos diferentes dela. Quando olhou de novo para o dragão, sentiu Rielle partir. Ou talvez ele a tivesse deixado para trás. Se tudo aquilo era um sonho, ele estava acordando.

Os Guardiões estavam de volta à fogueira, lutando para controlar as chamas. Arlo podia ver pânico real nos olhos deles. Porém, por toda a volta, a maioria dos Patrulheiros vibrava intensamente. Achavam que o dragão de fogo era parte do show.

O Guardião barbado balançou a cabeça para os outros dois, fazendo sinal para que não saíssem do lugar. Então entrelaçou as mãos e as apontou para o centro das chamas, abrindo os dedos.

O dragão explodiu em milhares de pontinhos de luz que caíram como vagalumes, dissipando-se na noite.

Arlo ouviu os Patrulheiros comemorando por todos os lados. Wu era o que gritava mais alto.

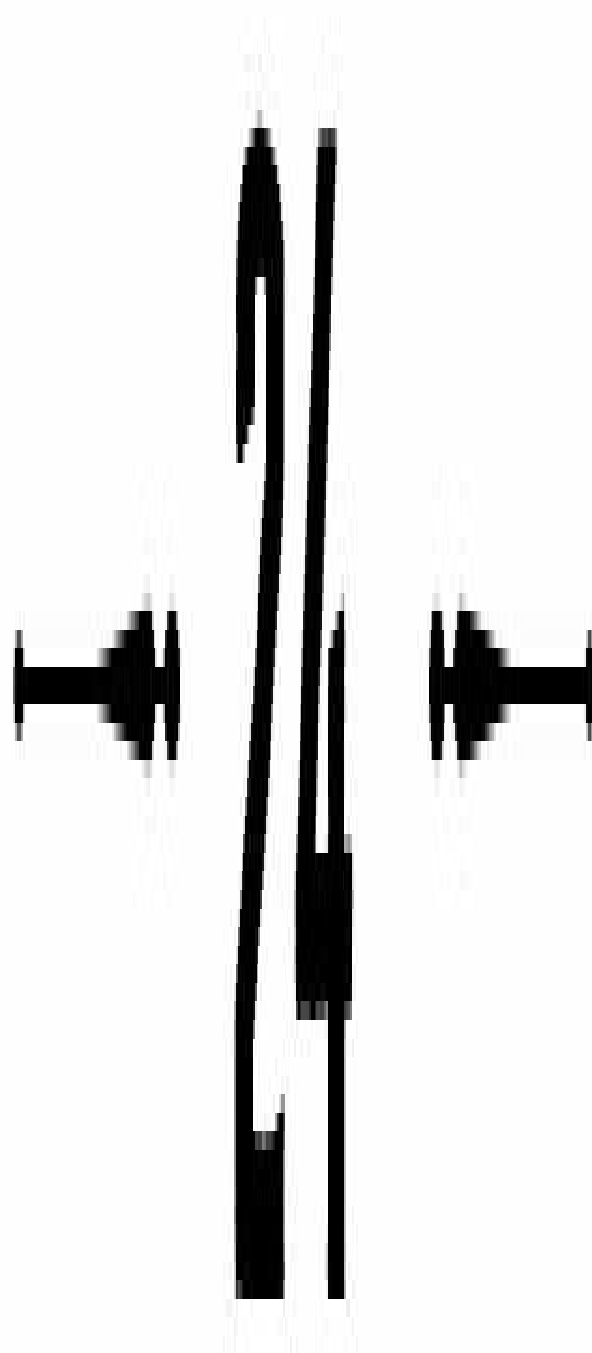
— Aquilo foi demais! Quero ser um fogomaestre.

— Obviamente — disse Indra. — Você já é um piromaníaco.

Arlo sabia que precisava contar aos amigos que tinha visto Rielle. Mas queria saber de algo antes.

Enquanto as patrulhas voltavam para os locais onde estavam acampadas, Arlo encontrou o Guardião barbado falando com um grupo de outros adultos. Esperou até terminarem e então se aproximou do homem enquanto ele acendia a sua lamparina. A mão do Guardião tremia ao segurar o fósforo.

— Você não tinha a intenção de criar o dragão, né? — perguntou Arlo.
O homem barbado olhou para ele e apertou os olhos, avaliando-o.
— O fogo é algo complicado. Às vezes pode surpreender.
Assoprou o fósforo.



A CORRIDA

Eles estavam ganhando.

Na frente do trenó, Arlo não conseguia ver o quão perto estavam as outras patrulhas. Mas sabia que a Azul estava na frente.

Haviam assumido a liderança no meio do trajeto, fazendo uma curva aberta em volta do totem gigantesco para manter a velocidade. A Patrulha Vermelha tinha chegado lá primeiro, mas ficou presa na curva. Connor previra aquilo quando foram fazer o reconhecimento do trajeto naquela manhã. “Quando chegar a nossa vez, vinte outras patrulhas vão ter aberto uma trilha na neve.” Isso não era um problema nas retas — na verdade, as seções planas eram mais rápidas —, mas era bom ter neve limpa para a curva.

Assim, a Patrulha Azul permaneceu no lado de fora da trilha e deixou que as outras empacassem nos sulcos criados por trenós que passaram por ali antes. Arlo pôde ouvir Russell Stokes gritando com os seus companheiros da Vermelha enquanto reposicionavam seu trenó. Até mesmo a Verde com seus sininhos de trenó retinindo estava tendo dificuldades, atrás de duas patrulhas surpreendentemente fortes da Companhia da Holanda.

Enquanto as outras congestionavam a curva, a Azul já rumava para a chegada. Todas as semanas de treino com o trenó estavam sendo compensadas. O Sr. Henhao estava tendo um desempenho perfeito.

Não que fosse fácil. Os pulmões de Arlo ardiam. Suas pernas doíam. Mas ele continuou correndo. Eles iriam vencer. A linha de chegada estava a vinte metros de distância. Quinze. Dez.

Foi então que Arlo ouviu. Um grito. Uma raspada. Passos pesados. Russell Stokes estava ao seu lado. E em seguida passando por Arlo. A Patrulha Vermelha passava por eles.

Arlo estava correndo o mais depressa que já correria na vida, mas não era o bastante. A mão de Russell rasgou a fita da chegada feita de papel higiênico. A traseira do trenó da Vermelha cruzou a linha antes que a frente do trenó da Azul chegasse.

Não havia dúvida, não havia o que discutir. A Vermelha vencera. A Azul chegara em segundo lugar.

Arlo desabou na neve no momento em que cruzaram a linha de chegada, e ficou olhando para o céu azul enquanto recuperava o fôlego. Todos os seus

nervos se contraíam. Ele estava ao mesmo tempo com calor e frio. Sua barriga doía no ponto em que era esfregada pela camiseta. Ele enxugou os olhos. Era suor, não lágrimas. Tinha certeza disso.

Arlo viu Russell Stokes pelo canto do olho. O garoto estava curvado para frente com as mãos nos joelhos, recuperando o fôlego. Ele cumprimentou alguns de seus colegas com as mãos espalmadas no alto. Então Russell notou Arlo olhando e levou os dedos à cabeça, fazendo o sinal de “perdedor”.



Connor não estava desapontado. Ou pelo menos fingia bem não estar.

— Olhem, chegamos em segundo na nossa bateria. Vencemos a Patrulha Verde, o que é incrível.

— Devíamos ter vencido a Vermelha — disse Wu. — Estávamos na frente.

— Sim, e eles foram mais rápidos — disse Jonas. — Olhe pra eles. Todos são atletas. Eles correm e jogam futebol. Podemos treinar o quanto quisermos, mas eles sempre serão mais rápidos. De jeito nenhum a gente consegue vencê-los.

— Tem razão — disse Connor. — Não podemos correr mais que eles. Mas não se esqueçam de que a corrida em si só conta dez pontos. Ainda temos todas as estações, além de espírito e avaliação de trenó. Ainda podemos derrotá-los.

— Teríamos de ser perfeitos — disse Wu.

— Então vamos ser. Porque eles não serão. Pensem bem: eles são melhores do que a gente com os nós? Não. E quanto à sinalização? De jeito nenhum. Ninguém se compara a Julie e Jonas.

Connor tinha razão: os gêmeos eram tão bons em sinalização que chegava a dar medo. Era como se eles conseguissem se comunicar mentalmente.

— Wu é ótimo em fazer fogueiras. Eles não vão conseguir ferver água mais depressa do que a gente.

Arlo vira Wu ir de um pedaço de pederneira e aço a uma fogueira crepitante em menos de um minuto. Wu sempre sabia exatamente quando colocar mais lenha e soprar. Ele chamava isso de seu sopro de dragão.

— E ninguém é melhor do que Indra na leitura de mapas — disse Connor. — Garanto que a Patrulha Vermelha vai se perder em algum momento. Isso vai lhes custar tempo.

— Poderíamos atravessar a linha de chegada primeiro — disse Indra. —

Só isso já compensaria os pontos que perdemos.

— Pessoal, podemos fazer isso — disse Connor. — De verdade. Podemos vencer. — Com acenos de cabeça e lábios mordidos, a patrulha estava concordando. Ele os convencera de sua visão. Até que...

— Você se esqueceu do Arlo — disse Julie. — No que ele é bom?

Arlo pôde sentir todos o olhando. Julgando. Tentando pensar em algo legal para dizer. Ele havia ficado feliz por ter sido esquecido. A verdade é que não era particularmente bom em nada.

— Espírito — respondeu Connor. — Ele é nosso mascote. Vai vencer essa competição pra gente.

Wu lhe deu um soco no ombro. Arlo sorriu.

— Vamos praticar nosso grito — disse Connor. — Ele precisa estar impecável.

Eles se enfileiraram. Arlo no fim da fila, porque era o mais baixo.

— Um! — gritou Connor.

— Dois! — gritaram os gêmeos.

— Três! — gritaram Wu e Indra.

— Quatro! — gritou Arlo.

Batam palmas!

Pisem no chão!

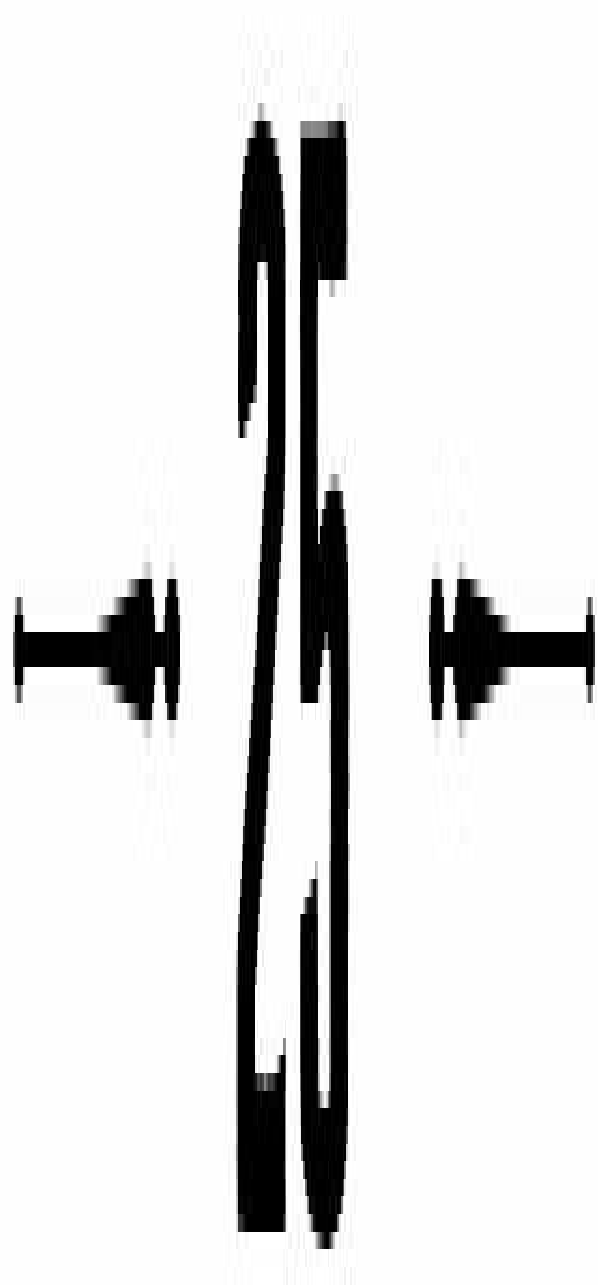
A Patrulha Azul não erra a mão!

Mais rápida que um falcão,

Mais forte que um leão.

Hoje e amanhã,

A Patrulha Azul será campeã!



DESNÓS

A Corrida Alpina foi concebida para medir a competência de uma patrulha em seis habilidades fundamentais ao ar livre, que formavam o acrônimo TEFRINS: Trabalho em Equipe, Fogo, Resgate, Identificação, Nós e Sinais.

Cada habilidade era o foco de uma estação ao longo do trajeto da corrida.

Embora patrulhas pudessem se preparar de um modo geral — como praticando nós e primeiros socorros —, elas não tinham como saber qual seria o desafio específico de uma estação até chegarem nela. Somente quando se apresentavam ao capitão da estação é que descobriam o que precisavam fazer.

— No ano passado, para Trabalho em Equipe tivemos de construir uma ponte sobre um fosso e atravessar todo mundo — explicou Connor. — O que teria sido fácil se tivessem fornecido toras suficientes. O truque era que precisávamos esperar até que outra patrulha chegasse ao mesmo lugar e dividir toras com ela. A Patrulha Verde foi a primeira a resolver o problema.

Para se saírem bem, as patrulhas precisavam ser rápidas e impecáveis. A pontuação máxima de cada estação era dez pontos, mas penalidades de tempo e outras deduções tornavam difícil obter todos os pontos.

— No ano passado, tiramos três em Sinais. Simplesmente não conseguíamos fazer. As patrulhas não paravam de passar por nós.

Ainda que a intenção da corrida fosse avaliar seis habilidades, um sétimo fator tinha grande influência: sorte.

As patrulhas precisavam visitar as estações na ordem especificada em seus cartões de rota, mas algumas ficavam afastadas quase um quilômetro e meio umas das outras.

— Se tirar um cartão de rota ruim, você pode acabar tendo que refazer vários caminhos. Isso diminui muito o ritmo.

Terminada a avaliação de trenó — eles conseguiram nove entre dez pontos —, estava na hora do evento principal. Os líderes das patrulhas se reuniram na linha de partida, onde cada um escolheu um envelope selado tirado de um saco e o ergueu no alto.

— Líderes das patrulhas! — gritou o Guardiã barbado da noite anterior. — Que o seu caminho seja seguro!

— Que sua mira seja certa! — responderam eles em uníssono.

— Ao meu sinal, que comece a 49ª Corrida Alpina anual!

Todos os Patrulheiros vibraram e, em seguida, o Guardião deu um trovotapa. Foi tão alto que ecoou pelas montanhas distantes.

Connor correu de volta até a patrulha, abrindo o envelope no caminho. Ele entregou o cartão de rota para Indra, que começou a traçar um mapa.

— Primeiro temos Resgate, seguida de Nós. Ficam bem longe uma da outra.

Jonas sacudiu a cabeça.

— Tiramos um envelope ruim.

— Acho que não. Sinais, Identificação e Fogo são as próximas, e todas ficam bem perto umas das outras. Mas Trabalho em Equipe fica do lado mais afastado. Isso nos coloca bem longe da linha de chegada.

— Então vamos correr até o fim — disse Connor. — Fazer o nosso melhor.



Correndo em um ritmo constante, eles foram os primeiros a chegar a Resgate. O capitão da estação — um membro da Patrulha Sênior de outra companhia — lhes entregou as instruções grudadas em uma prancheta.

A explosão de um gêiser de aurora deixou todos na sua patrulha temporariamente cegos, exceto por um membro que caiu de uma árvore e quebrou as duas pernas. Escolha um membro de sua patrulha para ser a vítima. O resto da patrulha deve tratar dos ferimentos, construir uma maca e, vendados, transportar a vítima até a barraca médica. A vítima pode ver e fornecer direções.

Indra gritou de felicidade. Eles haviam praticado um cenário quase idêntico àquele uma semana antes.

Wu foi escolhido como vítima. Ele deu instruções sem perder a calma. Arlo ajudou a imobilizar a perna esquerda de Wu antes de passar para a construção da maca. Em nenhum momento ele ficou confuso sobre o que deveria fazer a seguir. A patrulha estava se movendo como um único organismo de doze mãos.

O caminho até a barraca médica era repleto de obstáculos — a maioria barris e postes —, mas Wu guiou sua equipe com cuidado enquanto o

carregavam na maca.

— Me coloquem no chão! — gritou ele. — Chegamos!

Eles ouviram um apito, o sinal para remover as vendas. Arlo apertou os olhos diante da luz forte e olhou para trás na direção do percurso. Eles haviam terminado antes mesmo de as outras patrulhas pegarem as vítimas.

Connor pegou o cartão de rota com o capitão e conferiu a nota.

— Dez pontos! — gritou ele. A patrulha vibrou. Havia começado com perfeição.

A caminho de Nós, eles cruzaram com as Patrulhas Vermelha e Verde. Aparentemente, cada uma havia terminado depressa seu primeiro desafio e rumava agora para a estação mais próxima.

— Eles pegaram um envelope melhor — disse Jonas.

— Vamos correr a nossa corrida, não a deles — disse Connor.

Em Nós parecia não haver complicações: eles simplesmente tinham que dar os mesmos dez nós que praticavam há meses. A surpresa foi a própria corda: tinha nove metros de comprimento e quinze centímetros de largura. Trabalhando em equipe, eles a arrastaram pela neve para formar as alças e nós necessários. Não só era exaustivo como também difícil visualizar como dar cada nó em uma escala tão gigantesca. Arlo ajudou a dar o lais de guia, assumindo o papel do coelho ao se arrastar para fora da toca e dar a volta na árvore.

Mais uma vez eles conseguiram dez pontos perfeitos.

— Nada de ficarmos convencidos — advertiu Connor.

Para Sinais, as instruções eram que as patrulhas se dividissem em duas e um dos grupos subisse a pé até o topo de uma colina distante. Chegando lá, eles tinham de trocar uma série de palavras em código entre os locais. Arlo, Connor e Jonas ficaram no grupo da colina, enquanto os outros três permaneceram na base.

Não havia um método obrigatório de sinalização. Arlo viu que a maioria das patrulhas empregava espelhos ou lanternas para usar o código Morse, mas Jonas e Julie vinham praticando há semanas com bandeiras de semáforo. Originalmente usadas em navios no mar, as bandeiras eram potencialmente mais velozes. Segurando-as em ângulos específicos, os gêmeos conseguiam enviar mensagens com uma letra de cada vez.

— M-I-R-T-I-L-O! — gritou Jonas, lendo as posições de sua irmã. Arlo procurou *mirtilo* na tabela que havia sido fornecida e encontrou a resposta correspondente: *elefante*.

Em dois minutos eles haviam transmitido todas as palavras e desciam correndo a colina para se juntarem aos outros. Eles não só receberam dez pontos como o capitão da estação disse que haviam sido a patrulha mais rápida até então.

Indra e Connor podiam cuidar sozinhos da Identificação — os dois eram enciclopédias ambulantes de naturamaesthria. O resto da patrulha apenas os seguiu enquanto distinguiam depressa abetos vermelhos dos comuns (leitura de pinhas), rouxinóis de carriças (observação de pássaros) e pegadas de esquilos de pegadas de tâmias (rastreamento).

— O rastro feito pelo rabo já mostra de cara quem é quem — disse Connor.

A única discussão ocorreu por causa de uma pilha de excrementos. Com base na cor e na textura, Indra tinha certeza de que era cocô de alce. Connor estava igualmente convencido de que era uapiti, devido ao tamanho menor.

— Nem todos os alces são adultos — argumentou Indra. — Alcinhos têm bundas pequenas. Olha só quanta celulose tem aí. Não parece nem um pouco coisa de uapiti.

Connor enfim foi persuadido. Escreveu “alce” na prancheta.

Porém, quando ele voltou depois de falar com o capitão da estação, até mesmo Arlo conseguiu identificar a expressão em seu rosto. Era cocô de uapiti. Na única estação em que uma pontuação perfeita era para ser algo garantido, a Patrulha Azul conseguiu somente nove pontos.

— Várias patrulhas vão errar aquele — disse Connor ao deixarem a estação. — Duvido que alguém consiga uma pontuação perfeita.

Contudo, Arlo podia ver que Indra estava chateada. Mesmo quando Wu passou sem a menor dificuldade pela parte de fervura de água do desafio de Fogo, ela permaneceu mais para trás, afastada do grupo, amaldiçoando em silêncio seu excesso de confiança. Indra vibrou com vontade quando chegou a hora do grito da patrulha. Porém, no momento em que o capitão da estação parou de observar, seu sorriso desapareceu.

Depois que a fogueira foi aprovada, era hora de lanchar. As regras da Corrida Alpina exigiam que as patrulhas tirassem uma hora para o almoço, de modo que não havia motivo para apressar o preparo do chili de frango. Arlo comeu duas tigelas com queijo extra e bolachas de água e sal. Indra mal terminou a primeira tigela.

Arlo queria lhe dizer que todo mundo comete erros. Que a patrulha tinha sorte por tê-la como membro. Que eles nem sequer estariam ali se não fosse

por sua persistência. Indra o deteve antes que ele pudesse dizer uma só palavra.

— Está tudo bem. Só estou processando a emoção. Um dia vou usar essa experiência quando escrever as minhas memórias.

Arlo admitiu que não tinha certeza do que ela queria dizer com aquilo.

— É quando uma pessoa famosa escreve sobre a vida dela e descreve as coisas ruins pelas quais passou. É importante ter coisas ruins suficientes, senão fica parecendo que a pessoa está se gabando, e ninguém gosta disso. Então, errar hoje ajudou bastante, pois mostra que sou humana.

Arlo ficou pensando se tentar parecer humano não seria um sinal de que alguém não era muito humano. No entanto, não havia tempo para discutir aquilo com mais detalhes. A patrulha estava guardando as coisas, porque dentro de cinco minutos eles seriam liberados para correr até a última estação.



Quando chegaram a Trabalho em Equipe, eles se depararam com três outras patrulhas aguardando para entrar. O desafio evidentemente levava muito tempo, e a estação acumulava uma fila de espera ao longo do dia.

— Estamos aqui há meia hora — disse uma líder de patrulha de Canyon City. — E ainda temos duas estações depois dessa. Talvez possamos receber a penalidade e continuar fora de sequência. — Ela estava sendo prática. Já passava da uma hora da tarde, e as patrulhas precisavam cruzar a linha de chegada às cinco ou seriam desqualificadas.

— Eu disse que tiramos um envelope ruim — disse Jonas. — Se tivéssemos pegado essa estação no início, não teríamos que ficar esperando. — Dessa vez, Connor não tentou melhorar o humor de Jonas.

Depois de dez minutos, a patrulha de Canyon City deu meia-volta com o trenó e foi embora. Agora só havia duas equipes na frente da Patrulha Azul.

Arlo fez um boneco de neve para passar o tempo. Jonas e Connor andavam de um lado para o outro. Julie e Indra conversavam com uma garota de outra patrulha. Wu adormeceu encostado no trenó.

Uma segunda patrulha resolveu ir embora. Agora só havia uma na frente da Azul. Arlo começou a fazer um cachorro para o seu boneco de neve. Ele percebeu depressa por que nunca vira um: sem pernas, cachorros de neve pareciam apenas jacarés ou pufes.

O capitão da estação fez sinal para a próxima patrulha entrar e então

apontou para a Azul. Também era a vez deles. Arlo desistiu do cachorro de neve. Suas luvas estavam úmidas, então ele as tirou. O desafio de Trabalho em Equipe exigia paciência e comunicação. As patrulhas recebiam quatro cordas especiais. Cada uma tinha as pontas unidas para formar um círculo com o diâmetro de um bambolê. Usando apenas aquelas cordas, eles precisavam desmontar, mover e remontar um totem de quatro partes. Sempre que alguém tocava no totem em si, recebia uma penalidade.

— Qual foi o maior número de pontos que uma patrulha já perdeu? — perguntou Wu.

— Dez — respondeu o capitão. — Várias patrulhas saíram daqui com zero.

Eles logo descobriram que o truque era passar as cordas sobre cada seção de vários ângulos e depois puxá-las umas contra as outras para erguer a seção e movê-la.

— Como uma ponte pênsil — disse Wu. Arlo achou que era mais como um saco de cordão.

O desafio era que todos tinham de puxar com a mesma força. Se afrouxassem um pouco que fosse, a peça cairia. Porém, se alguém puxasse forte demais, a peça iria virar ou escorregar, e também cairia.

Foi bastante difícil erguer a primeira peça, mas caminhar com ela foi quase impossível. Arlo estava arrastando os pés pela neve com bastante dificuldade enquanto mantinha os cotovelos encolhidos e apertados contra o peito. A corda machucava suas mãos. Arrependeu-se de ter tirado as luvas.

Levaram cinco minutos para mover a primeira peça, mas conseguiram colocá-la exatamente em cima da plataforma. A segunda peça foi transportada mais depressa. Eles começavam a entrar num ritmo, trabalhando juntos como uma equipe. A terceira peça foi mais complicada, pois precisavam erguê-la para encaixá-la em seu lugar. A corda dos gêmeos escorregou no último instante. Jonas agarrou instintivamente a peça quando ela caiu.

O capitão da estação apitou. Penalidade de um ponto.

Após alguns momentos de frustração, eles conseguiram erguer da neve a seção e colocá-la no totem. Os braços de Arlo tremiam de cansaço. Ele enrolou a corda nas mãos, tentando conseguir mais firmeza para a última peça.

— Devagar e com calma — disse Connor. — Melhor levar dez minutos do que deixá-la escorregar.

As palmas de Arlo suavam enquanto moviam lentamente a última peça. Ele sentiu um formigamento estranho. Cãibra? Ao olhar para baixo, ele viu que a corda não estava mais enrolada na sua mão direita. Porém, ele ainda estava segurando firme, que era o que importava.

Com uma precisão angustiante, a patrulha conseguiu colocar a última peça. Arlo abriu a mão e viu a marca vermelha no ponto em que o nó estava apertando.

Enquanto aguardavam sua pontuação oficial, Indra e Arlo guardaram as cordas.

— Espera, isso é seu? — Ela ergueu o círculo de corda de Arlo, mostrando um nó de mão dado nela.

Arlo não se lembrava de ele estar lá.

— Acho que sim. Por quê?

— É um desnó. — Ela falou como se a palavra fosse extremamente importante por algum motivo, mas Arlo não imaginava por quê.

— Sim. É um desses nós.

— Não! Não um *desses nós*. Um *desnó*. — Aquilo não estava fazendo muito sentido. Indra soletrou a palavra. — D-E-S-N-Ó. É um nó impossível, mas de alguma forma você deu.

— Não estou entendendo.

Wu se aproximou, bebendo do seu cantil. Indra pediu sua ajuda, entregando-lhe outro aro de corda.

— Esta corda é um círculo, certo? Não tem pontas soltas. Mas pra dar um nó de mão como esse, você precisa de pelo menos uma ponta solta.

— Espera — disse Wu, subitamente empolgado. — Ele deu um desnó?

— Um desnó corrediço, acho. — Ela entregou a corda a Wu. Ele a manuseou com cuidado, como se fosse um artefato frágil.

Arlo começava a entender. Alguns nós, como o catau, podiam ser dados no meio de uma corda. Contudo, na maioria dos nós era necessário passar uma ponta solta através ou em volta de algo. Isso não era possível com um aro de corda.

— Como você fez? — perguntou Wu.

— Não sei. Foi um acidente.

— Desnós nem estão mais no *Livro de Campo* — disse Wu. — Tiraram porque são perigosos demais.

Indra sacudiu a cabeça.

— Tiraram porque ninguém mais conseguia dá-los. Não é nem mesmo um

requisito pra Urso.

Wu olhou para Indra.

— A gente devia abri-lo.

— Se alguém deve, é ele. Foi ele quem o deu.

Wu entregou a corda a Arlo.

— Veja se consegue abri-lo. Devagar.

Arlo enfiou os dedos com cuidado nas dobras da corda e pôde sentir uma energia pulsando dentro dela. Ele olhou para cima e viu que Wu e Indra haviam dado um passo para trás.

— Não vai explodir, vai?

— Não — disse Indra, com um toque de indagação na voz. — Mas, por tudo que já ouvi, desnós corrediços não são estáveis, então...

— Vai ficar tudo bem — disse Wu. — Mas talvez seja melhor não se apressar.

— Mas não demore. Ele pode se desfazer a qualquer momento.

Arlo puxou com delicadeza as extremidades do desnó e viu linhas de luz percorrerem as fibras. Seu polegar entrou na alça...

... e desapareceu.

Aquilo era bastante inquietante.

Ele podia sentir que o polegar ainda estava ali. Podia mexê-lo, mas não conseguia vê-lo. Estava invisível.

Arlo tirou o polegar do meio da corda e ele reapareceu, ileso.

— Viram isso? — perguntou ele.

— O quê? — perguntou Wu.

A corda de repente se abriu e o desnó se desfez. Qualquer magia que o tivesse formado havia se dissipado.

— Pessoal! — gritou Connor. — Vamos! — Ele retornara ao trenó com o cartão de rota completado. Arlo largou o aro de corda com relutância e voltou depressa com Indra e Wu.

— Recebemos oficialmente nove pontos — disse Connor. — O capitão falou que só uma equipe conseguiu dez.

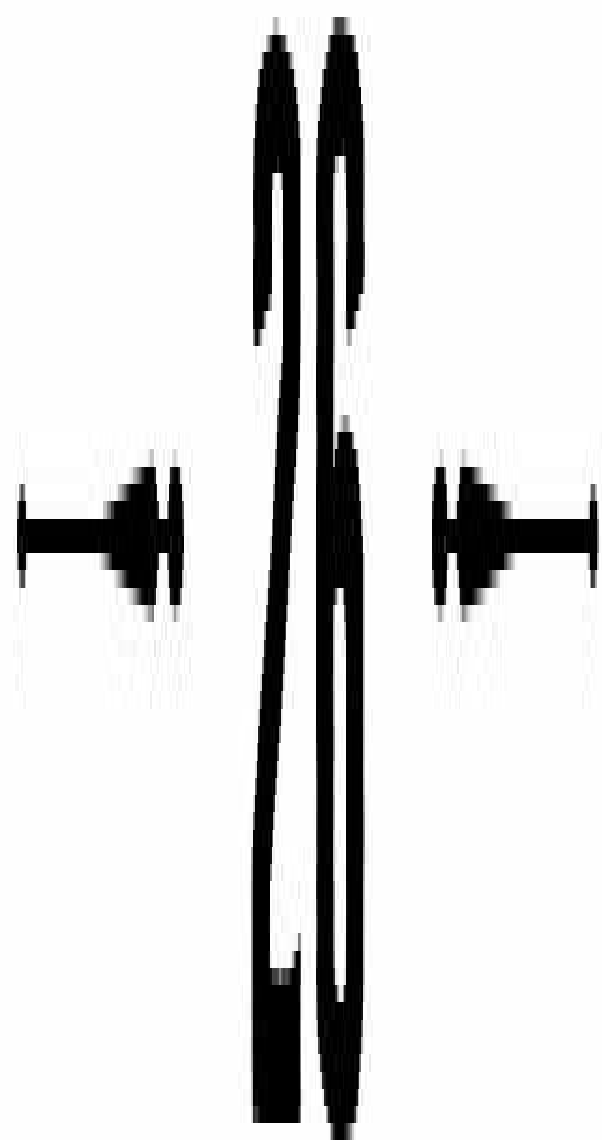
Jonas enrijeceu.

— Ainda podemos derrotar a Vermelha. Existe uma chance.

Ao colocar as luvas de novo, Arlo esfregou a marca vermelha na palma onde o desnó tinha se cravado. Ainda estava formigando.

— Você está bem? — perguntou Wu.

— Estou — respondeu Arlo. — Vamos vencer a Vermelha.



134 GRAUS

Quando entraram em uma estrada maior, Indra parou o trenó para conferir o mapa com a bússola.

— São 134 graus. É um caminho reto. A linha de chegada está a menos de um quilômetro e meio de distância.

Jonas apontou para as marcas na neve.

— Só dois ou três trenós passaram por aqui. Vamos ser uma das primeiras patrulhas. Isso vale pontos extras.

— Vamos chegar lá, antes de nos preocuparmos com placares — disse Connor.

Wu largou a corda.

— Já volto. — E saiu correndo na direção das árvores.

— Aonde você vai? — gritou Indra.

— Preciso fazer xixi! Não vou aguentar mais um quilômetro e meio. Vão na frente!

— Nunca dividimos a patrulha — disse Connor. — Seja rápido.

Wu desapareceu atrás de uma árvore.

Julie pegou o seu cantil no trenó.

— A gente pode mesmo derrotar a Patrulha Vermelha? — perguntou ela. — Eles estavam na nossa frente.

— Eles nos derrotaram na corrida, mas não sabemos o que eles ganharam na avaliação de trenó — disse Indra. — Também são dez pontos. Os juízes podem ter olhado o trenó deles e concluído que não o construíram de fato. Todavia, o Sr. Henhao é claramente feito à mão.

Indra era a única pessoa da idade deles que Arlo já tinha ouvido dizer “todavia”. Parecia uma advogada ou um político falando na TV. Podia imaginá-la em um palanque, meio que gritando enquanto gesticulava com as mãos para dar ênfase. Se fosse candidata a algum cargo, Arlo votaria nela. Indra era teimosa e intimidadora, mas também era dedicada de um jeito que a maioria das pessoas não era.

Arlo parou de prestar atenção enquanto os outros discutiam o total de pontos que, em teoria, as diversas patrulhas teriam. Ele sabia que não tinha nada a acrescentar à discussão. Voltou a atenção para as copas dos pinheiros

balançantes, onde a luz do sol se infiltrava e se dividia nas cores do arco-íris.

— Ninguém se mexa — sussurrou Connor.

Arlo se mexeu. Ele se virou para olhar na direção em que Connor estava virado.

Um urso enorme caminhou lentamente para o meio da estrada adiante. Seu corpo imenso balançava a cada passo. O animal virou a cabeça e olhou para eles. Mexeu as orelhas para frente, curioso, mas não se levantou. Arlo congelou no lugar. Seu coração pulava no peito.

O *Livro de Campo* tinha várias páginas dedicadas aos detalhes de várias espécies de ursos, mas Arlo subitamente não conseguiu lembrar-se de nenhuma delas. O pelo do urso era escuro, mas era um urso pardo? Negro? Cinzento? Ele tinha certeza de que não era um urso polar. A não ser que fosse um urso polar muito sujo...

— É um urso cinzento — sussurrou Connor. — Precisamos recuar em silêncio. Ninguém corre.

— Trovotapa? — sussurrou Jonas. — Pra assustar.

— Não! Isso vai provocá-lo — sibilou Indra. — Apenas o deixem continuar andando.

O urso virou-se para encará-los e sentou-se. Ele não parecia interessado em ir embora.

Connor assumiu o comando.

— Não o olhem nos olhos. Todo mundo agarre a corda. Vamos puxar o trenó para o outro lado. Assim que sairmos de vista, vamos resolver o que fazer.

Todos assentiram e ajoelharam-se para pegar a corda. Juntos, eles viraram com cuidado o trenó para a direção oposta. O urso parecia interessado, mas despreocupado. E então...

— Pessoal! — gritou Wu, fechando o zíper da calça. — A linha de chegada é pro outro lado!

Ele apontou diretamente para o urso. Ao ver o olhar de pânico dos amigos, Wu olhou para onde o seu dedo apontava e viu o urso imenso erguendo-se nas patas traseiras. O animal rugiu.

— Corram! — gritou Jonas.

Arlo tinha certeza de que aquilo ia contra as instruções no *Livro de Campo*, que aconselhavam permanecer no lugar ao se deparar com um urso cinzento agressivo. Porém, seus pés não estavam pensando. Ele estava correndo o mais rápido que podia, com a corda enrolada na dobra do braço.

Wu alcançou o trenó e o agarrou para manobrá-lo.

A estrada se bifurcava adiante.

— Esquerda ou direita? — gritou Arlo. Metade da patrulha respondeu um lado, metade respondeu o outro. Não estavam ajudando.

Enquanto isso, o urso disparava no encalço deles. Não havia como correrem mais que o animal.

De repente, havia uma mulher parada no meio da estrada. Ela vestia um uniforme de Guardiã, mas parecia jovem demais para ser a mãe de um Patrulheiro. A mulher estava de braços abertos, concentrando-se.

Quando ergueu os braços para o alto, a neve dos dois lados da estrada começou a rodopiar de súbito e transformou-se em uma nevasca. Ventos uivantes deixaram tudo completamente branco, e não era possível enxergar nada por todos os lados, a não ser por uma passagem minúscula em volta do trenó. Ali o ar estava calmo, enquanto todos estavam no olho da tempestade.

Wu soltou uma combinação de palavrões que expressavam sua surpresa. Qualquer que fosse aquela habilidade especial de Guardiã, todos eles queriam aprendê-la imediatamente.

O urso urrou em resposta, de algum lugar em meio à neve rodopiante.

A mulher fez sinal para que a seguissem. Depressa.

— Vamos! — gritou Connor.

Ela conduziu a patrulha para fora da estrada e por um caminho sinuoso entre as árvores. A Guardiã era incrivelmente veloz e corria mais como uma corça do que como uma pessoa. Arlo teve dificuldade em não a perder de vista. Ela estava sempre na próxima curva, apontando exatamente que caminho deviam seguir.

Arlo olhou para trás. Ele não conseguia mais ver a nevasca ou o urso. A mulher parecia estar levando-os para bem longe do território do animal. Melhor prevenir do que remediar.

Aquela parte da floresta era diferente do resto. Parecia maior. Mais antiga. Eles passaram por pedregulhos imensos cobertos de líquen e atravessaram córregos congelados. Até mesmo o canto dos pássaros era diferente.

Alguns minutos depois, Arlo perdeu completamente a mulher de vista. Contudo, tinha certeza de que ela devia ter ido na direção da clareira ensolarada adiante.

O trenó ficou mais lento e então parou. Arlo olhou para baixo e compreendeu por quê. Não havia neve debaixo de suas botas, somente terra úmida e agulhas de pinheiro.

Um por um, os membros da patrulha formaram uma linha na frente do trenó, olhando a paisagem com um espanto aturdido. Wu tirou a touca e as luvas. Não precisava mais delas.

Eles estavam na entrada de um vale fluvial não muito fundo. As montanhas de topos brancos ao longe eram mais altas do que qualquer coisa que Arlo já vira ou imaginara. Elas preenchiam metade do céu. O vento arrancava camadas de gelo dos picos serrilhados.

Mas ali estava quente.

Um pinheiro enorme queimava no centro da clareira, soltando uma fumaça cinzenta que gradualmente se dispersava no céu púrpura. Flocos de cinzas eram carregados pelo vento. Arlo podia ver o esqueleto da árvore através das chamas, os galhos brilhantes balançando com o calor do fogo. Podia ouvir as chamas crepitando alto.

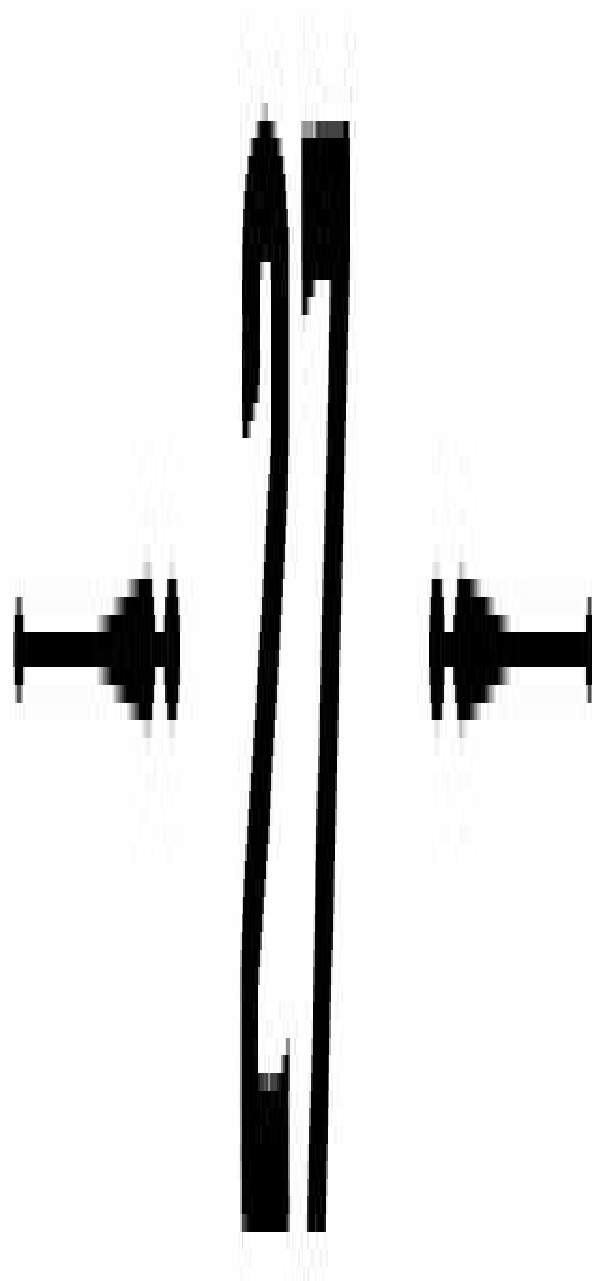
No entanto, por mais depressa que a árvore queimasse, ela também estava crescendo de novo. Galhos novos estendiam-se lentamente do tronco e acabavam pegavam fogo novamente ao mesmo tempo em que outros ramos se desfaziam em brasas branco-alaranjadas.

Era um equilíbrio perfeito. Uma fogueira perpétua.

A árvore em chamas soltava tanto calor que toda a neve do vale havia derretido.

Wu virou-se para a patrulha.

— Pessoal. Onde estamos?



O VALE DO FOGO

Indra estendeu a bússola. A patrulha reuniu-se em volta dela para ver a agulha girar lentamente num círculo em sentido horário. O norte ficava para todos os lados e para lado nenhum.

Eles haviam entrado na Floresta Longa.

— Foi aquela mulher, a Guardiã — disse Wu. — Ela nos trouxe aqui de propósito.

Indra fechou a bússola.

— Ela não falou. Notaram isso?

— Ela não queria assustar o urso — disse Julie. Dos seis, ela parecia ser a menos alarmada, como se o seu cérebro ainda não tivesse compreendido bem como a situação era ruim.

Connor abriu o casaco.

— Não tenho certeza se havia mesmo um urso. Pode ter sido tudo ilusão.

— Acha que ela é uma bruxa? — perguntou Indra.

— Ou algo assim.

— Espere, bruxas existem? — perguntou Julie.

— Existem, mas não vampiros — respondeu Arlo. — O que me parece estranho.

Jonas acrescentou o seu casaco à pilha crescente no trenó.

— Então, digamos que ela é uma bruxa, ou parecida com uma. Por que nos traria aqui? Pra nos comer?

Connor, Wu e Indra olharam para Arlo. Não queriam dizer, então ele mesmo disse:

— Ela me queria.

— Por quê? — perguntou Julie. — O que você tem de tão especial?

Não havia tempo para explicar sobre os fogos-fátuos, a prima de Connor e o Pesadelo, de modo que Indra apenas disse:

— Não temos certeza, mas criaturas não param de tentar matá-lo.

— E essa bruxa provavelmente é quem as tem enviado — acrescentou Wu.

Arlo vinha se sentindo culpado há semanas por envolver Connor, Indra e Wu. Eles eram amigos leais que nunca reclamavam, mas aquela batalha claramente não era deles para que a lutassem. Arlo desconfiava que, só por

estarem perto dele, eles já corriam perigo.

Sentia-se ainda pior sobre Julie e Jonas, pois tinham ficado sem saber de nada daquilo durante meses. Eram parte da patrulha, mas não faziam parte do círculo interno. Isso parecia desleal e desonesto. E agora os gêmeos estavam perdidos na Floresta Longa por uma razão que não podiam compreender. Jonas apontou para a floresta.

— Bem, podemos simplesmente refazer nossos passos. Há cinco minutos estávamos no nosso mundo. Podemos voltar.

— Não podemos — disse Connor. — As direções não funcionam do mesmo jeito na Floresta Longa.

— Não precisamos da bússola! — disse Julie. — O trenó deixou um rastro. Vamos segui-lo até voltarmos.

Arlo sacudiu a cabeça.

— Não vai funcionar. As marcas vão desaparecer ou formar um círculo.

— Isso é impossível.

— Sim, mas aquela árvore em chamas também é impossível — disse Indra. — Assim como aquelas montanhas. Estamos em um lugar impossível. Não funciona como o nosso mundo.

Jonas começou a voltar por onde haviam chegado ali.

— Podemos pelo menos tentar. Sério, o que temos a perder?

— Assim que você sumir de vista, nunca mais o veremos — disse Connor. — Confie em mim, eu já estive aqui.

Indra apertou os olhos.

— Espera, aqui? Tipo, aqui, aqui? Nesse vale, com esse pinheiro?

— Acho que sim. Talvez. — Ele deu um passo adiante, passando os olhos pela campina diante deles. — Tudo parece familiar, meio como os sonhos parecem. E não são só as árvores e as montanhas. Ali, na moraina... — Ele apontou para uma encosta coberta de pedregulhos imensos. Parecia um penhasco que havia sido destroçado por um punho gigantesco. — Tenho a sensação de que já estive ali. Nos escondemos ali durante algum tempo.

— Quem? Você e Katie? — disse Indra. Connor assentiu. — Do que mais você se lembra?

— Havia uma casa. Lembro-me de bater na porta. Ela se abriu, como se nem tivesse tranca.

— O que havia lá dentro?

Connor esforçou-se para se lembrar, mas não conseguiu.

— Depois disso só há um vazio. A próxima coisa de que me lembro é de

semanas depois eu estar no Canadá. Katie havia desaparecido. Eles não me queriam. Só a ela.

— Do jeito que querem só o Arlo? — perguntou Julie. Ela estava lentamente começando a compreender. — Se estão atrás dele, talvez também nos deixem ir embora. — Ela deliberadamente não fez contato visual com Arlo ao dizer isso.

Indra ficou ofendida.

— Você não pode estar falando sério. Não vamos abandonar o Arlo. Ele é nosso amigo e companheiro de patrulha.

— Nós também somos — disse Jonas. — Ainda assim, vocês de alguma forma não nos contaram nada sobre o que estava acontecendo. Estamos aqui por causa de vocês e por causa dele.

— Não vamos abandonar o Arlo — disse Connor. — Vamos bolar um jeito de sairmos dessa juntos, como uma patrulha. Sem discussão, sem hesitação. Entendido?

Jonas e Julie assentiram com relutância.

Wu ficara de fora da discussão. Agora ele apontava para longe e apertava os olhos.

— Pessoal? Tem alguma coisa lá. — Wu pegou o binóculo no trenó e concentrou-se na visão. — Parece uma pequena cabana de pedra.

Ele entregou o binóculo a Connor. Todos aguardaram seu veredito. Ele assentiu lentamente.

— Sim. Parece com a casa de que me lembro.

O binóculo foi passado entre eles. Quando enfim chegou a vez de Arlo, ele acabou discordando dos termos *casa* e *cabana*. A construção em questão era uma pilha circular de pedras grudadas com barro. O telhado era feito de madeira mole e peles de animais. Havia uma porta quebrada entreaberta e pendurada no batente.

Era no máximo uma choupana.

— Precisamos ir dar uma olhada — disse Wu.

Indra deu uma bufada de escárnio.

— Você está brincando, né? É obviamente uma armadilha. Não podia ser mais uma armadilha nem se tivesse queijo e uma mola gigante. Essa bruxa, ou algo que parece uma bruxa, está esperando que a gente entre lá pra nos pegar como pegou Connor e Katie quando eram pequenos.

— Ela tem razão — disse Arlo. — Não podemos ir. — Indra ficou feliz que alguém estivesse sendo sensato. Então Arlo continuou. — Eu devia ir

sozinho.

Connor desconsiderou aquela ideia.

— Primeira regra da exploração: nunca dividir o grupo.

— A não ser que você esteja enviando um batedor. Faz parte da trilhamaesthria. — Arlo tinha lido partes mais avançadas do *Livro de Campo*.

— Vou ser o batedor. Fiquem aqui e ergam um anteparo em volta do trenó. Não sei se vai protegê-los, mas não deve fazer mal. — Ele tirou o casaco e o colocou em cima dos outros no trenó.

Indra tentou ser lógica.

— Arlo, obviamente é você quem ela quer. Se entrar lá, ela vai capturá-lo. E depois? Não vai ajudar em nada.

Jonas concordou.

— Precisamos de você como moeda de troca.

— Não é nada disso que estou dizendo! — rebateu Indra.

Wu concentrou-se no amigo.

— Arlo, você não pode entrar lá. Se ela o vir, você vai morrer, ou pior.

— Ela não vai me ver.



Arlo desamarrou a corda do trenó. Ele não tinha certeza de que aquilo funcionaria, mas alguma coisa lhe dizia que era possível. Desde o momento em que entraram no vale ele sentira algo. Um formigamento na pele. Um zunido em seus ossos. A princípio achou que era só medo, mas conforme o pânico inicial foi passando, a sensação só ficou mais forte. A Floresta Longa possuía uma vibração. Cada árvore, cada folha, cada pedra zunia.

E Arlo estava zunindo com eles. Ele segurou uma parte da corda nas mãos e começou a dobrá-la sobre si mesma, torcendo e juntando as alças. Indra foi a primeira a reconhecer o que ele estava tentando fazer. Ela fez sinal para que todos dessem espaço a Arlo.

Ao contrário do lais de guia ou do nó simples duplo, parecia não haver um método exato para dar um desnó. Era mais como arte. Simplesmente era preciso trabalhar nele até sentir uma mudança. A corda pouco a pouco ficou mais flexível, até o ponto em que ele não conseguia mais distinguir uma alça da outra. Porém, seus dedos não se perderam. Eles entravam e saíam do meio das fibras, empurrando e puxando.

Arlo fechou os olhos, sentindo as fibras criarem vida. Elas começaram a se mover sem serem tocadas, mas ainda estavam sob o seu comando. A corda

estava ficando quente. Arlo sentiu o cheiro dela começando a queimar, de modo que diminuiu a velocidade. Ele não se apressou. Mais algumas torcidas e as últimas alças se fundiram.

Arlo abriu os olhos. Abriu as mãos. Ali, atado no meio da corda, parecia haver um simples nó de mão. Examinando de perto, Arlo podia ver lampejos minúsculos de luz pulsando dentro das fibras. Ele dera um desnó. De propósito, dessa vez. Indra ficou espantada.

— Como você fez isso?

— Não sei. É como se a corda se movesse sozinha através dela mesma.

— Deve ser extradimensional — disse Wu. — Pensem bem. Não é possível dar um nó desses em três dimensões, não sem ter uma das pontas soltas. Mas seria fácil se você tivesse quatro dimensões. — Percebendo que havia exagerado, acrescentou: — Bem, fácil não, mas possível.

Indra concordou.

— Talvez seja por isso que só é possível dar desnós na Floresta Longa e em lugares próximos dela.

— É a mesma coisa com estaluzes e trovotapas — disse Connor. — É preciso dobrar o espaço para lançá-los.

— Estaluzes e trovotapas são úteis — disse Julie. Ela apontou para a corda de Arlo. — Como isso vai ajudar em algo?

Arlo enfiou os dedos no desnó e o abriu com cuidado. Como antes, seus polegares desapareceram. O espaço do lado de dentro reluzia feito uma bolha de sabão. Ele continuou puxando as bordas para alargar o círculo até ficar do tamanho da roda de uma bicicleta. Arlo sentia a todo o momento o desnó tentando se fechar. Agarrando a corda com firmeza, ele enfiou o pé direito pela abertura. Sua perna desapareceu até a coxa, mas Arlo ainda estava de pé na frente deles.

— Uau — disse Jonas, falando pelo grupo.

Arlo colocou o pé esquerdo dentro da abertura. Ele também desapareceu, deixando-o somente com a metade de cima do corpo visível.

— Não sei quanto tempo isso vai durar. Cuidem do anteparo.

— O que vamos fazer se ela aparecer? — perguntou Wu.

Arlo olhou para Connor.

— Dê um trovotapa. Eu volto depressa.

— Espera! — disse Indra. — Eu vou com você.

Wu olhou para ela.

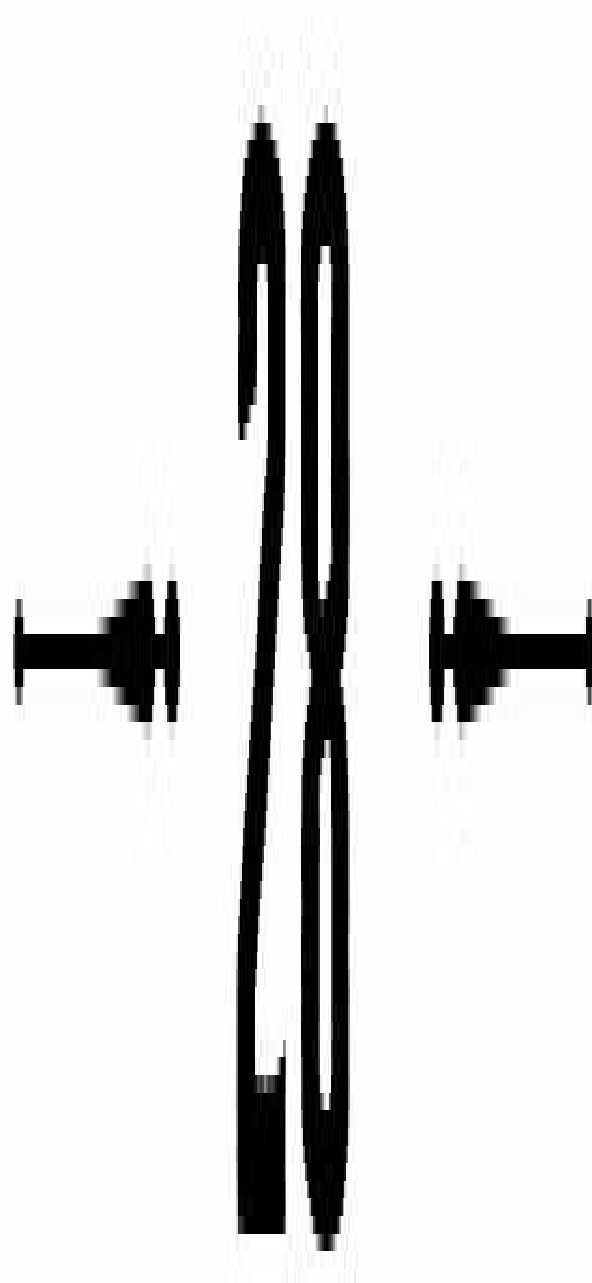
— Você disse que era uma armadilha!

— E é por isso que não podemos deixar que ele vá sozinho. Ele vai acabar se matando. — Ela colocou as mãos nos ombros de Arlo, pronta para passar pela abertura. — Além disso, se houver alguma coisa importante lá, é mais provável que eu saiba o que é.

Arlo teve de concordar com isso.

Ele segurou firme a corda enquanto Indra passava pela abertura. Era apertado, mas os dois conseguiram entrar. Então, com um puxão, ele fechou a alça sobre a cabeça deles. O desnó contraiu-se de repente e a corda caiu no chão. As fibras se retorciam, pulsando com energia.

Arlo e Indra haviam desaparecido.



A CHOUPANA

Eles estavam ali, mas ao mesmo tempo não.

Wu e Julie juntavam pedras vermelhas à direita deles. No trenó, Connor e Jonas as separavam e as empilhavam para erguer os anteparos. Arlo e Indra podiam ver os lábios deles se movendo, mas não conseguiam entender o que estavam dizendo.

— Por que não podemos ouvi-los? — perguntou Indra.

Arlo lembrou-se dos verões em que nadou na piscina cheia de gente na Filadélfia, de como era barulhento na superfície e silencioso abaixo dela.

— Acho que é como se estivéssemos debaixo d'água.

Indra assentiu: a sensação era realmente essa. Até mesmo o ar parecia mais espesso, curvando a luz de modo que cintilava. As mãos deles brilhavam como se tivessem sido mergulhadas em glitter. Indra apontou para a corda no chão, onde o desnó brilhava intensamente.

— É melhor levar conosco? Para o caso de precisarmos de novo?

Arlo abaixou-se para apanhar a corda e seus dedos a atravessaram. Confuso, ele estendeu a mão na direção do trenó e ela também atravessou o veículo.

O encantamento do desnó os tornara não só invisíveis, mas também intangíveis. Eles não podiam tocar em nada, nem serem tocados — contudo, não estavam atravessando o solo e caindo até o centro do planeta, o que era uma vantagem.

Arlo pensou em Cooper, preso entre mundos, latindo silenciosamente para coisas que não estavam lá. Talvez a morte fosse como um desnó que nunca era desatado.

O pensamento lhe deu um arrepio. Ele e Indra haviam atravessado um buraco para a terra dos mortos. Aquela de repente não parecia uma ideia tão boa.

Pelo menos ele não estava sozinho.

— É melhor irmos — disse Indra. — Não sabemos quanto tempo temos.

Arlo concordou. Ele esperava que os efeitos durassem mais do que alguns minutos, mas menos do que uma eternidade.

Caminhar parecia algo normal, exceto pelo fato de que cada passo era silencioso. Arlo e Indra puderam ver cada agulha queimando ao se

aproximarem do pinheiro. Ardiam vermelhas, depois brancas, e então se encolhiam antes de virarem cinzas.

Indra tentou pegar uma que caía, mas ela atravessou a sua mão.

A choupana estava logo adiante. Ficava no meio do leito de um rio, onde um córrego minúsculo de neve derretida escorria pelas pedras. Libélulas esvoaçavam de poça em poça. Havia ossos e carcaças de animais espalhados entre as pedras lisas. Eram restos de uma refeição.

Indra apontou para a porta, que balançava levemente, como se tivesse acabado de ser aberta. Mas também podia ter sido o vento.

Eles se aproximaram com cautela. Havia uma fresta larga o suficiente entre a porta e o batente para que Arlo pudesse dar uma espiada lá dentro. Indra apoiou-se em seu ombro, tentando também dar uma olhada.

A choupana tinha um só cômodo com chão de barro. Nenhuma janela, nenhuma mobília de verdade, apenas um colchão imundo com feno saindo por furos. Uma chaleira pesada pendia sobre as cinzas de uma fogueira. Fora a porta, a única iluminação vinha de uma fenda no teto. *Definitivamente não é uma cabana*, pensou Arlo.

De repente, uma forma se moveu. Indra soltou um grito sufocado e escondeu-se atrás da parede. Arlo caiu para trás.

A mulher estivera até aquele momento no único lugar da choupana que eles não podiam ver. Ela se virou lentamente na direção de Arlo. Por um instante, ele teve certeza de que a mulher o vira. No entanto, seus olhos não se detiveram nele. O encantamento do desnó correção parecia estar funcionando.

Arlo sentou-se com cautela e se inclinou mais para perto da porta.

A mulher não estava mais vestida como uma Guardiã. Agora trajava um vestido azul leve e sujo esfarrapado nas pontas. Apesar do estado da roupa, ela sem dúvida era bonita: alta e forte, como as mulheres de capas de revistas. Ela parecia iluminada por um brilho interior. Arlo teve a sensação de que podia olhá-la durante horas sem jamais desviar o olhar.

A mulher estava falando — mas com quem? Ele tinha certeza de que não havia mais ninguém na choupana. Devido ao encantamento, Arlo não conseguia ouvir o que ela dizia. Não que ele necessariamente fosse capaz de compreender, de qualquer forma.

Indra sussurrou, embora provavelmente não precisasse.

— Aquela coisa na mão dela. É uma concha de voz. Já li sobre elas. — A mulher levou uma concha espiralada ao ouvido, como se estivesse escutando

o som do mar. — Vêm em pares. Qualquer coisa que diga em uma é sussurrada na outra, como um telefone de latinha sem o fio.

Arlo lembrava-se de ter feito um, só que com dois copos plásticos e fio dental.

— Ela está falando com alguém. Talvez contando que estamos aqui.

— Ou recebendo instruções sobre o que fazer agora. — Como se aproveitasse a deixa, a mulher levou a concha de novo ao ouvido.

— O que acha que ela é? — perguntou Arlo.

— Se tivesse de chutar, diria que é uma estriga. É como uma bruxa da floresta. Aquela sem dúvida não é a forma real dela.

— Como você sabe?

— Olhe para seus pés. Ela está descalça, mas os pés estão completamente limpos. É tudo uma ilusão.

De repente, a mulher — a estriga — terminou a ligação. Ela enfiou a concha em um nicho escuro na parede e começou a andar na direção da porta. Arlo e Indra recuaram para que ela não passasse diretamente através deles.

— Precisamos segui-la — disse Arlo.

— Espere. Ela não está indo para o trenó.

Indra tinha razão. A estriga estava se abaixando sobre uma poça. Os dois a observaram começar a puxar uma rede da água, que era muito maior do que poderiam imaginar.

À medida que a puxava para cima, a estriga pegava lagostins e ouriços e os esmagava entre pedras.

Arlo apertou os olhos.

— Acho que ela está com fome.

— Ótimo. Temos alguns minutos. — Indra entrou na choupana antes que ele pudesse fazer qualquer objeção. Arlo resolveu segui-la. Se o encantamento terminasse, pelo menos eles estariam fora de vista.

A área da cabana que não haviam visto era a mais interessante. Havia várias ervas e ingredientes em uma prateleira tosca. Alguns dos jarros eram claramente do mundo normal, com rótulos desbotados de supermercado onde se lia coisas como TOMILHO ou ALECRIM. Contudo, dentro deles havia besouros, aranhas ou areia. Indra tentou pegar um, esquecendo-se de que seus dedos não podiam agarrar nada.

Uma gaiola pendia do teto por uma corda nos fundos da choupana. Era feita de galhos finos em vez de arame, mas no geral se assemelhava ao lar de um papagaio ou de uma calopsita. Estava envolta em um pano sujo, a não ser

pelos centímetros mais próximos da base.

Arlo inclinou-se para dar uma olhada. O fundo da gaiola estava coberto de ossos rachados. A carne não havia sido apenas completamente removida: os ossos foram quebrados e o tutano sugado.

De repente, a gaiola estremeceu. Ela balançou na corda, rodopiando. Arlo afastou-se e o pano caiu de cima da gaiola. A choupana agora ficou iluminada por uma luz brilhante.

Dois fogos-fátuos flutuavam na gaiola. Jogavam-se contra as ripas de madeira, tentando em vão atacar Arlo.

Seu pânico retornou e ele sentiu o coração palpitando na garganta.

— Eles podem nos ver! Não estamos invisíveis.

Indra aproximou-se com cautela da gaiola e moveu a mão ao longo da parte de trás. Os fogos-fátuos não tomaram conhecimento dela.

— Não acho que eles podem nos ver de verdade. Mas sentem que você está aqui. É como se tivessem sido treinados para encontrá-lo.

Arlo espiou para fora pela porta. A estriga ainda estava agachada sobre a poça, revirando a rede. Apesar de toda sua fúria, os fogos-fátuos evidentemente não estavam fazendo barulho suficiente para atrair a atenção dela.

— Foi ela quem os enviou. Naquela noite na floresta, eles estavam procurando especificamente por mim.

— Acho que sim. — Indra olhou ao redor. — Precisamos continuar procurando. Pode haver... — Ela se deteve, hesitante.

Os dois haviam sentido. Alguma coisa estava acontecendo.

Se o desnó correção era como estar debaixo d'água, aquilo era como voltar à superfície. O encantamento terminou com um chiado audível. Os dois se sentiram empurrados de volta ao mundo normal — ou pelo menos o mundo normal da Floresta Longa.

Suas peles não estavam mais cintilando. Eles estavam visíveis de novo.

Um pouco tonto, Arlo foi até a porta para dar uma olhada na estriga.

— Ela ainda está lá.

— Vamos continuar procurando. Talvez possamos encontrar algo útil.

Ficou evidente graças à luz dos fogos-fátuos que as paredes eram repletas de vãos e nichos. Eles encontraram colares de lata, agulha longas, crânios de pássaros e bolinhas de gude.

No alto da parede, onde não dava para ver direito, os dedos de Arlo tocaram em algo macio. Tecido. Ele o puxou para baixo. Era amarelo, da cor

de mostarda de supermercado. Soube o que era antes mesmo de desdobrá-lo. O lenço de seu tio. Ele reconheceu a mancha de sangue seca.

Indra tirou o lenço de suas mãos. Ela conferiu o logotipo, confusa.

— É da Companhia de Pine Mountain.

— Era do meu tio. Ele me emprestou. Eu o usei na primeira reunião, mas não consegui encontrar depois.

Ele nunca esteve perdido, pensou Arlo. Foi roubado.

— Mas isso é impossível — disse Indra. — Nunca tivemos uma Patrulha Amarela.

Arlo não sabia explicar.

— Meu tio disse que era dele.

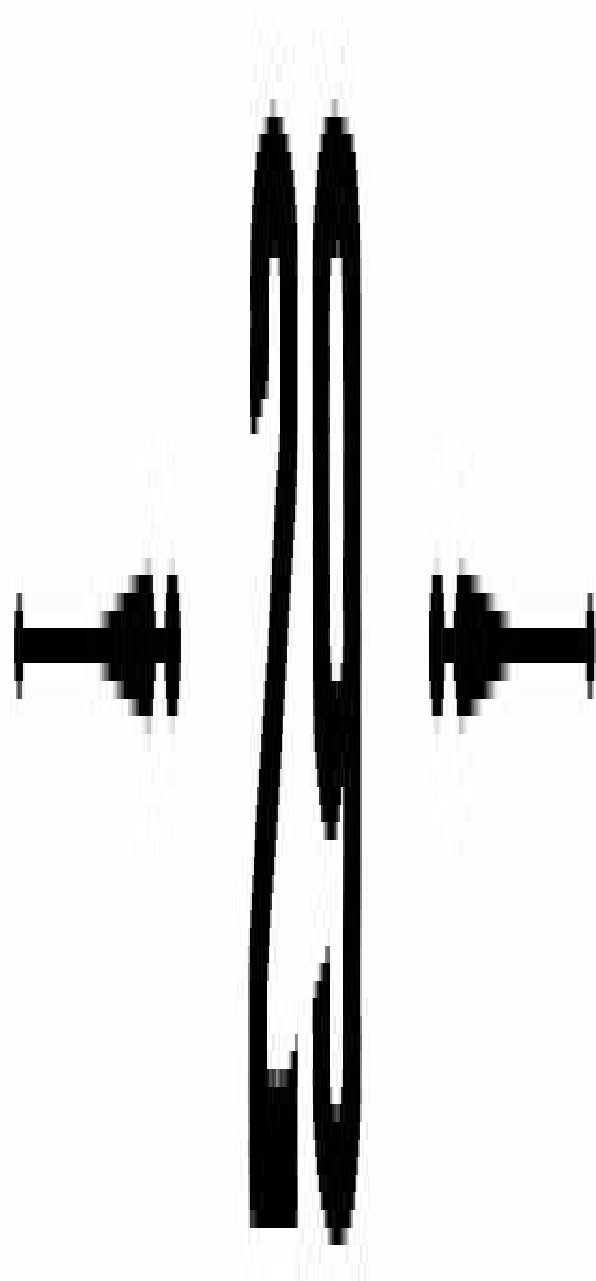
Indra teve uma ideia e segurou o lenço perto da gaiola. Os fogos-fátuos ficaram frenéticos de imediato, desesperados para pegar o lenço.

— Eles são como cães de caça — disse ela. — Foram treinados pra ir atrás de um cheiro, ou algo parecido com um cheiro. Foi como sentiram a sua presença mesmo sem poder vê-lo.

Indra lhe devolveu o lenço. Arlo o estava enfiando no bolso da calça quando...

BUM! Um trovotapa.

Arlo olhou de novo para fora da cabana. A estriga desaparecera.



TUBLE

Os ventos haviam mudado de direção.

A fumaça da árvore em chamas espalhava-se agora pelo solo do vale. Arlo apertou os olhos, que ardiam. Ela não conseguia ver a estriga. Não conseguia ver os amigos no...

BUM! Outro trovotapa.

Eles estavam em apuros.

Arlo e Indra correram na direção do som. A fumaça continuava a ficar mais espessa, arranhando suas gargantas, queimando seus pulmões.

Indra tirou o seu lenço e o mergulhou em uma das poças sujas. Ela o levou até a boca, respirou através dele e fez um sinal de positivo: ajudava. Arlo seguiu seu exemplo e enfiou o próprio lenço na sujeira. O tecido molhado cheirava a espuma de algas e meias suadas, mas funcionava. Ele podia respirar de novo.

Eles seguiram em meio à fumaça. Tudo o que conseguiram ver ao passarem pela árvore em chamas foi uma mancha alaranjada e brilhante. No entanto, estavam perto. A borda da floresta — e a patrulha — tinha de estar logo adiante.

O vento mudou de súbito e ergueu a fumaça como um lençol. Surpresos por ficarem expostos de repente, Arlo e Indra jogaram-se no chão e arrastaram-se para trás de uma rocha plana.

A estriga estava a apenas seis metros de distância, de costas para eles e com a rede de pesca amarrada em volta da cintura feito uma cinta. Seus amigos estavam encolhidos atrás do trenó. Connor protegia Julie e Jonas com o corpo e avisou:

— Não a olhem nos olhos!

Wu manteve os olhos abaixados, mas segurava a panela de chili como uma arma.

Indra apontou para as pedras empilhadas.

— Os anteparos estão funcionando — sussurrou ela. — Ela não pode se aproximar mais do que isso.

De fato, a estriga parecia estar bloqueada por uma parede invisível. Começou a andar em volta do trenó, tateando com uma mão em busca de brechas na proteção. Conforme ela se movia, a patrulha se esquivava na

direção oposta, mantendo sempre o máximo de distância. Tomavam cuidado para não tropeçar nos anteparos.

Embora a estriga parecesse humana, havia algo de sobrenatural na maneira como se movia. Cada passo era grande demais, cada gesto era exagerado. Ela parecia ainda estar aprendendo a usar aquele corpo.

Wu avistou Arlo e Indra. Eles levaram os dedos às bocas, fazendo sinal para o amigo permanecer em silêncio. Wu assentiu.

A estriga completou o círculo e não estava mais perto de atravessá-lo.

— Eles estão seguros — sussurrou Arlo.

— Aqueles anteparos não vão durar pra sempre. Precisamos encontrar um jeito de detê-la.

De repente, Arlo teve uma ideia e enfiou a mão no bolso direito da calça à procura de algo. Ele o puxou do bolso: o saleiro.

— Isso é pra quê?

— Talvez eu possa dissipá-la como o Pesadelo.

— Não vai funcionar. Ela não foi invocada. Aqui é seu lar.

Indra puxou a ponta da sua orelha. Arlo reconheceu o gesto, que significava que ela estava pensando, então permaneceu em silêncio. Ainda assim, não queria desistir do sal tão cedo. Carregara-o durante semanas prevendo uma emergência exatamente como aquela. Talvez pudesse funcionar como uma distração. Ninguém gosta de ser alvo de um punhado de sal. Nem mesmo estrigas, supôs.

Indra começou a esvaziar os próprios bolsos. Arlo não percebera que ela agarrara todos os itens que encontrara na choupana. Ela ergueu um pote de vidro com uma tampa enferrujada cheia de buracos.

— Isso deve servir. — Três insetos iridescentes corriam de lado para o outro dentro do pote. — Besouros-fadas.

Arlo pegou o pote, maravilhado com os insetos estranhos. Agora ele entendia por que Wu tentou pegar um no dia em que se conheceram. Eles cintilavam, nunca exatamente em uma cor só.

A estriga agachou-se diante do trenó e colocou os dedos na terra. Mas não eram mais dedos. Eram garras. Ela revertera à sua forma verdadeira: uma pele azul parecida com couro coberta de cicatrizes. Cabelos negros emaranhados. Dois chifres brancos na testa. A terra ao redor das mãos da estriga começou a se revolver. E então o solo começou a tremer. Arlo nunca sentira um terremoto de verdade, mas teve certeza de que aquilo era um. As pedras empilhadas que formavam os anteparos começaram a chacoalhar.

Connor de repente compreendeu o plano da estriga.

— Não deixem as pedras caírem!

Connor, Wu, Jonas e Julie tentaram desesperados manter as pequenas torres erguidas. Porém, os tremores eram fortes demais. As pedras foram derrubadas uma a uma. Os anteparos haviam caído.

— Corram! — gritou Connor. — Corram para as rochas! Escondam-se! — Ele os empurrou na frente.

A estriga levantou-se lentamente. Enquanto esticava o pescoço, sua forma humana foi ressurgindo aos poucos. Primeiro as mãos, depois as pernas e por fim o rosto. Ela deu um sorriso cheio de malícia. Estava desfrutando daquela situação.

Com um movimento ágil, puxou a rede da cintura e arremessou contra Jonas, que corria, fazendo-o tropeçar e desabar no chão. As fibras mágicas da rede começaram a subir por suas pernas como uma aranha enrolando a presa. Ele gritou, em pânico.

Wu e Connor deram meia-volta para ajudá-lo. Com seus canivetes, começaram a cortar os fios. A cada um que cortavam, outros dois tomavam o seu lugar. Era inútil.

Indra agarrou o braço de Arlo.

— Jogue o pote!

Ele havia se esquecido completamente que estava segurando os besouros-fadas. Arlo levantou-se, mirou com cuidado e arremessou o pote com toda a força na estriga.

E errou o alvo.

O pote passou por ela e caiu no chão ao lado de Wu.

A estriga se virou e avistou Arlo. Perdeu subitamente o interesse nos outros.

— Tuble! — disse ela, dando um sorriso que ficava cada vez mais largo, de um modo impossível.

Era ela. Era a voz que ele ouvira chamando-o da floresta.

Arlo recuou à medida que a estriga se aproximava.

Indra colocou-se diante dele como um escudo, mantendo os olhos abaixados.

— Não vou deixar que você o machuque.

Arlo a empurrou para o lado.

— Corra. Ela só quer a mim. — Arlo não saiu do lugar. Sem nenhum plano além de ganhar algum tempo para os amigos, ele olhou a estriga

diretamente nos olhos.

De repente, tudo ficou bem.

Não, melhor do que isso. Melhor do que jamais esteve.

Arlo se viu de volta em sua cama quase macia demais, observando o sol matutino reluzir nas flores de floco de neve desbotadas no papel de parede. Podia sentir o cheiro de panquecas com xarope de bordo, mas estava com preguiça demais para levantar da cama. Ele esticou a mão para tocar a campainha da sua Bola de Fogo Maxx Zephyr. *Ding!*

Uma batida. Ele olhou na direção do som quando sua mãe abriu a porta.

— Vai dormir o dia inteiro? — perguntou ela com um sorriso.

Com uma mão no ombro dela, o pai de Arlo abriu um pouco mais a porta.

— Deixe-o descansar. Vamos dar um passeio longo esta tarde. Quinze quilômetros!

Arlo apertou a lingueta da campainha. *Ding!*

Cooper olhou do pé da cama, onde sempre dormia.

— Arlo? — perguntou o cachorro. — Arlo!

Engraçado, Cooper nunca falara antes. Ele não fazia ideia de por que seu cachorro estava falando com a voz de uma garota. Cooper parecia irritado. Não era nem um pouco do feitio dele.

Com um rosnado, Cooper de repente mordeu sua mão.

Arlo olhou para a ferida. Uma gota de sangue surgiu em sua pele. Ergueu os olhos e viu Indra ao seu lado no vale, com uma das agulhas da estriga na mão.

— Arlo! Corra! — gritou ela.

Ele sabia que devia se mexer. Esconder-se. Indra era inteligente, teimosa e quase sempre tinha razão. Mas era muito mais fácil ficar onde estava. Seus pais estavam ali, juntos, parados na entrada do quarto. Se pudesse se permitir acreditar na ilusão, tudo seria maravilhoso.

— Pessoal! — gritou Wu. — Pro chão!

Arlo virou-se e viu Wu jogar o pote de vidro, que atingiu a estriga na cabeça, estilhaçando-se. Os besouros-fadas, em pânico, borrifaram de imediato o conteúdo de suas bexigas gordurosas. Assim que entrou em contato com o ar, o líquido claro transformou-se em uma gosma púrpura pegajosa.

Um pouco dela caiu no uniforme de Arlo. Um pouco no cabelo de Indra. Contudo, a maioria cobriu o rosto da estriga, cegando-a. Ela urrou tão alto que ecoou por todo o vale.

O transe de Arlo foi interrompido. Ele estava de volta ao seu corpo, de volta ao vale. Arlo começou a correr para a encosta rochosa com Indra logo ao seu lado.

Connor conseguiu cortar de vez a rede enrolada em Jonas — ela parara de se remendar. Wu os ajudou a se levantarem. Os três correram para a moraina, onde Julie já estava escalando depressa as rochas gigantescas.

Ainda cega, a estriga berrou, jogando os braços para o alto, e no mesmo instante o solo moveu-se de novo. Estacas de madeira retorcidas brotaram da terra, cada uma do tamanho de uma lança. Arlo as reconheceu do buraco onde quase caíra quando foi perseguido pelos fogos-fátuos. Ninguém o havia escavado: a estriga o criara magicamente.

— São raízes! — gritou Indra. — São as raízes da árvore.

De fato, na ponta de cada uma das estacas havia uma brasa ardente. Elas se entrecruzavam para formar barricadas à medida que saíam do solo. A estriga não conseguia ver suas presas, mas com certeza podia impedi-las de escaparem.

As estacas não paravam de surgir, onda após onda. A única esperança era esquivarem-se delas e evitar serem empalados. Arlo ziguezagueou para a esquerda enquanto Indra fez o mesmo para a direita. Estavam apenas a três metros um do outro, mas separados por uma dezena de pilares ardentes, todos cobertos de farpas. Ele tropeçou e rolou para o lado quando uma nova estaca atravessou a terra.

— Vão para as rochas! — gritou Connor. — É seguro lá!

Ele tinha razão: as estacas estavam saindo somente do solo. As rochas estavam protegidas. Arlo avistou um caminho que poderia levá-lo até ali. Estava a apenas trinta metros de distância, mas a cada poucos passos, ele precisava correr para a esquerda ou para a direita quando novas estacas brotavam.

Com um último salto, subiu em uma rocha do tamanho da sua carteira na escola. Olhou para trás e ficou espantado pelo modo como o campo de repente ficara tão denso. A estriga ainda se contorcia do outro lado das estacas, tentando tirar a gosma púrpura dos olhos.

À direita, Arlo viu Connor, Wu e Jonas, todos a salvo longe do solo do vale. Julie já estava se enfiando no espaço entre duas rochas. Porém, não conseguia ver Indra em lugar algum.

— Arlo! — gritou ela. Indra estava perto. Ele enfim a avistou, cercada por uma dúzia de estacas. Não tinha para onde ir.

Arlo foi até ela, tomando cuidado para permanecer no alto das rochas.

— Você pode subir por aqui! — gritou ele, apontando para o “V” formado por duas estacas cruzadas.

— Não consigo subir! É alto demais. — Naquele momento, outra estaca brotou atrás dela, quase a atingindo.

Indra puxou o cabelo para trás e se acalmou. Examinou as estacas à sua frente. Não havia um jeito fácil de passar por elas. Mas então teve uma ideia.

Tirou o cinto da calça e o passou em volta de um dos pilares farpados. Agarrando o couro com firmeza, apoiou uma bota no pilar. Depois a outra, mais alto. Arlo observou Indra jogar o cinto para cima alguns centímetros e repetir o processo, subindo lentamente como um lenhador escalando um tronco.

A parte mais complicada foi a transição. Ela firmou o pé esquerdo no “V”, rezando para que a aguentasse. Então jogou seu peso para a outra estaca. Não havia mais nada a fazer a não ser...

— Pule! Eu pego você! — gritou Arlo.

Abandonando o cinto, Indra saltou. Arlo serviu mais de plataforma de aterrissagem do que de suporte. Ambos caíram para trás sobre as rochas, abalados, mas ilesos.

— Continuem subindo! — gritou Connor. — Espalhem-se!

Arlo olhou para a encosta rochosa acima dele. Era tão extensa quanto um campo de futebol, repleta de recantos e reentrâncias, o que a tornava o lugar perfeito para se esconderem. E se esconder parecia ser a única esperança deles.



Arlo ficou subitamente feliz por ser o menor membro dos Patrulheiros ao se enfiar na fenda estreita abaixo de um pedregulho. Isso poderia mantê-lo vivo.

As rochas estavam escorregadias por causa da neve derretida. Ele podia sentir o frio entrar pelas costas úmidas do uniforme conforme seguia mais para o fundo.

Daquele ângulo, só conseguia enxergar a copa do pinheiro em chamas soltando uma espiral de fumaça para o céu púrpura, e ouvir seu pulso nos ouvidos.

Talvez eles tivessem escapado. Talvez a estriga estivesse procurando na floresta e não na encosta rochosa. Talvez...

— Tube! Tuuuuu-ble! — A voz dela era como uma dobradiça enferrujada.

Era o mesmo tom com que se chamava um cachorro para jantar. Só que Arlo era a refeição.

Ele exalou e espremeu-se ainda mais para dentro da fenda. Um pequeno lagarto laranja surgiu correndo de repente, incomodado com aquele intruso. Cada um dos três olhos da criatura piscava um depois do outro, examinando o garoto. Arlo fez uma nota mental para pesquisar sobre o lagarto quando voltasse para casa.

Se voltasse para casa.

Ouviu garras nas rochas à sua direita. A estriga estava perto. Aquele esconderijo perfeito agora não parecia nem um pouco ideal. Ele não deixara nenhuma rota de fuga para si mesmo. A estriga o encontraria ou não, e não havia nada que ele pudesse fazer.

O pé descalço de uma mulher apareceu, a barra esfarrapada do vestido sujo enrolada na panturrilha. Sua pele era limpa e lisa feito mármore.

Na borda das rochas, o lagarto de três olhos olhou para cima, confuso — até que uma mão cheia de garras o pegou. Arlo ouviu a estriga triturar os ossos do lagarto e terminar chupando algo molhado.

Qualquer que fosse o encantamento que a estriga estava usando para parecer bela, foi interrompido enquanto comia. Arlo viu os tornozelos dela ficarem azul-escuros e brotarem furúnculos e cicatrizes. Vermes deslizavam logo abaixo de sua pele. As unhas dos pés eram na verdade garras negras irregulares que raspavam nas pedras.

Ela desapareceu com um gemido. Arlo imaginou que só podia ter subido no alto do pedregulho para ter uma visão melhor da moraina.

Ele sabia que precisava ficar imóvel. Conforme os segundos transformavam-se em minutos, começou a tremer, tanto pela adrenalina quanto pelo frio. Seu pé esquerdo estava ficando dormente. Além disso, ele não conseguia respirar direito. Para se distrair, Arlo formou em silêncio com a boca as palavras do Juramento:

*Leal, corajoso, bom e certoiro...
Guardião do Incomum e do Corriqueiro...
As matas protejo,
Os fracos defendo,
O caminho marco,
E a virtude almejo.
Espíritos da floresta, prestem atenção*

Enquanto o Juramento do Patrulheiro ponho em ação.

Arlo sorriu. Era a primeira vez que colocava as palavras certas na ordem correta.

Supondo que conseguisse escapar da estriga, encontrar os amigos e de alguma forma sair da Floresta Longa — considerando que realmente sobrevivesse —, ele sem dúvida ganharia sua patente de Esquilo.

Antes de mais nada, ele precisava se mexer. Não podia arriscar mais permanecer naquele lugar. A água congelante que penetrava pelas rochas acabaria levando-o à hipotermia. Ele precisava encontrar algum lugar mais seco para se esconder.

Arlo começou a avançar lentamente em direção à luz. Os botões de sua camisa ficaram presos na ponta de uma pedra. Não havia espaço para enfiar os dedos e tentar se soltar, então ele exalou completamente e em seguida encolheu o máximo que pôde a barriga. Deu certo. Ele se esgueirou pelo obstáculo e respirou fundo.

Prestou atenção ao barulho de garras, de passos, de terra deslizando por entre as pedras. Só ouvia o vento. Se a estriga se encontrava por perto, estava em completo silêncio. Arlo estendeu a mão pela beirada da rocha.

Então ouviu: os sininhos da coleira de um gato. O som da gosma púrpura. Congelou no lugar.

O som estava próximo. Tinha de ser a estriga, a não ser... engraçado, ele não ouvira aquele som quando ela se encontrava bem ali. Talvez ela tivesse se livrado magicamente da gosma.

Então por que a estava ouvindo agora?

Arlo recolheu lentamente o braço para debaixo da rocha e ouviu de novo o tilintar. Estava vindo dele. Ele virou o punho da camisa e encontrou a mancha de gosma púrpura na manga. Suspirou aliviado. E então...

Um grito. Era uma garota. Julie, não Indra. Ela estava muito longe.

Arlo terminou de sair depressa e tentou se localizar. Estava começando a chover — era neve, na verdade, mas que se derretia ao cair, formando uma névoa fina.

— Socorro! Alguém!

A voz vinha do sopé da encosta. Ele subiu em um pedregulho e analisou a área. Connor estava perto dali. Arlo avistou Wu no meio da encosta, tentando encontrar um caminho até o topo.

Então viu a estriga. Ela estava lá embaixo, descendo a encosta e arrastando

Julie pelo cabelo. Estavam em cima de um pedregulho achatado.

Um trovotapa. A estriga olhou para Connor, curiosa. Ele disparou três estaluzes contra a criatura. Não a feriram, mas a distraíram o suficiente para Julie conseguir se soltar e escapar para baixo por entre as rochas.

Outra estaluz passou voando, dessa vez de uma direção diferente. Tinha de ser Jonas. Então uma terceira, que caiu antes de atingir o alvo. Indra. Wu também estava tentando, mas a luz não saía de seus dedos.

— Continuem tentando! — gritou Connor. — Distraiam-na!

Arlo olhou para a sua mão suja. Não fazia ideia se conseguia realmente lançar uma estaluz. Nunca conseguira mais do que um brilho fraco. Mas precisava tentar.

Ele jogou o braço para trás como se estivesse prestes a arremessar uma bola de beisebol. Quando ergueu a mão, ele sentiu um formigamento, como eletricidade estática. Era a mesma energia que sentiu na corda quando estava dando o desno, só que desta vez dentro dele.

Pressionou o polegar com o dedo médio.

Uma centelha. A sensação de algo percorrendo seu corpo. Arlo podia sentir o ar curvando-se ao seu redor.

Seu cotovelo esticou-se com um movimento ligeiro. A mão voou para a frente. O dedo indicador apontou diretamente para a estriga.

E ele estalou os dedos.

A luz foi cegante, como o flash de uma câmera em uma sala escura. Crepitou ao sair de seu dedo, traçando uma linha reta pelo ar. Não se curvou. Era rápida demais. Forte demais.

Ele conseguia sentir a névoa se rompendo, um vinco radiante no ar.

O raio atingiu a estriga bem no peito, arrancando-a da rocha. Arlo a observou desaparecer de vista.

Ele olhou incrédulo para a própria mão. Uma estaluz não devia fazer aquilo. Afinal, era apenas luz: não tinha nada de calor, nenhuma força. Ainda assim, atingira a estriga como uma bala de canhão.

— O que foi aquilo?! — gritou Wu.

— Não sei.

O ar cheirava a ozônio. Arlo olhou para as pontas dos dedos: estavam em carne viva e vermelhos de subir nas rochas, mas não queimados. Ele não fazia ideia de como havia feito aquilo nem se conseguiria fazer de novo. Na parte de baixo da encosta, Julie subiu com cuidado no pedregulho e olhou pela beirada.

— Pessoal! Desçam aqui!

Arlo e o resto da patrulha desceram até ela. Fora arranhões e batidas, nenhum deles estava ferido de fato. Arlo foi o último a chegar à beira da moraina e ver o que havia acontecido.

A estriga caíra em cima de uma das estacas, que atravessaram-na pelo peito, deixando-a pendendo impotente a alguns metros do solo.

Não havia sangue. O ferimento estava completamente seco.

Na verdade, tudo na bruxa da floresta parecia ressecado. A pele azul estava grossa feito cortiça. Os dedos pareciam gravetos retorcidos.

— Ela está se transformando em madeira — disse Indra. Arlo podia ver que ela tinha razão. A mudança começara no peito, mas estava espalhando-se rapidamente. Em pouco tempo ela estaria completamente transformada.

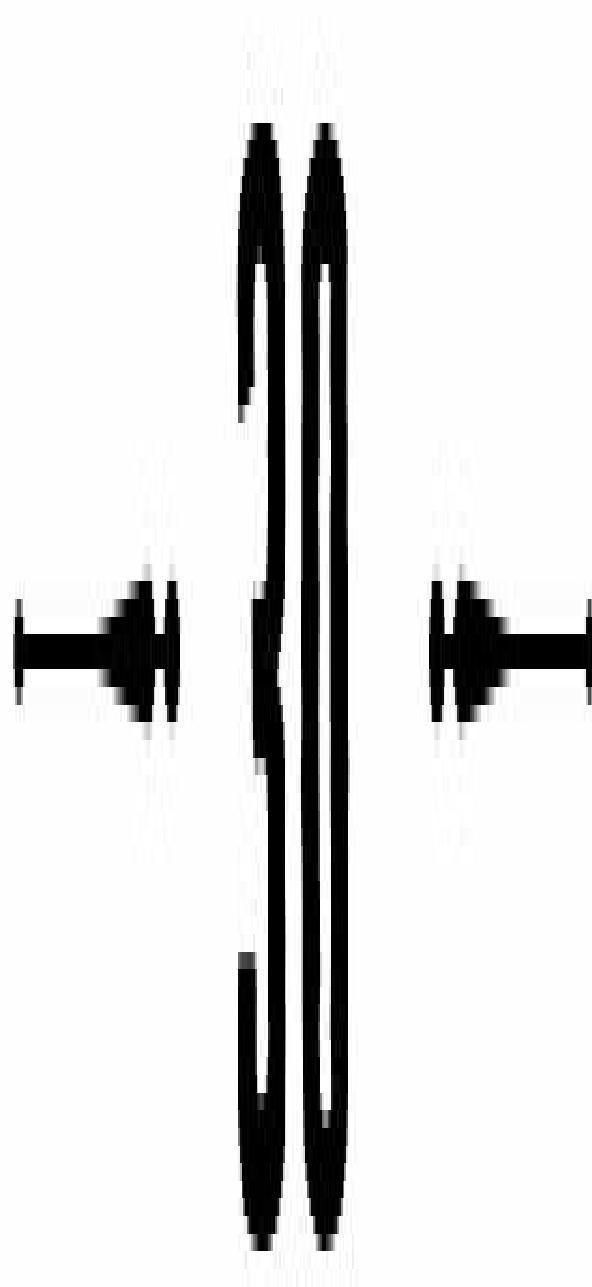
Os olhos escuros da estriga — que estavam virando depressa nós de árvore — fixaram-se em Arlo. Ele se aproximou, sem medo. Estava sentindo uma mistura de pena e aversão.

— Por que você estava tentando me matar?

A estriga sorriu e alguns dentes caíram. Ela ergueu a mão de graveto e apontou para os olhos diferentes de Arlo.

— Tuble — sussurrou ela.

E então morreu. Arlo pôde sentir o seu espírito partir, deixando para trás apenas uma casca de madeira. A estriga levou consigo quaisquer respostas que pudesse ter.



O CAMINHO DE VOLTA

A estriga morrera.

Com sua morte, as raízes pontiagudas voltaram para debaixo da terra, deixando pequenos buracos pelo solo do vale. O corpo de madeira da estriga quebrou-se em pedaços ao descer, como se fosse lenha comum.

O pinheiro continuou a queimar. A magia da árvore aparentemente era independente daquela da estriga. O fogo que parecera tão ameaçador agora era quase reconfortante, e fazia Arlo lembrar-se daquela primeira fogueira na Campina do Carneiro, antes que as vidas de todos eles ficassem em perigo.

A patrulha bebeu de seus cantis em volta do trenó. Connor juntou as pedras dos anteparos, só por garantia. Indra amarrou de novo a corda. Os gêmeos lavaram os seus arranhões e aplicaram bandagens.

Ninguém falou nada. Estavam cansados demais, tensos demais.

Wu terminou sua água e colocou a tampa de volta no cantil.

— Pessoal? — perguntou ele. — Como saímos daqui?

Todos estavam pensando a mesma coisa. Embora a estriga tivesse sido a ameaça imediata, a preocupação maior era com a geografia. Eles estavam no mundo errado, sem a menor ideia de como voltar para o seu próprio.

Julie falou primeiro.

— Precisamos ficar onde estamos. Foi o que nossos pais nos ensinaram quando éramos pequenos. Quando você se perde na mata, você procura um lugar aberto e fica lá. Desse jeito, os grupos de busca podem encontrá-lo.

— Como encontraram Connor e Katie? — perguntou Indra. Ela se arrependeu na mesma hora do tom que usou. Julie estava quase chorando. — Desculpa. É só que ninguém sabe que estamos na Floresta Longa. Não podemos esperar que alguém nos encontre aqui. Pelo menos não alguém que a gente queira que nos encontre.

— Como assim? — perguntou Connor.

Indra e Arlo se olharam.

— Na choupana, vimos a estriga falando com alguém. Por magia... Não tinha mais ninguém lá em pessoa. Mas, sem dúvida, tem mais alguém envolvido. Podemos supor que, seja quem for, está a caminho.

— Então temos de ir — disse Connor. — Vamos subir até o topo do vale e fazer um reconhecimento. Escolher uma direção e ir.

— E quanto ao trenó? — perguntou Wu.

— Deixamos aqui. Vamos carregar o que pudermos.

Wu ficou horrorizado.

— Não vamos abandonar o Sr. Henhao! Ele é parte da patrulha.

Jonas revirou os olhos antes de falar.

— É uma cadeira estragada e esquis velhos. Deixe pra lá.

— Chegamos em segundo! — gritou Wu. — É uma posição muito boa.

— Pelo menos fizemos algo, Jonas — disse Indra. — O que vocês dois fizeram, além de reclamar e serem resgatados?

Connor colocou-se entre eles.

— Já chega! Todos vocês.

A patrulha ficou em silêncio. Julie agora estava chorando abertamente. Recusou a tentativa do irmão de consolá-la.

— É inútil — disse ela, sacudindo a cabeça. — Vamos morrer aqui, não é?

— Não, não vamos — disse Arlo. — Posso nos levar para casa.



Enquanto seus amigos estavam discutindo, Arlo tirou sua bússola do bolso. A agulha ainda estava girando em um círculo lento. Porém, ao se virar, ele sentiu alguma coisa: um leve zumbido. Não era o norte. Era algo completamente diferente.

Quando estava praticando na entrada de carros, Arlo aprendeu a ignorar as vibrações fantasmas. Agora ele compreendeu que elas indicavam algo real: caminhos para a Floresta Longa.

Ali, dentro da Floresta, a bússola estava lhe mostrando o caminho para fora.

— O quanto você tem certeza? — perguntou Connor. — Numa escala de um a dez.

Arlo foi sincero.

— Talvez seis ou sete. Sei que tem alguma coisa lá, mas não há como ter certeza.

— Até onde sabemos, a bússola está direcionando o Arlo ainda mais pra dentro da Floresta — disse Jonas. — Se ele estiver errado, estaremos numa situação pior do que antes.

— “Pior” provavelmente está a caminho neste instante — disse Indra. — Não podemos ficar aqui. É perigoso demais.

Wu deu um passo adiante.

— Por que estamos discutindo? Olhem o que Arlo fez com a corda! Olhem o que ele fez com a estaluz! Nenhum de nós poderia fazer aquilo. Nem eu, nem vocês, nem Connor. Nem Christian. Aposto que aqueles fogomaesthres na fogueira noite passada não poderiam fazer aquilo. Ninguém pode fazer o que Arlo consegue. Então, se ele acha que pode nos tirar daqui, sabem de uma coisa? Acredito nele. Não preciso saber por que ou como. Só preciso saber em que direção puxar o trenó, porque ele vai nos levar pra casa, simples assim.

Indra virou-se para Arlo. Assim como Connor. Até mesmo os gêmeos viraram-se para ele. A discussão estava encerrada.

Wu apontou para a bússola de Arlo.

— Pra onde vamos?

Arlo apontou. Não era a mesma direção por onde tinham vindo, mas era onde ele sentia a vibração.

— OK! Vamos. — Wu pegou o seu casaco no trenó, vestiu-o e fechou o zíper. Um por um, o resto da patrulha pegou seus casacos. Então, contando até três, ergueram o trenó e o carregaram até a neve mais próxima.

Arlo enrolou a corda na luva e deu uma última olhada para o vale e para a árvore em chamas. Por quanto tempo ficaram ali? Uma hora? Duas? Ele tinha a impressão de que havia muito mais a ser explorado. No entanto, era hora de ir para casa.

Eles retomaram depressa o ritmo assim que começaram a se mover. Arlo podia ouvir os esquis e as botas na neve.

No mundo normal, os Patrulheiros usavam suas bússolas para escolher um marco distante — uma árvore, o topo de uma montanha, um pedregulho específico — e rumar até ele em linha reta. Enquanto estivesse caminhando, a bússola podia voltar para o bolso do Patrulheiro. Porém, isso não funcionava na Floresta Longa. Ali não havia linhas retas. Os caminhos estavam sempre serpenteando. Arlo podia sentir a vibração mudando depois de dar alguns passos. Podia ser uma mudança pequena como passar por um tronco caído à direita ou à esquerda.

Se escolhesse errado, a trilha estava perdida. Não tinha volta.

Arlo não conseguia enxergar os rostos dos outros da frente da corda, mas tinha certeza de que estavam céticos quanto à sua rota. Ele também estaria. A certa altura, fizeram uma curva fechada para a direita seguida de uma curva fechada para a esquerda no que parecia ser um arvoredado comum. Contudo, ao subirem uma pequena elevação, viram que o caminho os levava a um lugar

singular.

Havia uma ponte de gelo sólido sobre um rio veloz. Parecia ser larga o suficiente para o trenó, sem sobras. Cair no rio não era uma opção: logo à esquerda a água despencava em um penhasco imenso. Era possível ver por quilômetros — talvez centenas de quilômetros — até um ponto onde o céu púrpura encontrava-se com o horizonte em um brilho rosa-alaranjado.

Pingentes de gelo pendiam das árvores por todos os lados, cintilando à luz. Julie ergueu as mãos como se estivesse enquadrando a paisagem.

— Queria estar com a minha câmera.

— Tenho certeza que câmeras não funcionam aqui — disse Connor. — Senão você veria fotos da Floresta Longa o tempo todo.

Indra concordou.

— É como o Maravilhamento multiplicado por dez.

Jonas observou o óbvio:

— Com certeza não atravessamos aquela ponte antes.

— Eu sei — disse Arlo. — Mas esse é o caminho de volta. Posso sentir.

Wu juntou a corda.

— É o suficiente pra mim. Não caiam na água.

Para uma ponte feita de gelo sólido, ela era menos escorregadia do que Arlo temera. A água congelada espirrada do rio fornecia um pouco de tração debaixo de suas botas. Além disso, eles não foram os primeiros a atravessar a ponte naquele dia. Indra avistou rastros no gelo.

— Um hexlince — disse ela. — Estão vendo como tem seis patas? Aposto que está escondido nas árvores agora mesmo, nos observando.

Depois de um momento de apreensão, quando o trenó chegou perigosamente perto da beira, eles terminaram a travessia em segurança. Arlo os conduziu por sobre a elevação seguinte. Um minuto depois, ele parou, confuso.

— Pra que lado? — perguntou Connor.

— Não sei. Sumiu.

— Como assim, “sumiu”? — perguntou Jonas. — Estamos perdidos?

— Eu não sei! A sensação é diferente.

Indra pegou sua própria bússola.

— Não está mais girando! Acho que não estamos mais na Floresta Longa.

Connor pegou sua bússola para conferir.

Arlo voltou correndo pelo caminho por onde passaram. Ao chegar no alto da pequena elevação, ele só conseguiu ver árvores comuns. O rio e a ponte de

gelo haviam desaparecido.

— Ela tem razão! — gritou Arlo. — Voltamos!

— Mas onde estamos, exatamente? — perguntou Jonas.

— Não quero estar no Canadá — disse Julie.

Wu havia se afastado do trenó, procurando algo por entre as árvores. De repente seus olhos se arregalaram.

— Pessoal! Pessoal! Venham aqui! — Quando se aproximaram, ele explicou. — Foi aqui que a gente viu o urso. Lembram que eu estava apertado? É nessa árvore que eu estava fazendo xixi.

— Como você sabe? — perguntou Indra.

— Porque sempre escrevo minhas iniciais. — Ele apontou para baixo, onde as letras *HW* estavam marcadas na neve amarela. — Henry Wu.

— Você é nojento — disse ela, abraçando-o.

Connor olhou para seu relógio.

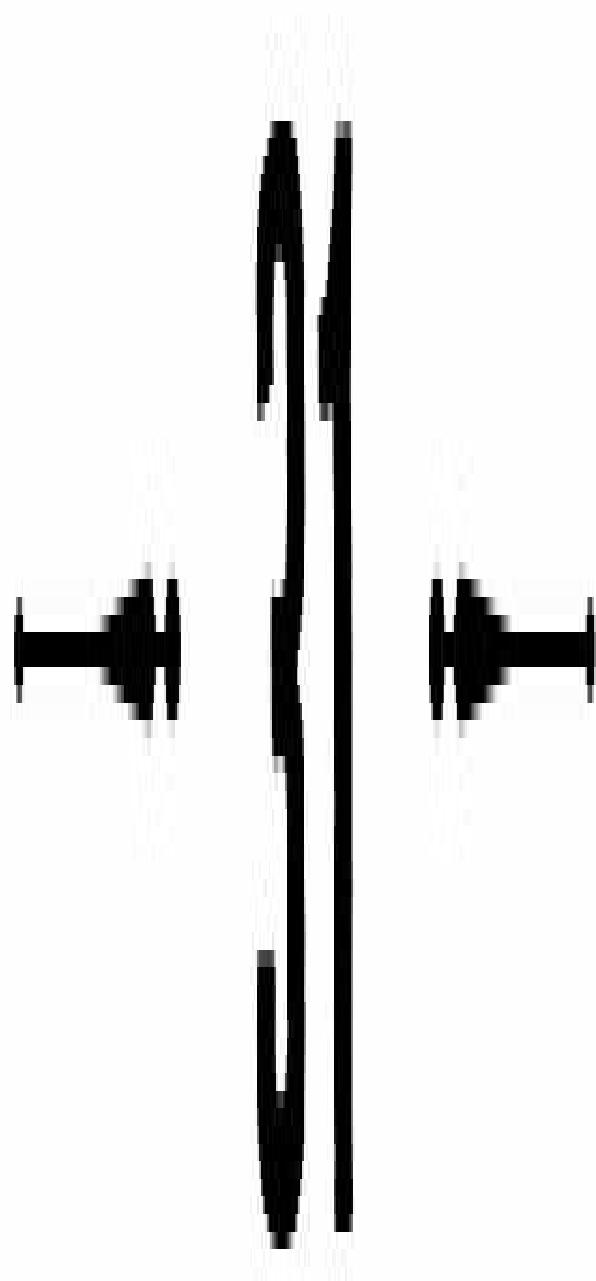
— Ainda não são nem quatro horas. Ainda podemos terminar.

Os seis membros da Patrulha Azul se olharam por um longo tempo. Depois de sobreviver ao urso, à estriga e à Floresta Longa, eles haviam se esquecido completamente da Corrida Alpina.

Estavam exaustos. Precisavam comer e dormir. Não era hora para orgulho sem sentido.

Julie falou primeiro.

— Vamos nessa. Vamos derrotar a Vermelha.



A LINHA DE CHEGADA

Estava escurecendo. As sombras na neve haviam sumido, deixando somente um cinza indistinto. Um vento gelado soprava. Arlo fechou o zíper da sua jaqueta até o queixo. As pontas de metal pegaram um pouco na sua pele, mas ele não se importou. A irritação o distraía dos pés doloridos e dos olhos grudentos, que ainda ardiam por causa da fumaça no vale.

Mesmo sem a bússola, ele tinha certeza de que estavam indo na direção certa. Podia ver dezenas de rastros de esquis na neve. No entanto, a estrada parecia interminável.

Eles ouviram antes que pudessem ver. Logo depois da curva, inúmeros Patrulheiros e adultos estavam vibrando e batendo tambores. Estavam quase lá.

— Vamos correr a última parte — disse Connor. Todos concordaram.

Reunindo suas últimas reservas de energia, a Patrulha Azul fez a última curva da 49ª Corrida Alpina anual a toda velocidade.

Vinte e oito das trinta patrulhas já haviam terminado. As pessoas estavam se reunindo em volta da fogueira e bebendo chocolate quente. Uma garota da Verde foi a primeira a avistar a Patrulha Azul saindo da floresta. Ela chamou vários Patrulheiros para torcerem por eles. Parecia ser um pouco por pena.

Alguns dos membros da Patrulha Vermelha deram uma olhada, mas permaneceram em silêncio.

A linha de chegada era uma tábua de um vermelho vivo na neve. A Patrulha Azul não parou de correr até o trenó atravessá-la completamente.

Estavam suados, com frio e para lá de exaustos. Arlo queria dormir em uma banheira com água quente. Contudo, ainda havia mais uma coisa a ser feita.

Connor fez sinal para se aproximarem e formarem uma roda. Eles se inclinaram para frente, encostando as cabeças.

— Última vez — disse. — Vamos dar tudo o que temos.

Eles se enfileiraram. Arlo estava de volta ao final da fila como o Patrulheiro mais baixo. Com vozes roucas, gritaram:

Batam palmas!

*Pisem no chão!
A Patrulha Azul não erra a mão!
Mais rápida que uma lebre,
Mais forte do que um urso.
Hoje e amanhã,
A Patrulha Azul será campeã!*



Indra aproximou-se de Arlo e Connor enquanto bebiam suas segundas canecas de chocolate quente.

— Encontrei isto na choupana. Não quis que os outros soubessem.

Ela entregou um colar prateado manchado a Connor. As iniciais *KC* estavam escritas em um pingente. Connor o reconheceu.

— Era da Katie. Não me lembro de vê-la usando, mas estava nos boletins de desaparecidos. Ela ganhou do avô. — Tentou devolver o colar a Indra.

— Não. Você devia ficar com ele.

Connor deu de ombros.

— Ela devia ficar com ele. Vou entregar aos pais dela. — Ele enfiou o colar no bolso do casaco. — Mas não sei se vai aceitar de volta. Ela não gosta que ninguém a chame de Katie. Diz que esse nunca foi o seu nome de verdade.

Arlo precisava continuar se lembrando de que, para Connor, sua prima não estava desaparecida. Ela só estava morando em outro país, que por acaso ficava também em outro mundo. Connor estava acostumado com aquilo. Ele mantinha aquele segredo há tanto tempo que não parecia mais um segredo.

Eles assistiram quando a última patrulha cruzou a linha de chegada. Estava na hora dos resultados. Eles se encontraram com Wu, Julie e Jonas quando todos os Patrulheiros reuniram-se perto da fogueira.

— Andei fazendo umas perguntas e acho que temos uma chance de terminar em terceiro — disse Wu. — Não em terceiro na companhia, mas no geral.

Arlo ficou confuso.

— Como é possível? Fomos a penúltima patrulha a terminar.

— A gente ganha quatro pontos só por cruzar a linha de chegada — disse Indra, contando nos dedos. — Mais três pontos por visitar as estações na ordem, o que fizemos. São sete de dez pontos. A primeira equipe a cruzar a

linha de chegada só poderia ter três pontos a mais do que a gente.

— O que eles não têm — disse Wu. — A Vermelha foi a primeira a cruzar a linha, mas eles foram até a Sinalização antes da Nós, então perderam esses três pontos. Ouvi dizer que se deram mal na Nós. Deram um nó de escota em vez de um catau.

— Cara, adoraria ganhar deles — disse Jonas.

Julie sacudiu a cabeça.

— Eu só quero um lugar no pódio. Depois de tudo pelo que passamos hoje, só quero ficar entre os três primeiros.

— Vai ser decidido pelo espírito — disse Indra. — Sabemos que temos oitenta e um pontos. No ano passado, o terceiro lugar ficou com noventa. Se tirarmos nove de dez, podemos conseguir.

O Guardião barbado subiu em uma escada. À luz do dia, Arlo podia ver tatuagens em seu pescoço, a maioria escondida pela barba enorme. A multidão ficou em silêncio.

— Patrulheiros! — gritou o homem. — Que o seu caminho seja seguro!

— Que sua mira seja certa! — responderam todos em uníssono.

— Quarenta e oito anos atrás, os primeiros Patrulheiros correram nessas montanhas. Eles chamaram isso de Corrida Alpina. Não era uma corrida de quilômetros e minutos, mas de vontade e convicção, para testar os ideais do Juramento do Patrulheiro: lealdade, coragem, bondade e certeza. Pois, apesar de os obstáculos sempre mudarem, as virtudes com as quais os enfrentamos são eternas.

Arlo pensou no vale e na luta deles com a estriga. Não foram desnós e estaluzes que salvaram suas vidas. Foi o trabalho em equipe. Nenhum deles era perfeitamente leal, corajoso, bom ou certo... mas não precisavam ser. Entre os seis membros da Patrulha Azul, havia lealdade, coragem, bondade e certeza suficientes para todos.

O Guardião olhou para a sua prancheta.

— Tivemos trinta patrulhas correndo este ano. Parabéns a todos que terminaram a corrida. Agora chegou a hora de chamar as três primeiras patrulhas para receberem as bandeiras.

Indra agarrou as mãos de Arlo e de Wu. Era agora. Se fossem ganhar algum prêmio, seria naquele momento. Arlo prendeu a respiração.

— Em terceiro, com 90 pontos, a Patrulha Alce da Companhia de Cheyenne.

Um grito de vivas. Arlo viu um grupo de Patrulheiros de Wyoming

avançarem até a escada. Um dos garotos era cego e segurava na manga do amigo enquanto andavam. O Guardião lhes entregou uma bandeira negra bordada com fios de cobre. Eles a ergueram no alto e deram o grito de sua patrulha.

Arlo não conseguiu nem mesmo prestar atenção nas palavras. Ele se retraiu para dentro de si mesmo, desapontado de uma maneira que o surpreendeu. Poucos minutos antes ele sequer considerara a possibilidade de chegar em terceiro lugar. Agora que não conseguira, a perda era dolorosa.

Ele jurou em silêncio nunca mais querer alguma coisa. Jamais ter muita esperança. Doía demais.

Arlo sem querer trocou olhares com Russell Stokes. Russell passou um dedo pela bochecha, imitando uma lágrima escorrendo, e fez *buá buá* com a boca.

Wu viu o que ele estava fazendo.

— Ignore. Ele é um babaca.

Arlo deixou para lá. Era estupidez ficar triste por perder uma bandeira de terceiro lugar depois de quase ser morto. O Guardião subiu de novo na escada quando a Patrulha Alce posicionou-se mais para o lado.

— Em segundo lugar, com 91 pontos, a Patrulha Azul da Companhia de Pine Mountain.

Arlo não ouviu direito. Achou que o Guardião havia mencionado alguma outra patrulha. Mas então viu Indra e Wu pulando sem parar. Connor estava de olhos arregalados, atônito. Jonas e Julie gritavam.

— A gente deve ter conseguido a nota máxima em espírito — disse Indra. — Isso nunca acontece.

Connor os conduziu pela multidão. O Guardião desceu da escada e lhes entregou uma bandeira negra com o símbolo da Corrida Alpina bordado em prata. Connor passou a bandeira aos companheiros. Era só pano e linha, mas parecia um artefato inestimável.

Enfileirando-se, eles deram mais uma vez o grito da patrulha. Desta vez, estavam fora de sincronia. Wu bateu o pé em vez de bater palmas. Arlo disse “urso” no lugar de “lebre”. Mas não tinha importância. Eles tinham a sua bandeira de segundo lugar.

A patrulha se posicionou ao lado dos Alces de Wyoming. Estava na hora de anunciar a vencedora.

Foi então que Arlo percebeu que seria a Patrulha Vermelha. Haviam ganhado a corrida inicial. Eram fortes em Resgate e sem dúvida tinham ido

bem em Trabalho em Equipe. Arlo preparou-se para aplaudir e vibrar por eles quando o Guardião anunciasse o nome da patrulha.

— Em primeiro lugar, com noventa e três pontos, a vencedora da 49ª Corrida Alpina anual: a Patrulha Verde da Companhia de Pine Mountain.

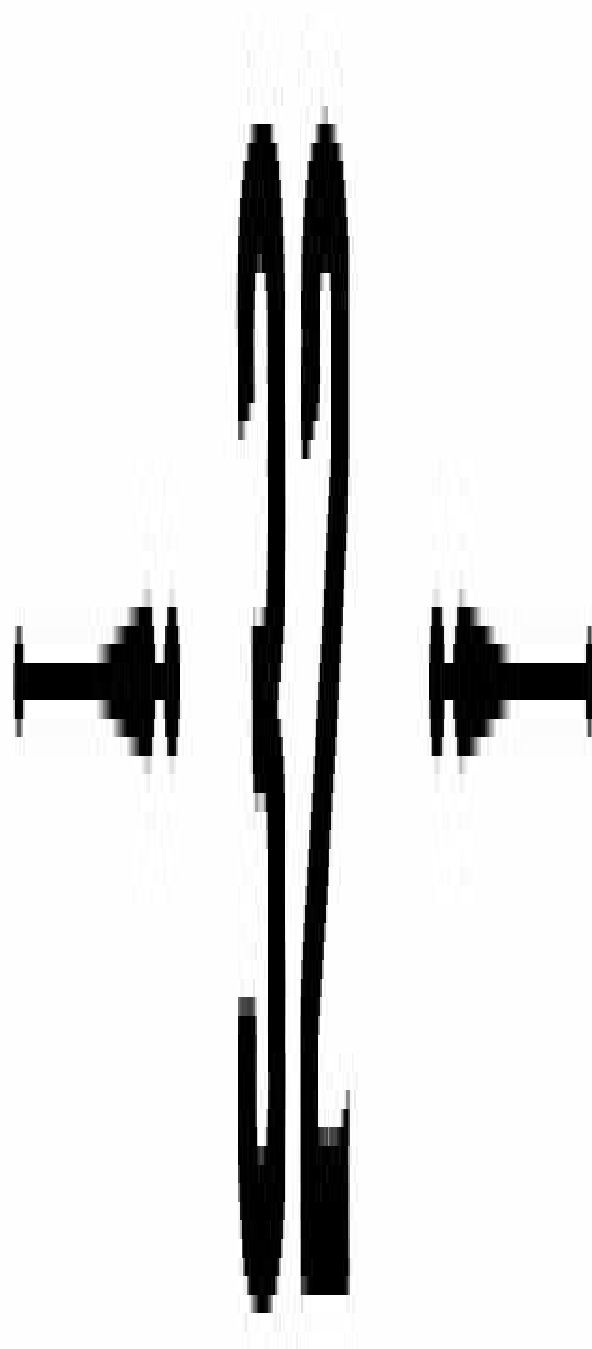
Wu teve um sobressalto. Connor olhou para Indra, que fez as contas depressa.

— Eles devem ter tirado notas máximas em todas as estações, além do espírito. — Arlo tirou as luvas para aplaudir mais alto quando a Patrulha Verde foi até a escada para aceitar a bandeira de primeiro lugar. Era maior do que as outras, com o símbolo bordado em fio dourado.

O grito da Patrulha Verde era muito mais sofisticado, com seções que se sobrepunham, executadas em perfeita sincronia. Sem dúvida levaram meses para aprender. Quando a patrulha terminou, todos os Patrulheiros vibraram de novo.

Arlo viu Russell Stokes batendo palmas sem muita vontade e compreendeu de imediato por que a Patrulha Vermelha não ficara entre as três primeiras.

Espírito não era só vibrar por você mesmo. Era torcer pelo bem.



CORTE DE HONRA

O pai de Arlo queria macarrão com queijo.

— Enfie o telefone no prato. Vou descobrir um jeito de comer.

Jaycee sorriu.

— Você é nojento. — Estavam em uma chamada de vídeo com o pai em seu telefone. O horário da refeição estava invertido dessa vez. Era hora do jantar no Colorado, mas hora do café da manhã na China.

— Arlo, estou contando com você. O macarrão com queijo aqui é horrível. É como se alguém tivesse visto uma foto do prato e não fizesse ideia do gosto que devia ter. Estou falando sério. A caixa tem gosto melhor do que aquilo que vem dentro.

Arlo pegou o telefone. Ele segurou firme o aparelho enquanto enfiava uma garfada de macarrão com queijo na boca, mastigando com exagero.

— Isso é tortura. Não ouse dizer que está delicioso.

— Está ótimo. Tão cheio de queijo.

Seu pai fingiu se apunhalar com os seus pauzinhos.

Eles estavam comendo em uma longa mesa de dobrar no porão da igreja. Era o jantar surpresa bianual da companhia dos Patrulheiros, o que Arlo acabou descobrindo que significava “na maior parte, ensopados e salada”.

Sua mãe fizera *ziti* assado, assim como quatro outras famílias. Arlo provou uma colherada de cada um. Ele sinceramente não conseguia diferenciar um do outro, mesmo sua mãe tendo usado queijo do governo, do programa de assistência alimentar.

— Pare de chamar de queijo do governo, por favor — disse ela. — É queijo normal. Apenas dão para famílias que precisam de uma ajudinha extra.

Entre o trabalho de garçoneiro e de contabilidade para a oficina, sua mãe estava ganhando dinheiro suficiente para cobrir a maioria das despesas. Porém, sempre havia surpresas. Certa manhã, ao acordarem, eles descobriram que a fôrnilha havia estragado, e os canos estavam congelados. Nos dias seguintes, Arlo derretera neve para beber e dormira com o seu saco de dormir na cama. Foi como acampar dentro de casa.

Mitch, o mecânico, ajudara a consertar tudo. Ele mostrou a Arlo onde ficavam as válvulas para desligar e como examinar os canos para ver se havia vazamento.

— Pode ser algo pequeno, um buraquinho minúsculo. Mas ele arrebenta com pressão demais. — Mitch tinha ido visitar a filha no Novo México no fim de semana. Arlo ficou imaginando se sua mãe o teria convidado naquela noite se ele estivesse na cidade.

O pai de Arlo pediu para conhecer seus amigos. Então ele virou a câmera para Indra, que estava sentada com os dois Drs. Srinivasaraghavan-Jones. (A mãe de Indra era psicóloga.) Indra perguntou ao pai de Arlo sobre uma mariposa que o *Livro de Campo* dizia que só podia ser encontrada na Ásia.

— A mariposa é menos interessante do que o casulo dela — disse Indra. — É possível fazer um chá com ele que repele escorpiões.

— E por que escorpiões beberiam chá? — perguntou Wu.

O pai de Wu pegou o telefone e começou a falar em chinês com o pai de Arlo. Arlo não fazia ideia do que estavam dizendo, mas houve muitos acenos de cabeça e risadas.

Enquanto isso, o avô de Wu estava sentado emburrado na ponta da mesa, cutucando um pedaço de torta de limão. Arlo perguntou a Wu se havia alguma coisa errada.

— Meu avô achou que iríamos levá-lo para dar uma volta no trenó de novo. Só por isso que veio. Ele não gosta de grupos grandes.

Arlo podia compreender. Alguns dias antes, ele convidara Tio Wade. Mais ou menos.

— Temos a Corte de Honra domingo à noite, se você quiser ir.

Wade pegou um refrigerante na geladeira e sacudiu a cabeça.

— Não é bem minha praia. — E então saiu.

Wade estava passando quase todo o seu tempo na oficina. Arlo não tinha visto o interior do lugar desde o incidente com o Pesadelo. Ele estava curioso para ver o que o tio estava criando, mas não queria pôr em risco a amizade frágil que tinham forçando a barra.

Amizade era mesmo a palavra certa? Arlo não tinha outros tios, então não tinha certeza do que era normal. No entanto, Wade parecia menos uma figura paterna e mais um garoto gigantesco e mal-humorado. Arlo estava convencido de que ele tinha segredos que iam além do que havia dentro de sua oficina, mas não sabia como ou se um dia iria desvendá-los.

Os pais de Wu devolveram o telefone a Jaycee. Quando lhe perguntaram sobre Benjy, ela suspirou. Arlo sabia que vinham brigando, mas não entendia o que havia acontecido na verdade. Escutando às escondidas as conversas de Jaycee no telefone da cozinha, tudo o que ouviu foi “Você não está me

escutando” e “Não é o que você disse, mas o que ouvi” e “Por que você acharia que é isso que quis dizer?”.

Arlo sentia uma imensa solidariedade por Benjy.

Do outro lado da mesa, a mãe de Arlo conversava com os pais de Indra sobre assuntos chatos como buracos de estradas e mensalidades de faculdade. Mas então o pai de Indra perguntou:

— Então, Celeste, por que você decidiu voltar para Pine Mountain?

Arlo prestou atenção. Ele fingiu que ainda estava comendo, mas cada um de seus neurônios estava concentrado em ouvir a resposta de sua mãe, filtrando todas as outras conversas.

— Bom, vocês sabem da situação com Clark e o governo, certo? — Clark era o pai de Arlo. — Imagino que seja fofoca na cidade. — Os pais de Indra assentiram. — Os últimos dois anos têm sido uma loucura. Nos mudamos muito depois que Clark foi para a China porque o fato é que ninguém quer contratar uma contadora casada com um fugitivo do FBI. Ou lhe alugar um apartamento. Professores dizem para sua filha que o pai dela é um traidor na frente de toda a classe.

— Sinto muito — disse a mãe de Indra, tocando seu braço.

Arlo deu uma olhada em Jaycee, que estava em uma conversa animada com o pai.

— Não me entendam mal. Tenho orgulho do Clark — continuou a sua mãe. — Ele defendeu o que era certo. E no fim todo mundo vai entender isso. Mas não tem sido fácil. — Ela tomou um gole de seu copo de papel com ponche de laranja. — Mas você perguntou como acabamos em Pine Mountain. Basicamente, eu meio que perdi a cabeça um dia.

Arlo ficou ansioso de expectativa. Sua mãe estava prestes a responder à pergunta que ele achava irrespondível: o que realmente havia acontecido?

— Eu estava em um emprego temporário de contadora em Chicago — disse ela. — Eles me colocaram nesse escritório de fundos com uma janela que dava para um estacionamento. Então, uma noite, era uma terça, pouco depois das seis, as luzes se apagaram de repente. *Que estranho*, pensei comigo. Vou até a frente do escritório e percebo que todo mundo já havia ido embora. Tinham trancado a porta e ligado o alarme. Esqueceram que eu estava nos fundos. Eu não tinha a chave. Não tinha os códigos do alarme. Era apenas uma funcionária temporária. Não sabia para quem ligar. Ligava para a polícia numa situação daquelas? Não era uma emergência, mas por outro lado era. Eu tinha de pegar a Jaycee no ensaio e Arlo depois da aula, precisava

preparar o jantar, e lá estava eu, presa naquele escritório horrível sem saída.

— O que você fez? — perguntou o pai de Indra. Arlo inclinou-se para escutar.

— Joguei uma cadeira pela janela. Saí, entrei no carro e busquei os meus filhos. Alguns dias depois, nos mudamos para cá.

A mãe de Indra sorriu e segurou sua mão.

— Por que não vieram antes?

Arlo observou a reação da mãe. Ela parecia estar tendo dificuldade para se lembrar de algo, como uma palavra na ponta da língua. Mas não conseguiu se lembrar.

— Não sei. Pine Mountain era o último lugar em que eu pensava que acabaria. Não sei explicar por que, mas eu tinha certo medo desse lugar. Como se houvesse alguma coisa enterrada aqui. Mas, pra ser sincera, tem sido fantástico. Fazia muito tempo que eu não era feliz assim.

Arlo queria se curvar sobre a mesa e abraçar a mãe, mas isso significaria admitir que estava escutando escondido. Assim, ele apenas assistiu à mãe de Indra apertar sua mão. Enxugou os olhos com a manga e teve certeza de que Wu vira.

De pé em uma cadeira, Christian anunciou que estava na hora de começar a cerimônia. Todos começaram a limpar as mesas para que as patrulhas pudessem colocá-las de volta nos cavaletes com rodinhas. Jaycee passou o telefone para Arlo.

— O pai quer falar com você.

Arlo foi até um canto mais sossegado. Seu pai aproximou um pouco mais a câmera.

— Ei, então. Caso a conexão seja interrompida, eu só quero que saiba que estou muito orgulhoso de você. É incrível o que você foi capaz de fazer.

— Obrigado.

— Prometo que vou encontrar um jeito de ver você e a sua irmã de novo.

— E a mãe.

— E sua mãe. Sei que esses anos têm sido difíceis. Mas nós da família Finch somos fortes. Vamos superar tudo isso. — Arlo assentiu. — Nunca desista, OK? O único jeito de perder é se você parar de tentar.



Arlo sentou-se com a sua patrulha depois do Juramento do Patrulheiro. Era estranho sentar para uma reunião. Geralmente eles não tinham cadeiras.

— É mais para os pais — explicou Wu. — Os adultos não aguentam ficar de pé por muito tempo. Eles têm ossos fracos.

Christian subiu em um pequeno palco.

— Antes de começarmos esta noite, tenho um anúncio a fazer. Como alguns de vocês sabem, e muitos de vocês provavelmente suspeitaram, comecei a me preparar para a patente de Urso. — Indra lançou um olhar de *não falei?* para Arlo e Wu. — Fiz tudo o que pude em Pine Mountain, então, quando acabarem as aulas, vou partir para completar meu treinamento. Quero agradecer a todos vocês por deixarem que eu servisse como comandante da Companhia de Pine Mountain. Foi uma honra.

Em meio aos murmúrios, Russell Stokes gritou o que todos estavam pensando:

— Quem vai assumir o comando?

— Quem vai decidir é o conselho dos líderes de patrulhas. — Mais uma rodada de conversas sussurradas. Todos tinham uma opinião.

Diana Velasquez, a líder da Patrulha Verde, levantou-se e fez a saudação.

— Ao Christian! Que o seu caminho seja seguro.

Os Patrulheiros responderam em uníssono:

— Que sua mira seja certa.

Os outros da Patrulha Verde juntaram-se à Diana na saudação. Indra levantou-se em seguida. Connor juntou-se a ela, um pouco envergonhado. Arlo, Wu e os gêmeos também se levantaram.

A Patrulha Sênior fez o mesmo logo a seguir. Somente a Patrulha Vermelha permaneceu sentada. Arlo viu alguns deles revirando os olhos. Russell fingiu vomitar.

Os adultos e os outros convidados começaram a aplaudir, incertos do protocolo.

Indra inclinou-se para sussurrar para Arlo e Wu.

— Diana sem dúvida vai virar comandante. É óbvio demais.

— E o Tyler da Patrulha Vermelha? Sei que ele quer a posição — disse Wu. — Ou um dos seniores?

Indra concordou com as menções de Wu.

— A coisa vai ficar feia.

Arlo não conseguia sequer imaginar a companhia sem Christian no comando. Apesar de só terem se passado alguns meses, ele estava certo de que ninguém poderia fazer o trabalho tão bem. Não queria que nada mudasse: nem ali, nem em casa, nem na escola. Tinha a impressão de que acabara de

entender como tudo funcionava, e agora as regras estavam sendo reescritas.

Chegara a hora de conceder insígnias e patentes. Cada patrulha teve sua vez, permanecendo no palco enquanto o líder da patrulha entregava distintivos.

A Patrulha Sênior foi a primeira. Dois garotos receberam suas insígnias de trilhamaesthria, enquanto uma garota de óculos de aros grossos recebeu as de Serpentina e Conhecimento de Cascas de Árvores. Porém, não parecia nem um pouco feliz ao recebê-las.

— Ela não passou no teste pra Carneiro — sussurrou Indra. — Vai ter de tentar de novo.

Arlo entrou em pânico de repente, sentindo o mesmo pavor que sentia quando um professor anunciava um teste-surpresa. Sua própria Prova de Patente tinha transcorrido bem, ou pelo menos era o que pensava. Ele completara a Caminhada Escura na primeira tentativa, mesmo tendo tirado a figura mais difícil (a estrela). Recitara o Juramento do Patrulheiro e explicara o que significava. Fizera corretamente a saudação e atara todos os nós. Ele não conseguia pensar em nada que tivesse feito errado e, ainda assim, não disseram se havia passado.

A Patrulha Vermelha foi a próxima. Os membros da patrulha resmungaram e se apressaram durante a entrega como se fossem descolados demais para se importarem. Russell Stokes recebeu as suas insígnias de Anteparos e Setas. Kwame Wilson foi promovido a Lobo. Sua mãe levantou-se atrás de Arlo e tirou várias fotos com o telefone.

Kwame havia sido um dos cinco Patrulheiros no teste de Arlo, mas não lhe fizera nenhuma pergunta. Talvez por que ele já sabia que iria votar não. Arlo olhou para Connor, a três cadeiras de distância. Ele estava segurando na mão todos os novos distintivos da patrulha. Um deles era o Esquilo de Arlo? Ele tinha certeza de que Connor lhe teria dito se não tivesse passado. Quer dizer, se tivesse permissão para isso.

A Patrulha Verde foi a próxima. Em vez de simplesmente ler os nomes e as insígnias, Diana Velasquez os havia incorporado em um poema rimado. Era bem bolado em algumas partes (“Olhem como a Hope apura cordamaesthria e Silvicultura numa jangada que dura”), mas, no final das contas, cansativo. Os adultos aplaudiram com muito mais intensidade do que os outros Patrulheiros.

A Patrulha Azul foi a última. Connor não tentou nada elaborado ao anunciar as insígnias de Wu de Observação e de Caminhos e as insígnias dos

gêmeos de Sinalização e de Rastreamento. Indra também recebera todas essas quatro, além de sua patente de Coruja. Quando Connor entregou a ela o distintivo, Arlo pôde ver o próximo em sua mão: Esquilo.

— Parabéns — disse Connor, apertando a mão dele.

O distintivo de Esquilo era novo em folha e rígido. Arlo passou o polegar pelos fios que formavam o esquilo e sua bolota, lembrando-se dos velhos distintivos de Tio Wade que tirara da camisa naquela primeira noite. Ele olhou para a plateia e viu sua mãe aplaudindo. Sua irmã estava segurando o telefone no alto para que seu pai pudesse assistir.

Todos os distintivos haviam sido entregues, mas Connor não terminara.

— Também temos algumas condecorações especiais. — Ele tirou várias pedras dos bolsos da calça. Arlo as reconheceu como as pedras vermelhas que Connor usara para erguer os anteparos no Vale de Fogo.

— Em primeiro lugar, temos a condecoração de Mais Infatigável, que é uma palavra que significa “impossível de ser detida”. A vencedora é Indra Srinivasaraghavan-Jones. — Connor lhe entregou a pedra. Indra sorriu. Os dois fizeram a saudação.

— O próximo é o Mais Otimista. Essa condecoração só pode ir para Henry Wu. — O resto da patrulha vibrou quando Wu aceitou sua pedra.

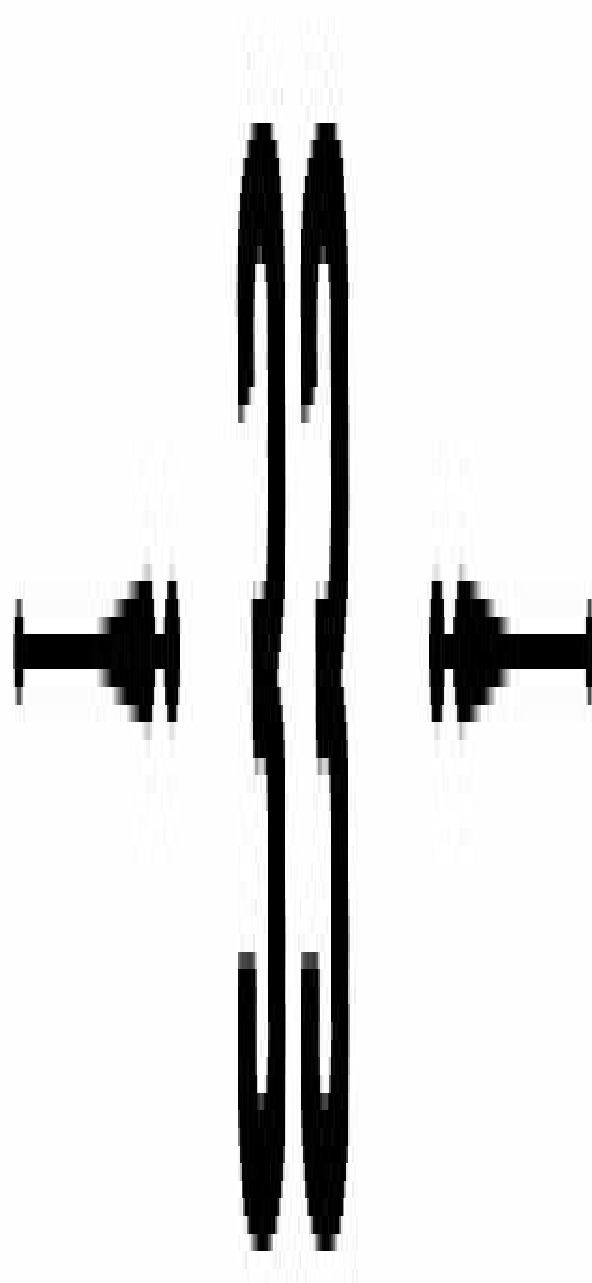
— Para a condecoração de Melhor Sincronia... Uau, na verdade temos um empate. Jonas e Julie Delgado. — Os dois pegaram suas pedras ao mesmo tempo. E então, sem uma palavra, trocaram as pedras. Alguns dos pais riram.

Connor segurou a última pedra.

— Por fim, temos o Prêmio Especial por Heroísmo e Coragem em Geral. Não há o que discutir; o prêmio vai para Arlo Finch.

Arlo aceitou a pedra e fez a saudação com ela na mão. Connor retribuiu o cumprimento.

— Patrulha dispensada.



UM VISITANTE

— É bonitinho. Gosto da cauda. — Jaycee devolveu o distintivo de Esquilo para Arlo. — Parabéns.

— Obrigado. — Eles estavam na frente da igreja esperando pela mãe, que entrara de novo para buscar o ensopado que havia esquecido. A maioria dos carros já havia saído do estacionamento.

O telefone de Jaycee zumbiu. Ela conferiu a mensagem e deu uma olhada para Arlo...

— Não tem problema — disse ele. — Pode ligar para o Benjy.

Jaycee se desvencilhou dos fones de ouvido e afastou-se.

A lua era um risco fino em um mar de estrelas. Arlo olhou para ela, notando com clareza a forma da esfera. A parte sombreada da lua estava sempre lá, mesmo que a luz não a exibisse completamente. Ele se imaginava lá, olhando para a Terra. Reconheceria o país debaixo dele? E “debaixo” ao menos era o jeito certo de pensar naquilo? A lua era a lua. A Terra era a Terra. Estavam ligadas uma à outra, mas não havia um “sobre” ou “embaixo”. As duas simplesmente ficavam lado a lado, girando eternamente na escuridão.

— Uma lua e tanto esta noite. — Um homem estava parado ao seu lado. Arlo não o ouvira se aproximar. Era alto até para um adulto, com um bigode virado para cima nas pontas. Vestia um casaco de lã, botas de couro e um chapéu de pele. — Sem dúvida alguma uma lua de caçador.

Arlo não o reconheceu, mas ele não conhecia a maioria dos pais dos Patrulheiros.

— Na verdade, uma lua de caçador é cheia. — Todo Patrulheiro sabia disso. Estava no *Livro de Campo*.

— Tente caçar durante uma lua cheia e você vai passar fome. Seu jantar o verá chegando. — Ele tinha um traço de sotaque. Arlo não conseguia identificar, mas parecia antigo. — Aliás, parabéns. Espantoso o que você fez.

Arlo se esquecera de que estava segurando o distintivo.

— Quase todo mundo vira Esquilo.

— Não isso. O que você fez na floresta. Aquilo foi excepcional. — O homem olhou para ele. Seus olhos eram claros, quase prateados. Não era

apenas por causa do luar.

— Você é um deles, não é? — perguntou Arlo. O homem sorriu. Seus dentes eram perfeitamente brancos. E afiados. — Você é uma das pessoas de além da Floresta.

O homem sacudiu a cabeça.

— Não uma pessoa. Mas acontece de eu me arrumar às vezes.

— O que você é?

— Pode me chamar de Raposa. — Não havia um “senhor” antes do nome dele... se é que isso pudesse ser considerado um nome. Arlo desconfiava que pudesse ser a sua forma verdadeira.

— O que você quer?

— Conhecer meu herói! É espantoso derrotar uma estriga. Aquela em particular quase arrancou minha cauda quando eu era filhote.

Arlo virou-se para encará-lo de frente.

— Por que ela estava tentando me matar?

— Pela recompensa. — Ele esfregou um dedo no outro. — Há um preço por sua cabeça, Arlo Finch. Pelo menos havia. Agora alguns estão achando que você pode valer mais vivo do que morto.

— Por quê? O que eles querem?

— Algo escondido. Algo que você pode ser capaz de encontrar. Mas isso é para outra estação. Vou voltar quando esquentar. — Ele ajustou a gola do casaco, preparando-se para ir embora.

Arlo agarrou o braço do homem.

— Ainda corro perigo?

Raposa gargalhou.

— Um esquilo sempre corre perigo. — Ele tirou a mão de Arlo da sua manga. — Mas não desanime, Sr. Finch. É aqui que a coisa começa a ficar emocionante.

O homem deu um passo adiante, passou por Arlo e desapareceu com uma rajada de vento. Arlo virou-se e viu a mãe se aproximando. Ela carregava o prato do ensopado.

— Pronto? — perguntou.

Arlo fez que sim. Estava pronto.

Este livro é dedicado aos escoteiros
e aos exploradores, tanto aqueles que
cresceram comigo quanto os que me
inspiram todos os dias.

— J. A.

Primeira edição (fevereiro/2019)
Tipografias Adobe Garamond Pro e Cheddar Gothic Serif



JOHN AUGUST é roteirista e trabalhou em filmes como *Peixe Grande*, *As Panteras* e *A Fantástica Fábrica de Chocolate*.

Ele também criou uma ferramenta para contar histórias chamada *Writer Emergency Pack*, distribuída em mais de 200 mil salas de aula em todo o mundo.

Nascido e criado em Boulder, no Colorado, John atualmente vive em Los Angeles com a sua família.

Saiba mais em johnaugust.com



**“UMA AVENTURA EMOCIONANTE, CHEIA DE MAGIA
E SURPRESA. JOHN AUGUST É UM CONTADOR
DE HISTÓRIA INCRÍVEL.”**

**— Ransom Riggs, autor de
O Iar da Srta. Peregrine para Crianças Peculiares**

Quando Arlo Finch tinha 12 anos, sua família decidiu voltar para a cidade natal de sua mãe, Pine Mountain, para tentar uma vida normal após alguns anos tumultuados. Mas nada é normal em Pine Mountain...

Para fazer novos amigos, o garoto decide entrar para os Patrulheiros, um tipo de grupo de escoteiros. Mas logo ele descobre que nas reuniões eles não aprendem só a acender fogueiras ou a fazer nós.

Os Patrulheiros também aprendem sobre feitiços, criaturas mágicas e a Floresta Longa. Nesses encontros, Arlo percebe que não é um patrulheiro qualquer. Ainda mais agora, que uma força do mal está ameaçando o mundo real. E o pior: seja lá o que for essa coisa, ela está atrás de Arlo.

Ela pode dizer ao seu melhor amigo
qualquer coisa... **Exceto isso.**

A BARRACA DO BEIJO

BETH REEKLES



A barraca do beijo

Reekles, Beth
9788582467480
336 páginas

[Compre agora e leia](#)

ELLE EVANS é o que toda garota quer ser: bonita e popular. Mas ela nunca foi beijada. NOAH FLYNN é lindo e um tanto quando bad boy - tá, o maior bad boy da escola - e o rei dos joguinhos de sedução. A verdade é que Elle sempre teve uma queda pelo jeito descolado de Noah, que, por coincidência, é o irmão mais velho de seu melhor amigo, Lee. Essa paixão cresce ainda mais quando Elle e Lee decidem organizar uma barraca do beijo no festival da Primavera da escola e Noah acaba aparecendo por lá. Mas o romance desses dois está bem longe de ser um conto de fadas. Será que Elle vai acabar com o coração partido ou conseguirá conquistar de vez o bad boy Noah?

[Compre agora e leia](#)

A história de Elle e Noah continua em...

A CASA DA PRAIA

BETH REEKLES

Mesma autora de

A BARRACA DO BEIJO



A casa da praia

Reekles, Beth
9788582468272
144 páginas

[Compre agora e leia](#)

Quem disse que a história de Elle e Noah acabou? Para a sorte de todos nós, que amamos A Barraca do Beijo, Beth Reekles decidiu contar mais um pouco da história deles. Namorar o maior bad boy da escola jamais esteve nos planos de ELLE EVANS, mas aconteceu. Porém, isso teve um preço. Sua amizade com LEE FLYNN foi colocada à prova e ela teve que rever suas prioridades e abrir o jogo de uma vez por todas sobre o seu relacionamento secreto com NOAH FLYNN. Pode parecer um sonho finalmente conquistar o crush eterno de uma vida, mas uma hora o ensino médio vai acabar e Noah começará a faculdade. Entre fogos de artifício e confusões na praia durante as férias de verão, Elle e Noah precisam decidir qual será o futuro de seu relacionamento. Afinal, as coisas nunca mais serão as mesmas, nem mesmo na casa da praia.

[Compre agora e leia](#)



Ikigai: Os cinco passos para encontrar seu propósito de vida e ser mais feliz

Mogi, Ken
9788582467381
224 páginas

[Compre agora e leia](#)

Viver uma vida plena, longa e feliz? Sim, é possível. A fórmula, segundo os japoneses, é encontrar o seu próprio ikigai, que vai ajudar você a definir e apreciar os prazeres da vida. Aqui, você irá descobrir os cinco passos para alcançá-lo e, assim, encontrar satisfação e alegria em tudo aquilo que faz. Esse antigo segredo dos japoneses pode fazer você viver mais, ter mais saúde, ser menos estressado e, principalmente, mais realizado com a sua vida.

[Compre agora e leia](#)

AUTORA BEST-SELLER MUNDIAL

ANNA TODD

MESMA AUTORA
DA SÉRIE *AFTER*

Stars

AS
ESTRELAS
ENTRE NÓS



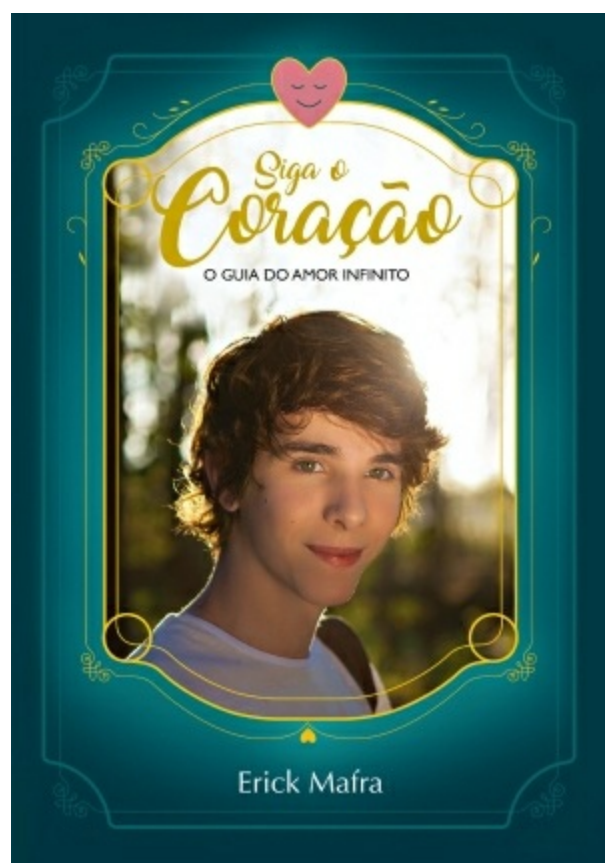
Stars

Todd, Anna
9788582467848
304 páginas

[Compre agora e leia](#)

DEPOIS DE CONQUISTAR BILHÕES DE LEITORES AO REDOR DO MUNDO COM A SÉRIE AFTER, ANNA TODD ESTÁ DE VOLTA COM UM DRAMA EMOCIONANTE E ENCANTADOR. Karina sempre soube o quão difícil é a vida militar, desde a convivência com seu pai militar até mesmo a infância e a juventude dentro de uma base. Depois de tantos anos de rigidez, ela aprendeu que guerras nunca terminam, elas sempre deixam marcas inimagináveis e causam feridas naqueles que estão à espera de seus entes queridos. Com a intenção de se dedicar à sua carreira de massagista e finalmente ser livre, Karina compra uma casa fora da base militar. Porém, Kael, um cliente misterioso e de poucas palavras, surge em sua vida e desperta mais do que apenas a sua curiosidade, fazendo com que ela mude todos os seus planos. Aos poucos, Karina percebe que Kael carrega consigo muito mais do que dois períodos no Afeganistão. A carga de Kael e suas mentiras são muito maiores do que Karina é capaz de suportar, levando-a até mesmo a desconfiar de seus sentimentos e intuição.

[Compre agora e leia](#)



Siga O Coração

Mafra, Erick
9788582468258
128 páginas

[Compre agora e leia](#)

Era uma vez um mundo governado pelo tempo, no qual falar com O Coração era proibido. Mas há aqueles que são corajosos e questionam as regras inventadas, e um deles é o pequenino e teimoso garoto chamado Peregrino. Ao questionar o mundo à sua volta, ele começa uma jornada em busca de algo Verdadeiro, Eterno e Infinito, e, assim, descobre que a Vida tem um propósito e, portanto, todos têm um propósito, e que para assumir o Feliz propósito da Vida, basta exercer a Liberdade de seguir O Coração. Este livro é uma história que ensina que, mesmo nos momentos mais difíceis, não estamos sozinhos, e que O Coração está sempre conosco, nos guiando além dos medos para a lembrança de valores verdadeiros como Gentileza, Amor e Carinho.

[Compre agora e leia](#)

Table of Contents

<u>1 - PINE MOUNTAIN</u>
<u>2 - PERGUNTAS RAZOÁVEIS</u>
<u>3 - ESCOLA</u>
<u>4 - UNIFORME</u>
<u>5 - A REUNIÃO</u>
<u>6 - O LIVRO DE CAMPO</u>
<u>7 - MARAVILHAMENTO</u>
<u>8 - LUZES NO ESCURO</u>
<u>9 - A FRIGIDEIRA DOURADA</u>
<u>10 - O BESTIÁRIO</u>
<u>11 - A RACHADORA</u>
<u>12 - A PEDRA DO SINAL</u>
<u>13 - BERTHA AZUL</u>
<u>14 - SR. HENHAO</u>
<u>15 - NEVE E GELO</u>
<u>16 - A ESTRADA</u>
<u>17 - 9H45</u>
<u>18 - NÓS</u>
<u>19 - DOIS JANTARES E UM LANCHE</u>
<u>20 - A BÚSSOLA</u>
<u>21 - A OFICINA</u>
<u>22 - CONSERTOS</u>
<u>23 - A FOGUEIRA</u>
<u>24 - A CORRIDA</u>
<u>25 - DESNÓS</u>
<u>26 - 134 GRAUS</u>
<u>27 - O VALE DO FOGO</u>
<u>28 - A CHOUPANA</u>
<u>29 - TUBLE</u>
<u>30 - O CAMINHO DE VOLTA</u>
<u>31 - A LINHA DE CHEGADA</u>
<u>32 - CORTE DE HONRA</u>
<u>33 - UM VISITANTE</u>